

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LARISSA JORDÃO PINO

TIO SAM, EM QUANTO FECHA A CONTA?: Ciência sem Fronteiras , o sonho de internacionalização das Universidades brasileiras e o custo da mobilidade estudantil rumo às Universidades Estadunidenses (2011-2016).

SÃO PAULO
2022

LARISSA JORDÃO PINO

TIO SAM, EM QUANTO FECHA A CONTA?: Ciência sem Fronteiras , o sonho de internacionalização das Universidades brasileiras e o custo da mobilidade estudantil rumo às Universidades Estadunidenses (2011-2016).

Versão Original

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Estado, Sociedade e Educação.

Orientador: Prof^o. Dr. José Marcelino de Rezende Pinto.

**São Paulo
2022**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)
Bibliotecária da FE/USP: Nicolly Soares Leite - CRB-8/8204

Jordão Pino, Larissa
J657t Tio Sam, em quanto fecha a conta? - Ciência sem Fronteiras, o sonho de internacionalização das Universidades brasileiras e o custo da mobilidade estudantil rumo às Universidades Estadunidenses (2011-2016). / Larissa Jordão Pino; orientador José Marcelino de Rezende Pinto. -- São Paulo, 2022.
197 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Estado, Sociedade e Educação) -- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Ciência sem Fronteiras. 2. Financiamento. 3. Estados Unidos da América. 4. Internacionalização. I. de Rezende Pinto, José Marcelino, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

PINO, Larissa Jordão. **Tio Sam, em quanto fecha a conta?:** Ciência sem Fronteiras , o sonho de internacionalização das Universidades brasileiras e o custo da mobilidade estudantil rumo às Universidades Estadunidenses (2011-2016). Orientador: Profº. Dr. José Marcelino de Rezende Pinto. 2022. 197 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. José Marcelino de Rezende Pinto - Orientador

Instituição: Universidade de São Paulo – USP

Assinatura: _____

Professor Dr.

Instituição:

Assinatura: _____

Professor Dr.

Instituição:

Assinatura: _____

*Para João Luís,
por me ensinar que as longas caminhadas são
feitas, principalmente, de pequenos passos.*

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Brasil, por meio do Programa de Cota Institucional (Demanda Social). Em acréscimo ao subsídio proporcionado pelo CNPq, integraram à formação desta pesquisadora, durante a pós-graduação, *stricto sensu*, em nível de mestrado, o financiamento dos estudos pela Agência USP, através do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE). Ressalta-se que parte dos estudos relacionados a esta produção ocorreram durante o *Summer School* organizado pelo *Network of Education Institutions* (INEI) que foi custeado pela *Beijin Normal University* - China.

Agradeço ao meu orientador Prof^o. Dr. José Marcelino de Rezende Pinto pelo incentivo, respeito e serenidade durante todo o processo de escrita dessa dissertação. Sou grata pelos ensinamentos e pela parceria estabelecida durante o Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) orientado pelas professoras: Prof^a. Dr^a. Maria Clara Di Pierro e Prof^a. Dr^a Kimi Aparecida Tomizaki. Que fique, também, registrado meu muito obrigada às professoras: Prof^a Dr^a. Diana Gonçalves Vidal, Prof^a. Dr^a. Belmira Amélia de Barros Oliveira Bueno e Prof^a Dr^a Ana Paula Martinez Duboc que deram todas as orientações e suporte para o período de mobilidade acadêmica no *Summer School* organizado pelo *Network of Education Institutions* (INEI). Deixo, também, meu reconhecimento à equipe do INCO-CEPEL em nome das professoras: Prof^a. Silvia Regina dos Santos e Prof^a. Dr^a. Lélia Silveira Melo Souza, que realizam um trabalho exemplar com a comunidade acadêmica para o ensino e para a aprendizagem da Língua Inglesa.

Agradeço a oportunidade de fazer parte do grupo de representantes discentes no período de 2017 a 2018, à frente da Comissão de Cooperação Nacional e Internacional da FEUSP (CCNInt - FE), em especial aos colegas representantes Adriana Tolentino Sousa, Cinthia Torres Toledo, Alexandre Silva Bortolini de Castro e Gabriella de Camargo Hizume.

Por fim, agradeço ao incansável suporte familiar durante essa longa jornada. Ao companheiro de muitas caminhadas, que agora me acompanha como amigo e parceiro na criação do João, Caio Cândido Ferrado. À minha mãe, Meire Jordão, por ser porto seguro em todos os momentos. E ao pequeno João Luís Cândido Ferraro, pela cotidiana construção do amor e da cumplicidade, que me fizeram compreender o real significado da resiliência. Para ti, todo meu *cariño*. Existem algumas poucas coisas, meu pequeno, das quais não podemos desistir. Que bom que você chegou!

RESUMO

PINO, Larissa Jordão. **Tio Sam, em quanto fecha a conta?:** Ciência sem Fronteiras , o sonho de internacionalização das Universidades brasileiras e o custo da mobilidade estudantil rumo às Universidades Estadunidenses (2011-2016). 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

O eixo estruturante desta investigação é descrever o perfil das instituições de ensino superior (IES) estadunidenses que mais receberam transferência de recursos públicos da maior iniciativa de mobilidade estudantil brasileira, o Ciência sem Fronteiras (CsF). Criado a partir do Decreto Nº 7.642/2011, o CsF foi um programa de governo para mobilidade acadêmica e internacionalização da ciência e tecnologia no Brasil, que tinha como objetivo formar especialistas em instituições de prestígio e excelência internacional. O ápice do programa ocorreu entre 2013 e 2014, anos em que o programa atingiu a marca de 74.622 bolsistas. A meta era enviar 101.000 estudantes, no intervalo de quatro anos, para as principais Universidades do mundo. O financiamento seria realizado pelo Governo Federal em parceria com a iniciativa privada, mas isto não se concretizou como esperado. A contrapartida para o país seria a fixação de especialistas, estabelecimento de parcerias internacionais para a pesquisa e o desenvolvimento econômico em setores estratégicos. O desenredo do CsF se deu com a suspensão dos editais em 2015, e seu encerramento em 2016. Assim sendo, dada a magnitude dos valores destinados ao CsF, esta pesquisa lança luz sobre as quinze Universidades estadunidenses, que mais receberam bolsistas em nível de graduação durante o período de vigência do programa, a fim de expor suas características e os custos envolvidos nestas operações. Foram definidos dois critérios para escolha das Universidades: i) instituições pertencentes ao país com maior concentração de bolsistas (Estados Unidos da América - EUA); ii) instituições com maior concentração de matrículas na modalidade de Graduação Sanduíche (SWG). Os dois critérios associados representam 28% do universo analisado. O texto está dividido em dois capítulos, além das considerações finais, o primeiro é destinado a apresentação dos dados do programa, já o segundo faz uma projeção da transferência de recursos calculada a partir das taxas cobradas pelas Universidades em 2014, além de discutir o perfil e a classificação dessas instituições no ranking internacional *Times Higher Education World University Ranking (THE)*. Partindo do levantamento sobre o custo das Universidades selecionadas nos EUA chegamos a um total de R\$ 676,928,657.44 em transferências de recursos, o que significaria um custo médio de aproximadamente R\$ 99 mil reais/anuais por bolsista de SWG. Considerando que apenas 14% dos estudantes da nossa amostra frequentaram instituições ranqueadas entre as cem melhores do mundo, inferimos que os recursos seriam melhor empregados se fossem investidos nacionalmente. Compreender quais as características das principais entidades beneficiadas neste processo é indispensável para (re)pensar políticas de mobilidade acadêmica e internacionalização de pesquisadores e pesquisas nas/das Universidades brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência sem Fronteiras. Financiamento. Estados Unidos da América.

ABSTRACT

PINO, Larissa Jordão. **Uncle Sam, the check, please?:** Science Without Borders, the Brazilian Universities internationalization dream and the costs of student mobility towards US-American Universities (2011-2016). 2022. Dissertation (Master in Education) - Faculty of Education, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

The structuring axis of this investigation is to describe the profile of US higher education institutions (HE) that most received transfers of public resources from the largest Brazilian student mobility initiative, “Ciência sem Fronteiras” (CsF). Created from Decree No. 7.642/2011, the CsF was a government program for academic mobility and internationalization of science and technology in Brazil, which aimed to train specialists in institutions of international prestige and excellence. The peak of the program took place between 2013 and 2014, years in which the program reached the mark of 74,622 scholarship holders. The goal was to send 101,000 students, over a four-year period, to the world's leading Universities. The financing would be carried out by the Federal Government in partnership with the private sector. but this did not materialize as expected. The counterpart for the State would be the graduation of specialists and the establishment of international partnerships for research and economic development in strategic sectors. The end of the CsF took place with the suspension of public notices in 2015, and its closure in 2016. Therefore, given the magnitude of the amounts allocated to CsF, this research sheds light on the fifteen US-American Universities that received the most scholarships at the undergraduate level during the period of validity of the program, in order to expose its characteristics and the costs involved in these operations. Two criteria were defined for choosing Universities: i) institutions belonging to the country with the highest concentration of scholarship recipients (United States of America - USA); ii) institutions with the highest concentration of enrollments in the undergraduate modality (SWG). The two associated criteria represent 28% of the analyzed universe. The text is divided into two chapters, in addition to the final considerations, the first is intended to present the program data, the second makes a projection of the transfer of resources calculated from the fees charged by the Universities in 2014, in addition to discussing the profile and the classification of these institutions in the international ranking Times Higher Education World University Ranking (THE). Based on the survey on the cost of the selected universities in the USA, we arrived at a total of BRL 676,928,657.44 in resource transfers, which would mean an average cost of approximately BRL 99 thousand reais/year per SWG fellow. Considering that only 14% of the students in our sample attended institutions ranked among the top 100 in the world, we infer that the resources would be better used if they were invested nationally. Understanding the characteristics of the main entities benefited in this process is essential to (re)think policies of academic mobility and internationalization of researchers and research in/of Brazilian Universities.

KEYWORDS: Science Without Borders. Financing. United States of America.

RESUMEN

PINO, Larissa Jordão. **Tío Sam, ¿cuánto salió la cuenta, por favor?:** Ciencia sin Fronteras, el sueño de internacionalización de las universidades brasileñas y el costo de la movilidad de los estudiantes hacia las universidades americanas (2011-2016). 2022. Disertación (Maestría en Educación) - Facultad de Educación, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2021.

El centro estructurador de esta investigación es describir el perfil de las instituciones de educación superior (IES) estadounidenses que más recibieron transferencias de recursos públicos de la mayor iniciativa de movilidad estudiantil brasileña, Ciencia sin Fronteras (CsF). Creado a partir del Decreto N° 7.642/2011, el CsF fue un programa gubernamental para la movilidad académica y la internacionalización de la ciencia y la tecnología en Brasil, que tenía como objetivo formar especialistas en instituciones de prestigio y excelencia internacional. El pico del programa se dio entre 2013 y 2014, período en que el programa alcanzó la marca de 74.622 becarios. El objetivo era enviar 101.000 estudiantes, durante cuatro años, a las principales universidades del mundo. El financiamiento sería realizado por el Gobierno Federal en alianza con el sector privado, pero esto no se materializó como se esperaba. La contrapartida para el país sería el establecimiento de especialistas, acuerdos de alianzas internacionales para la investigación y el desarrollo económico en sectores estratégicos. El desarrollo del CsF se dio con la suspensión de convocatorias en 2015, y su cierre en 2016. Por tanto, dada la magnitud de los montos destinados al CsF, esta investigación arroja una luz sobre las quince universidades americanas que más becas recibieron en el nivel licenciatura durante el período de vigencia del programa, con el fin de exponer sus características y los costos que implican estas operaciones. Se definieron dos criterios para la elección de universidades: i) instituciones pertenecientes al país con mayor concentración de becarios (Estados Unidos de América - USA); ii) instituciones con mayor concentración de matrículas en la modalidad de Grado Sandwich (SWG). Los dos criterios asociados representan el 28% del universo analizado. El texto se divide en dos capítulos, además de las consideraciones finales, el primero tiene por objeto presentar los datos del programa, el segundo hace una proyección de la transferencia de recursos calculada a partir de las tasas cobradas por las Universidades en el año 2014, además de discutir el perfil y la clasificación de estas instituciones en el ranking internacional THE. Con base en la encuesta sobre el costo de las universidades seleccionadas en los USA, llegamos a un total de BRL 676.928.657,44 en transferencias de recursos, lo que significaría un costo promedio de aproximadamente BRL 99 mil reales/año por becario de SWG. Considerando que solo el 14% de los estudiantes de nuestra muestra asistieron a instituciones clasificadas entre las 100 mejores del mundo, inferimos que los recursos se utilizarían mejor si se invirtieran a nivel nacional. Comprender las características de las principales entidades beneficiadas en este proceso es esencial para repensar las políticas de movilidad académica e internacionalización de investigadores e investigaciones en/de las universidades brasileñas.

PALABRAS CLAVE: Ciencia sin Fronteras. Financiación. Estados Unidos de América.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- GRÁFICO 1. Percentual de bolsas concedidas por programas aderentes ao CsF. p.44.
- GRÁFICO 2. Planejamento de distribuição das bolsas x implementação de bolsas. p.46.
- GRÁFICO 3. Bolsas implementadas entre 2011 e 2016 no Ciência sem Fronteiras. p. 48.
- GRÁFICO 4. Evolução anual acumulada do número de bolsas do Ciência sem Fronteiras. p.49.
- GRÁFICO 5. Número total de bolsas implementadas, acumuladas, de 2011 a 2016.
- GRÁFICO 6. Distribuição total de bolsas por área de concentração.
- GRÁFICO 7. Distribuição percentual de documentos publicados de projetos financiados por estado (2011-2018).
- GRÁFICO 8. Número de chamadas públicas de graduação-sanduiche por ano de lançamento.
- GRÁFICO 9. Quantidade de chamadas de graduação-sanduiche por país de destino.
- GRÁFICO 10. Número de inscritos x bolsas concedidas para graduação-sanduiche.
- GRÁFICO 11. Evolução dos gastos com o programa Ciência sem Fronteiras em série histórica.
- GRÁFICO 12. Execução orçamentária do Programa Ciência sem Fronteiras.
- GRÁFICO 13. Como os recursos foram investidos (em R\$).
- GRÁFICO 14. Percentual dos maiores órgãos e entidades executoras do programa (2014-2018).
- GRÁFICO 15. Cinco fontes de recursos de maior contribuição para o financiamento do CsF.
- GRÁFICO 16. Com relação à fluência na língua do país do seu intercâmbio, você: (%)
- GRÁFICO 17. Estudantes estrangeiros matriculados em instituições de ensino superior nos Estados Unidos, por países de origem de 1980-81 a 2000-01.
- GRÁFICO 18. Estudantes estrangeiros matriculados em instituições de ensino superior nos Estados Unidos, por países de origem de 1980-81 a 2000-01.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. Concentração de teses e dissertações por categoria de análise (2011-2018).

TABELA 2. Expectativa x concessão x implementação de bolsas do Ciência sem Fronteiras.

TABELA 3. Bolsas concedidas por programas aderentes ao CsF.

TABELA 4. Percentual de bolsas do CsF implementadas ao longo da vigência do programa.

TABELA 5. Distribuição total de bolsas por área de concentração.

TABELA 6. Distribuição de bolsas do CsF por estado de origem.

TABELA 7. Editais de bolsas para graduação-sanduiche nos Estados Unidos.

TABELA 8. Evolução histórica dos gastos com o Programa Ciência sem Fronteiras.

TABELA 9. Detalhamento da execução das despesas públicas com o CsF.

TABELA 10. Valores empenhados por ano com o Programa Ciência sem Fronteiras em série histórica (FAPESP).

TABELA 11. Investimentos do CSF, 2011-2015.

TABELA 12. Maiores órgãos e entidades executoras do programa de governo.

TABELA 13. Distribuição por Ação Orçamentária (Valor Total Pago - R\$).

TABELA 14. Distribuição por Ação Orçamentária.

TABELA 15. Ciência sem Fronteiras Investimento do Setor Privado.

TABELA 16. Os recursos da bolsa têm sido suficientes para sua manutenção? (Bolsistas) - Renda.

TABELA 17. Os recursos da bolsa têm sido suficientes para sua manutenção? (Bolsistas) - Destino.

TABELA 18. Até o momento, houve algum atraso em relação ao pagamento dos benefícios? (Bolsistas) - Agência de fomento.

TABELA 19. Até o momento, houve algum atraso em relação ao pagamento dos benefícios? (Bolsistas) - Continente da instituição estrangeira.

TABELA 20. E de quanto tempo, em média, foi o atraso? (Bolsistas) - Agência de fomento.

TABELA 21. E de quanto tempo, em média, foi o atraso? (Bolsistas) - Continente da instituição estrangeira.

TABELA 22. Durante o seu intercâmbio você pensou em desistir? - Renda.

TABELA 23. Durante o seu intercâmbio você pensou em desistir? - Continente da instituição estrangeira.

TABELA 24. O que levou você a pensar em desistir do intercâmbio? - Renda.

TABELA 25. O que levou você a pensar em desistir do intercâmbio? - Continente da instituição estrangeira.

TABELA 26. Qual o seu nível de satisfação com o Programa Ciência sem Fronteiras?

TABELA 27. Em relação ao seu curso oferecido pela instituição estrangeira, você está:

TABELA 28. Tratamento recebido dos professores da instituição estrangeira.

TABELA 29. Tratamento recebido dos colegas estrangeiros.

TABELA 30. Há quanto tempo você está realizando o intercâmbio promovido pelo programa Ciência sem Fronteiras? (Bolsistas).

TABELA 31. Universidades que mais se beneficiaram nos EUA .

TABELA 32. Custos para frequentar as as 15+ (USD).

TABELA 33. Distribuição de bolsas da modalidade de SWG por ano.

TABELA 34. Distribuição de bolsas da modalidade de SWG por ano.

TABELA 35. Projeção do custo anual das Universidades nos EUA para estudantes do CsF (2014)

TABELA 36. Valores das bolsas de SWG por localidade nos EUA.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. Valor das bolsas de graduação-sanduíche definidos por macrorregiões.

QUADRO 2. Relação de cidades de alto custo a serem consideradas para fins de pagamento do auxílio adicional localidade.

QUADRO 3. Custo dos bolsistas de SWG para os EUA.

QUADRO 4. Países e Instituições que mais receberam bolsistas (2011-2016).

QUADRO 5. Representantes dos EUA que intermediaram intercâmbios e as IES representadas.

QUADRO 6. Universidades no Painel de Controle do CsF x Universidades catalogadas no Painel de Bolsistas Pelo Mundo.

QUADRO 7. Número de estudantes SWG (CsF) x número de matrículas.

QUADRO 8. Perfil das Universidades nos EUA com mais bolsistas de SWG do CsF.

QUADRO 9. Custos anuais para a manutenção de estudantes de SWG.

QUADRO 10. Universidades avaliadas no ranking THE por ano

QUADRO 11. Classificação dos campi no ranking THE.

QUADRO 12. Classificação dos campus no ranking THE.

QUADRO 13. Ranking THE das cem melhores Universidades (2011-2016).

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Concentração das publicações brasileiras por áreas de pesquisa.

FIGURA 2. Concentração de bolsas implementadas por estado.

FIGURA 3. Painel de bolsistas pelo mundo - graduação sanduíche.

FIGURA 4. Painel de Controle do Ciência sem Fronteiras.

FIGURA 5. Painel de Bolsistas pelo Mundo.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATN	Grupo Australiano de Tecnologia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCT	Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática
CDES	Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CIUF	Conseil Interuniversitaire de la Communauté Française
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CGU	Controladoria-Geral da União
CsF	Ciência sem Fronteiras
EUA	Estados Unidos da América
ESO	European Southern Observatory
Febraban	Federação Brasileira de Bancos
Fies	Fundo de Financiamento Estudantil
FNDCT	Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FUNDP	Facultés Universitaires Notre-Dame de Paix
FUSL	Facultés Universitaires Saint-Louis
IELTS	International English Language Testing System
IES	Instituições de Ensino Superior -,
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
MCTI	Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NAB	Núcleo de Assistência a Brasileiros no Exterior
Nafsa	Association of International Educators
NCES	National Center for Education Statistics
Nuffic	Organização Neerlandesa para Cooperação Internacional em Educação Superior
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PAEB	Programa de Apoio a Estudantes Brasileiros
PEC	Proposta de Emenda à Constituição
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
Petrobras	Petróleo Brasileiro S.A

PNE	Plano Nacional de Educação
Prouni	Programa Universidade Para Todos
Reuni	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SEB	Secretaria de Educação Básica
Sisu	Sistema de Seleção Unificada
SWG	Graduação Sanduíche
THE	Times Higher Education World University Rankings
TTs	Think Thanks
UCL	Université Catholique de Louvain
UE	União Européia
ULB	Université Libre de Bruxelles
ULE	Université de Liège
UMONS	Université de Mons
THE	Times Higher Education World University Ranking
Unifi	Universities Finland
VLIR	Conselho Interuniversitário Flamengo da Bélgica

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	14
SUMÁRIO	16
INTRODUÇÃO	18
Percurso metodológico para elaboração da pesquisa	20
Tabela 1. Concentração de teses e dissertações por categoria de análise (2011-2018).	21
Contexto de Surgimento do Ciência sem Fronteiras.	Erro! Indicador não definido.
1.5 O que dizem os estudos sobre o CsF	Erro! Indicador não definido.
CAPÍTULO I - O QUE SABEMOS SOBRE O PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS?	35
1.1 Apresentação	37
1.2 Dados oficiais	37
1.2.1 - Bolsas concedidas x bolsas implementadas	37
Tabela 2. Expectativa x concessão x implementação de bolsas do Ciência sem Fronteiras.	40
Tabela 3. Bolsas concedidas por programas aderentes ao CsF.	41
Gráfico 1. Percentual de bolsas concedidas por programas aderentes ao CsF.	42
Gráfico 2. Planejamento de distribuição das bolsas x implementação de bolsas.	44
1.2.2 - Bolsas implementadas	45
Gráfico 3. Bolsas implementadas entre 2011 e 2016 no Ciência sem Fronteiras.	46
Tabela 4. Percentual de bolsas do CsF implementadas ao longo da vigência do programa.	46
Gráfico 4. Evolução anual acumulada do número de bolsas do Ciência sem Fronteiras.	47
Gráfico 5. Número total de bolsas implementadas, acumuladas, de 2011 a 2016.	48
Tabela 5. Distribuição total de bolsas por área de concentração.	51
Gráfico 6. Distribuição total de bolsas por área de concentração.	53
Figura 1. Concentração das publicações brasileiras por áreas de pesquisa.	54
Figura 2. Concentração de bolsas implementadas por estado.	55
Tabela 6. Distribuição de bolsas do CsF por estado de origem.	55
Gráfico 7. Distribuição percentual de documentos publicados de projetos financiados por estado (2011-2018).	57
1.2.3 Editais e chamadas públicas para a concessão de bolsas de Graduação-Sanduiche (SWG).	59
Gráfico 8. Número de chamadas públicas de graduação-sanduiche por ano de lançamento.	60
Gráfico 9. Quantidade de chamadas de graduação-sanduiche por país de destino.	61
Gráfico 10. Número de inscritos x bolsas concedidas para graduação-sanduiche.	63
Tabela 7. Editais de bolsas para graduação-sanduiche nos Estados Unidos.	64

1.2.4 Bolsas de estudos e auxílios custeados pelo programa para SWG.	66
Quadro 1. Valor das bolsas de graduação-sanduíche definidos por macrorregiões.	66
Quadro 2. Relação de cidades de alto custo a serem consideradas para fins de pagamento do auxílio adicional localidade.	67
Quadro 3. Custo dos bolsistas de SWG para os EUA.	68
1.2.5 Os recursos utilizados pelo Ciência sem Fronteiras	69
Tabela 8. Evolução histórica dos gastos com o Programa Ciência sem Fronteiras.	70
Gráfico 11. Evolução dos gastos com o programa Ciência sem Fronteiras em série histórica.	71
Tabela 9. Detalhamento da execução das despesas públicas com o CsF.	71
Tabela 10. Valores empenhados por ano com o Programa Ciência sem Fronteiras em série histórica (FAPESP).	73
Gráfico 12. Execução orçamentária do Programa Ciência sem Fronteiras.	74
Tabela 11. Investimentos do CSF, 2011-2015.	75
Gráfico 13. Como os recursos foram investidos (em R\$).	76
1.2.6 De onde vieram e para onde foram os recursos	77
Tabela 12. Maiores órgãos e entidades executoras do programa de governo.	77
Gráfico 14. Percentual dos maiores órgãos e entidades executoras do programa (2014-2018).	78
Tabela 13. Distribuição por Ação Orçamentária (Valor Total Pago - R\$).	78
Tabela 14. Distribuição por Ação Orçamentária.	79
Gráfico 15. Cinco fontes de recursos de maior contribuição para o financiamento do CsF.	80
Tabela 15. Ciência sem Fronteiras Investimento do Setor Privado.	81
1.2.6 Universidades que mais receberam bolsistas por país	82
Quadro 4. Países e Instituições que mais receberam bolsistas (2011-2016).	83
1.3 Pesquisa DataSenado	88
1.3.1 Opinião dos bolsistas em relação aos recursos das bolsas	90
Tabela 16. Os recursos da bolsa têm sido suficientes para sua manutenção? (Bolsistas) - Renda.	90
Tabela 17. Os recursos da bolsa têm sido suficientes para sua manutenção? (Bolsistas) - Destino.	91
Tabela 18. Até o momento, houve algum atraso em relação ao pagamento dos benefícios? (Bolsistas) - Agência de fomento.	91
Tabela 19. Até o momento, houve algum atraso em relação ao pagamento dos benefícios? (Bolsistas) - Continente da instituição estrangeira.	92
Tabela 20. E de quanto tempo, em média, foi o atraso? (Bolsistas) - Agência de fomento.	93
Tabela 21. E de quanto tempo, em média, foi o atraso? (Bolsistas) - Continente da instituição estrangeira.	93
Tabela 22. Durante o seu intercâmbio você pensou em desistir? - Renda.	94

Tabela 23. Durante o seu intercâmbio você pensou em desistir? - Continente da instituição estrangeira.	95
Tabela 24. O que levou você a pensar em desistir do intercâmbio? - Renda.	95
Tabela 25. O que levou você a pensar em desistir do intercâmbio? - Continente da instituição estrangeira.	96
1.3.2 Opinião dos bolsistas em relação ao CsF, partindo de sua renda.	98
Tabela 26. Qual o seu nível de satisfação com o Programa Ciência sem Fronteiras?	98
Tabela 27. Em relação ao seu curso oferecido pela instituição estrangeira, você está:	99
Tabela 28. Tratamento recebido dos professores da instituição estrangeira.	100
Tabela 29. Tratamento recebido dos colegas estrangeiros.	100
Tabela 30. Há quanto tempo você está realizando o intercâmbio promovido pelo programa Ciência sem Fronteiras? (Bolsistas).	101
Gráfico 16. Com relação à fluência na língua do país do seu intercâmbio, você: (%)	102
1.4 Relatórios de avaliação sobre o Ciência sem Fronteiras	103
CAPÍTULO II - O CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA	117
3.1 Apresentação	117
3.2 Mobilidade Acadêmica nos Estados Unidos da América	118
Gráfico 17. Estudantes estrangeiros matriculados em instituições de ensino superior nos Estados Unidos, por países de origem de 1980-81 a 2000-01.	119
Gráfico 18. Estudantes estrangeiros matriculados em instituições de ensino superior nos Estados Unidos, por países de origem de 1980-81 a 2000-01.	120
3.3 Universidades estadunidenses contempladas	122
Quadro 5. Representantes dos EUA que intermediaram intercâmbios e as IES representadas.	124
3.4 As quinze Universidades que mais se beneficiaram nos EUA	125
Tabela 31. Universidades que mais se beneficiaram nos EUA .	126
Quadro 6. Universidades no Painel de Controle do CsF x Universidades catalogadas no Painel de Bolsistas Pelo Mundo.	128
3.4.1 Perfil das Universidades nos EUA com mais bolsistas de SWG do CsF	130
Quadro 7. Número de estudantes SWG (CsF) x número de matrículas.	133
Quadro 8. Perfil das Universidades nos EUA com mais bolsistas de SWG do CsF.	134
3.4.2 Taxas e mensalidades	136
Quadro 9. Custos anuais para a manutenção de estudantes de SWG.	137
Tabela 32. Custos para frequentar as as 15+ (USD).	138
Tabela 33. Distribuição de bolsas da modalidade de SWG por ano.	139
Tabela 34. Distribuição de bolsas da modalidade de SWG por ano.	140
3.4.3 Classificações das 15+ no ranking internacional “THE”	141
Quadro 10. Universidades avaliadas no ranking THE por ano	142

Quadro 11. Classificação dos campi no ranking THE.	143
Quadro 12. Classificação dos campus no ranking THE.	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS	153
APÊNDICE A - Instituições de Ensino Superior participantes da modalidade de graduação-sanduíche nos EUA.	166
Figura 3. Painel de bolsistas pelo mundo - graduação sanduíche.	166
APÊNDICE B - Custo anual das quinze Universidades mais frequentadas por bolsistas do CsF.	175
Tabela 35. Projeção do custo anual das Universidades nos EUA para estudantes do CsF (2014)	175
Tabela 36. Valores das bolsas de SWG por localidade nos EUA.	178
APÊNDICE C - Classificação das cem melhores Universidades pelo Mundo de acordo com o ranking THE (2011-2016)	181
Quadro 13. Ranking THE das cem melhores Universidades (2011-2016).	181
Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados obtidos no Portal do Times Higher Education's World University Rankings (THE), 2022. Erro! Indicador não definido.	
ANEXO A - Editais e chamadas públicas para SWG.	188
ANEXO B - Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras e Painel de Bolsistas pelo Mundo.	191
Figura 4. Painel de Controle do Ciência sem Fronteiras.	191
Figura 5. Painel de Bolsistas pelo Mundo.	192

INTRODUÇÃO

Este é um estudo exploratório sobre os recursos¹ públicos executados para o programa Ciências sem Fronteiras. Temos como objetivo refletir sobre as características das quinze Universidades estadunidenses que mais receberam estudantes brasileiros no período de 2011 a 2016, uma vez que estas foram, possivelmente, as instituições de ensino superior (IES) que mais se beneficiaram da transferência de recursos durante a vigência do programa. Para além do perfil e das características de cada uma destas instituições, faremos uma projeção de quanto teriam sido os gastos com essas IES a partir das taxas e anuidades cobradas por elas em 2014, ano de referência onde o programa atingiu o maior número de bolsistas enviados para o exterior. Nossa hipótese é que, observados os critérios definidos pelo programa para a participação das IES, os controles tenham sido insuficientes para garantir que os bolsistas fossem direcionados para as instituições classificadas pelo ranking *THE* entre as cem melhores Universidades do mundo, ou seja, o alto investimento realizado nos EUA pode não ter causado o impacto desejado para o avanço das áreas prioritárias para o desenvolvimento econômico nacional. Criar uma política pública de mobilidade acadêmica, pautada na reciprocidade entre as instituições, que não fosse demasiadamente onerosa e que pudesse ser controlada, desde o início com indicadores mais acurados é o caminho que vislumbramos para evitar a transferência de recursos para as Universidades e agências no exterior.

O processo para a definição do escopo partiu de uma pesquisa documental que teve como objetivo reconstruir a linha do tempo da implementação, pontuando os principais marcos do CsF. A partir deste levantamento, encontramos uma lacuna importante: não existia clareza sobre como foram utilizados os recursos destinados ao CsF e quem foram as instituições que mais se beneficiaram com a mobilidade acadêmica brasileira.

O Ciência sem Fronteiras, objeto deste estudo, foi uma iniciativa ousada, sem precedentes no contexto nacional, que mobilizou uma quantidade de recursos vultosa, num curto espaço de tempo e que garantiu a inserção de um número expressivo de estudantes brasileiros, de diversos níveis, em Universidades estrangeiras. No momento de sua idealização e surgimento havia uma expectativa otimista de que o país tivesse condições de empenhar recursos, de maneira substancial, para assegurar uma ampla política de internacionalização

¹ Os recursos que financiaram o programa foram oriundos do Ministério da Educação via Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações via Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) via Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT).

nas Universidades. O orçamento inicial, de aproximadamente 3,1 bilhões de reais, foi superado muitas vezes e, de acordo com o detalhamento dos gastos obtidos no Portal da Transparência do Governo Federal, o CsF atingiu a marca de R\$ 8,745,529,242.07 investidos durante o período de sua execução.

O programa foi instituído através do Decreto N° 7.642, de 13 de dezembro de 2011, e teve suas origens ligadas à Casa Civil. Diferentemente de outros programas e leis, ele surge como um decreto expedido pelo chefe do Poder Executivo, ou seja, não foi submetido a discussão e aprovação legislativa. Em resumo, CsF foi um programa de governo para mobilidade acadêmica internacional, com vistas à formação de profissionais de alto nível de capacitação em centros de excelência ao redor do mundo que despendeu mais de 8 bilhões de reais com bolsas de estudos, taxas acadêmicas e programas de formação em línguas estrangeiras. Acreditava-se que a cifra dos gastos realizados com a iniciativa pudesse chegar aos 15 bilhões de reais até 2020, no entanto, apesar dos esforços da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e demais órgãos envolvidos, ainda não existe um consenso sobre os custos totais do CsF, bem como os resultados advindos dele. Uma das grandes inconsistências do programa foi a insuficiência dos indicadores para quantificar, monitorar e avaliar quais retornos o investimento gerou para o país, para as Universidades e para os agraciados com a subvenção.

Analisar o programa Ciência sem Fronteiras é uma forma de discutir a mobilidade acadêmica, bem como a construção e a difusão do conhecimento, numa sociedade de permanentes transformações e crises. As Instituições de Ensino Superior se veem cada vez mais inseridas em contextos de extrema competitividade, atendendo às demandas mais urgentes da economia, sendo constantemente avaliadas e inseridas numa lógica de privatização e utilização de recursos públicos para fins privados. Compreender o que foi o Ciência sem Fronteiras é uma tentativa de refletir sobre os avanços e de aprender com as limitações. As lições aprendidas com o programa podem possibilitar a criação de caminhos alternativos para a internacionalização das nossas Universidades, apoiando a construção de redes mundiais de pesquisa voltadas para um desenvolvimento mais sustentável, para que a busca do conhecimento, dentro das IES brasileiras, não seja impulsionada para atender somente às demandas econômicas mais imediatas do mercado.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, fixamos cinco grandes objetivos a serem atingidos, foram eles:

1. Apresentar o contexto histórico da criação do CsF;
2. Analisar a evolução dos indicadores do programa disponibilizados no site oficial;
3. Analisar os relatórios de balanço do programa produzidos pela CAPES, CNPq, Controladoria-Geral da União (CGU), Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática (CCT), além dos dados do Portal da Transparência sobre os recursos financeiros destinados a sua execução;
4. Identificar o perfil das quinze Universidade estadunidenses que mais receberam os bolsistas do CsF e projetar os custos envolvidos, a partir das taxas exigidas para a admissão e permanência dos estudantes nas IES;
5. Analisar, sob a ótica do ranqueamento internacional (*Times Higher Education World University Ranking - THE*) a classificação das Universidades de destino dos bolsistas.

Percurso metodológico para elaboração da pesquisa

A escolha metodológica deste estudo exclui a falsa dicotomia entre as pesquisas qualitativas e quantitativas. Os dados quantitativos, disponíveis nas bases de dados públicas utilizadas, sejam elas nacionais e/ou internacionais, são basilares para repensar a forma como foi conduzida a implementação do programa, além de trazerem subsídios para responder ao problema de pesquisa proposto. Por outro lado, todo o levantamento documental e a revisão da literatura criaram as bases para a escolha dos caminhos percorridos. Nesta perspectiva, adotamos o princípio anunciado por BOGDAN (1994), de que só seria possível elaborar um problema de pesquisa ou fazer abstrações à medida que as informações e dados fossem recolhidos, agrupados e analisados de maneira a revelar as questões mais indispensáveis. Não presumimos que já existiam conhecimentos suficientes para reconhecer as questões importantes. Como será mostrado a seguir, a investigação incidiu sobre o programa Ciência sem Fronteiras, ao longo do período de sua implementação, entre 2011 e 2016, e serão relatados o contexto, surgimento, as modificações e ajustes ao longo do tempo, além de seu encerramento

O primeiro passo, deste levantamento, para reconstruir a cronologia do programa, foi realizado no repositório do próprio CsF. Foram analisadas cento e noventa das quinhentas e setenta e três publicações jornalísticas disponíveis no portal oficial, mais precisamente na seção de notícias. Parte das publicações difundidas eram matérias produzidas pelas organizações gestoras, CAPES e CNPq, com conteúdos que exaltavam as parcerias internacionais estabelecidas com Universidades, embaixadas e demais organizações interessadas. Outra parcela importante das publicações redirecionava o leitor para fontes de publicações, terceiras,

nacionais e internacionais, que continham reportagens diversas sobre a iniciativa. A concentração dos temas girava em torno do estabelecimento de parcerias, como mencionado acima, e da competência dos egressos, principalmente, as relacionadas à comunicação, à proficiência e à linguagem.

Ainda nesta sondagem inicial, optamos por examinar, também, alguns documentos que precederam a criação do programa. O objetivo era encontrar os insumos que embasaram a criação das diretrizes para a criação do CsF. Seguindo esta lógica, dedicamos tempo à leitura do Plano Nacional de Educação (PNE), focando no ensino superior e nas estratégias de internacionalização, objetivos das metas 12 (item 12.12), 13 (itens 13.5 e 13.7) e 14 (itens 14.9, 14.10 e 14.13), além de analisarmos o Programa de Governo da ex-presidenta Dilma Rousseff, apresentado para sua segunda candidatura à presidência da república, que já continha referências sobre a possível criação do CsF.

Passando para a fase de investigação dos marcos legais aprofundamos a análise do Decreto Nº 7.642/11², que instituiu o Ciência sem Fronteiras e das Portarias Interministeriais nº 251/2012³ e nº 382/2012⁴, a primeira institui as normas do Comitê de Assessoramento e a segunda que designa os membros do Comitê de Executivo. Todos os documentos estão disponíveis na plataforma oficial do programa e foram publicadas em Diário Oficial.

Para o levantamento do estado da arte utilizamos o banco de teses da CAPES como o principal sítio de investigação dos trabalhos científicos que discorrem sobre o CsF. Partimos de um levantamento onde constavam quarenta produtos, entre teses e dissertações. Criamos onze categorias nas quais os textos foram agrupados, essa categorização está na **Tabela 1**. Deste total, quinze analisavam o programa de forma estrutural. Como forma de complementação e atualização das leituras outros trabalhos foram adicionados após o primeiro levantamento. Na tabela abaixo é possível verificar a classificação dos trabalhos sobre o CsF.

Tabela 1. Concentração de teses e dissertações por categoria de análise (2011-2018).

Nº das Categorias	TEMAS	Ano das Publicações								TOTAL
		2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	

² Decreto de Criação do Ciência Sem Fronteiras Nº 7642/11. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7642.htm.

³ Portarias Interministeriais nº 251/2012, disponível em: http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/documents/214072/5058435/PORTARIA_INTERMINISTERIAL251.pdf

⁴ Portarias Interministeriais nº 382/2012 disponível em: http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/documents/214072/5058435/Portaria_Interministerial382.pdf

1	Análise estrutural sobre o CsF	-	-	1	2	5	5	2	-	15
2	Competência dos egressos	-	-	-	1	2	1	2	-	6
3	Desigualdades e diferenças: gênero, raça e classe	-	-	-	-	-	1	1	-	2
4	Estudo sobre línguas/proficiência	-	-	-	-	2	3	2	-	7
5	Formação de Docentes	-	-	-	-	-	-	1	-	1
6	Internacionalização (estudo de caso)	-	-	-	1	3	10	6	1	21
7	Internacionalização (produção de conhecimento)	-	1	1	-	-	-	1	-	3
8	Outros temas	-	-	-	1	1	1	-	-	3
9	Política Comparada	-	-	2	-	-	1	-	-	3
10	Ranking Internacional de Universidades	-	-	-	-	-	-	1	-	1
11	Trabalho/ideologia	-	-	-	-	1	-	1	-	2

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados obtidos no Banco de Teses da Capes, 2018.

Nos estudos sobre internacionalização e análises estruturais, assim como nas demais categorias, havia um denominador comum: a visão dos estudantes e docentes envolvidos com o CsF. Ambos os públicos faziam um balanço sobre sua eficácia e traziam contribuições sobre possíveis melhorias. Uma informação importante, retirada destas reflexões, foi o resultado benéfico que as Universidades Federais alcançaram com o subsídio aos intercâmbios. Essas IES são, reconhecidamente, instituições que carecem de recursos para a realização de programas de mobilidade acadêmica, existe uma disparidade na distribuição de recursos entre as Universidades públicas brasileiras, e as Universidades Federais são as mais afetadas. Não é um fato surpreendente que os estudantes das Universidades Federais foram os que mais produziram trabalhos falando sobre o impacto positivo da política na formação dos estudantes de graduação no âmbito do CsF.

Ainda nesse percurso inicial, exploratório, levantamos a possibilidade de elaborar um questionário estruturado para ser aplicado com uma parcela dos estudantes de graduação contemplados pelas bolsas de estudos. O objetivo era conhecer a experiência internacional destes graduandos e a partir disso coletar subsídios que pudessem dar indícios sobre temas que

precisassem ser melhor explorados. Para tanto, criamos um questionário baseado no depoimento de vinte e seis intercambistas entrevistados pela ONG Rede Ciência sem Fronteiras (criada pelos egressos da primeira turma de bolsistas do CsF). Foram elencadas as principais questões destacadas que guiaram a criação do questionário semi-estruturado. Para testar esta abordagem investigativa, aplicamos o questionário com uma ex-intercambista do CsF. Utilizamos como ferramenta de aplicação o Google formulário. Ao analisarmos, comparativamente, as respostas-teste com os dados da pesquisa de Avaliação do Programa Ciência sem Fronteiras realizada pelo DataSenado e com outros estudos realizados, chegamos à conclusão de que já existia uma concentração maior de estudos que adotam esta perspectiva e que talvez fosse mais interessante seguir com outra abordagem que pudesse agregar mais elementos sobre temas ainda pouco explorados. Essa constatação foi validada pela banca examinadora da qualificação que sugeriu, dentre os caminhos para prosseguir com a pesquisa, que o mais interessante seria abdicar das entrevistas e focar na análise das instituições que mais receberam intercambistas durante o período de implementação do CsF e, conseqüentemente, que mais se beneficiaram da transferência de recursos brasileiros.

Existem poucas reflexões sobre a transferência de recursos nacionais para as Universidades estrangeiras no contexto do Ciência sem Fronteiras. Sabe-se que grande parte das Universidades aderentes possuíam agências intermediárias responsáveis pela logística envolvida nos intercâmbios e nas negociações para o pagamento de taxas e mensalidades exigidas pelas IES. Neste sentido, existe uma carência de informações oficiais que englobam a publicação de microdados, a divulgação de informações consolidadas sobre o dispêndio com essas instituições, além da divulgação de dados conflitantes em relação aos gastos entre os diferentes órgãos envolvidos com sua apuração.

Durante a fase de levantamento de informações encontramos um pedido de desagregação dos dados relacionados aos custos envolvidos com o CsF, feito no Portal da Transparência do Governo Federal, que foi negado. A solicitação era para que os gastos fossem discriminados por: a) Universidades brasileiras de origem; b) Universidade estrangeira de destino e c) Por edital do programa. Este detalhamento também requiritava uma decomposição dos valores por: 1) parceiro internacional, 2) destinação dada por alocação e 3) por bolsistas. Em resposta, a CAPES se manifestou contrária a divulgação dos dados obedecendo “às cláusulas de sigilo e confidencialidade firmadas em Acordos com os parceiros do Programa Ciência sem Fronteiras, que visam preservar as relações comerciais e negociais da CAPES, [onde] não é permitida a esta Fundação a divulgação dos valores acordados a título de

financiamento de bolsistas”(GOVERNO FEDERAL, 2015)⁵. Dada essa impossibilidade, optamos por analisar os dados públicos sobre taxas e mensalidades exigidas pelas Universidades de destino e fazer uma projeção destes gastos.

A escolha das instituições investigadas foi definida atendendo a dois critérios: 1º) instituições pertencentes ao país com maior concentração de bolsistas (Estados Unidos da América - EUA) e 2º) as quinze IES com maior concentração de matrículas na modalidade de Graduação Sanduíche (SWG). Dentro do universo de 499 instituições estadunidenses aderentes ao programa, que representam a participação de 30,14% do total de bolsistas do CsF (22.107 estudantes de graduação), foram selecionadas as quinze Universidades com maior número de matrículas, ou seja, os dois critérios associados correspondem a 28,64% do universo de bolsas de graduação sanduíche implementadas nos EUA, que corresponde ao total 6.331 bolsas.

A partir desta escolha, fizemos uma pesquisa sobre o perfil das instituições, sobre os custos envolvidos para que estudantes de graduação frequentassem a Universidade (taxas e mensalidades) e sobre o ranqueamento das IES no *Times Higher Education World University Ranking - THE*. A título de esclarecimento, utilizamos o ranqueamento internacional das IES por se tratar de um critério adotado pelo CsF como parâmetros de análise das Universidades para o estabelecimento de parcerias e como indicador para o atingimento das metas estabelecidas de enviar os bolsistas para as Universidades de excelência mundial.

Para a recolha de informações foram utilizadas as bases públicas dos seguintes portais:

→ Principais fontes nacionais utilizadas:

- i) Portal oficial do Ciência sem Fronteiras;
- ii) Portal da Transparência do Governo Federal;
- iii) Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES);
- iv) Relatórios da Comissão de Ciência e Tecnologia do Senado Federal;
- v) Data Senado;
- vi) Portal de Consulta e-sic de Acesso à Informação do Governo Federal.

→ Principais fontes internacionais utilizadas:

⁵ GOVERNO FEDERAL. Acesso à informação. Dados do programa Ciência Sem Fronteiras desde o 1º Edital Lançado referente ao custo envolvido - Pedido 23480018667201501. Disponível em: http://www.consultaesic.cgu.gov.br/busca/_layouts/15/DetallePedido/DetallePedido.aspx?nup=23480018667201501.

- i) *Institute of Education Sciences (IES) & National Center for Education Statistics (NCES - EUA);*
- ii) *Association of International Educators (NAFSA);*
- iii) *Times Higher Education World University Rankings (THE);*
- iv) Páginas oficiais das Universidades;
- v) *Institute of International Education (IIE) - Open Doors Report.*

Após demonstrar o percurso metodológico utilizado, apresentaremos o contexto de surgimento do programa

Contexto de surgimento do programa Ciência sem Fronteiras.

Influenciado pelas transformações ocorridas nas Universidades europeias a partir do Protocolo de Bolonha, o Brasil incorporou em seus planos estratégicos e diretrizes internas demandas globais de estruturação e consolidação da “economia do conhecimento”, como fica evidente em todos os documentos e plataformas do programa. O Brasil investiu na intersectorialidade ministerial para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Este alinhamento pode ser verificado através de conceitos-chave do programa, como a categoria “inovação”, definida no Manual de Oslo e de acordo com as orientações da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). MARI & THIENGO (2016), traduzem como se deu essa relação no trecho reproduzido a seguir :

Reconhecemos o CsF como parte de políticas públicas de incentivo à ciência e à tecnologia, circunscritas em um processo de intensificação das reformas no setor educacional nas últimas duas décadas, e que ganha contornos mais expressivos em termos de ensino superior nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e de Dilma Rousseff (2011-atual). Essas reformas estão inscritas em um contexto mais amplo do processo de reestruturação econômica do país, tendo como parâmetro as condicionalidades e os acordos provenientes dos empréstimos, de ajustes estruturais e setoriais com os organismos multilaterais (Banco Mundial, FMI, OCDE, UNESCO), sendo motivados pela noção da “sociedade do conhecimento”. Tais organismos balizam as diretrizes e os rankings responsáveis por definir critérios e caminhos para a educação de modo a compor o campo de ajustes estruturais na área de serviços. A Universidade, cada vez mais avaliada como componente econômico no processo do desenvolvimento, vê-se diante de pressões estatísticas, das parcerias público-privadas, da produção de patentes, de propriedade intelectual e de condicionamentos para produzir inovação e tecnologia. (MARI, C. L.; THIENGO, L. C., 2016, p.41)

Temática em destaque no cenário internacional, a educação tem despertado o interesse de entidades supranacionais, instituições multilaterais e financeiras, além das principais

organizações globais. O encaminhamento dos Estados em direção à “sociedade do conhecimento” é reflexo de um cenário que precisa superar suas constantes crises e encontra na educação uma esfera com grande potencial para gerar lucros, seja recebendo recursos financeiro de fundos públicos, seja privatizando as instituições.

A discussão sobre inserir as IES brasileiras no rol de Universidades de classe mundial, não é um tema novo. O próprio CHAIMOVICH (1989), ex-presidente do CNPq durante a execução do CsF, discutia essa questão, no passado, quando afirmava que existiam requisitos básicos que deveriam ser cumpridos para atingir os padrões de uma Universidade de classe mundial, e que o financiamento das pesquisas desenvolvidas nas IES estava diretamente atrelado a estes requisitos. CHAIMOVICH e MELCOP (1989) já afirmavam, a mais de três décadas que, além do financiamento, existiam outros requisitos que deveriam ser atendidos para que as Universidades fossem classificadas entre as melhores do mundo. Em meio às condições necessárias estavam: o reconhecimento das pesquisas de qualidade à nível internacional, a liberdade de pesquisa e temáticas, o ensino e a extensão no cerne do processo de internacionalização, a autonomia acadêmica, além da infraestrutura que deveria condizer com as necessidades adequadas para o desenvolvimento do ensino superior. Mesmo atendidas todas estas pré-condições, só poderiam ser consideradas Universidades de classe mundial caso as instituições também prezassem pelo cosmopolitismo e pela diversidade .

CHAIMOVICH foi um grande entusiasta do CsF. Em sua opinião, CHAIMOVICH (2015- informação verbal)⁶, entende que o programa foi uma experiência de curta duração garantiu ao Brasil um novo *status* frente ao cenário internacional. Segundo ele, em depoimento a CCT, essa nova posição assumida pelo Brasil, em decorrência da atuação do CsF, se deu da seguinte forma:

Vou reafirmar aquilo que foi dito: todos os objetivos do programa foram cumpridos, mas além disso a presença internacional do Brasil existe hoje num patamar que jamais tinha existido. Não são 100 mil bolsistas, não é só isso, é que as relações do Brasil, hoje, com governos no mundo inteiro, com Universidades no mundo inteiro, com conselhos de pesquisa no mundo inteiro, foram construídos num programa que durou 3 anos ou 4 anos. Essa é uma decisão de Estado e esse resultado não é o produto. É possível que sequer tivesse sido pensado, mas do meu ponto de vista, é um dos resultados mais importantes, além de tudo aquilo que o Professor Guimarães disse. E a prova disso é que cada um de nós que temos a responsabilidade de presidir ou gerir instituições de ensino, de pesquisa, de desenvolvimento, recebe hoje, visita de primeiro ministro, segundo ministro, terceiro ministro do mundo inteiro. Reitores, Sub-reitores, professores do mundo inteiro, que conhecem este país, que querem conhecer mais, que querem levar nossos estudantes e muitos deles querem mandar estudantes e pesquisadores pro Brasil. Esse salto de qualidade internacional é aquilo

⁶ CHAIMOVICH, 2015, informação verbal. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/reuniao?0&reuniao=3279&codcol=1363>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

que se conhece com essa palavra complicada que se chama internacionalização. Estamos longe de atingir? Estamos. Mas hoje temos condições que a quatro anos não existiam. Não é só os estudantes que foram, não é só a mudança que eles potencialmente irão fazer no sistema universitário obsoleto e conservador, é também a posição internacional do Brasil que chegou num patamar nunca antes existente (CHAIMOVICH, 2015, informação verbal)⁷.

Grande parte do júbilo que acompanhou o CsF se deu pelo pioneirismo da política no país, não apenas por suas grandes proporções e potencial influência, mas por voltar sua atenção predominantemente para os estudantes da graduação. Segundo as informações oficiais disponíveis no portal do programa, a modalidade de SWG atingiu 73.341 bolsistas no curto prazo de duração da iniciativa. Antes do CsF, a internacionalização fazia parte do escopo da pós-graduação, segundo MOROSINI:

No Brasil a internacionalização da educação superior sempre veio acoplada ao desenvolvimento dos programas de pós-graduação. Esses são fomentados pela cooperação internacional apoiada pelas duas principais agências governamentais – o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). (MOROSINI, 2008, p. 293)

A geração de jovens universitários das primeiras décadas dos anos dois mil, com ênfase para os estudantes da graduação, vivenciou momentos históricos das Universidades brasileiras. Isso não se deve unicamente ao fato do Brasil ter investido um volume grande de recursos para a mobilidade acadêmica dos estudantes de graduação e não apenas para os estudantes da pós-graduação. Este período concentrou uma ampliação de programas de incentivo ao acesso e à permanência no ensino superior. Entre os de maior destaque estavam: i) o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni); ii) o Programa Universidade Para Todos (Prouni); iii) o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies); iv) a consolidação das políticas afirmativas de cotas raciais e socioeconômicas; v) a implantação do Sistema de Seleção Unificada (Sisu); além do próprio vi) Ciência sem Fronteiras (CsF), foco deste estudo. Todas essas políticas possibilitaram o ingresso de um novo perfil de estudantes nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, oxigenando as Universidades, sejam elas públicas ou privadas. Mas não foi só isso, o país sinalizou, naquele momento, dentro e fora de seu território, o grande investimento na formação de nível superior, bem como seu interesse na internacionalização das Universidades e de seus pesquisadores.

⁷ CHAIMOVICH, 2015, informação verbal. Trecho 03, Min 09:33. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/reuniao?0&reuniao=3279&codcol=1363>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

O Estado brasileiro, classificado como nação em desenvolvimento, deu sinais de que seu crescimento econômico e a ampliação de suas zonas de influência estariam alicerçados na produção do conhecimento, sob essa perspectiva o Brasil ascendeu aos olhos de outros países no cenário internacional.

Num período anterior ao CsF no Brasil, os EUA e a União Europeia (UE) já acirravam a corrida em busca da reconhecida “sociedade do conhecimento”, onde técnica, inovação, e o conhecimento passaram a ser o principal insumo para a expansão econômica dos países e dos blocos regionais⁸. Somada à necessidade de formar esses novos quadros internos, altamente qualificados, que alimentavam o capital produtivo, os setores públicos e privados reconheceram a internacionalização das Universidades como uma importante estratégia para o fortalecimento de redes entre parceiros políticos e econômicos, o estabelecimento das zonas de influência (*soft power*⁹), um espaço privilegiado para a criação de think thanks¹⁰ (TTs) e até mesmo a própria comercialização de serviços educacionais¹¹.

⁸ Dowbor esclarece a mudança do sistema produtivo capitalista, baseado no conhecimento, em seu livro “O capitalismo se desloca”. O trecho retirado de sua obra traz elementos que explicam a corrida pelo conhecimento e a difusão da técnica em todos os campos dos setores produtivos. Partimos desta ideia para refletir sobre a atratividade das Universidades, no sistema global, e a ânsia dos países pelo desenvolvimento de seus próprios “Vales do Silício”. Segundo o autor: “Hoje, o homem programa a operação das máquinas. O que ele gera, fundamentalmente, são conhecimento, tecnologias, design, o chamado “imaterial”. Não se trata apenas da robótica, que penetra de forma acelerada em inúmeros setores, mas também do pequeno agricultor que usa inseminação artificial e análise de solos, do médico que se apoia em redes de laboratórios e de cirurgia acompanhada à distância. O grande eixo transformador é que a tecnologia é hoje o principal fator de produção. Isso desloca o capitalismo, porque o conhecimento tecnológico, diferentemente das máquinas e do trabalho físico, é imaterial. A máquina continua importante, sem dúvida, mas o eixo estruturante é o conhecimento incorporado. O conhecimento é um bem imaterial. É fluido, navega quase na velocidade da luz e pode ser indefinidamente apropriado sem custos adicionais.” (Dowbor, 2020, p.29)

⁹ Adotamos a terminologia usada por Joseph Nye para definir o que é soft power. Em seu livro “*SOFT POWER The Means to Success in World Politics*” ele resgata o significado do conceito, definido por ele: O que é soft power? É a capacidade de conseguir o que você quer através da atração ao invés de coerção ou pagamentos. Ela surge da atratividade da cultura, dos ideais políticos e das políticas de um país. Quando nossas políticas são vistas como legítimas aos olhos dos outros, nosso poder suave é aprimorado. (tradução nossa) (NYE, 2004, p. X)

¹⁰ Think Thanks são organizações dedicadas à produção de conhecimento em áreas diversas como educação, política, ciência, tecnologia ou economia e são reconhecidas por influenciar a tomada de decisão nas esferas pública e privada.

¹¹ Em seu artigo, MAUÉS, descreve como os serviços educacionais de nível superior passam a ser oferecidos e comercializados globalmente. De acordo com a autora, organizações como a Organização Mundial do Comércio (OMC) e Banco Mundial (Bird) sustentam essa ideia: “A criação dessas redes é facilitada pela utilização das novas tecnologias, permitindo que os estudos sejam feitos a distância, alterando o papel do professor que fica responsável apenas por realizar pequenos seminários. Os cursos serão dados em inglês, mesmo para os países não anglófonos. As pesquisas serão realizadas em rede e os países menos desenvolvidos usufruirão das investigações feitas em outras partes mais avançadas. Um dos cenários do futuro do ensino superior parece já ser uma realidade, ou está prestes a se concretizar. O próprio nome atribuído a essa perspectiva de futuro das Universidade já revela bastante o seu conteúdo. Trata-se de “Ensino Superior Corporation”. Algumas características desse tipo de ensino superior são: os estabelecimentos de ensino estarão em concorrência internacional para o fornecimento de serviços educacionais e de pesquisa, em uma base comercial; o ensino e a pesquisa estarão cada vez mais ‘desconectados’, seguindo o que está posto pelo Acordo Geral de Comércio e de Serviços (AGCS). Isso significa que existirão instituições voltadas apenas para o ensino, e outras voltadas para a pesquisa. Uma outra característica desse tipo de instituição de ensino superior é a oferta de ensino profissional que representará uma parte importante do

Ambos, indivíduos e Estados, buscavam, ferozmente, sua inserção numa realidade altamente competitiva e dinâmica na era da globalização. No caso dos Estados, estabelecer redes, incorporar conhecimentos e solidificar parcerias significava encontrar meios para enfrentar crises e, também, a concorrência de países como China, Índia e Coréia do Sul. Para os indivíduos, internacionalizar-se era uma forma de crescimento e enriquecimento pessoal e profissional, além de ser um caminho para não serem excluídos do mundo globalizado. AMARAL (2008) sugere que:

[...]no ambiente do mundo “globalizado”, da capacitação das pessoas para exercerem funções que exigem cada vez mais habilidades que só são desenvolvidas por aqueles que em alguma etapa da vida tenham participado do mundo da educação superior. (AMARAL, 2008, p. 260)

A educação superior, tal como afirma AMARAL, é indispensável para os indivíduos que querem fazer parte do mundo globalizado, no entanto, acessar as IES não significa, necessariamente, conquistar estabilidade econômica, cada vez mais competências individuais passam a ser exigidas dos indivíduos e internacionalizar-se passou a ser um requisito comum da mundialização. São muitos os exemplos de programas criados partindo deste mesmo princípio, internacionalizar para desenvolver a economia, o mais antigo deles é o programa *Erasmus* na UE. O bloco, que submeteu suas Universidades ao Processo de Bolonha¹², foi vanguarda na criação de programas de mobilidade acadêmica, a nível governamental, com objetivo de impulsionar a economia, garantir a circulação de mobilidade de mão de obra altamente qualificada no bloco e fazer frente à concorrência internacional. Os EUA, por sua vez, apesar de já terem certa tradição com as agências de *placement*, que alocam estudantes do

mercado mundial de educação. Haverá uma disputa muito grande pelos estudantes, serão abertas novas instituições no estrangeiro, algumas em regime de franquia, surgindo uma divisão internacional do trabalho, isto é, alguns países se especializarão em ofertas de cursos em nível de graduação e outros em nível de pós-graduação, o que inclui pesquisa. (MAUÉS, 2019, p.22)

¹² Lima *et al.* resumem o que foi o Processo de Bolonha nas Universidades europeias em seu artigo “O processo de Bolonha, a avaliação da educação superior e algumas considerações sobre a Universidade Nova.”, de acordo com os autores, o processo pode ser sintetizado da seguinte forma: “Em 1998, em Paris, os ministros da educação da Alemanha, França, Itália e Reino Unido assinaram uma declaração conjunta onde perspectivam já a construção de um “espaço europeu de educação superior” (DECLARAÇÃO DA SORBONNE, 1998). No ano seguinte, os ministros de vinte e nove estados europeus, incluindo Portugal, subscreveram a chamada Declaração de Bolonha (1999), onde assumem como objetivos o estabelecimento, até 2010, de um espaço europeu de educação superior coerente, compatível, competitivo e atrativo para estudantes europeus e de países terceiros. A construção do referido sistema europeu de educação superior é considerada “a chave para promover a mobilidade e a empregabilidade dos cidadãos” e para a “obtenção de maior compatibilidade e de maior comparabilidade”. Embora se recuse a idéia de simples homogeneização ou padronização, eventualmente menos aceitável face à grande diversidade da educação superior dos países aderentes, insiste-se na harmonização e na necessidade da coordenação de políticas, na promoção da dimensão europeia dos currículos, na cooperação internacional, na mobilidade e no intercâmbio, bem como na cooperação no “setor da avaliação da qualidade, tendo em vista vir a desenvolver critérios e metodologias que sejam passíveis de comparação (DECLARAÇÃO DE BOLONHA, 1999). (LIMA *et al.*, 2008, p.10)

mundo inteiro em suas IES, também entenderam o significado de uma política de internacionalização a nível governamental e criaram o “*100,000 Strong in the Americas*”, programa com escopo semelhante ao brasileiro.

Reforçamos, mais uma vez, que a mobilidade das pessoas para o avanço da ciência e tecnologia, atrelada à ideia de construir uma sociedade pautada no conhecimento, surge como proposta para tentar solucionar as constantes crises que o próprio capital gera. Neste sentido, o conhecimento é visto como eixo central e como um diferencial econômico que pode colocar os Estados à frente da concorrência internacional. De acordo com SILVA & BERALDO (2008):

A transformação do conhecimento em insumo, ou seja, em produto de valor potencialmente econômico, tem implicações epistemológicas para a própria ciência, pois esta passou a ser vista também como mercadoria. Dessa forma, ela declina da sua função de ser atividade interessada na interpretação crítica dos fenômenos físicos e sociais para tornar-se uma atividade de caráter utilitário, fomentada e controlada por interesses econômicos. (SILVA; BERALDO, 2008, p. 311)

Sendo assim, no Brasil, há uma disputa pelas áreas de financiamento e pelas oportunidades de internacionalização. O investimento reflete as necessidades pontuais dos setores da economia mais lucrativos que necessitam de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) de forma mais imediata. Este é um paralelo importante, pois nos objetivos do programa é explicitada a necessidade de formar mão de obra especializada para as áreas de interesse nacional, com o intuito de desenvolver setores estratégicos da economia para tornar a indústria do país competitiva. Segundo MARQUES (2017), os setores da economia que mais investem em P&D são: Carros, biocombustíveis e petróleo, químicos, informática e produtos farmacêuticos; coincidentemente são as áreas que tiveram o maior número de bolsas financiadas pelo CsF. Para constar, listamos as áreas onde a concentração de bolsas foi mais expressiva: Engenharia, Biologia, Tecnologias da Informação e Ciências da Terra.

As áreas contempladas pelo CsF se alinham à uma tendência internacional de privilegiar o que são consideradas as “ciências duras” com foco para o desenvolvimento, a competitividade e a inovação. Para DRUCKER:

O conhecimento, tal como normalmente é concebido pelo intelectual, é algo muito diverso do conhecimento no contexto de uma economia do conhecimento ou do trabalho baseado no conhecimento. [...] A emergência da economia do conhecimento não faz parte, em outras palavras, da história intelectual tal como ela é normalmente concebida. Faz parte da história da tecnologia, que dá uma nova versão aos processos pelos quais o homem se utiliza de seus instrumentos. Ao referir-se ao termo conhecimento, o intelectual geralmente se refere a algo novo. Mas o que importa na economia do conhecimento é se o conhecimento, novo ou antigo, é aplicável [...]. (DRUCKER, 1976 apud. MASSON; MAINARDES, 2011)

A aplicabilidade imediata e a lucratividade que a “sociedade do conhecimento” busca excluem, muitas vezes, outras áreas do conhecimento. Uma das questões, envolvendo o CsF, que teve grande repercussão na mídia e no meio acadêmico foi a predileção pelas áreas das ciências exatas e biológicas e a total exclusão das ciências humanas do programa. HANNA (2017) analisa esta questão e, segundo ela, não seria possível pensar num programa nas proporções do Ciência sem Fronteiras, sem considerar o desenvolvimento do país como um todo. A exclusão dos cursos de humanidades, desconsiderando a formação mais plural e completa dos universitários, poderia criar uma sociedade especializada na técnica, mas incapaz de entender, conviver e respeitar as diversas configurações políticas e culturais ao redor do mundo. HANNA opina sobre o tema da seguinte forma:

Os objetivos do CsF, por sua vez, parecem ignorar os termos de conhecimento humanísticos – justamente aqueles que levam o indivíduo a adquirir habilidades para alcançar julgamento crítico, discernimento, e interpretação do presente, do passado, da prospecção do futuro, interesse nas artes em geral, no entendimento de enigmas da ciência, da matemática, da tecnologia, da própria carreira, do mundo e que o conduz, igualmente a possuir empatia, ajuizamento ético, de valor e de respeito que devem, obrigatoriamente, ser levados em conta nas circunstâncias mais práticas, assim, pensar a obtenção de conhecimentos em termos transdisciplinares é apenas uma decorrência. (HANNA, In LUNA; SEHNEM, 2017, p. 272-273).

A definição das áreas das ciências exatas e biológicas como centrais ao CsF, não afetou apenas as humanidades, também, atingiu diretamente a composição dos grupos de estudantes que foram contemplados pelo programa. Esta foi uma constatação feita por pesquisadores especialistas em gênero e raça. Autoras como BORGES & FILICE e FELTRIN; COSTA & VELHO problematizaram a questão quando trouxeram à tona a menor participação das mulheres nas áreas priorizadas pelo CsF. Segundo FELTRIN; COSTA & VELHO:

A expectativa dos resultados a partir da coleta de dados era que as mulheres tivessem baixa participação no CsF por duas razões principais. A primeira é que o CsF estabeleceu áreas prioritárias para concessão de bolsas que correspondem, grosso modo, a áreas tradicionalmente dominadas por homens, como as engenharias, computação e as ciências exatas, e excluiu áreas mais feminizadas como as ciências sociais e humanidades. Com exceção das áreas biológicas e de saúde que, como se sabe, contam hoje com presença igualitária ou até majoritária de mulheres, as demais áreas prioritárias no CsF são tipicamente “masculinas”. A segunda razão é porque a literatura relevante sistematicamente aponta que as mulheres são menos “móveis” que os homens. (FELTRIN; COSTA; VELHO, 2016, p. 05)

BORGES e FILICE (2017), corroboram esta perspectiva e trazem dados que atestam sua hipótese na região Centro-Oeste do país. Segundo as autoras:

[...] os bolsistas homens predominam no DF e nos três estados da região. A maior diferença percentual ocorreu em Goiás, onde os homens superaram as mulheres em 18,3%. No DF, essa diferença foi de 12,9%; no Mato Grosso, 12,2%; e no Mato Grosso do Sul, 7,2%. (BORGES.; FILICE, 2017, p.86)

Entendemos que, em grande parte, todos os problemas envolvendo o CsF ocorreram devido à falta de planejamento, monitoramento e avaliação do programa. A ausência de equilíbrio na distribuição das bolsas para estudantes do sexo masculino e feminino, a indisponibilidade de bolsas para às humanidades, a ausência da fluência dos estudantes no idioma das universidades de destino, a concentração de bolsas no eixo sul-sudeste do Brasil, dentre muitas outras questões, foram problemas ocasionados devido a falta de um desenho que envolvesse as partes interessadas neste processo, ou seja, Universidades, docentes e discentes. O campo de estudos sobre os gargalos do programa é vasto. Em muitos momentos nos perguntamos quais seriam as questões mais pujantes para serem aprofundadas, dado que todas elas nos pareciam essenciais para o debate. Optamos por um caminho árduo, discutir os recursos usados no CsF. Nos pareceu lógico que se pudéssemos analisar como foram usados os recursos, talvez, fosse possível refletir sobre como eles poderiam ser melhor empregados para minimizar os problemas surgidos no CsF em futuras iniciativas.

Antes de mergulharmos em nosso objeto de estudos, mais diretamente, entendemos ser fundamental que seja feita uma exposição do contexto legal e político que envolveu a criação do CsF.

Contexto político e o desenredo do programa Ciências sem Fronteiras (CsF)

O país passava por um momento de priorização de políticas públicas voltadas para o ensino superior, a nível federal, e os movimentos em prol da internacionalização encontraram solo fértil para levar adiante as propostas de mobilidade acadêmica internacional. Selecionamos trechos do Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, para exemplificar, onde estavam as metas e estratégias voltadas para o Ensino Superior que alicerçaram as bases do CsF. Destacamos as metas 12, 13 e 14:

[...] 12.12. consolidar e ampliar programas e ações de incentivo à mobilidade estudantil e docente em cursos de graduação e pós-graduação, em âmbito nacional e internacional, tendo em vista o enriquecimento da formação de nível superior; [...] 12.14. mapear a demanda e fomentar a oferta de formação de pessoal de nível superior, destacadamente a que se refere à formação nas áreas de ciências e matemática, considerando as necessidades do desenvolvimento do país, a inovação tecnológica e a melhoria da qualidade da educação básica; [...] 13.7. fomentar a formação de consórcios entre instituições públicas de educação superior, com vistas a potencializar a atuação regional, inclusive por meio de plano de desenvolvimento

institucional integrado, assegurando maior visibilidade nacional e internacional às atividades de ensino, pesquisa e extensão; [...] 14.9. consolidar programas, projetos e ações que objetivem a internacionalização da pesquisa e da pós-graduação brasileiras, incentivando a atuação em rede e o fortalecimento de grupos de pesquisa; 14.10. promover o intercâmbio científico e tecnológico, nacional e internacional, entre as instituições de ensino, pesquisa e extensão; 14.11. ampliar o investimento em pesquisas com foco em desenvolvimento e estímulo à inovação, bem como incrementar a formação de recursos humanos para a inovação, de modo a buscar o aumento da competitividade das empresas de base tecnológica; [...] 14.13. aumentar qualitativa e quantitativamente o desempenho científico e tecnológico do país e a competitividade internacional da pesquisa brasileira, ampliando a cooperação científica com empresas, instituições de educação superior (IES) e demais instituições científicas e tecnológicas (ICTs);” (PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2014, p. 73-78)

Parte das estratégias contidas no PNE, relativas ao Ensino Superior, foram reforçadas nos programas de governo da ex-presidenta Dilma Rousseff para as eleições de 2010 e 2014. Em 2010 os temas para a educação superior eram: i) a criação de 14 novas Universidades públicas, ii) a ampliação das extensões universitárias iii) o aumento das vagas ofertadas nas Universidades Federais e iv) a concessão de 704 mil linhas de crédito para o financiamento estudantil. O que mais chamou atenção no plano de governo elaborado para as eleições de 2010 eram os “[...] 40 bilhões de reais dedicados à pesquisa [que] elevaram a posição do Brasil na comunidade científica mundial. [Criando] os alicerces para o desenvolvimento da inovação tecnológica, indispensável em uma sociedade do conhecimento” (COLIGAÇÃO PARA O BRASIL SEGUIR MUDANDO, 2010, p. 5). A eleição de Dilma Rousseff se concretizou e em dezembro de 2011 o CsF foi criado.

O Decreto Nº 7.642/11, que instituiu o CsF, possuía 15 Artigos. Neles eram definidos: os objetivos, os órgãos envolvidos, o comitê de acompanhamento e assessoramento (para a criação de metas e indicadores de desempenho), o comitê executivo (responsável pelo cronograma, pelos critérios de seleção das instituições e dos bolsistas, pelo estabelecimento do valor das bolsas), as modalidades atendidas pelo programa, o público alvo, além da projeção dos editais e das chamadas públicas.

Por meio do decreto, ficaram estabelecidos os papéis e as responsabilidades de cada órgão envolvido. Designou-se que as IES brasileiras ficariam responsáveis por validar os créditos obtidos nas Universidades estrangeiras. Por sua vez, o Ministério da Educação (MEC) e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) proveriam os recursos necessários para a execução do programa em parceria com o setor privado. Ficou a cargo do MCTI a definição das áreas prioritárias do programa e a gestão do CsF foi realizada pela CAPES e pelo CNPq (BRASIL, 2011).

O Comitê de Acompanhamento e Assessoramento do Programa era composto por representantes da Casa Civil, Ministério da Educação, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, Ministério das Relações Exteriores, Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior, Ministério da Fazenda, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, além de quatro representantes de entidades privadas. Já o Comitê Executivo era composto por um representante da Casa Civil, um do Ministério da Educação, outro do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, um do Ministério das Relações Exteriores, além dos presidentes do CNPq e da Capes.

Por fim, as modalidades atendidas pelo programa, inicialmente, foram: i) graduação-sanduíche, ii) educação profissional e tecnológica, iii) doutorado-sanduíche, iv) doutorado pleno, v) pós-doutorado, vi) pesquisador visitante estrangeiro e vii) jovens talentos.

Cerca de três anos separaram a publicação do Decreto Nº 7.642/11 e as eleições de 2014. O pleito eleitoral aconteceu, justamente, quando o CsF esteve no auge de sua execução. Até 2014 foram acumuladas 74.622 bolsas de estudos do CsF. Os indicadores, naquele momento, pareciam muito promissores e o programa de governo, para a segunda candidatura da ex-presidenta Dilma Rousseff, despontava a educação como tema central. As propostas voltadas para as Universidades e para a ampliação dos programas de ensino superior aparecem de maneira categórica, e com o Ciência sem Fronteiras não foi diferente. O programa foi apresentado da seguinte forma:

[...] Ciência sem Fronteiras, criado no governo da Presidenta Dilma, para oferecer bolsas de estudo nas melhores Universidades do exterior para os melhores estudantes brasileiros das áreas tecnológicas, de engenharia, exatas e biomédicas. Até o final de 2014, 101 mil bolsas serão concedidas. São políticas amplas e diferenciadas, mas com um propósito único: construir um caminho de oportunidades para os jovens brasileiros. (PROGRAMA DE GOVERNO, 2014, p. 21-22)

A perspectiva era de que todas essas iniciativas fossem custeadas com os aportes de recursos oriundos dos *royalties* do petróleo. O investimento culminaria num melhor preparo da mão de obra nacional e, conseqüentemente, geraria desenvolvimento para o país e ascensão social para os jovens brasileiros. Ciência, tecnologia e inovação eram as palavras de ordem e pautavam a consolidação da sociedade baseada no conhecimento. Neste sentido, trouxemos, também, o trecho do plano de governo de ROUSSEFF (2014) onde se estabelece o compromisso com o avanço da ciência e da tecnologia:

Cada vez mais, deverá ser ampliada a produção da Ciência, da Tecnologia e da Inovação necessárias para que o Brasil ingresse efetivamente numa sociedade do

conhecimento. Para essa grande transformação na realidade educacional do Brasil, o governo tomou a iniciativa de destinar os recursos originários da exploração do petróleo, no pré e no pós-sal, para as ações nessa área. No novo governo de Dilma, estarão gradativamente disponíveis para a Educação 75% dos royalties do petróleo e 50% dos excedentes em óleo do pré-sal. Somados ao orçamento da Educação, que teve considerável aumento em doze anos, os recursos provenientes da comercialização do petróleo oriundo do pré-sal vão tornar realidade o Plano Nacional de Educação (PNE), que o Governo Dilma aprovou sem vetos. (PROGRAMA DE GOVERNO, 2014, p. 29)

Depois das eleições, não houveram novos editais para a modalidade de SWG. As últimas convocações de graduandos aconteceram ainda em 2014. Presumia-se que, com alguns ajustes, o CsF poderia ser adotado como política de Estado e, em 2015, o Projeto de Lei do Senado N° 798, que propunha tornar o CsF um programa permanente, foi colocado em pauta. O PLS tramitou enquanto o programa estava congelado por falta de recursos e apesar dos esforços da CCT para transformar o CsF em política de estado, isso não se concretizou. Após o *impeachment* da ex-Presidenta Dilma Rousseff a iniciativa teve seu fim anunciado pelo ex-ministro da Educação Mendonça Filho, em julho de 2016 (TOLEDO; PALHARES; STRAZZER, 2017).

A transferência de recursos para as quinze IES mais atrativas dos EUA

Muitas críticas envolvendo os recursos destinados ao CsF foram feitas após o seu encerramento. A ascensão meteórica e o declínio vertiginoso do programa não permitiram que os balanços fossem realizados enquanto o CsF ainda estava em execução. Como veremos mais adiante, as diretrizes e os indicadores do programa não foram suficientes para subsidiar os gestores na tomada de decisão e no direcionamento destes recursos. Não foram feitas avaliações globais sobre o impacto do CsF e tampouco há dados que comprovem se os objetivos do programa foram atingidos ou não.

Como contribuição para as reflexões sobre o tema do financiamento do CsF, nossos esforços foram direcionados para avaliar, a partir de uma amostra, se os resultados atingidos justificavam os recursos executados. Para isso, selecionamos quinze Universidades do país que recebeu a maior quantidade de bolsistas do CsF, os EUA. Essa amostra foi composta pelas IES que mais receberam estudantes da modalidade de SWG. Dentre as instituições selecionadas estavam: uma Universidade privada sem fins-lucrativos, duas voltadas para a formação técnica e aplicações práticas, uma ranqueada pelo *THE* entre as 10 melhores do mundo, dentre outras.

Dado o impedimento de acessarmos os acordos realizados com as IES estrangeiras, em razão das cláusulas de sigilo contratuais firmadas com a CAPES e com o CNPq, para

sabermos os valores pagos a essas instituições, fizemos um levantamento sobre as taxas cobradas pelas 15+, em 2014, e projetamos quais seriam os custos envolvidos para que essas IES fossem frequentadas pelos mais de seis mil estudantes de graduação enviados para estas Universidades pelo prazo de um ano. Estimamos que pelo menos 600 milhões de reais tenham sido transferidos para os EUA, o que significa que cada estudante teria custado aos cofres públicos brasileiros uma quantia de aproximadamente 99 mil reais.

Fazendo um cruzamento dos gastos estimados com o levantamento que realizamos, a partir do ranking *THE*, entendemos que a transferência de recursos não seria justificável uma vez que apenas 14% desses estudantes teriam frequentado *campi* classificados entre os cem melhores do mundo. Estar entre as melhores classificadas internacionalmente era um critério explícito para o envio dos bolsistas para o exterior, com financiamento do CsF. Escolhemos este gargalo do programa para ser pormenorizado ao longo da dissertação.

CAPÍTULO I - O QUE SABEMOS SOBRE O PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS?

1.1 APRESENTAÇÃO

No momento em que a proposta de investigação, deste estudo, foi elaborada pouco se sabia sobre o programa Ciência sem Fronteiras. Quase não haviam pesquisas científicas e os relatórios parciais e/ou pareceres oficiais das Comissões de Ciência e Tecnologia, Controladoria-Geral da União (CGU), além dos relatórios de auditoria interna da CAPES e demais processamento de dados, que envolvessem o programa, ainda estavam em elaboração.

Havia um furor coletivo pela ideia de internacionalização em massa dos estudantes, das pesquisas e das Universidades brasileiras, ainda que, na contramão, existissem questionamentos sobre a eficácia do planejamento e da implementação do programa ao longo de sua vigência. A proposta de encaminhamento para que o CsF mudasse seu *status* de política de governo para uma política de estado ainda era algo que tramitava com certa força no Senado Federal. O PL 798/15 foi um encaminhamento da CCT para que o programa, como política de internacionalização (com os devidos ajustes), fosse incorporado na agenda brasileira visando sua manutenção e continuidade.

Neste capítulo apresentaremos os dados oficiais do programa CsF, os indicadores utilizados para o acompanhamento das ações, a evolução dos intercâmbios a partir dos editais, a avaliação do CsF realizada pelos bolsistas e o balanço que as agências e os órgãos de controle fizeram sobre o desempenho do programa e da gestão.

1.2 DADOS OFICIAIS

1.2.1 - Bolsas concedidas x bolsas implementadas

Criado a partir do Decreto N° 7.642/11, em dezembro de 2011, o Programa Ciência sem Fronteiras foi um programa de governo para mobilidade acadêmica e internacionalização das Instituições de Ensino Superior no Brasil, que tinha como objetivo formar especialistas de alto nível em instituições internacionais consideradas de prestígio e excelência. A iniciativa atingiu seu ápice entre 2013 e 2014, anos em que o número de editais e bolsistas cresceu substancialmente. O programa teve curta duração e em 2015, ainda no governo de Dilma Rousseff, os editais para graduação-sanduiche foram suspensos e na sequência todas as

chamadas foram canceladas. Apenas as bolsas com editais em vigência foram mantidas e, posteriormente, este processo de paralisação culminou no encerramento da iniciativa em julho de 2016, durante a gestão Temer, por meio de um pronunciamento do Ministro da Educação Mendonça Filho. O decreto de criação, no entanto, só foi revogado pelo Decreto Nº 9.784, em 7 de maio de 2019.

A corrida pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia, nas áreas de exatas e biológicas, marcaram a linha de atuação do programa, e foram privilegiadas em detrimento das humanidades. A predileção por estas áreas, dentro dos objetivos centrais, soma-se às estratégias governamentais de aumento do número de estudantes e pesquisadores, de diversos níveis, em instituições consideradas de excelência internacional¹³ que fossem capazes de contribuir com o desenvolvimento de setores produtivos estratégicos como petróleo, agronegócio e produção de fármacos. A formação de um corpo técnico capacitado internacionalmente foi fator inspiracional para o estímulo à competitividade, ao avanço tecnológico e à produção de pesquisas de ponta em todo território nacional. Essas foram características marcantes do CsF e envolviam o estabelecimento de redes internacionais de produção acadêmica por meio da mobilidade estudantil e da criação das parcerias entre Universidades e agências intermediárias para os seguintes campos:

Engenharias e demais áreas tecnológicas; Ciências Exatas e da Terra; Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde; Computação e Tecnologias da Informação; Tecnologia Aeroespacial; Fármacos; Produção Agrícola Sustentável; Petróleo, Gás e Carvão Mineral; Energias Renováveis; Tecnologia Mineral; Biotecnologia; Nanotecnologia e Novos Materiais; Tecnologias de Prevenção e Mitigação de Desastres Naturais; Biodiversidade e Bioprospecção; Ciências do Mar; Indústria Criativa (voltada a produtos e processos para desenvolvimento tecnológico e inovação); Novas Tecnologias de Engenharia Construtiva; Formação de Tecnólogos. (GOVERNO FEDERAL, 2022)¹⁴

Estruturalmente, a execução do programa se deu de forma semelhante aos mecanismos de subvenção para intercâmbio executados pela CAPES e pelo CNPq, especialmente porque foram estas instituições as responsáveis por gerir todas as bolsas concedidas pelo CsF. Como

¹³ Nesta pesquisa adotamos o “*Times Higher Education World University Rankings - THE*” para análise do ranqueamento das Universidades a nível internacional. De acordo com a metodologia utilizada pelo “*THE*”, são considerados 13 indicadores de desempenho para a classificação das IES. Os indicadores de desempenho estão agrupados em cinco áreas: ensino, pesquisa, citações, perspectivas internacionais e renda da indústria. Disponível em: <https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/world-university-rankings-2022-methodology> Acesso em: 05 de jul. 2022.

¹⁴ Acesso disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/ciencia-sem-fronteiras/apresentacao-1/areas-contempladas>. Acesso em: 03/06/2022

veremos adiante, outras chamadas, inclusive, foram incorporadas pelo CsF. Na ocasião, a CAPES ficou incumbida da gestão das bolsas de graduação e o CNPq esteve à frente das bolsas de pós-graduação em todo território nacional.

Foram oferecidas bolsas de estudos para estudantes de excelente mérito acadêmico que estivessem matriculados em IES brasileiras, nas áreas contempladas. De acordo com o site oficial do Ciência sem Fronteiras¹⁵ (2014), os estudantes deveriam ter nacionalidade brasileira, ter integralizado no mínimo 20% e no máximo 90% do currículo previsto para seu curso, ter obtido média aritmética igual ou superior a 600 pontos no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), não ter recebido outra bolsa de graduação sanduíche no exterior financiada pela CAPES ou CNPq, além de apresentar comprovante de proficiência de língua estrangeira da Universidade de destino e/ou comprovante de proficiência em Língua Inglesa mínima exigida pela Universidade de destino. Também eram considerados critérios de desempate a participação do graduando em atividades como: “[...] programas de iniciação científica, tecnológica ou docência [...] Olimpíadas de Matemática, Física e Química, Prêmio Jovem Cientista, Iniciação Científica, ou outros prêmios de mérito acadêmico”. (Ciência sem Fronteiras, 2014)

Esperava-se que, até 2015, 101.000 bolsas de estudos fossem oferecidas, sendo setenta e sete mil financiadas com recursos do Governo Federal e 26 mil concedidas com recursos da iniciativa privada, o que não se concretizou de fato, ou seja, ficou a cargo do Governo Federal todo o custeio desta iniciativa. Na subdivisão da meta geral de implementação, ficou estabelecida uma oferta de “[...] 15 mil bolsas para doutorado sanduíche, 4.500 bolsas de doutorado pleno, 6.440 bolsas de pós-doutorado, 64 mil bolsas de graduação sanduíche, 7.060 bolsas de desenvolvimento tecnológico e inovação no Exterior, 2 mil bolsas de atração de jovens talentos (no Brasil) e 2 mil bolsas de pesquisador visitante especial”. (CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS, 2013).

Na tabela abaixo é possível fazer algumas comparações entre o planejamento da implementação das bolsas, segundo os documentos disponíveis na plataforma do próprio programa, e como elas foram concedidas e implementadas ao longo do CsF.

¹⁵ O site oficial do Ciência sem Fronteiras foi removido do ar em 2022 e foi incorporado ao portal de acesso à informação do Governo Federal na área reservada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, seção de ações e programas. O portal parou de ser alimentado em 2015 e em 2020 o painel de controle de bolsistas já estava fora do ar. Na atual hospedagem, muitos dos dados e informações ainda não estão disponíveis e tampouco é possível ter acesso ao google localizador com as informações de bolsas implementadas pelo mundo, bolsistas contemplados (Lattes), projetos de pesquisa financiados, área de formação dos bolsistas, Universidades de origem e de destino.

Tabela 2. Expectativa x concessão x implementação de bolsas do Ciência sem Fronteiras.

Modalidade	Expectativa (Painel de controle - CSF)	Total de Bolsas concedidas	Bolsas concedidas (CAPES)	Total de bolsas implementadas (CAPES e CNPq)
Graduação SWG no exterior	64,000	64,000	52,136	73,341
Doutorado DSW no exterior	15,000	15,000	6,727	9,852
Doutorado no exterior	4,500	4,500	1,947	3,415
Pós-doutorado no exterior	6,440	6,440	2,849	4,801
Desenvolvimento tecnológico e inovação	7,060	0	0	0
Mestrado no exterior	0	7,060	599	558
Jovens talentos	2,000	2,000	272	505
Pesquisador visitante especial	2,000	2,000	675	775
Total	101,000	101,000	65,205	93,247

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados obtidos no Portal do Ciência sem Fronteiras (Painel de controle) e no Relatório de Auditoria – Auditoria de Conformidade do Programa Ciência sem Fronteiras (CAPES), 2018.

A tabela está dividida em quatro colunas. A primeira coluna “Expectativa (Painel de controle - CsF)” apresenta o desenho inicial para implementação de bolsas em diferentes níveis; essa informação foi retirada do portal oficial, na seção de apresentação sobre o CsF. A segunda, terceira e quarta colunas mostram como as bolsas foram concedidas e implementadas efetivamente segundo o Relatório de Auditoria AUD/BS/010/2018 - 21 de dezembro de 2018 – Auditoria de Conformidade do Programa Ciência sem Fronteiras. Para uma melhor compreensão, reiteramos a definição, trazida pelo relatório, de que:

Bolsas implementadas são consideradas aquelas em que, após a fase de concessão, o candidato apresentou a documentação para implementação e recebeu o pagamento referente aos auxílios, de acordo com sua modalidade. A fonte dos dados de implementação de bolsas possui apenas os dados consolidados entre Capes e CNPq. (CAPES, 2018, p.5)

Nosso primeiro apontamento, neste conjunto de dados, é sobre a modificação estratégica realizada a partir da concepção original. As bolsas de “Desenvolvimento tecnológico e inovação no exterior” não chegaram a ser concedidas e foram substituídas por bolsas de “Mestrado no exterior” que, inicialmente, não estavam previstas no desenho do CsF. Segundo a CAPES (2018), o acordo com a Confederação Nacional da Indústria -CNI e com a Associação Brasileira de Infra-Estrutura e Indústria de Base - ABDIB, que previa um total de 7.060 bolsas não foi assinado e estas foram realocadas para a categoria de mestrado profissional no exterior. Mesmo com a manutenção da quantidade de bolsas concedidas, na prática, foram implementadas 599 bolsas de mestrado profissional para os EUA, de acordo com a entidade. Outra constatação

importante é a de que não existem dados desagregados sobre a implementação das bolsas por agências de fomento, esta informação está reportada na última coluna da tabela, os dados de bolsas implementadas estão consolidados para a CAPES e CNPq.

Mesmo sendo responsável pelas bolsas de SWG, foram atribuídas à CAPES bolsas de outras modalidades. Essa situação, em parte, pode ser explicada pela forma como o programa foi encerrado, chegando ao final com aporte de recursos realizado exclusivamente pela CAPES, em parte, pela incorporação de bolsistas de outros programas de intercâmbio ao público atendido pelo CsF. Segundo os dados da CAPES (2018) este público abrangeu 60 programas em 6 modalidades, chegando a dezesseis mil cento e doze (16.112) bolsistas. A incorporação dos estudantes, de outros processos seletivos de mobilidade acadêmica, ocorreu por duas razões: 1) porque os discentes possuíam o mesmo perfil dos contemplados pelo CsF e 2) pela necessidade do programa alcançar a meta global pré-estabelecida para sua execução.

Na **Tabela 3**, a seguir, é possível verificar como foi feita a incorporação dos bolsistas, de programas aderentes ao CsF, por modalidade de bolsa atribuída.

Tabela 3. Bolsas concedidas por programas aderentes ao CsF.

Modalidade	Quantidade de bolsas
DOUTORADO SANDUÍCHE	6,698
GRADUAÇÃO SANDUÍCHE	4,022
ESTÁGIO PÓS-DOUTORAL	2,110
DOUTORADO	1,947
ESTÁGIO SÊNIOR	739
MESTRADO PROFISSIONAL NO EXTERIOR	596
Total Geral	16,112

Fonte: Relatório de Auditoria – Auditoria de Conformidade do Programa Ciência sem Fronteiras (CAPES), 2018.

No gráfico 1 é possível verificar, comparativamente, que a modalidade de doutorado sanduíche foi a que teve a maior quantidade de bolsistas agregados ao CsF (41,6%), seguido da modalidade de SWG (25%) e estágio pós-doutoral (13,1%).

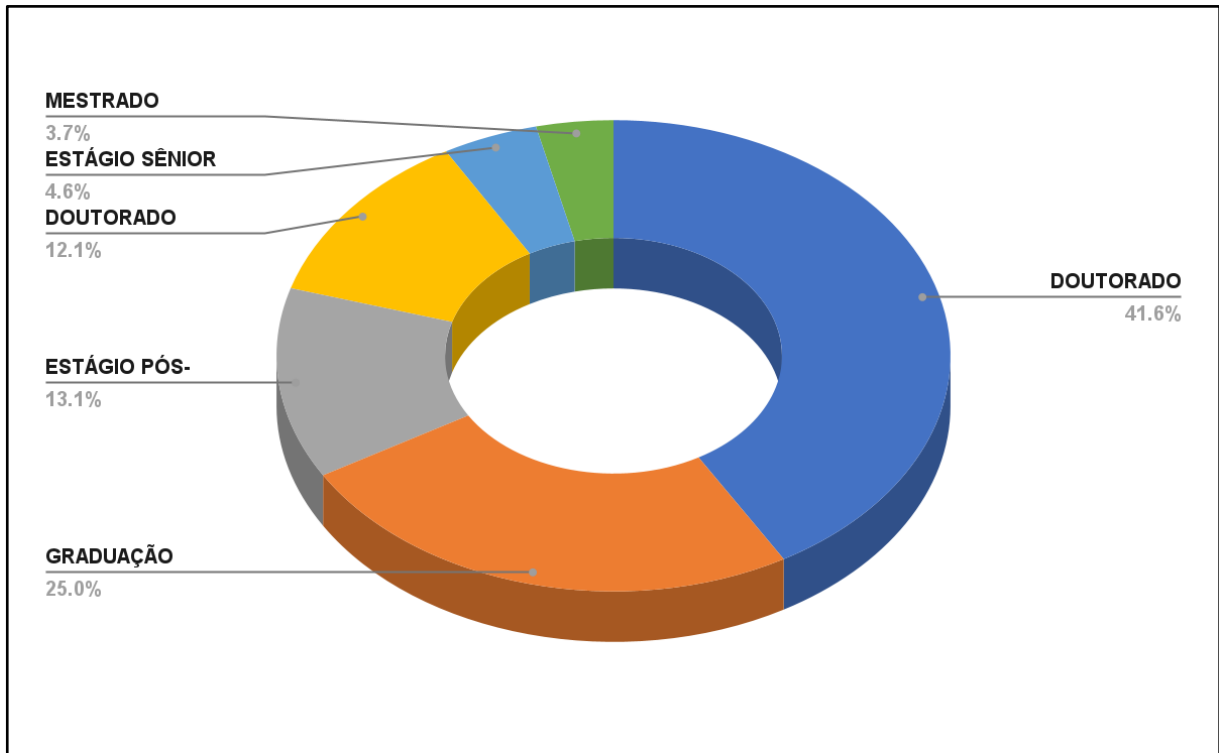


Gráfico 1. Percentual de bolsas concedidas por programas aderentes ao CsF.

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados obtidos no Relatório de Auditoria – Auditoria de Conformidade do Programa Ciência sem Fronteiras (CAPES), 2018.

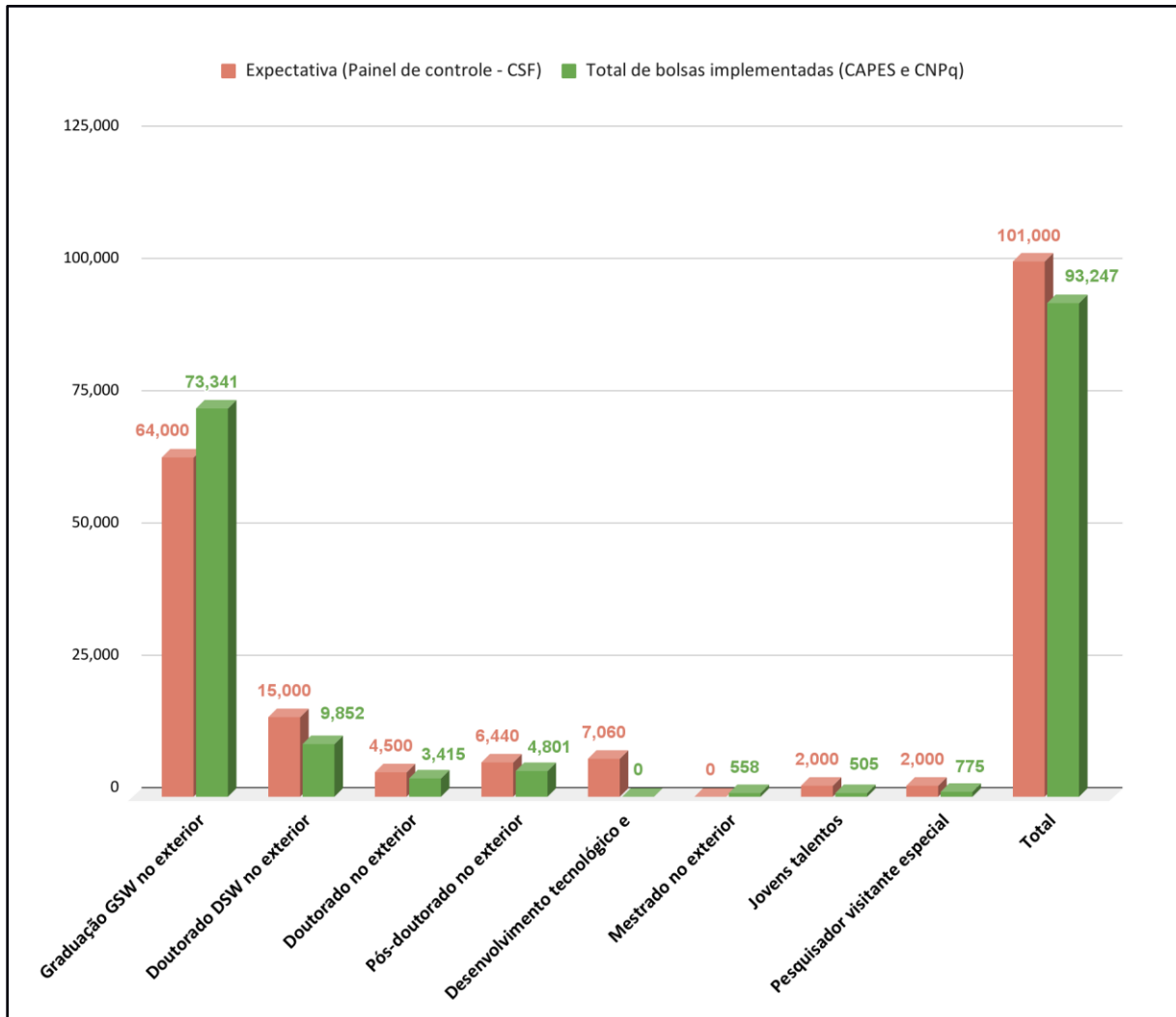
Como mencionado anteriormente, outros processos dão sinais de que existe a necessidade de aprimoramento dos controles, sejam eles para gestão interna e, conseqüentemente, implantação das bolsas, seja para o estabelecimento das parcerias internacionais. A exemplo disso, trazemos a constatação feita no relatório de auditoria final sobre o CsF realizado pela CAPES (2018), de que parte dos estudantes incorporados ao programa não possuíam a comprovação da pontuação do ENEM e não atendiam aos critérios estabelecidos para a migração entre programas. A gestão do órgão informou que as notas contidas na base do exame foram disponibilizadas via sistema para uso das equipes técnicas do CsF e por essa razão não havia a necessidade da comprovação de documentação. Além disso, afirmam que o ENEM passou por uma modificação no processo avaliativo, em 2009, quando adotou a “Teoria de Resposta ao Item” (TRI) para composição das notas e a comparação com testes anteriores a esta dada é limitada. Ainda assim, vale a reflexão de que os processos não foram registrados e formalizados durante o monitoramento das ações e posterior avaliação do programa, ou seja, as costuras realizadas para a consolidação no CsF demonstram uma “baixa gestão de informações gerenciais e baixa instituição de controles internos” (CAPES, 2018). Entre as constatações finais da CAPES (2018), consideramos que três pontos sobre os controles

internos merecem destaque. O primeiro e o segundo, enfatizados no relatório, falam sobre a falta de condução da administração para o estabelecimento/aprimoramento dos controles internos e da informalidade dos procedimentos de controle (feitos em reuniões e por e-mail), já o terceiro ponto, que pareceu de maior substância, foi reproduzido na íntegra:

Com relação à definição de processos críticos, verificou-se que há percepção de que existem processos críticos para consecução dos objetivos, mas a sua definição ocorria informalmente. Como exemplo de processos críticos foram citados o processo seletivo, **a formulação de programação financeira, tendo em vista a variação do dólar** e a comprovação de retorno do bolsista ao país. No que se refere a identificação de riscos, seu diagnóstico não é formalizado, não ocorreu análise da probabilidade de ocorrência e nem foram adotadas medidas formais para identificação, mensuração, classificação e mitigação. (CAPES, 2018, p. 18. Grifo nosso).

Após a constatação da insuficiência dos controles internos, colocamos em evidência, no gráfico 2, a diferença entre o modelo inicial proposto e a real implementação do CsF. Com exceção à graduação sanduíche, todas as demais modalidades ficaram aquém da meta estabelecida na proposta inicial. Na modalidade de SWG a meta foi ultrapassada em mais de nove mil bolsas, o que corresponde a um acréscimo ao planejamento inicial de mais de 14%. O total de implementações para estudantes de graduação corresponde a 78,65% de todos discentes admitidos pelo CsF, ou seja, 73.341 bolsas de CSW. Entre as demais modalidades, as que ficaram mais distantes do cumprimento das metas foram: 1) Jovens talentos (atingiu 25% da meta inicial); 2) Pesquisador visitante especial (atingiu 39% da meta inicial); 3) Doutorado sanduíche no exterior (atingiu 65% da meta inicial). As modalidades de doutorado no exterior e pós-doutorado no exterior atingiram aproximadamente 75% da meta inicial. Isso significa que, se somadas todas as outras categorias, excluindo a modalidade de graduação sanduíche, há uma redução das bolsas de pós-graduação na ordem de 46% em relação ao planejamento inicial, em números absolutos, isso corresponde a 17.094 bolsas.

Gráfico 2. Planejamento de distribuição das bolsas x implementação de bolsas.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados obtidos no Portal do Ciência sem Fronteiras (Painel de controle) e no Relatório de Auditoria – Auditoria de Conformidade do Programa Ciência sem Fronteiras (CAPES), 2018.

As alterações de rota presentes ao longo da implementação do programa não ficaram restritas às modalidades contempladas, tais como o remanejamento de bolsas de desenvolvimento tecnológico para mestrado profissional no exterior, o aumento de bolsas de graduação sanduíche, a incorporação de outros editais ao escopo do CsF e até mesmo as mudanças nos controles internos de monitoramento, outros (re)arranjos foram necessários para o alcance da meta global. As análises sobre as correções de percurso, que ocorreram durante a vigência do CsF, são fundamentais para compreendermos como os recursos passaram a ser investidos e quais os impactos dessas escolhas no médio e longo prazo. No próximo subcapítulo falaremos sobre a implementação das bolsas ao longo do tempo e como fatores externos foram capazes de influenciar na dispersão das bolsas e concentração dos editais.

1.2.2 - Bolsas implementadas

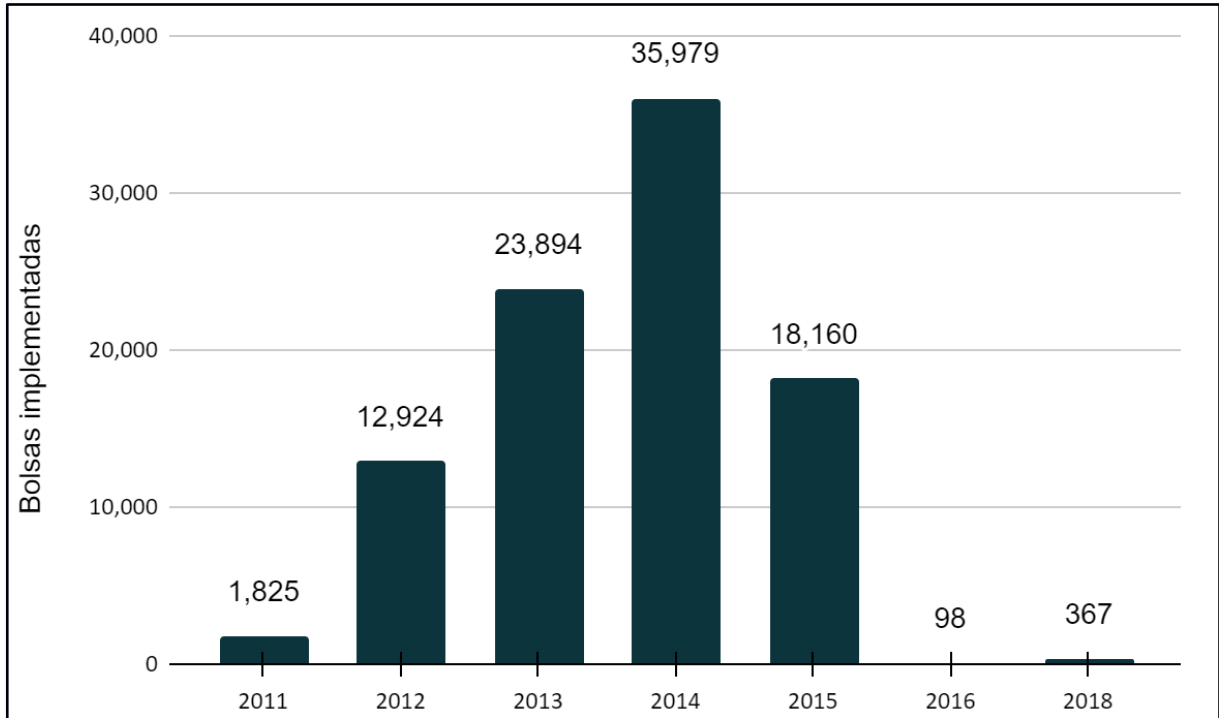
Ao longo da vigência do CsF, a implementação das bolsas teve uma grande flutuação, não houve um fluxo contínuo entre os editais e, da mesma forma que podemos verificar um aumento brusco entre os anos de 2013 e 2014, nos próximos períodos há uma queda vertiginosa, especialmente em 2016, quando o programa é encerrado e seu painel para de ser atualizado. A defasagem na atualização e divulgação dos indicadores do CsF se intensifica próximo do pronunciamento do Ministro da Educação Mendonça Filho, em julho de 2016, ocasião em que anuncia o encerramento de todas as modalidades de bolsas do programa.

No balanço final do programa, que tem como marco o “Relatório de auditoria de conformidade do programa Ciência sem Fronteiras” da CAPES (2018), há um acréscimo no total de bolsas reportadas para o ano de 2016 (em relação à publicação do site do CsF), optamos por reportar esse aumento (367 bolsas) separadamente, mantendo como referência o ano de 2018 (ano da publicação do relatório). Essa diferença, possivelmente, se refere às bolsas com duração prolongada, a exemplo do doutorado pleno, e às bolsas de editais complementares, por essa razão sua implementação foi reportada apenas depois do encerramento oficialmente do programa e da última atualização do quadro de monitoramento.

Vale dizer que a conjuntura nacional, nos anos de implementação do CsF, teve forte influência no seu desenredo. De acordo com MANCEBO (2017), o Brasil passou por um acirramento político em 2013, com a massificação de protestos, seguido pelas eleições de 2014 e posterior processo de *impeachment* da Ex-Presidenta Dilma Rousseff, em 2016. A autora analisa, em seu artigo, as primeiras ações do governo do ex-presidente Michel Temer em relação ao ensino superior e os impactos que isso causou nas políticas públicas lulistas para acesso, permanência e desenvolvimento nas Universidades. Este é o cenário no qual o CsF também está inserido; em 2013, segundo ano do programa (se considerarmos sua criação em dezembro de 2011), começamos a ver o aumento de intercâmbios e a necessidade do Governo Federal de divulgar suas políticas de maior prestígio dentro e fora do país. Isso não se altera em 2014, e o CsF passa a ser um “cartão postal” mundial durante o período eleitoral. O CsF foi, inclusive, um eixo importante do Programa de Governo da ex-presidenta Dilma Rousseff para o Ensino Superior, reforçando a necessidade de se estabelecer uma política de internacionalização e **mobilidade estudantil** nas IES. É no ano eleitoral, 2014, por exemplo, que veremos a maior concentração de bolsas de estudos implementadas.

A seguir apresentaremos o número de bolsas implementadas durante os anos de vigência do CsF, 2011 a 2016, além da complementação do ano de 2018. O primeiro gráfico mostra a quantidade de bolsas implementadas totais, por ano.

Gráfico 3. Bolsas implementadas entre 2011 e 2016 no Ciência sem Fronteiras.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados disponíveis no Portal do Ciência sem Fronteiras, 2022.

Como ficou evidenciado, os anos com maior número de bolsas implementadas pela CAPES e CNPQ são os anos de 2013 e 2014, sendo que a maior concentração está em 2014. Este ano concentrou 39% das bolsas implementadas durante o período. Se somados os dois anos, temos uma taxa de cobertura de 64% do universo total de bolsas. O percentual correspondente à implementação está explicitado na **Tabela 4**.

Tabela 4. Percentual de bolsas do CsF implementadas ao longo da vigência do programa.

Ano	Bolsas implementadas	%
2011	1,825	2%
2012	12,924	14%
2013	23,894	26%
2014	35,979	39%
2015	18,160	19%
2016	98	0%
2018	367	0%
Total	93,247	100%

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados disponíveis no Portal do Ciência sem Fronteiras e Relatório de auditoria de conformidade do programa Ciência sem Fronteiras. Relatório de Auditoria AUD/BS/010/2018, 2022.

Na sequência serão exibidos dois gráficos com o número de bolsas anuais e trimestrais implementadas de forma acumulada.

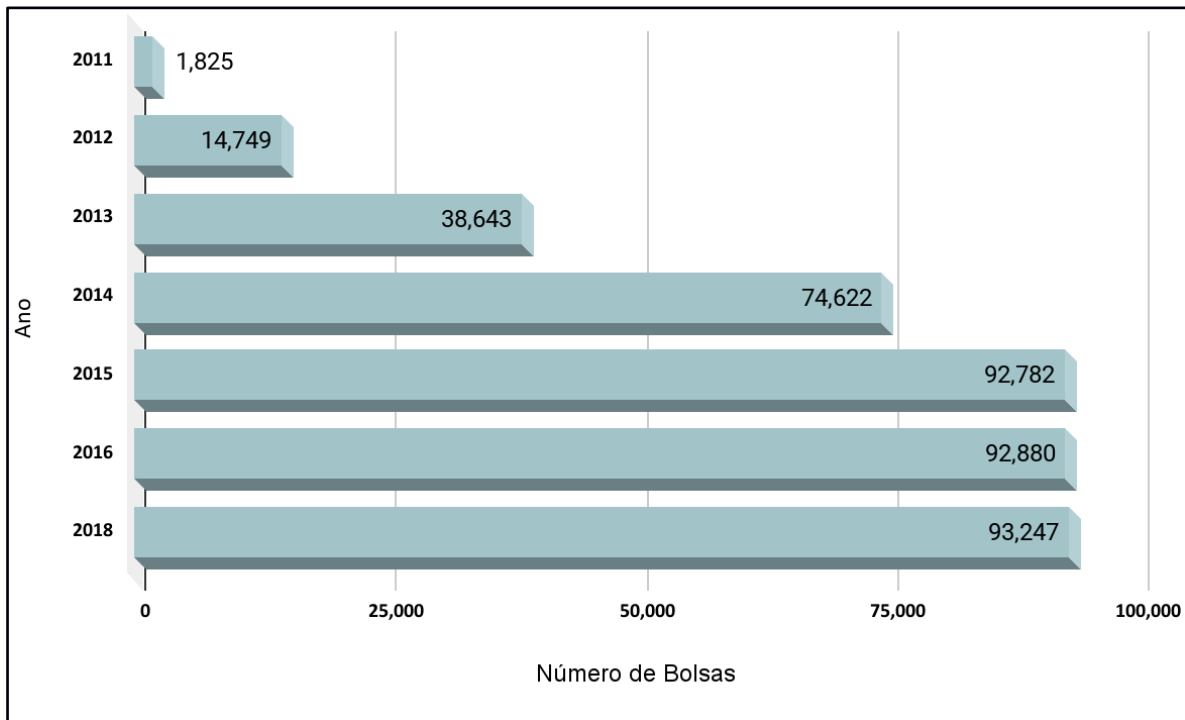


Gráfico 4. Evolução anual acumulada do número de bolsas do Ciência sem Fronteiras.

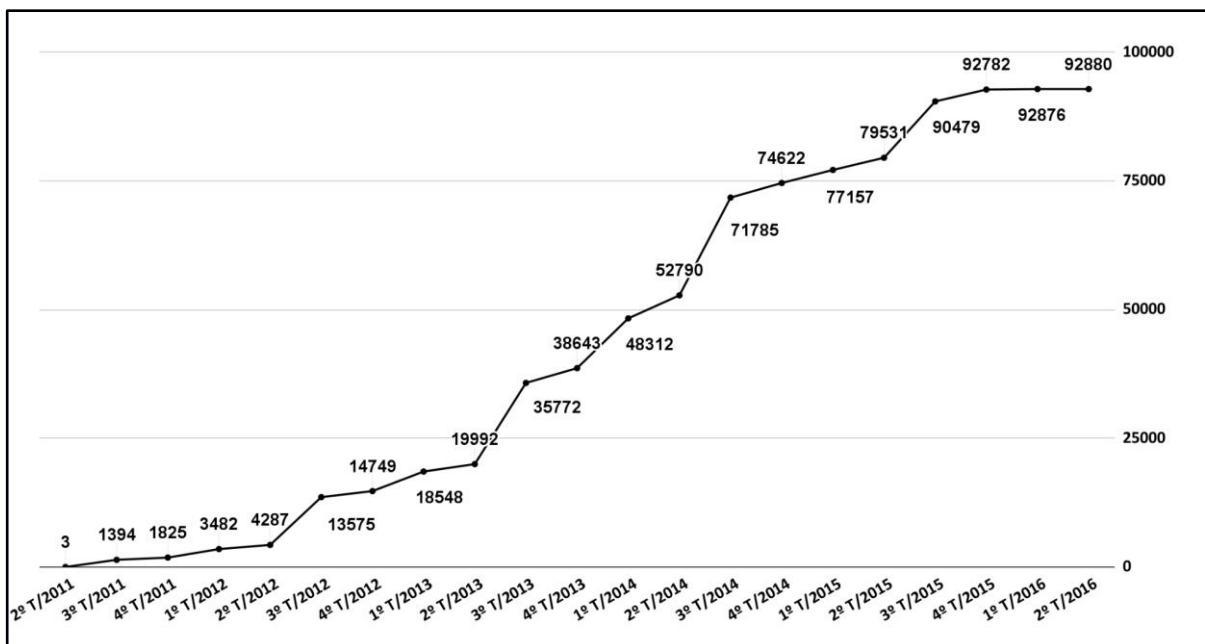
Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados disponíveis no Portal do Ciência sem Fronteiras e Relatório de auditoria de conformidade do programa Ciência sem Fronteiras. Relatório de Auditoria AUD/BS/010/2018, 2022.

O gráfico 4, apresenta os dados do “Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras”, para todas as modalidades, que tiveram sua última atualização realizada em 2016, após este período não foram identificados ajustes nos números reportados. Sabemos que entre a última publicação, no site, e o relatório final de auditoria interna da CAPES, outras 367 bolsas foram implementadas, passando de 92.880 para 93.247 bolsas. Reforçamos que essa diferença, possivelmente, está relacionada às bolsas concedidas e que foram implementadas somente após o encerramento do programa, esta complementação está sinalizada em 2018. Para este período, não há informações desagregadas sobre a implementação das bolsas em relação à: i) diferentes modalidades, ii) editais que não foram descontinuados e iii) bolsistas contemplados após o monitoramento das bolsas ter sido descontinuado. Presume-se que, em sua maioria, essas bolsas foram atribuídas aos estudantes de pós-graduação, em especial os de doutorado pleno no

exterior e pós-doutorado, que são modalidades mais extensas em termos de prazos de conclusão e retorno para o Brasil, como referido anteriormente.

Outra informação importante, trazida no relatório final de balanço da CAPES (2018), é a de que a meta apresentada no sumário executivo do programa, inicialmente, foi estabelecida em 75 mil bolsas a serem concedidas. Essa meta foi revista pela 7ª Reunião do Comitê Executivo do programa em janeiro de 2013, quando o objetivo final passou para 101 mil bolsas implementadas pela Capes e CNPq. Essa redefinição sofreu influência do programa estadunidense “100,000 Strong in the Americas”, que foi discutido na visita da ex-presidenta Dilma Rousseff ao ex-presidente dos Estados Unidos da América, Barack Obama¹⁶, em abril de 2012. Se considerarmos a meta inicial, antes da expansão de aproximadamente 25%, o programa estaria próximo de sua conclusão com 74.622 bolsas implementadas no ano de 2014. Com este acréscimo, foram necessárias incorporações de outros editais, além do esforço para o atingimento do resultado final. Na sequência, o **Gráfico 5** apresenta a evolução trimestral das implementações das bolsas, entre 2011 e 2016, até o marco das 101 mil bolsas.

Gráfico 5. Número total de bolsas implementadas, acumuladas, de 2011 a 2016.



Fonte: Elaborado pela autora, com base no Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras, 2022.

¹⁶ O encontro foi reportado em diversos meios de comunicação, a exemplo trazemos a matéria publicada no G1. BBC Brasil. **Nos EUA, Dilma defende 'agenda do século 21', mas velhos temas ainda incomodam.** Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/04/nos-eua-dilma-defende-agenda-do-seculo-21-mas-velhos-temas-ainda-incomodam.html> Acesso em: 01 de julho de 2022.

Segundo as informações disponíveis no Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras, os grandes saltos dos atendimentos, a nível federal, ocorreram entre o 2º e 3º trimestre dos anos de 2013 e 2014. Em 2013, o programa partiu de 19.922 para 35.772 bolsas, ou seja, foram implementadas 15.850 bolsas em apenas três meses. Já em 2014, as implementações foram ainda maiores, passaram de 52.790 para 71.785 bolsas implementadas, um crescimento de 18.995 bolsas em um trimestre. Estes dois períodos de incorporação podem ser lidos a partir do aumento de aproximadamente 79% e 35% no número de bolsas efetivadas, respectivamente.

Refletir sobre a evolução das implementações das bolsas, sob a ótica dos dados trimestrais, é um exercício de compreensão, também, sobre o acúmulo de trabalho dos servidores da CAPES e do CNPQ. Os dados são evidências sobre como a implementação acelerada impacta a rotina interna das instituições e conseqüentemente afetou os controles internos. Em mais de uma ocasião foram relatados acúmulos e dificuldades em relação à gestão dos processos de acompanhamento dos bolsistas, o que resultou em falhas processuais ao longo da distribuição e do monitoramento das bolsas. Retiramos o trecho a seguir do artigo “Ciência sem Fronteiras busca parceria com empresas internacionais na Câmara Americana de Comércio” (AMCHAM-Brasil) que explicita essa questão:

As agências CNPq e Capes, apesar de terem muita experiência com mobilidade acadêmica internacional, não tinham executado nenhum programa nas proporções do CsF anteriormente. Ambas precisaram se adaptar para atender aos bolsistas, às IES, aos parceiros, às demandas do governo brasileiro, além de muitas outras tarefas e atividades, inclusive avaliação, balanço e aferição de resultados. Uma das críticas que despontaram com relação a atuação das agências foi sobre sua restrita estrutura e a falta de funcionários para a execução mais ágil de todo o processo. Marileide Maria Augusto Vieira, coordenadora de bolsas da Capes, chegou a problematizar como foi realizada a divisão entre as agências no intuito de otimizar os trabalhos: ‘Nessa divisão, a **Capes ficou encarregada de direcionar as bolsas de graduação sanduíche para os EUA e o CNPq, para o resto do mundo.** A Capes e o CNPq trabalham juntos, mas, como temos poucos recursos e funcionários, fizemos essa divisão’ (Ciência sem Fronteiras, 2012 - b37, grifo nosso).

De forma sintética, para arrematar e qualificar este subcapítulo, podemos olhar para os dados produzidos sobre o CsF de forma qualitativa, contextualizando sua implementação e os elementos externos de cada período. Neste sentido, criamos três categorias para subdividir o CsF em fases: 1) fase piloto (entre 2011 e 2012), 2) fase de ascensão e agigantamento (2013 e 2014) e 3) fase de declínio e encerramento (2015 e 2016).

Na fase piloto do CsF foram selecionados estudantes que já desenvolviam pesquisas e estavam inseridos em outros projetos financiados pela Capes e pelo CNPq. Os 1.825

graduandos contemplados foram selecionados a partir de critérios de desempenho, apresentando alto rendimento acadêmico nos projetos de iniciação científica (IC) e nas disciplinas curriculares. Vale dizer que a seleção por meio dos editais e chamadas públicas são iniciados, apenas, a partir da publicação do Decreto Nº 7.642/11, na segunda metade da fase piloto, ou seja, em 2012. Neste período, sustentava-se o discurso de que as IES escolhidas, como parceiras para receberem os 12.924 bolsistas (2012), deveriam ser selecionadas a partir de sua classificação nos rankings internacionais, tais como o *Times Higher Education World University Rankings (THE)* e o *QS World University ranking* (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013).

Sabemos que nos períodos subsequentes o critério sobre os rankings internacionais foi flexibilizado, em outras palavras, foram selecionadas, também, instituições que: 1) mantinham cooperação com Universidades brasileiras de forma prévia, 2) instituições indicadas pelos governos dos países que mantinham relações comerciais e diplomáticas com o Brasil e 3) instituições filiadas às associações e/ou agentes intermediários internacionais, que não necessariamente estavam classificados nestes indexadores. Mais à frente discutiremos o papel dos rankings internacionais na formulação e na implementação do CsF, por ora, nos limitamos ao fato de que este critério foi altamente questionado frente ao adensamento significativo das convocatórias do programa, e, em especial, foi contestado por países e instituições parceiras, de longa data, que não estavam classificadas com as métricas e escalas da indexação de mérito internacional. Um destes casos foi o das Universidades alemãs, problematizado no artigo “Alemanha quer atrair alunos da UNB por meio do Ciência sem Fronteiras” (Ciência sem Fronteiras, 2012). Ilustramos o caso a partir do trecho em destaque:

Outra preocupação compartilhada pelas autoridades alemãs e a UnB se refere ao ranking internacional de instituições, utilizado como referência para as parcerias do governo brasileiro no programa de concessão de bolsas. No caso das Universidades alemãs, elas não estão submetidas à avaliação. ‘Essa hierarquia não dá conta das qualidades de áreas de pesquisa das nossas instituições’, criticou Margret. ‘No Brasil, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) avalia e pontua os programas de pós-graduação, e a UnB está entre as melhores instituições. Esse quadro serve como referência ao mapeamento dos programas que estejam vinculados às áreas prioritárias do Ciência sem Fronteiras’, sugeriu Célia Ghedini Ralha, representante do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação (DPP). (Ciência sem Fronteiras, 2012 - b69)

Já a segunda fase, que categorizamos como “ascensão e agigantamento” do programa e compreende o período entre 2013 e 2014, é o ápice do Ciência sem Fronteiras. Em contrapartida, é o período em que, internamente, CAPES e CNPq encontram as maiores dificuldades na gestão dos editais, parceiros e bolsas, além de, no contexto nacional, o Brasil

passar pela instabilidade dos protestos de rua e pelas eleições presidenciais, como já foi mencionado anteriormente. É neste intervalo, inclusive, que o número de postulantes e ingressantes dos editais para os Estados Unidos da América cresce em proporções espantosas. Aprofundaremos esta reflexão no subcapítulo sobre os “editais e chamadas públicas para a concessão de bolsas”. Apenas um aparte, um fato curioso, relacionado aos editais e convocatórias, é que a concentração de bolsas implementadas está, sempre, entre o segundo e terceiro trimestre, pois refletem a necessidade de adequar o calendário letivo brasileiro com o dos demais países, especialmente o dos EUA onde as aulas são iniciadas entre agosto e setembro.

Na última fase, que chamamos de “declínio e encerramento”, o CsF foi congelado (setembro de 2015) e encerrado (2016). No saldo acumulado o programa atingiu 92.782 bolsas implementadas, até a última atualização do site do CsF em 2016, posteriormente, este saldo foi ajustado para 93.247 bolsas implementadas, de acordo com o relatório de auditoria interna da CAPES (2018). O quadro final ficou próximo à meta estipulada de 101 mil bolsistas, mesmo com o congelamento e encerramento do programa.

Nesta fase, existiram tentativas de tornar o programa uma política pública de internacionalização e mobilidade acadêmica permanentes. Tais iniciativas confluíram na elaboração do Projeto de Lei do Senado N. 798, no entanto, o projeto não progrediu.

Ainda que o foco deste estudo não seja avaliar a implementação das bolsas por área de concentração e origem dos bolsistas, acreditamos que estes dados podem acrescentar informações sobre o perfil dos intercambistas, além de contribuir na análise sobre a distribuição dos recursos do CsF, nacionalmente. Fizemos, também, a contraposição destes dados oficiais com a pesquisa realizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas (Sibi - USP) sobre o financiamento da pesquisa no Brasil. Neste sentido, apresentamos a Tabela 5 e Gráfico 6 com a dispersão de bolsas por área de concentração do CsF e a **Tabela X1** e a Figura 2 com a origem dos bolsistas. Ressaltamos que as informações são apresentadas a partir dos dados consolidados de todas as modalidades de intercâmbio e que foram catalogadas até a última atualização do portal do CsF (2016).

Tabela 5. Distribuição total de bolsas por área de concentração.

ÁREA	BOLSAS	%
Engenharia e demais áreas tecnológicas	41,502	45%
Biologia, ciências biomédicas e saúde	15,966	17%
Indústria Criativa	8,048	9%
Ciências exatas e da terra	7,201	8%

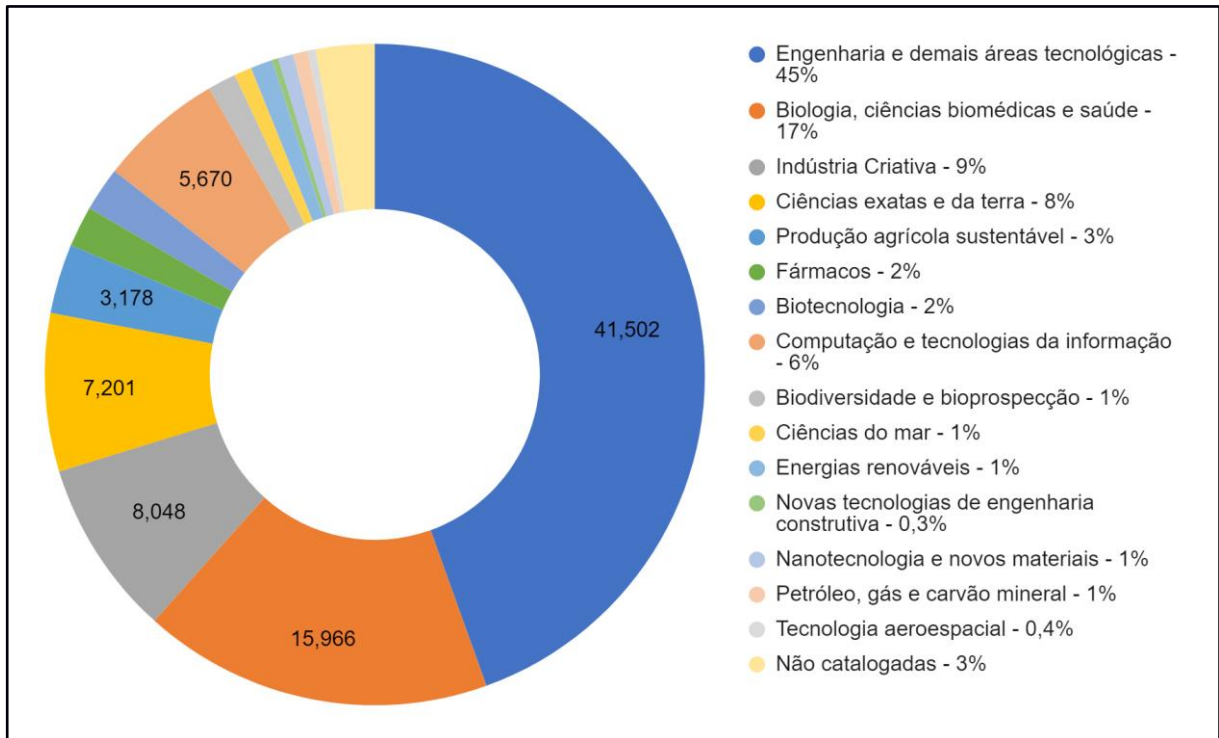
Produção agrícola sustentável	3,178	3%
Fármacos	1,854	2%
Biotecnologia	2,019	2%
Computação e tecnologias da informação	5,670	6%
Biodiversidade e bioprospecção	1,303	1%
Ciências do mar	793	1%
Energias renováveis	996	1%
Novas tecnologias de engenharia construtiva	302	0%
Nanotecnologia e novos materiais	688	1%
Petróleo, gás e carvão mineral	676	1%
Tecnologia aeroespacial	362	0.4%
Não catalogadas	2,689	3%
Total de bolsas catalogadas	90,558	97%
Total de bolsas implementadas	93,247	100%

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados do Portal do Ciência sem Fronteiras. Painel de controle dos bolsistas, 2018.

A partir dos dados apresentados, nota-se que a maior concentração de estudantes está na área das engenharias e demais áreas tecnológicas, seguido pela área da Biologia, ciências biomédicas e saúde. Essas duas áreas concentraram 62% do total de bolsistas. Outra área que absorveu um contingente maior de estudantes foi a categoria da indústria criativa, esta categoria acabou sendo uma das mais versáteis e incorporou projetos multidisciplinares. Por outro lado, áreas estratégicas de grande interesse para o desenvolvimento da indústria nacional, à época, como Petróleo e gás, ciências do mar e fármacos, juntas, não chegaram a representar 5% do total de bolsas implementadas, conseqüentemente do investimento realizado pelo programa.

Essa informação fica mais evidente no Gráfico 6. ilustrado abaixo.

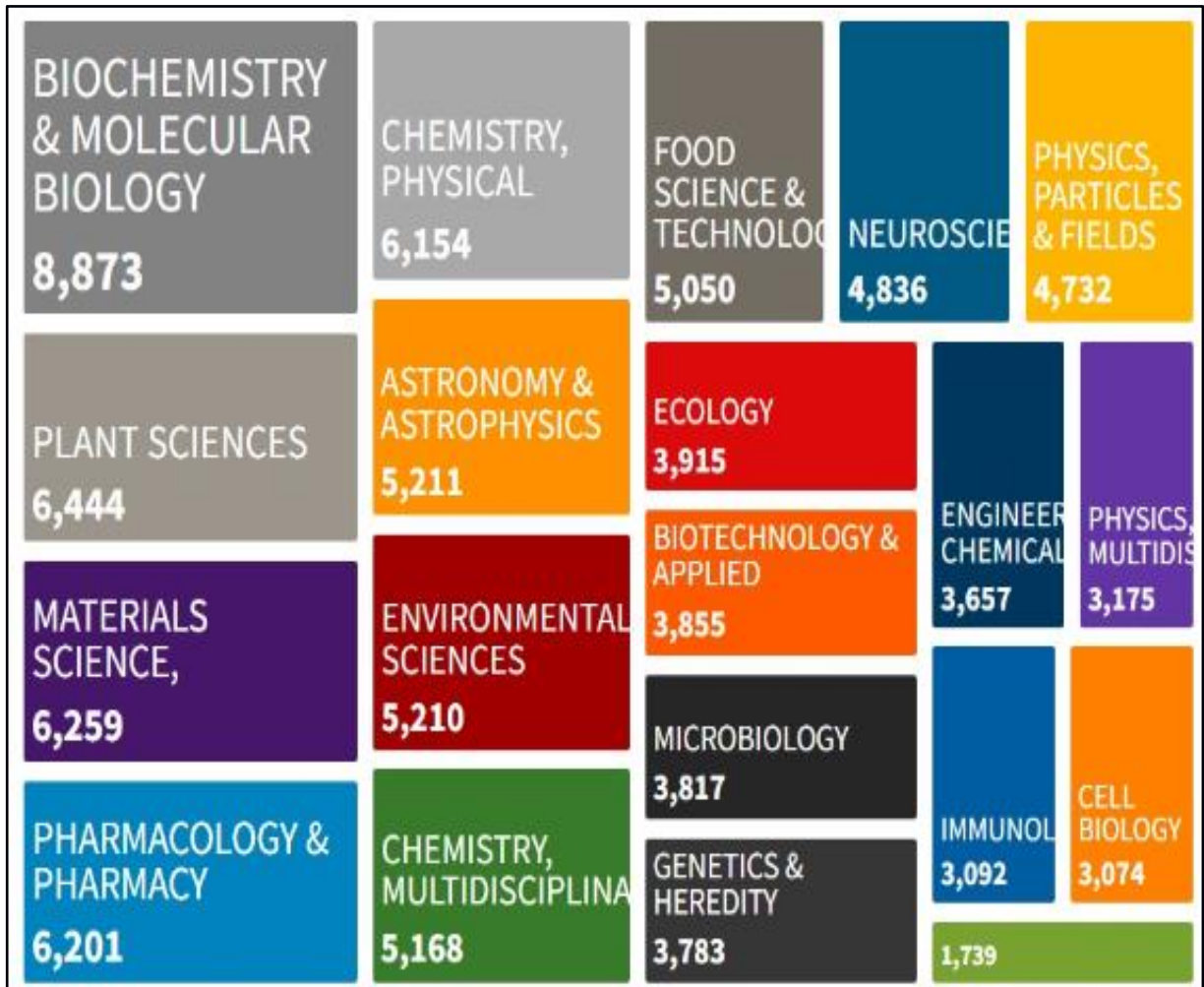
Gráfico 6. Distribuição total de bolsas por área de concentração.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados do Portal do Ciência sem Fronteiras. Painel de controle dos bolsistas, 2018.

Uma pesquisa produzida pelo Sistema Integrado de Bibliotecas (Sibi) da USP (2018) mostra que os principais financiadores de pesquisa no Brasil, entre 2011 e 2018, foram as agências públicas. Segundo o estudo, o financiamento das pesquisas, no Brasil, está ligado “[...] direta ou indiretamente aos ministérios brasileiros e são: CNPq, Finep, Capes, FNDCT, BNDES, além das agências estaduais que constituem as FAPs – Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa agrupadas no Confap.” (DUDZIAK | Sibi (?), 2018). Dentre as entidades, CNPq, CAPES e FAPESP são, reconhecidamente, as agências que fizeram o maior aporte de recursos. No período, são estas instituições as mais citadas em pesquisas publicadas e indexadas na *Web of Science*. Os dados, deste levantamento, foram retirados da Plataforma *InCites* e revelam, entre outras coisas, as áreas de concentração com maior quantidade de publicações indexadas. A seguir reproduzimos na **Figura 1**. a concentração de publicações em áreas de pesquisa a fim de contrapor com a concentração de bolsas concedidas para todas as modalidades do CsF.

Figura 1. Concentração das publicações brasileiras por áreas de pesquisa.



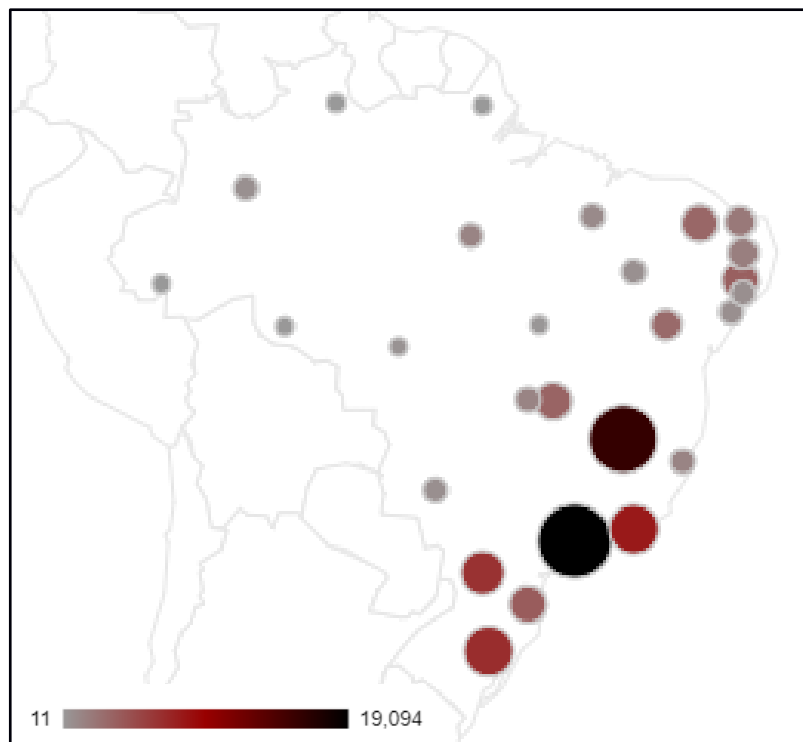
Fonte: DUDZIAK E.A. (2018). InCites Analysis of Funding Agencies Brazil and Universidade de Sao Paulo [Data set]. Zenodo. <http://doi.org/10.5281/zenodo.1317042>. (<https://jornal.usp.br/Universidade/levantamento-mostragem-financia-a-pesquisa-no-brasil-e-na-usp/>).

As publicações da *Web of Science* estão organizadas, internacionalmente, em 240 categorias. No Brasil, de acordo com o levantamento do Sibi, a maioria das publicações, por investimento em áreas de pesquisa, está concentrada em: i) Bioquímica e biologia molecular, ii) Ciências da terra, iii) Ciência dos materiais e multidisciplinar, iv) Farmacologia e farmácia, v) Química e física e vi) Engenharia, elétrica e eletrônica. Por sua vez, as bolsas implementadas no CsF confirmaram esta tendência de concentração, privilegiando as áreas de: i) Engenharia e demais áreas tecnológicas, ii) Biologia, ciências biomédicas e saúde, iii) Indústria Criativa, iv) Ciências exatas e da terra e v) Computação e tecnologias da informação. Com exceção da categoria “Indústria Criativa”, as demais áreas de pesquisa seguem uma tendência histórica de maior aporte de recursos. Os dados expõem a fragilidade do planejamento e da implementação do CsF para criar outras estratégias de concessão e implementação de bolsas que viabilizassem

uma maior produção de pesquisas para setores estratégicos e de grande interesse para o desenvolvimento da economia nacional, como Petróleo e gás, ciências do mar e fármacos, como já foi dito.

Em relação à concentração de bolsas implementadas por estado, a **Figura 1.** mostra como se deu este processo, a partir da UF de origem da IES no Brasil, em todas as modalidades de financiamento.

Figura 2. Concentração de bolsas implementadas por estado.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados do Portal do Ciência sem Fronteiras. Painel de controle dos bolsistas, 2018.

Constatamos que as bolsas de estudos, de todas as modalidades, estão concentradas, predominantemente, na região sudeste e sul do Brasil. Como veremos na **Tabela 6.** a região sudeste concentra aproximadamente 48% das bolsas e a região sul 18%, ou seja, no eixo sul-sudeste temos uma concentração de 66% de todas as bolsas implementadas.

Tabela 6. Distribuição de bolsas do CsF por estado de origem.

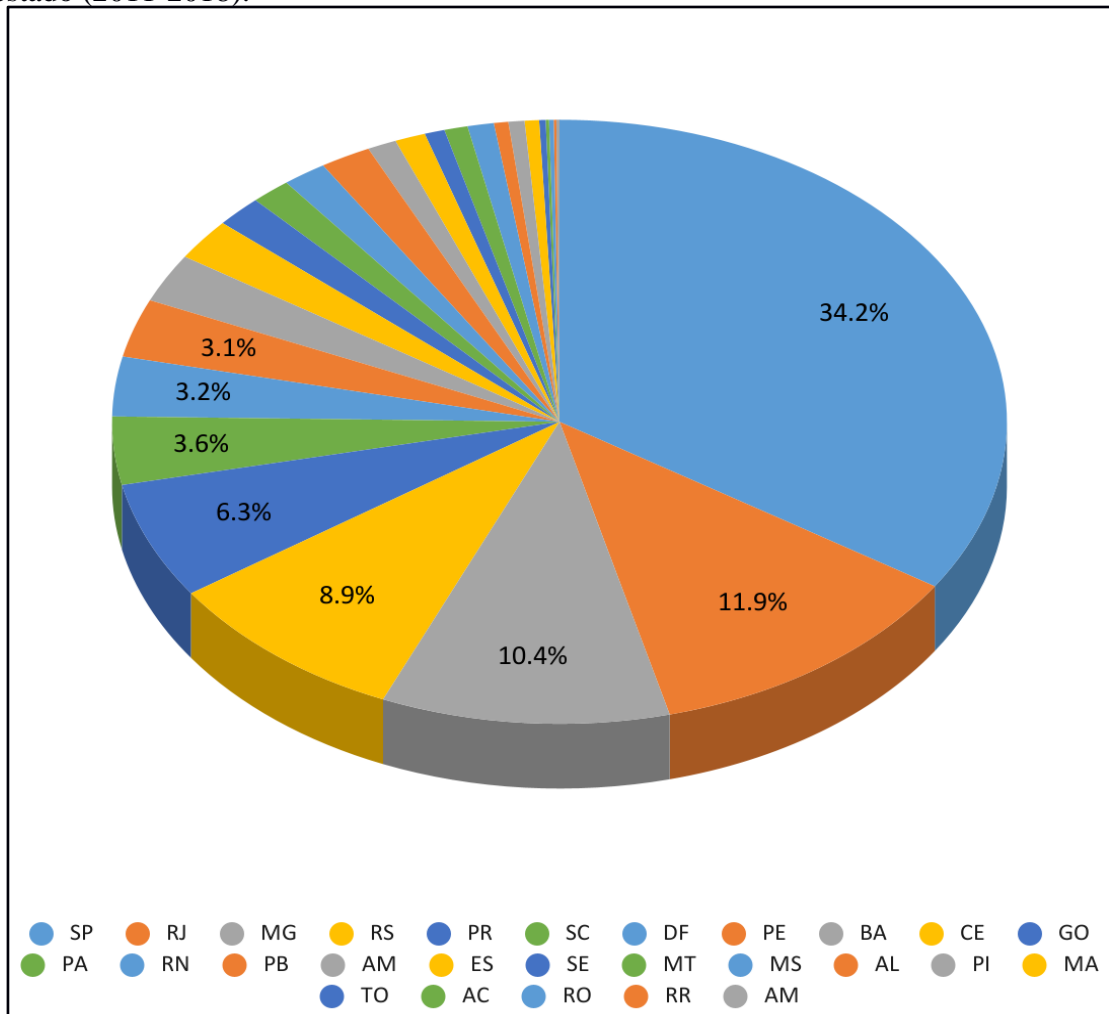
ESTADO	BOLSAS	%
São Paulo	19,094	20%
Minas Gerais	15,882	17%
Rio de Janeiro	8,024	9%
Rio Grande do Sul	6,719	7%

Paraná	6,443	7%
Santa Catarina	3,794	4%
Pernambuco	3,578	4%
Distrito Federal	3,304	4%
Ceará	3,100	3%
Bahia	2,961	3%
Rio Grande do Norte	1,991	2%
Paraíba	1,653	2%
Goiás	1,304	1%
Espírito Santo	1,333	1%
Pará	1,306	1%
Maranhão	959	1%
Sergipe	662	1%
Piauí	603	1%
Mato Grosso do Sul	620	1%
Alagoas	619	1%
Amazonas	571	1%
Mato Grosso	400	0%
Tocantins	175	0%
Rondônia	61	0%
Roraima	32	0%
Amapá	16	0%
Acre	11	0%
Não Informado	1,676	2%
Exterior	6,356	7%
Classificadas	91,571	98%
Total	93,247	100%

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados do Portal do Ciência sem Fronteiras. Painel de controle dos bolsistas, 2018.

Sabemos que a concentração de recursos, disponibilizados por meio de agências financiadoras, programas, bolsas e subsídios, ainda hoje, estão centralizadas nas Universidades das regiões sul e sudeste do Brasil. Nos artigos publicados pelo Sibi, confirmamos que no período entre 2011 e 2018 “O Estado brasileiro com maior produtividade e financiamento é São Paulo, seguido do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná.” (DUDZIAK, 2018 ?). A análise sobre a distribuição de recursos em relação às publicações no *Web of Science*, feita pelo Sibi, não difere da distribuição de recursos para as bolsas do CsF a partir do estado de origem da IES. Abaixo disponibilizamos o **Gráfico 7** sobre a distribuição percentual de documentos publicados de projetos financiados por estado.

Gráfico 7. Distribuição percentual de documentos publicados de projetos financiados por estado (2011-2018).



Fonte: DUDZIAK E.A. (2018). InCites Analysis of Funding Agencies Brazil and Universidade de São Paulo [Data set]. Zenodo. <http://doi.org/10.5281/zenodo.1317042>

A partir da comparação entre os dados do Sibi e do CsF, em série histórica, entendemos que o programa não adotou políticas de descentralização de recursos e de fomento ao desenvolvimento da pesquisa, da internacionalização, da mobilidade acadêmica e da criação de redes internacionais em Universidades de outras regiões, fora do eixo sul-sudeste. A política reforçou as assimetrias financiando, em sua maioria, estudantes matriculados em IES brasileiras que são tradicionalmente reconhecidas pela alta produtividade acadêmica. Mesmo que estudos, dos participantes do CsF, apontem para as oportunidades geradas em outras IES, fora do eixo sul-sudeste, como em alguns casos de Universidades Federais, fica evidente que o aporte mais substancial de recursos realizado pelo programa foi nas regiões onde se localizam as instituições que já possuíam um processo de internacionalização, mobilidade acadêmica e produção científica mais cristalizados.

Assim como no levantamento realizado pelo Sibi (2018), os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná foram os que mais concentram recursos, bolsas e publicações a partir do financiamento das principais instituições públicas de fomento no Brasil.

Em síntese, podemos fazer algumas afirmações sobre a implementação das bolsas do CsF. A execução ocorreu em três fases distintas, com características próprias: i) fase piloto, ii) fase de ascensão e iii) fase de declínio. A fase piloto ocorreu com uma seleção de bolsistas de forma mais criteriosa, em menor número e mais restritas a algumas IES estrangeiras bem classificadas nos rankings internacionais. A fase de ascensão se deu em larga escala, num momento de grandes protestos de rua e de eleições presidenciais. O programa foi utilizado como um símbolo de prosperidade e de desenvolvimento frente ao cenário nacional e internacional. O volume de bolsas desta fase sobrecarregou as agências financiadoras (CAPES e CNPq), em suas atividades internas. Também foi o momento em que os critérios de seleção dos bolsistas foram flexibilizados e houve a necessidade de investir em cursos de idiomas, especialmente, de língua inglesa para os estudantes. É neste período que aumentam, significativamente, o número de IES estrangeiras participantes sem que estas, necessariamente, estejam bem classificadas nos rankings internacionais. Por fim, a fase de declínio foi o momento em que o programa foi descontinuado. A maior parte das bolsas concedidas e ativas foram mantidas, mas não houveram outras chamadas. Editais aderentes ao CsF foram usados para atingir a meta global do programa. Na ocasião, existiram discussões no âmbito da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática (CCT) do Senado Federal com o intuito de realizar um balanço sobre o programa para que este se tornasse uma política de internacionalização e mobilidade acadêmica de estado (PL 798/2015 - Senado Federal), no entanto a iniciativa não prosperou.

Por fim, podemos dizer que, nas três fases do programa, houve uma ausência de planejamento, para além da definição de metas globais por modalidade. A forma como foram distribuídas as bolsas por área de concentração, por exemplo, fez com que o investimento ficasse acumulado nas engenharias e ciências biológicas, sem que houvesse um esforço para equilibrar as demais áreas atendidas, o que reduziu a possibilidade de formar estudantes que atendessem às necessidades estratégicas de desenvolvimento técnico e econômico nacionais em outros setores contemplados pelo CsF. Por fim, a concentração de bolsas localizadas no eixo sul-sudeste também limitou o desenvolvimento e a criação de redes internacionais em outras IES brasileiras, uma vez que, estas, tiveram participação mais restrita.

Partiremos deste panorama de implementação geral das bolsas para discutir como o Ciência sem Fronteiras foi executado nos EUA, na modalidade de graduação-sanduiche, e como os recursos, possivelmente, foram distribuídos entre as IES parceiras.

1.2.3 Editais e chamadas públicas para a concessão de bolsas de Graduação-Sanduiche (SWG).

Com 104 editais públicos para concessão de bolsas de graduação-sanduiche, o Ciência sem Fronteiras chegou a aproximadamente 258 mil inscrições com destino a 30 países, apenas para graduandos¹⁷. Segundo o Ministério da Educação (2016), a última seleção para o programa foi realizada em 2014, as bolsas, no entanto, só foram implementadas e os bolsistas enviados para o exterior em 2015.

Os dados disponíveis no portal de acesso à informação do Governo Federal, que atualmente hospeda o CsF, confirmam que as chamadas foram limitadas ao ano de 2014, no entanto, não há informações adicionais sobre a inclusão de bolsistas após este período ou sobre as demais modalidades que tiveram bolsas implementadas. Entendemos que os editais de programas aderentes podem ser os responsáveis por esta complementação, assim como as chamadas de doutorado sanduiche, doutorado pleno e pós-doutorado¹⁸. Há uma carência dupla sobre essas informações, elas não estão disponibilizadas de forma consolidada, tampouco é possível acessar uma base com os microdados.

Mesmo encerrado, ainda hoje, temos dificuldades de encontrar dados sobre o CsF. Algumas informações são sigilosas, como o caso dos valores cobrados pelas instituições estrangeiras para receberem os bolsistas. Outras informações estão indisponíveis, como o caso da relação de editais de programas aderentes usados para atingir as metas globais do CsF. Plataformas como o “Portal Brasileiro de Dados Abertos”, o “Painel de investimentos - CNPq”, além do próprio “Painel de controle do CsF”, encontram-se desativadas. Nos casos em que as entidades provedoras de informação garantam acesso à série histórica, atualizadas até 2014,

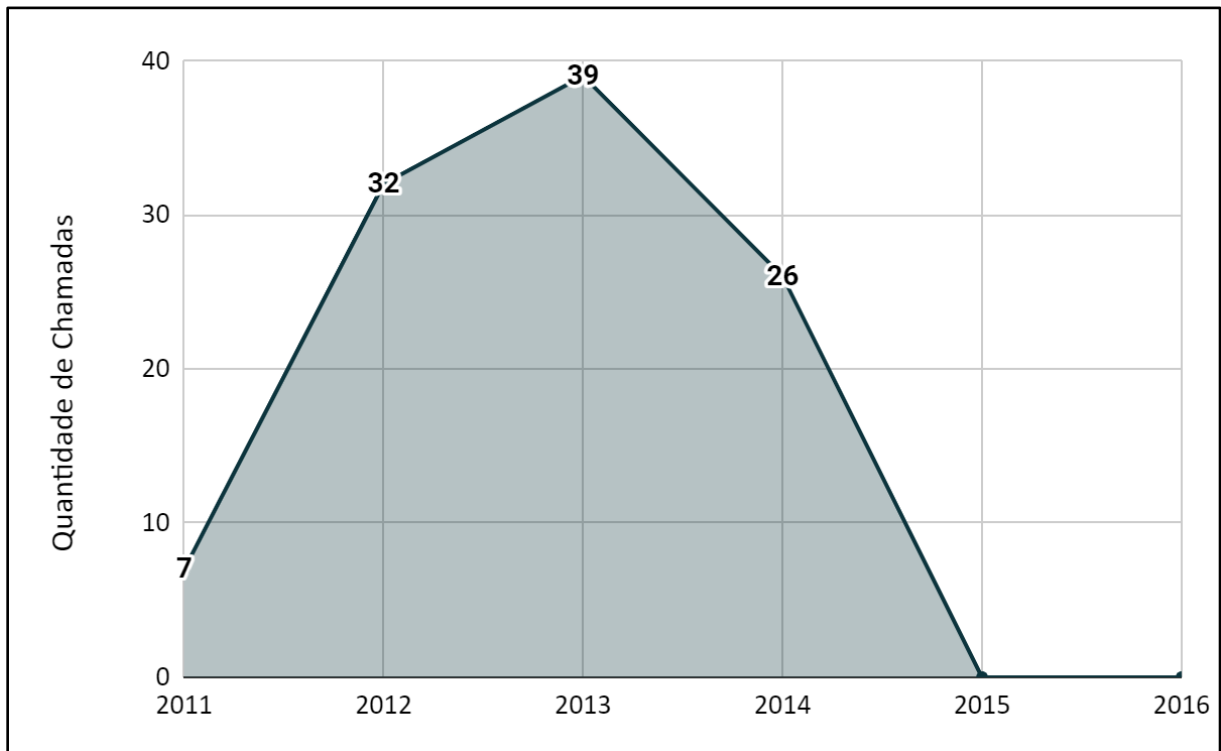
¹⁷ A relação completa das chamadas de graduação-sanduiche estão apresentadas no ANEXO A - Editais e chamadas públicas para SWG e estão disponíveis em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/ciencia-sem-fronteiras/bolsistas-e-investimentos-1/dados-chamadas-graduacao-sanduiche>

¹⁸ De acordo com o relatório de auditoria interna da CAPES (2018), apenas a modalidade de Doutorado no exterior possuía bolsas vigentes em 2018, totalizando 547 bolsas. É possível acompanhar, também, no portal da transparência que até o ano de 2019 foram pagos valores de compromissos dos anos anteriores, neles há uma relação de pessoas físicas, bolsistas, que seguiram com suas atividades no exterior, mesmo após o encerramento do CsF.

como o caso do “Portal Brasileiro de Dados Abertos”, os documentos já não podem ser acessados. Isso também ocorre com o Portal da Transparência do Governo Federal, mas abordaremos esta questão mais adiante.

Das informações oficiais, às quais tivemos acesso, disponibilizamos no **Gráfico 8**, abaixo, a concentração de chamadas públicas de graduação-sanduiche por ano de lançamento.

Gráfico 8. Número de chamadas públicas de graduação-sanduiche por ano de lançamento.

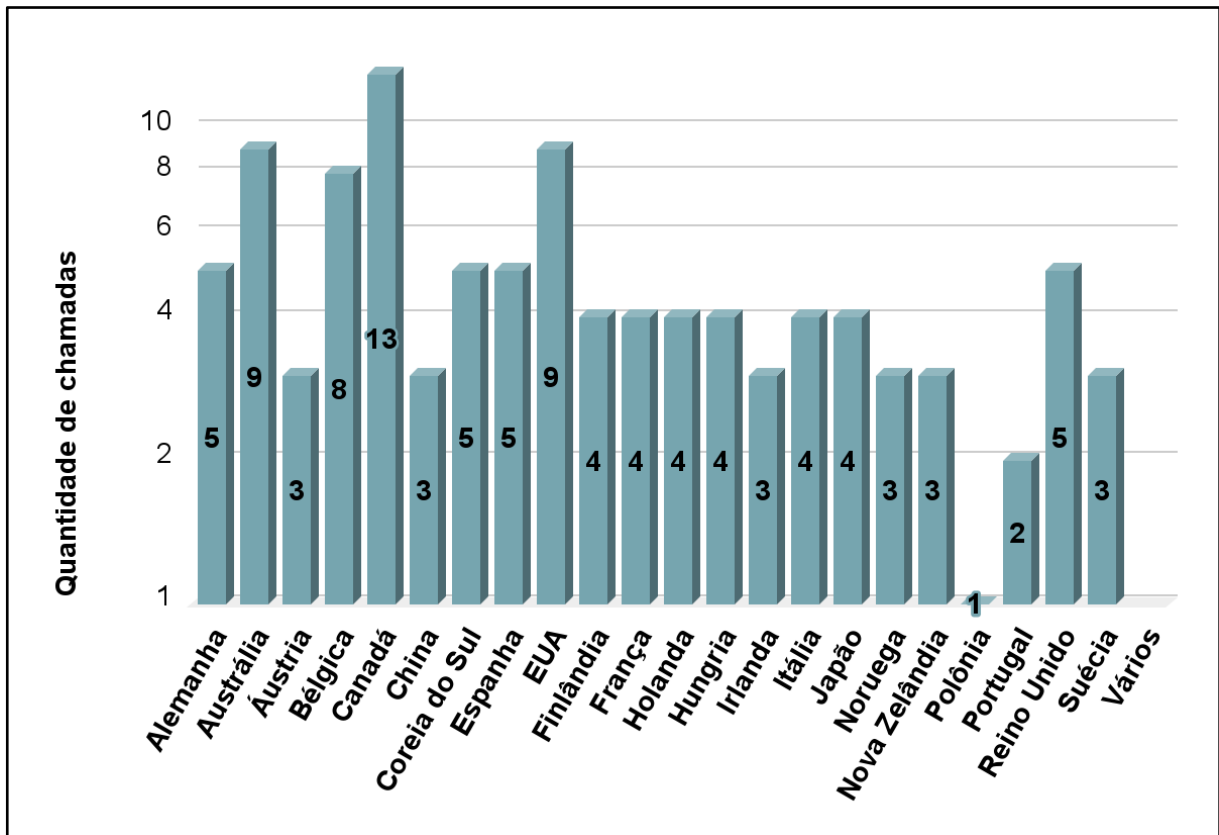


Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados obtidos no Portal do Ciência sem Fronteiras, 2018.

Como fica evidente, o salto quantitativo em relação ao número de editais é grande entre 2012 e 2013. O programa que iniciou seu processo de mobilidade acadêmica com 7 chamadas direcionadas em 2011 (fase do projeto piloto), passou a ter uma média de aproximadamente 30 editais nos três anos subsequentes, com auge de 39 chamadas em 2013 e redução para 26 em 2014. Essa é, também, uma informação que reforça a sobrecarga da CAPES e do CNPq frente a demanda de trabalho para materializar os intercâmbios. Essa relação ficará ainda mais evidente quando apresentarmos o número de inscritos que foram avaliados dentro dos editais.

Começamos apresentando a diferença na distribuição dos editais de graduação-sanduiche entre os países parceiros, receptores dos intercambistas, no **Gráfico 7**.

Gráfico 9. Quantidade de chamadas de graduação-sanduíche por país de destino.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados obtidos no Portal do Ciência sem Fronteiras, 2018.

Dentre os trinta países que receberam estudantes de graduação, foram abertos editais direcionados para apenas vinte e dois, os demais foram contemplados em chamadas múltiplas ou editais aderentes que não foram catalogados. É possível inferir que há paridade no número de chamadas entre quatorze países parceiros, estes tiveram entre 1 e 4 editais atendidos. Esta proporcionalidade, na seleção e envio dos bolsistas para as Universidades durante o tempo de vigência do CsF, ocorre na maioria dos casos. Existe, também, uma faixa intermediária, onde estão países como Alemanha, Coreia do Sul, Espanha e Reino Unido. Estes países apresentaram cinco chamadas para seleção e envio de bolsistas; não estão entre os que mais realizaram chamadas, mas se destacam em relação aos demais. Com exceção da Coreia do Sul, que tem ganhado posições no número de envio e de atração de intercambistas nos últimos anos, os demais países têm tradição na atração de bolsistas brasileiros e histórico de parcerias consolidadas com as Universidades brasileiras.

Para estes vinte e dois países as chamadas parecem manter um equilíbrio ao longo do tempo, em contrapartida, desperta a atenção o número expressivo de editais, no mesmo período, para apenas quatro países: Austrália, Bélgica, Canadá e Estados Unidos. Dentre os mais

cotados, Canadá concentrou o maior número de chamadas, totalizando treze editais, foi seguido por Austrália e Estados Unidos, com nove editais, e pela Bélgica, com oito editais.

Parte dessa concentração pode ser explicada pelo número de agentes intermediários que estavam à frente das negociações com o governo brasileiro. Em relação a estas agências, que viabilizaram os editais, sabemos que a Austrália contou com dois representantes, a Go8 (consórcio de oito Universidades australianas) e ATN (*Australian Technology Network* - consórcio de seis Universidades australianas).

A Bélgica teve quatro grandes recrutadores durante o CsF, foram eles: CIUF (Conselho Interuniversitário da Comunidade Francesa - oito Universidades); VLIR (escritório para mobilidade); o VLUHR (*Vlaamse Universiteiten en Hogescholen Raad* - escritório para mobilidade) e ARES (*Académie de Recherche D'Enseignement Supérieur* - Federação dos estabelecimentos de ensino superior de língua francesa na Bélgica). A quantidade de instituições intermediárias envolvidas explica o número de editais acima da média dos demais países, no entanto esta superioridade numérica em relação às chamadas não garantiu maior atratividade em relação aos demais países. A Bélgica fica em décima quinta posição quando examinamos o número de bolsas implementadas de SWG.

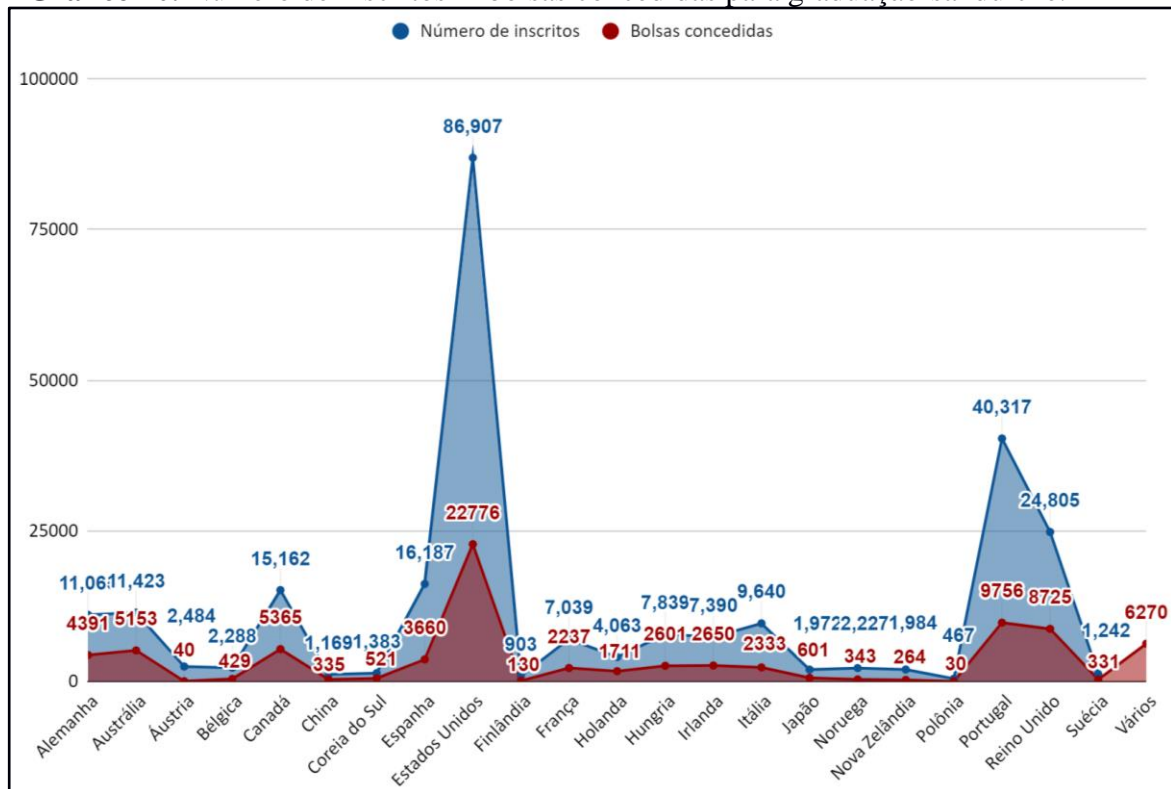
O Canadá, por sua vez, também dispôs de quatro intermediários para executar a logística de mobilidade, foram eles: ACC (não foi possível encontrar informações sobre a entidade), CBIE (*Canadian Bureau for International Education* - escritório para mobilidade), CALDO (consórcio de oito Universidades para mobilidade acadêmica) e CIC (*Canadian Immigration and Citizenship* - escritório para mobilidade). O Canadá foi o país com o maior número de editais abertos e o engajamento dos recrutadores fez com que o número de bolsistas de SWG ficasse atrás apenas dos Estados Unidos, Portugal e Reino Unido.

Por fim, e mais importante para este estudo, os Estados Unidos foi representado por três instituições intermediárias, foram elas: IIE (*Institute of International Education* - escritório para mobilidade acadêmica / em parceria com a *Fullbright*), NOVA (*Northern Virginia Community College* - Associação de *Community Colleges*) e HBCU (*Historically Black Colleges and Universities* - Universidades e *Colleges* para negros). Merece destaque, neste conjunto de intermediários, a HBCU que durante o programa representava trinta e uma instituições de ensino superior entre Universidades e *Colleges*, segundo o portal do Ciência sem Fronteiras (2016). Os EUA lideraram os indicadores do CsF em todas as variáveis, número de chamadas, número de bolsistas, investimento e inclusive foi o único país que recebeu a modalidade de mestrado profissional entre os bolsistas.

Sabemos que o número de intermediários influenciou no direcionamento dos editais do CsF, mas isso não significou, necessariamente, que os países com maior número de editais tenham conseguido reverter a maior quantidade de bolsas, como no caso da Bélgica.

Para além da concentração dos editais, por país de destino, e do número de representantes que mediarão os intercâmbios junto ao governo brasileiro, entendemos ser fundamental analisar a relação entre o número de inscritos nos editais de graduação-sanduiche em contraposição ao número efetivo de bolsas concedidas. Essa relação está apresentada no **Gráfico 10**.

Gráfico 10. Número de inscritos x bolsas concedidas para graduação-sanduiche.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados obtidos no Portal do Ciência sem Fronteiras, 2018.

Quando analisamos o gráfico, que traça a relação entre número de inscritos e de bolsas implementadas, vemos que a quantidade de editais e de organizações intermediárias não tem uma relação direta com a quantidade de estudantes de graduação-sanduiche contemplados em cada país. A Bélgica, por exemplo, que teve o maior número de parceiros implementadores, foi contemplada com 429 bolsas e atingiu pouco mais de duas mil inscrições. Por outro lado, Portugal que contou com apenas um agente intermediador recebeu mais de quarenta mil inscrições e foi contemplado com quase dez mil estudantes bolsistas. Portugal foi o único país que, durante a execução do CsF, teve os bolsistas realocados em outras Universidades pelo

mundo. Parte destes bolsistas precisaram retornar ao Brasil por não possuírem fluência em outros idiomas que viabilizassem sua permanência no exterior. Não entraremos em detalhes sobre esta questão por não ser o tema central deste trabalho¹⁹.

Nosso foco está direcionado para o país com a maior atratividade de estudantes brasileiros durante todo período de existência do CsF, os EUA. O país norte-americano, sozinho, chegou próximo a marca de 87 mil estudantes inscritos nos editais para graduação-sanduíche. Recebeu aproximadamente 23 mil estudantes bolsistas, apenas de SWG, e contou com 499 Instituições de Ensino Superior participantes, entre *Colleges* e Universidades²⁰.

Na **Tabela 7** são apresentados os nove editais que coordenaram o envio dos estudantes de graduação para os Estados Unidos, cabe a ressalva de que não estão contabilizados os graduandos que foram selecionados a partir de outros editais de programas aderentes, além do edital 127/2012 para Portugal. Os estudantes contemplados pelo edital português fizeram a reopção de destino para oito países, incluindo os EUA.

Tabela 7. Editais de bolsas para graduação-sanduíche nos Estados Unidos.

Nº da Chamada	País de destino	Parceiro (s)	Número de Inscritos	Ano de Lançamento	Nº de Bolsas Concedidas
01/2011 (101/2011)	Estados Unidos	IIE	7997	2011	930
102/2011	Estados Unidos	IIE	16256	2011	864
117/2012 (Calendários 1 e 2)	Estados Unidos	IIE	4272	2012	1565
131/2012	Estados Unidos	NOVA	616	2012	120
132/2012	Estados Unidos	HBCU	748	2012	158
143/2013	Estados Unidos	HBCU/NOVA	17634	2013	7386
156/2013	Estados Unidos	IIE	22104	2013	6874
180/2014	EUA	IIE	16197	2014	4828
196/2014	EUA	NOVA	1083	2014	51
Total			86,907		22,776

Fonte: Portal do Ciência sem Fronteiras, 2018.

Como é possível notar, a maioria dos editais foi gerido pelo IEE em parceria com a *Fulbright*, o que totalizou mais de 15 mil bolsas concedidas para SWG. Entre NOVA e HBCU foram distribuídas as demais bolsas, ficando próximo a marca de 8 mil concessões. O que mais chama a atenção, nestes dados, é a concentração das bolsas entre 2013 e 2014.

¹⁹ O Portal do CsF publicou uma nota informativa sobre o processo de seleção para candidaturas para Portugal em 2013 após a polêmica causada pelo envio de estudantes bolsistas para este país. A nota foi retirada do ar, com a realocação da plataforma do CsF, mas consta nas referências deste trabalho.

²⁰ A tabela com todas as Universidades participantes nos EUA está disponível no **Apêndice A** - deste trabalho. Essas informações foram coletadas no painel geo-localizador de bolsistas pelo Mundo, que não está mais disponível na plataforma do Programa.

Nos dois editais de 2013 e primeiro de 2014 foram concedidas mais de 19 mil bolsas, ou seja, 84% das concessões para SWG, nos EUA, ocorreram nestes três editais. Do total de bolsas para a NOVA e o HBCU (7.715 bolsas), o único edital de 2013 representou 96% do total de concessões (7.386 bolsas) para as IES atendidas por estas instituições. Já os dois editais para o IEE/*Fulbright* (11.702 bolsas), do mesmo período, representaram 78% das bolsas concedidas para as Universidades representadas por esta organização.

Como vínhamos apontando, houve, durante a implementação das bolsas do CsF, uma corrida, sem planejamento, para o cumprimento das metas globais, estabelecidas para o programa, num curto espaço de tempo. Esse movimento acelerado da concessão e implementação das bolsas impactou a gestão interna da CAPES e do CNPq, além de ter influenciado diretamente na escolha das IES estrangeiras que receberam recursos maciços do governo brasileiro. Em seu artigo, GRANJA e CARNEIRO (2021), discutem a falha sistêmica no ciclo de políticas públicas que envolveu a implementação do programa. As autoras desenvolvem a argumentação sob a perspectiva de que o programa apresentou fragilidades sistêmicas em todas as fases de seu ciclo, ou seja, durante a formulação, implementação e avaliação do programa. Reproduzimos o trecho a seguir para endossar a perspectiva de que a ausência no escalonamento da implementação das bolsas, com um olhar especial para o caso dos EUA, foi um dos principais problemas durante o CsF. De acordo com as autoras:

A crítica que se coloca, por fim, é que um programa dessa magnitude deveria ter sido planejado de forma mais sistemática, sendo implementado de forma escalada e com um acompanhamento constante, permitindo que ele pudesse ser mais sustentável no tempo e, também, que não precisasse ser removido da agenda política. (GRANJA; CARNEIRO, 2021, p. 196)

Concluimos essa seção reforçando que a implementação das bolsas de graduação-sanduíche nos EUA ocorreu de forma desordenada. A falta de planejamento, somada a necessidade do cumprimento das metas globais, sem escalonamento, acrescida do assédio das agências intermediárias estadunidenses acabaram por enviar muitos bolsistas, em poucos editais, para Instituições de Ensino Superior, como *Colleges* e Universidades, que sequer estavam bem classificadas nos rankings internacionais. Ainda que o ranqueamento seja um critério de seleção que pode ser questionado, este foi um dos parâmetros adotados como referência para a escolha das Universidades estrangeiras e, em grande parte, acabou não sendo seguido. Vale dizer que o direcionamento dos estudantes para IES que, em sua maioria, não são as melhores classificadas nos rankings internacionais ocorreu, basicamente, porque as melhores

instituições têm um número limitado de vagas para estudantes estrangeiros, além de não terceirizarem o processo de seleção de seus estudantes.

1.2.4 Bolsas de estudos e auxílios custeados pelo programa para SWG.

Todas as modalidades de bolsas, financiadas pelo programa Ciência sem Fronteiras, previam auxílios e taxas adicionais a depender da IES estrangeira na qual os estudantes fossem alocados. Os contemplados receberam auxílio deslocamento aéreo, auxílio instalação, seguro saúde e para a modalidade de SWG também existia um adicional para a compra de material didático. Alguns fatores influenciaram no custo total de cada bolsista para o programa, uma vez que os gastos variaram de acordo com: i) a modalidade acadêmica na qual o bolsista se enquadrou, ii) o custo de vida da região onde estava localizada a IES estrangeira, iii) as taxas e mensalidades acadêmicas cobradas pelas IES e iv) a quantidade de dependentes que o bolsistas possuía (CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS, 2013 – c49). Esta análise está limitada às bolsas destinadas à graduação sanduíches (SWG), desta forma não discutiremos as particularidades de outras modalidades, tampouco os custos adicionais por dependentes, pois não eram contemplados para SWG.

A seguir apresentaremos no Quadro 1. o valor das bolsas de graduação-sanduiche de acordo com as macrorregiões definidas pelo CsF:

Quadro 1. Valor das bolsas de graduação-sanduiche definidos por macrorregiões.

MODALIDADE	EUA	Zona Euro	Reino Unido	Canadá	Austrália	Japão	Suécia	Dinamarca	Noruega	Suíça
E	US\$	€	££	C\$	A\$	¥	SEK	DKK	NOK	CHF
SWG integral	870	870	870	984	1,300	99,642	7,860	6,490	7,060	1,060
SWG mens. reduzida	300	300	420	380	380	37,357	2,710	2,240	2,430	370

Fonte: CAPES, Portaria nº 60. Catálogo de Normas e Atos Administrativos, 2015.

Vamos nos ater, durante este estudo, ao valor das bolsas pagas para os estudantes que receberam o subsídio para graduação-sanduiche nos EUA, ou seja, mensalidades integrais de 870 USD e parciais de 300 USD. Sobre os valores gastos com os intercambistas nos EUA, na modalidade de SWG, ficou estabelecido que os estudantes enviados para instituições de ensino superior que incluíssem alojamento e alimentação nas taxas cobradas do governo brasileiro,

tiveram suas bolsas reduzidas para 300 USD mensais. Além disso, para regiões consideradas de alto custo, foi concedido um auxílio adicional de 400 USD mensais.

Os demais auxílios, como seguro saúde, auxílio instalação e auxílio material didático foram proporcionais ao tempo de duração das bolsas. Já o auxílio de deslocamento foi fixado de acordo com as macrorregiões supracitadas (CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS, 2013 – c49). Por último, e ainda mais importante, vale dizer que as taxas e mensalidades acadêmicas, cobradas pelas IES estrangeiras, foram estabelecidas em acordos com cláusulas de sigilo e confidencialidade entre os parceiros do Programa Ciência sem Fronteiras. Os acordos preservaram as relações comerciais e negociais da Capes com as IES estrangeiras (CAPES, 2015 - acesso à informação Governo federal) e, por esta razão, todas as projeções realizadas neste estudo tem como fonte os dados públicos sobre taxas e mensalidades disponibilizados pelo *National Center for Education Statistics* (NCES)²¹ - EUA.

Não há informações oficiais sobre as instituições que incluam alojamento e alimentação no valor cobrado sobre as taxas e mensalidades. A ausência destes dados dificulta a análise sobre o custo final de cada bolsista contemplado, uma vez que além das variáveis supracitadas, existiram as taxas negociadas com as IES e com as agências intermediárias, o gasto com os cursos de idiomas, que uma grande parcela dos estudantes frequentou, além do valor adicional de 400 USD mensais por localidades consideradas de alto custo. Nos EUA, as localidades de alto custo são listadas no Quadro 2.

Quadro 2. Relação de cidades de alto custo a serem consideradas para fins de pagamento do auxílio adicional localidade.

EUA			
CIDADE	ESTADO	CIDADE	ESTADO
Baltimore	Maryland	Menlo Park	California
Berkeley	California	Miami	Florida
Bethesda	Maryland	New Haven	Connecticut
Boston	Massachusetts	New york City	New york
Cambridge	Massachusetts	Newark	New Jersey
Chicago	Illinois	Oakland	California
College Park	Maryland	Pasadena	California
Coral Gables	Florida	Pompano Beach	Florida
Culver City	California	Princeton	New Jersey

²¹ As taxas e mensalidades estão disponíveis em: nces.ed.gov/collegenavigator/

Evanston	Illinois	Rosemont	Illinois
Fremont	California	San Diego	California
Fullerton	California	San Francisco	California
Hoboken	New Jersey	San Mateo	California
Irvine	California	Santa Ana	California
La Jolla	California	Stanford	California
Little Ferry	New Jersey	Stony Brook	New york
Long Beach	California	Waltham	Massachusetts
Los Angeles	California	Washington	District of Columbia
Madison	New Jersey		

Fonte: CAPES. Portaria nº 60, 2015.

Mediante o exposto, resumimos os valores destinados ao custeio dos estudantes da modalidade de graduação-sanduiche nos EUA no **Quadro 3**.

Quadro 3. Custo dos bolsistas de SWG para os EUA.

Modalidade: Graduação-sanduiche (SWG)	
1. Valores das bolsas	US\$
1.1 Bolsa integral/mensal	870
1.2 Bolsa reduzida/mensal	300
2. Adicional para localidade de alto custo/mensal	400
3. Seguro-Saúde/anual	1,080
4. Auxílio-Instalação/cota única	1,300
5. Auxílio Material Didático/anual	1,000
6. Auxílio Deslocamento/cota única	1,604
7. Taxas e mensalidades	a depender da IES
8. Curso de idiomas	não há informação

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados obtidos na Portaria nº 60 - CAPES, 2015.

O **Quadro 3**. resume as categorias de gastos e alguns dos custos fixos dos bolsistas de graduação-sanduiche que tiveram como destino Instituições de Ensino Superior nos EUA e que foram financiados pela CAPES. Existiu, também, uma outra parte despendida, com estes mesmos bolsistas, que foram gastos variáveis a depender das mensalidades e taxas cobradas pelas IES estrangeiras, e da negociação com as agências intermediárias e/ou diretamente com as Universidades e *Colleges* que receberam estes estudantes. Todos os custos fixos, ou seja, os

auxílios, a bolsa de estudos e, eventualmente, o adicional de localidade foram pagos aos bolsistas por meio de depósito bancário. O mecanismo de pagamento será apresentado a seguir.

Mecanismo para pagamento

Todos os pagamentos relacionados aos bolsistas do programa CsF foram realizados através de depósito em conta corrente, sob a titularidade dos contemplados, no Banco do Brasil. Os estudantes fizeram as movimentações nas contas com o cartão BB Américas. A liberação da conta e dos recursos ocorreram após a assinatura do termo de aceite, o processo para apresentação da documentação e assinatura do termo de aceite mudavam o *status* da bolsa de concedida para implementada. Com o termo assinado, os intercambistas receberam um depósito único para custear: 1) o deslocamento internacional (passagem aérea), 2) auxílio instalação 3) seguro saúde e 4) as três primeiras bolsas.

As demais taxas universitárias, quando exigidas pelas instituições de destino e convencionadas nos acordos, foram pagas pela CAPES diretamente às agências intermediárias e/ou às IES. Estes são alguns exemplos de taxas e mensalidades cobradas pelas IES: 1) obtenção de créditos estudantis, 2) acesso à bibliotecas, 3) acesso à internet, 4) acesso aos sistemas de computação, 5) alojamento, 6) alimentação, dentre outros.

A partir de 2014, todos estes gastos foram consolidados em dois Programas orçamentários: i) 2021 - Ciência, Tecnologia e Inovação e ii) 2032 - Educação Superior - Graduação, Pós-Graduação, Ensino, Pesquisa; dentro do Programa de Governo: 08 - Ciência sem Fronteiras. Na sequência veremos como foram distribuídos os recursos do CsF de acordo com os dados obtidos no Portal da Transparência do Governo Federal.

1.2.5 Os recursos utilizados pelo Ciência sem Fronteiras

No que corresponde ao financiamento, o Portal da Transparência disponibiliza os dados da evolução histórica dos gastos realizados com o CsF nos anos finais de sua execução 2014 a 2016, além do período de 2017 a 2019, anos em que os valores de “restos a pagar” foram liquidados. Nos diversos documentos aos quais tivemos acesso, as entidades responsáveis pela implementação, monitoramento e avaliação do programa relatam a dificuldade de processarem esses gastos uma vez que, apenas em 2014, foi estabelecido que estes seriam classificados como “Programa de Governo - 08 - Ciência sem Fronteiras” (CCT, 2015). Neste sentido, para complementar a análise, em relação ao período de 2011 a 2013, utilizamos os dados da projeção

feita no Relatório N° 21, de 2015 da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação e Informática sobre o investimento no CsF (Total Capes + CNPq), do que foi empenhado nos anos de vigência do Programa.

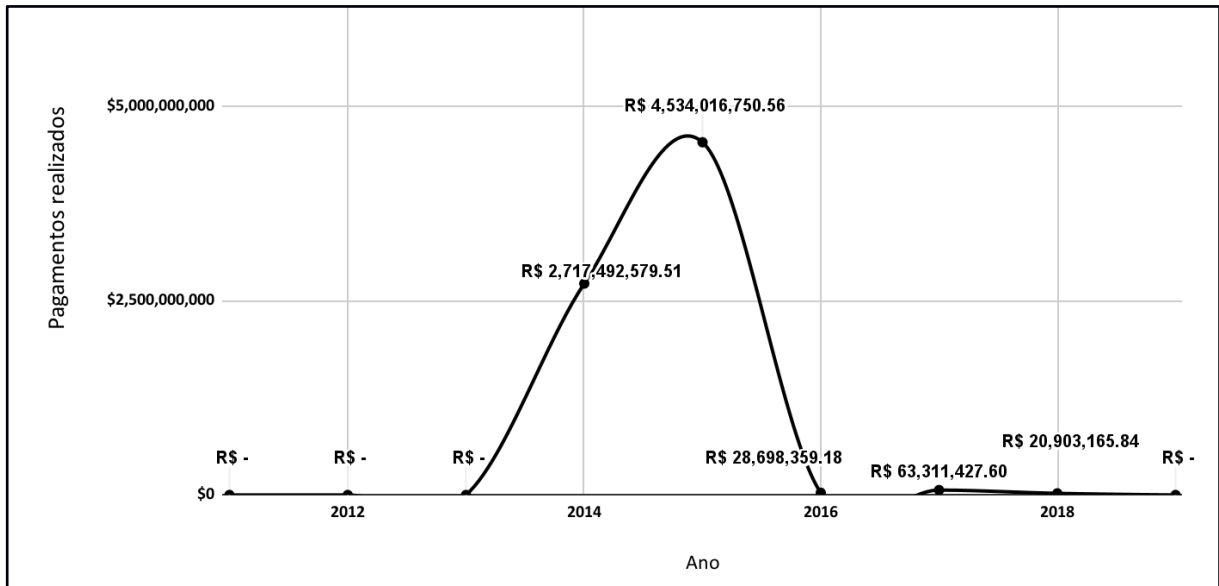
A cifra despendida, oficialmente, com o Programa de Governo, de acordo com o portal, está representada na Tabela 8, e corresponde ao “Valor Pago” total de R\$7,364,422,282.69, entre os anos de 2014 e 2018. Reforçamos que esta somatória não inclui os gastos realizados com o CsF entre 2011 e 2013.

Tabela 8. Evolução histórica dos gastos com o Programa Ciência sem Fronteiras.

Ano	Pagamentos realizados
2011	R\$ -
2012	R\$ -
2013	R\$ -
2014	R\$ 2,717,492,579.51
2015	R\$ 4,534,016,750.56
2016	R\$ 28,698,359.18
2017	R\$ 63,311,427.60
2018	R\$ 20,903,165.84
2019	R\$ -
	R\$ 7,364,422,282.69

Fonte: Portal da Transparência, 2022.

Nota-se que os maiores gastos estão concentrados nos anos de 2014 (2,7 bilhões) e 2015 (4,5 bilhões), especialmente em 2015, ano em que os últimos bolsistas de graduação sanduíche foram enviados para os intercâmbios. Estes são os anos subsequentes ao aumento expressivo no número de editais e intercâmbios. A diferença fica mais evidente quando olhamos para o Gráfico 11 sobre a evolução dos gastos em série histórica.

Gráfico 11. Evolução dos gastos com o programa Ciência sem Fronteiras em série histórica.

Fonte: Portal da Transparência – Ministério da Transparência e Controladoria Geral da União. Programa de Governo, Programa, Programa Específico, Ciência sem Fronteiras, 2022.

No ano de 2018, de acordo com o Portal da Transparência, ainda restavam valores a serem pagos de orçamento do ano corrente, que correspondia a aproximadamente 50% dos gastos, o restante foram valores pagos de compromissos dos anos anteriores. Em 2019, a totalidade de pagamentos realizados (100%) referem-se a valores pagos de compromissos dos anos anteriores. Uma parcela considerável da execução dos compromissos de anos anteriores teve valores cancelados em 2018 (R\$ 271.270.164,89 ; aproximadamente 40.40%) e 2019 (R\$ 53.226.482,24 ; aproximadamente 27.11%).

Como mencionamos anteriormente, os dados sobre o CsF são imprecisos e têm sofrido alterações e ajustes ao longo do tempo. Parte dos dados não estão mais disponíveis nas plataformas online (Site oficial, Portal da Transparência, Portal de acesso à informação, etc...), parte foram ajustados nestas mesmas plataformas. Optamos por reportar, também, a somatória dos valores pagos na seção de detalhamento da execução das despesas públicas. Entendemos que essa desagregação mostra com maior precisão os gastos ocorridos em cada ano do Programa. Existem, no entanto, algumas divergências ao longo dos anos, isso fica evidente na comparação da Tabela 8 sobre a evolução histórica dos gastos com o Programa Ciência sem Fronteiras e a Tabela 9 que apresenta o detalhamento da execução das despesas públicas.

Tabela 9. Detalhamento da execução das despesas públicas com o CsF.

Ano	Pagamentos realizados
-----	-----------------------

2011	R\$ -
2012	R\$ -
2013	R\$ -
2014	R\$ 2,717,492,579.51
2015	R\$ 4,534,016,750.56
2016	R\$ 1,235,583,584.00
2017	R\$ 237,533,162.00
2018	R\$ 20,903,166.00
2019	R\$ -
<hr/>	
	R\$ 8,745,529,242.07

Fonte: Portal da Transparência, 2020.

Fica evidenciado que as principais divergências em relação às despesas estão entre os anos de 2016 e 2017. A evolução histórica dos gastos difere do detalhamento da execução das despesas em relação aos pagamentos realizados. Na somatória total, essa divergência gira em torno de 1,4 bilhões de reais. Entendemos que o detalhamento sobre a execução do programa traz os dados de forma mais acurada e, no nosso entendimento, os gastos com o CsF superaram a marca 9 bilhões de reais, uma vez que os anos de 2011, 2012 e 2013 não tiveram os gastos apurados pela conta 08 - Ciência sem Fronteiras. A ausência deste controle para os referidos anos também é discutida no Relatório N° 21, de 2015 da Comissão De Ciência, Tecnologia, Inovação e Informática do Senado Federal. A própria CCT afirma que:

Ressalte-se que, a partir de 2012, a programação orçamentária da União passou a adotar programas e ações com elevado grau de generalidade e, portanto, de indefinição quanto aos objetos de despesa autorizados pelos respectivos créditos orçamentários. O adensamento das programações implica dificuldade em precisar valores, visto que há a possibilidade de determinada dotação consignada na lei orçamentária referir-se a parcelas que devam ser executadas por unidades administrativas distintas. Em face dessa limitação, o Poder Executivo criou mecanismo gerencial de detalhamento das ações orçamentárias denominado Plano Orçamentário (PO15), o qual foi utilizado neste relatório para os exercícios a partir de 2013. (CCT, 2015, p.30)

Neste estudo consideramos outros dois levantamentos sobre a estimativa de gastos com o CsF, um realizado por MARQUES (2017) em seu artigo “Experiência encerrada”, da revista FAPESP, e o outro realizado pela Consultoria de Orçamentos, Fiscalização e Controle do Senado Federal (CONORF) para o Relatório N° 21, de 2015 da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação e Informática do Senado Federal.

Em seu artigo MARQUES (2017) fez uma previsão sobre os custos que o programa poderia atingir até 2020 quando o contrato dos últimos bolsistas seria encerrado. De acordo com o autor a cifra poderia atingir um total de 15 bilhões de reais (MARQUES, 2017, p. 29).

A estimativa foi feita com base nos valores empenhados para o programa e somavam, em junho de 2017, o valor de R\$13.231.760.718,20, sendo que, deste total, R\$ 976.441.045,74 seriam destinados para cursos de idiomas, R\$ 5.872.259.854,40 seriam valores pagos para entidades parceiras e R\$ 6.383.059.818,07 seriam pagos para bolsas de estudos de graduação e pós-graduação (MARQUES, F., 2017, p. 29). A Tabela 9. apresenta os valores empenhados segundo MARQUES (2017):

Tabela 10. Valores empenhados por ano com o Programa Ciência sem Fronteiras em série histórica (FAPESP).

Ano	Valores empenhados
2011	R\$ 107,761,243.64
2012	R\$ 745,060,032.29
2013	R\$ 2,057,755,641.67
2014	R\$ 3,603,432,243.15
2015	R\$ 5,060,761,152.66
2016	R\$ 1,524,725,534.61
2017	R\$ 132,264,870.18
Total:	R\$ 13,231,760,718.20

Fonte: MARQUES, 2017.

De acordo com o autor, em 2017, os 13,2 bilhões investidos no CsF correspondiam a 15 vezes o orçamento anual do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que estava contingenciado à época²².

Todo este investimento, inicialmente projetado como um recurso novo, absorveu não apenas as verbas dos ministérios envolvidos, como comprometeu as verbas do FNDCT, que já possuía limitações graças ao contingenciamento de parte de seus recursos destinados para o superávit econômico. Nenhum dos 16 fundos públicos utilizados para financiar o FNDCT prevê a destinação de recursos para formação de profissionais, ainda assim, foram utilizados para este fim. Em contrapartida, segundo o relatório da CCT (2015),

[...] o uso do FNDCT para custear bolsas do CsF está alinhado com os objetivos do programa e com a política de aplicação dos recursos do Fundo, conforme determinam a Lei n.º 11.540, de 2007, e o Decreto n.º 6.938, de 2009. (CCT, 2015, p.36)

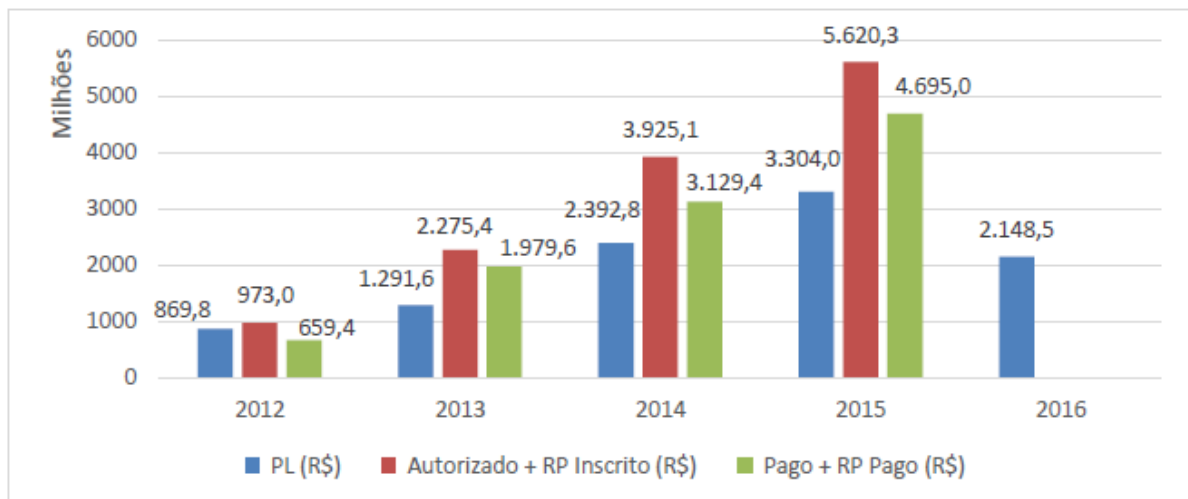
²² De acordo com o Ofício n.º 245/2018-GAB/PR/CAPEs, se fossem mantidos o posicionamento do teto para 2019, que representava um corte significativo no orçamento da entidade, isso resultaria, a partir de agosto de 2019, na: 1) suspensão do pagamento de todas as bolsas de mestrado e doutorado (atingindo mais de 93 mil discentes e pesquisadores); 2) suspensão de programas para a Formação dos Profissionais da Educação Básica, afetando 105 mil bolsistas (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), Programa de Residência Pedagógica e Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor)) e 3) Interrupção do funcionamento do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) e consequentemente dos mestrados profissionais (totalizando 245.000 beneficiados).

Em seu artigo Marques revela que:

Na prática, o programa acabou absorvendo parcela importante do orçamento federal aplicado em educação, ciência, tecnologia e inovação – em 2015, foi responsável por 50% do orçamento da Capes, empregando 75% dos recursos do Programa de Apoio à Pós-graduação (Proap) e do Programa de Excelência Acadêmica (Proex). (MARQUES, F., 2017, p.27)

Já no levantamento sobre os gastos com o CsF realizado pela CCT (2015), a comissão apresenta o racional utilizado para estimar os valores orçamentários destinados para a execução do Programa para os anos em que eles estiveram dispersos. Apresentaremos no Gráfico 12 a estimativa sobre a execução orçamentária de acordo com o relatório produzido pela CCT até 2015.

Gráfico 12. Execução orçamentária do Programa Ciência sem Fronteiras.



Fonte: CCT, 2015.

De 2012 até 2015, de acordo com a CCT (2015), os valores pagos somados com os valores de restos a pagar de anos anteriores computavam uma somatória de aproximadamente 10,5 bilhões de reais, a comissão ainda apurou que “Desse total das despesas, o Ministério da Educação contribuiu com aproximadamente 66% e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, 34%.” (CCT, 2015, p. 33). A própria comissão alerta para o fato dos dados apurados serem uma aproximação do dispêndio orçamentário com o programa, uma vez que o CsF não corresponde a uma ação ou programa orçamentário específico. Neste sentido, o relatório compara a apuração realizada pela Consultoria de Orçamentos, Fiscalização e Controle do Senado Federal (CONORF) com dois dados: 1) uma consulta ao MEC, onde a resposta indica

um valor aproximadamente 15% maior ao apurado pelo Senado Federal (o que seria um valor de aproximadamente 12 bilhões de reais) e 2) Informações cedidas pela CAPES e pelo CNPq apresentadas na Tabela 11. (CCT, 2015).

Tabela 11. Investimentos do CSF, 2011-2015.

TOTAL (Capes+CNPq)		
Ano	Dotação Final	Empenhado
2011	43,159,816.91	107,755,813.50
2012	763,533,594.57	728,224,766.26
2013	2,028,510,646.00	2,100,712,032.83
2014	3,340,236,852.00	3,422,366,915.74
2015	4,158,396,415.00	3,595,758,651.96
Total	10,333,837,324.48	9,954,818,180.29

Fonte: Capes e CNPq, CCT, 2015.

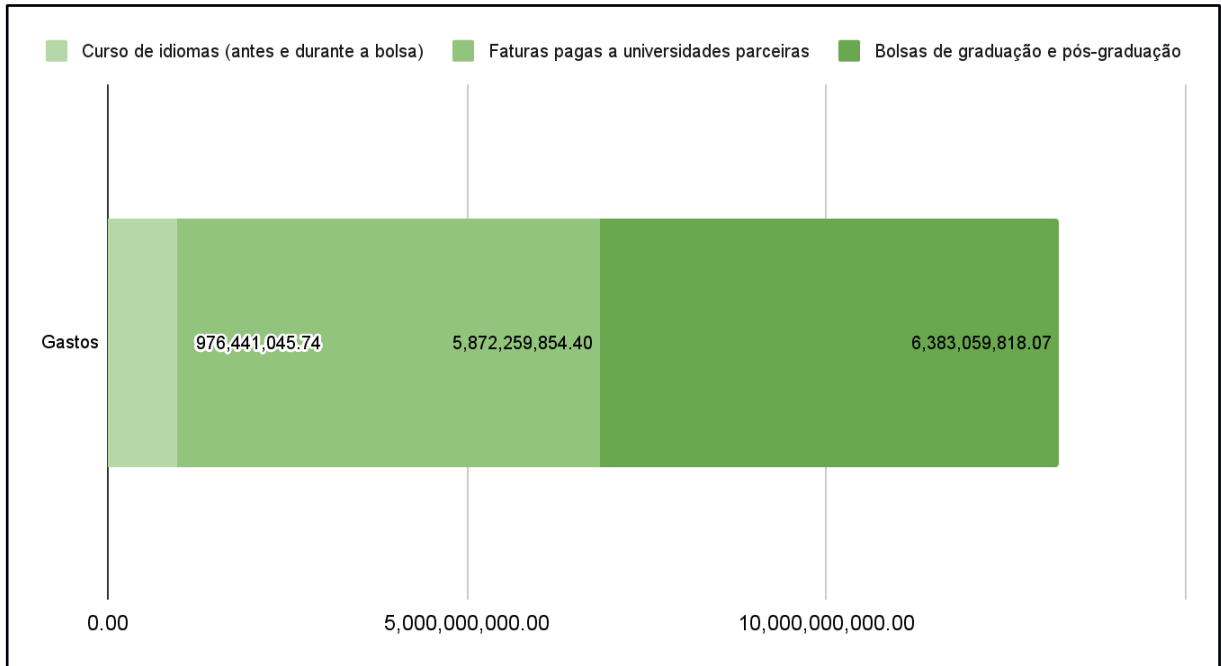
Todos estes levantamentos nos levam a duas reflexões importantes: 1) Não há precisão em relação aos gastos realizados com o Ciência sem Fronteiras, especialmente entre os anos de 2011 e 2013 e 2) mesmo após o encerramento do programa, com as apurações e levantamentos de outros órgãos, muitos valores foram reajustados e cancelados. Sabemos, no entanto, que o gasto total com o programa supera a somatória de R\$ 7,364,422,282.69, ou seja, o total reportado no site do Portal da Transparência do Governo Federal; sendo que no próprio detalhamento das despesas o montante chega a R\$ 8,745,529,242.07 e não inclui os gastos com os anos de 2011, 2012 e 2013. A estimativa realizada pelo Senado Federal que soma um total de gastos, até 2015, de R\$ 10,463,400,000.00 não contempla os valores gastos com as bolsas ativas após este período, ou seja, os gastos entre 2016 e 2018 não foram computados. Neste sentido, acreditamos que o montante total gasto com o CsF pode ter chegado aos 12 bilhões de reais (fizemos uma soma simples do valor reportado pelo Senado com os dados apresentados pelo Portal da Transparência para o período), o que significa que, numa média simples, o valor médio gasto anualmente com os intercambistas foi de aproximadamente 128 mil reais.

Sabemos que a média não reflete integralmente a realidade dos gastos com os bolsistas e que outras modalidades podem ter despendido valores mais elevados em relação às taxas, mensalidades e inclusive com relação às próprias bolsas, porém, dado o número expressivo de bolsistas da modalidade de graduação sanduíche frente às demais modalidades entendemos que estes valores seriam marginais e, neste sentido, grande parte dos gastos públicos com o

programa, efetivamente, ficou concentrado no pagamento das taxas e mensalidades das Universidades estrangeiras.

De acordo com Marques (2017), considerando os valores empenhados, os recursos investidos no CsF foram distribuídos de acordo com o Gráfico 13.

Gráfico 13. Como os recursos foram investidos (em R\$).



Fonte: MARQUES, 2017.

Aproximadamente 44% de todo valor empenhado foi investido em pagamento de serviços a instituições estrangeiras, além disso outros 7% foram gastos com cursos de idiomas antes e durante a vigência das bolsas. Isso significa que quase 52% de todos os recursos foram utilizados para o preparo de estudantes que não tinham fluência nos idiomas dos países para os quais foram enviados e para o pagamento de IES que não tinham política de reciprocidade com as Universidades brasileiras.

Não há, até o momento, um balanço final sobre o programa que leve em consideração os gastos, o custo benefício, o impacto e os resultados que o programa gerou em relação ao desenvolvimento dos intercambistas, desenvolvimento da pesquisa em setores estratégicos, o desenvolvimento de redes de pesquisa internacionais e as parcerias firmadas com IES estrangeiras. Extraímos do Relatório de Auditoria de Conformidade do Programa Ciência sem Fronteiras (CAPES, 2018) um trecho que menciona as limitações e dificuldades que envolvem a análise e o balanço de um programa desta envergadura:

Há um grande interesse da Capes e de outras instituições em avaliar o Programa Ciência Sem Fronteiras (CsF). Contudo, a avaliação de um programa amplo e complexo como o CsF – porquanto tenha envolvido mais de uma agência de fomento e diversas instituições internacionais - demanda uma equipe dedicada e com recursos específicos para verificar não apenas os resultados imediatos e tardios, mas também os efeitos tangíveis e intangíveis decorrentes do Programa. Para cumprir com esta tarefa, o Centro de Gestão de Estudos Estratégicos (CGEE) propôs uma metodologia de avaliação prevendo que seria necessário mensurar não somente o atingimento das metas de concessão de bolsas, mas o alcance dos objetivos pretendidos, tais como a inserção internacional das instituições brasileiras, a ampliação da participação de pesquisadores brasileiros em redes internacionais de pesquisa e a atração de pesquisadores estrangeiros. Para que tal proposta seja efetivada, o projeto deve ser priorizado na Capes. Em um cenário de restrições, priorizar a avaliação do Ciência sem Fronteiras significa reduzir o fomento a novos projetos e bolsas. (CAPES, 2018)

Por fim, dada a inexistência de uma avaliação final sobre o CsF, nossa intenção é, a partir dos dados existentes, refletir sobre o envio dos estudantes de graduação para os EUA e como esta análise pode contribuir com um balanço sobre o programa e aprimorar futuras iniciativas para internacionalização das IES no Brasil.

1.2.6 De onde vieram e para onde foram os recursos

Sabemos que a maior parte dos recursos aportados no CsF era proveniente do Ministério da Educação e foram geridos pela CAPES. A participação da Capes, do CNPq e do FNDCT relativa ao provimento de recursos pode ser visualizada na Tabela 12.

Tabela 12. Maiores órgãos e entidades executoras do programa de governo.

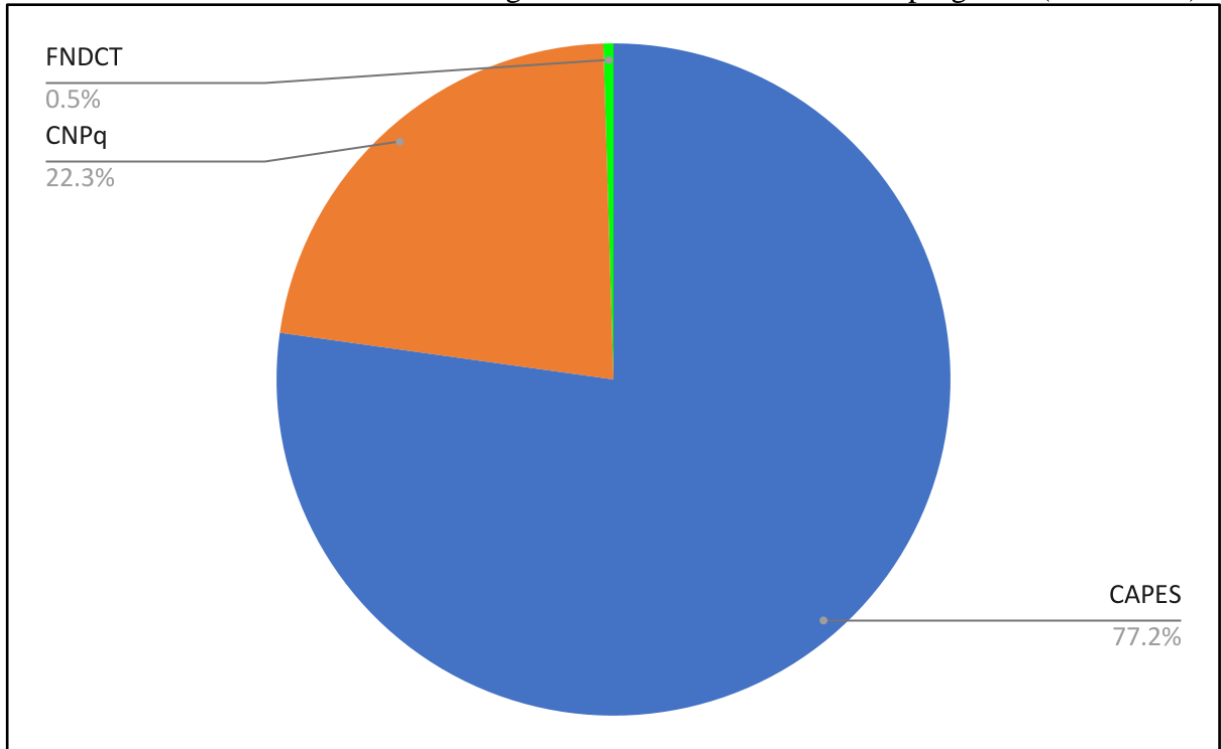
Órgão e Entidade	Valor Executado (2014 - 2018)
Fund.Coord.de Aperf.de Pessoal Nivel Superior	R\$ 6,752,664,944.95
Conselho Nacional de Des.Cient.e Tecnológico	R\$ 1,950,238,272.00
Fundo Nac.de Desenv. Científico e Tecnológico	R\$ 41,953,897.78
Total	R\$ 8,744,857,114.73

Fonte: Portal da Transparência, 2018.

Os dados apresentados nesta seção foram retirados do Portal da Transparência do Governo Federal. Percebe-se que no intervalo entre 2014 e 2018, o montante de recursos disponibilizados pela CAPES ao CsF é significativamente superior aos recursos providos do CNPq, sendo a CAPES responsável por 77% dos recursos e o CNPq por apenas 22%. Isso se

atribui, especialmente, ao fato da CAPES estar à frente das bolsas de graduação sanduíche. O FNDCT teve uma participação ainda mais reduzida no total dos investimentos, correspondendo a apenas 0,5% do total, ou seja, este fundo foi utilizado tão somente para a complementação dos recursos necessários. Essa relação fica evidente no Gráfico 14.

Gráfico 14. Percentual dos maiores órgãos e entidades executoras do programa (2014-2018).



Fonte: Portal da Transparência, 2018.

Enquanto a participação da Capes é ampliada proporcionalmente ao longo dos anos, apesar da queda no empenho dos recursos após 2015, o CNPq tem sua margem de participação reduzida ao longo da temporada final do CsF. Ainda assim, as últimas bolsas destinadas ao CsF, de pós-graduação, ficaram a cargo do CNPq, ou seja, os últimos recursos destinados para o programa foram realizados por este órgão em 2018, como exposto no Portal da Transparência.

Como mencionamos anteriormente, a concentração dos gastos com o programa ficaram em dois tipos de “Ação Orçamentária”, sendo elas: 1) “00LV - Formação, Capacitação e Fixação de Recursos Humanos para o Desenvolvimento Científico” e 2) “0487 - Concessão de Bolsas de Estudo no Ensino Superior”. Essa relação está apresentada nas Tabelas 15 e 16.

Tabela 13. Distribuição por Ação Orçamentária (Valor Total Pago - R\$).

Ação Orçamentária	2014	2015	2016	2017	2018

Concessão de bolsas de estudos no Ensino Superior	R\$ 1,567,426,778	R\$ 3,784,556,986	R\$ 1,206,885,225	R\$ 174,221,735	R\$ 20,193,106
Formação, capacitação e fixação de recursos humanos qualificados para C,T&I	R\$ 1,150,065,802	R\$ 749,459,764	R\$ 28,698,359	R\$ 63,311,428	R\$ 9,480
Total	R\$ 2,717,492,580	R\$ 4,534,016,751	R\$ 1,235,583,584	R\$ 237,533,162	R\$ 20,202,586

Fonte: Portal da Transparência, 2018.

Tabela 14. Distribuição por Ação Orçamentária.

Ação Orçamentária	2014	2015	2016	2017	2018
	%	%	%	%	%
Concessão de bolsas de estudos no Ensino Superior	57.68	83.47	97.68	73.35	99.95
Formação, capacitação e fixação de recursos humanos qualificados para C,T&I	42.32	16.53	2.32	26.65	0.05

Fonte: Fonte: Portal da Transparência, 2018.

Nota-se que, em ambas as Tabelas 15 e 16, a parte mais substancial dos recursos é direcionada para a ação Orçamentária denominada “Concessão de bolsas de estudos no Ensino Superior”. Até o ano de 2016, enquanto ainda haviam bolsistas de graduação em período de vigência da bolsa, os gastos chegam a casa dos bilhões de reais, posteriormente a queda é significativa e os valores são reduzidos drasticamente. Até este momento, apresentamos os dados disponíveis no Portal da Transparência sobre as entidades envolvidas no repasse de recursos, Capes, CNPq e FNDCT. Entendemos ser importante apresentar a fonte dos recursos que financiaram o programa e estas informações foram retiradas do Relatório Nº 21, de 2015 da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação e Informática.

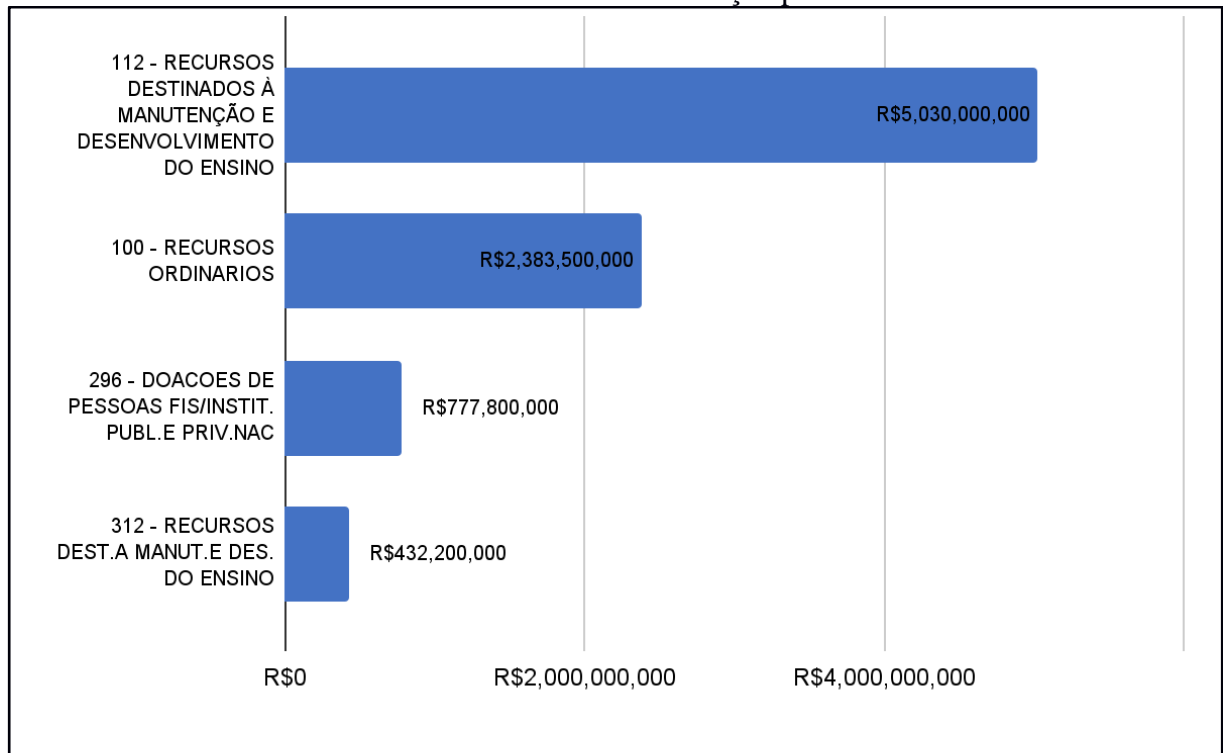
Segundo a CCT (2015):

[...] verificou-se que todas as fontes de recursos que financiaram o programa têm amparo legal para subsidiar tais ações. [...] a principal fonte de financiamento do CsF, com total até o momento de R\$ 5,5 bilhões (fonte 112 + 312 – o dígito da centena aponta o grupo das fontes, sendo “1” do exercício corrente e “3” de exercícios anteriores para recursos do Tesouro Nacional), é a “12 – Recursos destinados à

Manutenção e desenvolvimento do ensino”, que é composta pela parcela mínima de **18% do produto da arrecadação dos impostos, líquidos de transferências constitucionais**, que a União deve aplicar na manutenção e desenvolvimento do ensino, de acordo com o art. 212 da Constituição Federal. Por sua vez, os **recursos ordinários do Tesouro** (fonte 00) financiaram R\$ 2,4 bilhões. A terceira fonte mais utilizada é a “**42 - Compensações Financeiras pela Produção de Petróleo, Gás Natural e Outros Hidrocarbonetos Fluidos, exceto no Pré-Sal ou em Áreas Estratégicas**”, com volume de R\$ 1,2 bilhão, que é uma fonte composta pela receita advinda de compensação financeira (Royalties e Participações Especiais) pela exploração de petróleo e gás natural devida aos entes subnacionais. Além dessa destinação, a **fonte 42 direciona recursos ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação** para financiar programas de amparo à pesquisa científica e tecnológica e ao desenvolvimento da indústria do petróleo. (CCT, 2015, p.35, grifo nosso)

Reproduzimos o gráfico com as cinco fontes de recursos de maior contribuição para o financiamento do Ciência sem Fronteiras apresentado pela CCT.

Gráfico 15. Cinco fontes de recursos de maior contribuição para o financiamento do CsF.



Fonte: CCT, 2015.

Como fica evidenciado a parcela mais substancial veio dos recursos destinados à manutenção e desenvolvimento do ensino, ou seja, o CsF e sua proposta política de internacionalização e mobilidade acadêmica foram incluídos como objetivos básicos da educação nacional, já que o recurso atende às instituições educacionais de todos os níveis. Em síntese, podemos afirmar que a maior parte dos recursos foi financiada pelo MEC.

Além dos recursos da União, a comissão apurou os recursos privados utilizados no programa. Estes recursos são apresentados na Tabela 17.

Tabela 15. Ciência sem Fronteiras Investimento do Setor Privado.

Empresa*	Total de Bolsas Financiadas	Valor Global	Valor já repassado	Valor ainda a ser repassado (2015-2017)
Eletronbras S.A - Capes	1250	R\$ 75.360.773,26	R\$ 60.288.618,61	R\$ 15.072.154,65
Vale S.A – Capes	600	US\$17.540.000,00	R\$ 29.220.762,90	R\$ 12.582.319,00
Tim Celular**	Curso de Italiano	R\$ 2.000.000,00	R\$ 2.000.000,00	-
Shell - Capes	75	US\$2.250.000,00	R\$ 3.165.000,00	R\$ 1.582.500,00
STATOIL – Capes	100	€ 2.120.541,00	R\$ 6.787.187,13	-
FEBRABAN e Associadas	6500	US\$180.810.500,00	R\$ 248.746.372,53	R\$ 152.531.738,00
British Gas	100	R\$ 9.465.014,00	R\$ 9.465.014,00	-
Eletronbras S.A. – CNPq	1250	R\$ 75.360.773,26	R\$ 60.288.618,61	R\$ 15.072.154,65
VALE S.A.- CNPq	396	US\$10.295.280,00	R\$ 11.725.199,53	R\$2.573.820,00
HYUNDAI	Taxas Escolares	US\$750.000,00	US\$750.000,00	-
POSCO	Taxas Escolares	US\$300.000,00	US\$300.000,00	-
Petrobras SA – CNPq	5000	R\$ 318.963.630,50	R\$ 154.947.338,16	R\$ 164.016.292,34
Petrobras SA – Capes***	5000 (em negociação)	US\$ 180.000.000,00	-	R\$ 567.000.000,00
Banco do Brasil – Capes ***	500 (em negociação)	US\$ 18.000.000,00	-	R\$ 56.700.000,00
Caixa Econômica Federal – Capes***	500 (em negociação)	US\$ 18.000.000,00	-	R\$ 56.700.000,00
Shell-CNPq	75	US\$2.250.000,00	R\$ 3.165.000,00	R\$ 1.582.500,00
Natura	100	R\$ 2.386.900,00	R\$ 1.372.140,00	R\$ 1.014.760,00
STATOIL - CNPq	62	R\$ 9.226.284,69	R\$ 6.533.384,69	R\$ 2.692.900,00
Total***	21508		R\$601.012.136,16	R\$ 1.054.654.851,64

Fonte: CCT, 2015.

** A Tim financiou 841 bolsas para curso de italiano.

*** Conversão utilizando US\$ 1=R\$ 3,15. Em negociação os acordos entre Capes e as empresas Petrobras, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal.

Fonte: Capes, audiência pública na CCT, de 29 de abril de 2015.

Não há mais informações sobre o aporte de recursos do setor privado para o CsF. Sabemos que a maior parte destes estavam ligados a empresas públicas ou com participação majoritária do Governo Federal. Ainda assim, muitos contratos deixaram de ser assinados ou não foram concretizados e com o término do programa os gastos ficaram concentrados no setor público. Esta necessidade de diversificação da fonte de recursos para uma possível reedição do programa, inclusive, é uma das recomendações da comissão para futuras edições.

Por último, resgatamos a estimativa de que aproximadamente 44% de todo valor empenhado foi investido em pagamento de serviços a instituições estrangeiras. No Portal da Transparência do Governo Federal existia uma seção onde eram reportados os cinco maiores

favorecidos com o programa de governo, no caso, o CsF. Esta seção estava limitada ao período de 2014 a 2019 e apresentava apenas os cinco maiores favorecidos no ano corrente. No ano de 2014, as cinco instituições que mais receberam recursos públicos foram: 1) *Universities UK* (R\$348,120,473), 2) *Canadian Bureau For International Education* (R\$104,202,265), 3) Banco Do Brasil AS (R\$48,425,178), 4) *Stichting Nuffic* (R\$10,936,158), 5) *The University of Sidney* (R\$9,819,194). Com exceção do Banco do Brasil, responsável pelo repasse das bolsas de estudos, as demais organizações foram beneficiadas com o recebimento dos bolsistas brasileiros, em 2014 essa somatória atingiu o valor de R\$473,078,089. Em série histórica, apenas os anos de 2015 e 2018 apresentam pessoas jurídicas como as cinco maiores beneficiárias, sendo elas *Dot Lib Information Llc* (R\$26,749,116), em 2015, uma empresa que permite acesso a documentos e livros de forma digital e *National Science Foundation* (R\$4,068,700), em 2018, fundação estadunidense (Portal da transparência, 2018).

Em parte isso pode ser justificado pela necessidade das taxas e mensalidades serem repassadas para as instituições de forma antecipada, ou seja, antes do bolsista frequentá-las. Se o último edital para bolsistas de SWG ocorreu em 2014 e os bolsistas foram enviados em 2015, essas taxas foram convencionadas durante a abertura dos editais, possivelmente o repasse ocorreu durante este período. Um ponto importante que nos leva a esta reflexão, por exemplo, é que o valor repassado para as Universidade do Reino (R\$348,120,473) é maior que a soma dos repasses para os maiores beneficiados de 2015 a 2018 (R\$206,754,702), incluindo o valor pago ao Banco do Brasil para repasse aos bolsistas. Além disso, os beneficiários nos anos seguintes passam a ser pessoas físicas, pesquisadores de nível mais sênior, e não mais grandes instituições.

Outra reflexão importante está relacionada às Universidades nos Estados Unidos. Como foi feito este repasse? Sabemos que pelo menos 499 IES estadunidenses receberam intercambistas brasileiros da modalidade de SWG, o pagamento pela prestação de serviços foi realizado de forma pulverizada? Como era feita essa intermediação? Diante do fato de que não é possível ter acesso aos contratos firmados com as instituições devido aos acordos de sigilo entre CAPES, CNPq, Governo Brasileiro e demais envolvidos, como podemos analisar a transferência destes recursos? Essas reflexões serão exploradas no capítulo de resultados.

1.2.6 Universidades que mais receberam bolsistas por país

A concentração de bolsas de estudos no eixo norte do globo, Europa-América do Norte, foi uma característica do Ciência sem Fronteiras. Predominantemente os estudantes

bolsistas foram enviados para IES destas regiões, especialmente para os Estados Unidos da América. No Quadro 4 apresentamos os países que mais receberam estudantes durante o CsF e as três instituições de ensino superior que mais foram contempladas com intercambistas brasileiros em cada um dos países apresentados. Inserimos neste quadro, também, a título de comparação, China e Chile. Escolhemos estes dois países, pois China é o país que mais envia estudantes para períodos de intercâmbio fora de seu território nas últimas décadas e Chile foi o país que mais recebeu estudantes do CsF na América Latina.

Quadro 4. Países e Instituições que mais receberam bolsistas (2011-2016).

País	Posição	Número de bolsas	1°	2°	3°
Estados Unidos	1°	27,821	Universidade da Califórnia 1.196 Bolsas	Universidade Estadual da Califórnia 949 Bolsas	Universidade Estadual de Nova York 762 Bolsas
Reino Unido	2°	10,740	Universidade de Strathclyde 503 Bolsas	Universidade de Liverpool 429 Bolsas	Universidade de East London 402
Canadá	3°	7,311	Universidade de Toronto 1218 Bolsas	Universidade British Columbia 369	Universidade de Manitoba 359
França	4°	7,279	Instituto Politécnico de Grenoble 207 Bolsas	Instituto de Ciência e Tecnologia de Paris 199 Bolsas	Universidade Tecnológica de Compiegne
Austrália	5°	7,074	Universidade de Monash 806 Bolsas	Universidade de Queensland 784 bolsas	Universidade de New South Wales 729 Bolsas
Alemanha	6°	6,595	Universidade Técnica de Munchen 340 Bolsas	Universidade Técnica de Dresden 297 Bolsas	Universidade RWTHA de Aachen 281 Bolsas
China	20°	296	Universidade de Tongji 28 Bolsas	Universidade de Tianjin 24 Bolsas	Universidade de Ciência e Tecnologia de Huazhong 23 Bolsas
Chile	25°	43	Universidade Católica do Chile 26 Bolsas	Observatório Inter-Americano Cerro Tololo 3 Bolsas	Universidade do Chile 3 Bolsas

Fonte: Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras, 2016.

A IES que mais recebeu bolsistas, durante o período em que CsF esteve ativo, foi a Universidade de Toronto, no Canadá, com 1.218 intercambistas. Esta Universidade estava classificada no ranking *THE* em 20° lugar. A Universidade British Columbia, assim como a primeira, também esteve bem colocada e ocupou a 31ª posição. Dentre as Universidades Canadenses que mais receberam brasileiro, a Universidade Manitoba foi a que esteve mais distante dos objetivos do programa, ficando entre 301° e 350° no ápice do CsF. Ainda assim, vale dizer que o Canadá, terceiro país em termos de atratividade, recebeu apenas 7.311 bolsistas, praticamente três vezes menos do que o primeiro colocado, os EUA.

Os EUA, país que recebeu mais intercambistas do CsF, teve a Universidade da Califórnia como o sistema universitário mais acessado pelos brasileiros. Neste sistema, com seus múltiplos *campus*, cada instituição possui uma classificação diferente no *THE*, ainda assim estavam, em sua maioria, bem classificadas no ranking, ficando entre a 8ª e a 148ª posição. Na contramão, a IES *California State University (System) (CSU)* e *State University of New York* que também são sistemas, são IES denominadas como “*Practical Applications and Non-Research-Oriented*”, ou seja, são Universidades voltadas para formação técnica onde não há investimento no desenvolvimento de estudos e pesquisas. Essas Universidades são conhecidas nos EUA como *Community Colleges*²³, e tem cursos de curta duração, em geral, de apenas dois anos. Neste sentido, elas não estão classificadas como IES de pesquisa e projeção internacional, nem em 2014 (no auge do programa), tampouco em 2022. Seriam como formações de cursos técnicos, na equivalência do sistema superior brasileiro.

Partindo para Reino Unido, Alemanha e França é possível notar que existe um equilíbrio maior entre a divisão de estudantes enviados para estes países, no entanto, as Universidades de *Strathclyde* e de *East London*, no Reino Unido, não estavam classificadas no *THE* em 2014 e em 2022 foram classificadas entre a posição 400ª e 500ª e 800ª a 1000ª respectivamente. Por sua vez, a Universidade de Liverpool, Universidade melhor classificada no UK, estava entre as 200 melhores Universidades. Na Alemanha, a Universidade Técnica de Munchen não foi classificada até 2022, já a Universidade Técnica de Dresden estava entre as posições 251 a 275, por fim, a Universidade RWTHA de Aachen foi classificada em 2014 em 129º no ranking. Na França, nenhuma das Universidades foi classificada pelo ranking *THE*.

Enquanto isso, Canadá, EUA e Austrália concentram muitos estudantes em poucas IES e o restante da distribuição foi mais pulverizada. Na Austrália, último país a ser analisado, a Universidade de Queensland, foi classificada na 63ª posição, porém a Universidade de New South Wales e a Universidade de Monash não foram classificadas no *THE*.

Das dezoito instituições analisadas, que foram as que mais receberam os estudantes brasileiros pelo CsF em seus respectivos países, apenas quatro estavam entre as cem melhores Universidades classificadas no ranking *THE* como as melhores Universidades do Mundo. Do total de bolsistas (9.830), 64% (6.263) passaram seu período de mobilidade acadêmica em

²³ Segundo RIBEIRO, podemos sintetizar a criação dos *Colleges* nos EUA da seguinte forma: “Originalmente, os junior colleges ofereciam uma educação de caráter geral, na perspectiva de que o estudante seguisse adiante escolhendo uma especialização. A expansão das matrículas naquelas instituições, aliada à elevação dos custos para mantê-las, levou alguns educadores a questionarem a sua função e defenderem o ensino de caráter semiprofissional e terminal como sua finalidade, o que decorreu reformulações no seu currículo, ainda nos anos 1920. O seu programa foi então trocado por outro que enfatizava a formação em áreas consideradas semiprofissionais que não exigiam formação em nível superior e relacionadas a necessidades locais.” (RIBEIRO, 2016).

instituições que não estavam entre as cem melhores, sendo que, deste total, 50% (4.897) foram enviados para instituições que não estavam, sequer, classificadas. Sabemos que existe uma discussão complexa por trás da utilização dos rankings internacionais para classificar as Universidades a nível mundial, neste sentido, nossa intenção é apenas testar, no discurso e na prática, um dos principais critérios divulgados como crivo para a seleção das IES estrangeiras.

A título de conhecimento, na mesma época (2014), as únicas Universidades brasileiras classificadas pelo *THE* foram a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que estavam entre a 226^a e 250^a posição, e entre a 301^a e 350^a posição, respectivamente. Castro *et. al* (2012), em seu artigo, não vê como um problema o envio dos estudantes para *Community Colleges*, inclusive problematiza que esta seria uma oportunidade importante para o Brasil para trazer o modelo, ainda pouco explorado nacionalmente. Contudo, os autores desconsideram que estas são justamente as IES que não são classificadas pelos rankings, pois não investem no desenvolvimento de pesquisas e estão ligadas mais diretamente à formação técnica, para atender às necessidades locais. Ainda assim, os autores discutem a dificuldade de garantir que um número tão expressivo de bolsistas fossem direcionados para as melhores Universidades uma vez que, segundo eles:

De modo geral, no entanto, Universidades de primeira linha não delegam a seleção de seus estudantes a outras instituições, sejam elas públicas ou privadas. Instituições de menos prestígio e mais premidas por dinheiro podem fazê-lo, mas isso pode significar também uma degradação na qualidade da experiência de estudos no exterior. (CASTRO *et. al.*, 2012, p. 31)

Para além da análise das IES em relação aos rankings, neste quadro, podemos verificar as diferenças expressivas entre a distribuição dos bolsistas no eixo norte e nos demais países do mundo. Enquanto o país latino-americano que mais recebeu bolsistas, Chile, teve apenas 43 intercambistas durante todo o período, salta aos olhos a concentração de estudantes em outras Universidades mais modestas. A Universidade Católica do Chile, uma das melhores Universidades da América Latina teve apenas 26 bolsistas, em contrapartida, uma única Universidade estadunidense recebeu quase 1.200 estudantes, ou seja, mais de vinte e sete vezes o número de intercambistas enviados para todo o Chile.

Como vimos anteriormente, o programa não fomentou a política de mobilidade partindo de outras regiões brasileiras para além do eixo sul-sudeste e, da mesma forma, não houve qualquer direcionamento para aproximar as IES Latino-Americanas ou para criar uma política de reciprocidade visando estabelecer parcerias com outros países fora do eixo Europa-Estados Unidos. A China e a Índia, por exemplo, foram os países que mais enviaram estudantes para os

EUA nas últimas décadas e não houve nenhuma iniciativa concreta de aproximação com esses parceiros em potencial.

Na percepção de GRANJA e CARNEIRO, ao olhar para o ciclo de políticas públicas, existiu um problema na formulação do programa e, conseqüentemente, na possibilidade de atingir todos os objetivos para os quais ele foi criado. Ao analisarmos os resultados, identificamos que a falta de um planejamento, mais aprofundado, impediu uma melhor divisão das bolsas em relação aos locais de origem dos bolsistas e em relação às Universidades de destino. Reproduzimos a reflexão das autoras sobre a criação do CsF a seguir:

Em termos da formulação do CsF, notou-se uma inconsistência no modo como o programa foi desenhado em relação aos objetivos estabelecidos. Os dados da distribuição de bolsas (BRASIL, 2016) mostram que o desenho do programa não tinha instrumentos para abarcar sua extensa lista de objetivos. Acredita-se, assim, que os objetivos foram elaborados mais com o intuito de justificar o programa, após a sua criação, do que para auxiliar na sua estruturação. (GRANJA e CARNEIRO, 2021, p. 195)

Para refletir sobre essas possíveis parcerias, numa tentativa de pensar em potenciais políticas de reciprocidade com outros países, apresentaremos alguns dados do *Institute of International Education* (2021) que nos mostram que desde os anos 2000 os países que mais enviam intercambistas para os EUA foram Índia e China. De 2009 a 2021, a China foi o país que mais investiu na formação dos estudantes do ensino superior fora de suas fronteiras, sempre seguido da Índia. No ano de 2021, a China atingiu a marca de 317.299 intercambistas nos EUA, enquanto a Índia enviou 167.582 estudantes para o país. Os países asiáticos têm estado à frente das principais rotas de internacionalização e mobilidade acadêmica.

No auge do CsF estes países enviaram 304.040 intercambistas (China) e 132.888 (Índia) para os EUA, mesmo assim não há registros de tentativas de uma maior aproximação e/ou reciprocidade com ambos. Se a justificativa era a de enviar estudantes para as melhores Universidades do mundo, no período de maior intensidade do programa, podemos dizer que já existiam Universidades chinesas entre as 50 melhores Universidades, além disso, outras Universidades indianas estavam classificadas pelos rankings no período, diferentemente de algumas das mais disputadas IES relacionadas no Quadro 4. Ainda assim, em detrimento de uma expansão mais equânime, muitos estudantes foram enviados para instituições que não eram classificadas, que não desenvolviam pesquisa e que tinham uma classificação bem mais modesta em relação às expectativas do CsF.

Se por um lado o idioma pode ser considerado uma das barreiras que impediram países como a China e Índia de receberem mais estudantes, mesmo que esses países tivessem potencial

para se tornarem parceiros, o Chile e a Argentina, nossos países vizinhos, tinham uma maior proximidade territorial e linguística conosco e poderiam ter se tornado parcerias mais sólidas, mas isso não aconteceu. Tampouco houve iniciativas mais direcionadas do programa que estimulasse uma relação de reciprocidade ou de aproximação com nossos vizinhos sul-americanos.

Para além da distribuição controversa das bolsas, por países e por instituições, um último elemento precisa ser adicionado às reflexões desta seção: como foi realizada a transferência de recursos públicos brasileiros para o pagamento dos serviços prestados por estas IES? Noutro momento, apresentamos que em 2014 um dos maiores beneficiários do programa, segundo o Portal da Transparência do Governo Federal, foram as Universidades do Reino Unido. Em nosso levantamento sobre as *tuitions* cobradas pela Universidade de Liverpool, Universidade mais bem classificada no ranking entre as que mais receberam bolsistas, identificamos que entre 2015 e 2016 (período em que a taxa cambial e os valores das *tuitions* eram mais altos), os custos anuais para se manter um estudante estrangeiro na IES ficava entre £12,200 e £35,245, e, na média, esse valor esteve próximo dos £15,305²⁴, ou seja, aproximadamente 89 mil reais²⁵. Já nos EUA, as *tuitions* da University of California System (UC), IES com maior número de bolsistas, estavam entre USD\$26,544 e USD\$40,755, em média, USD\$33,650, ou seja, aproximadamente 130 mil reais²⁶ para os estudantes estrangeiros. Sabendo que o valor da *tuition* da Universidade estadunidense para estudantes estrangeiros é, em média, mais alto do que o valor cobrado pela Universidade no Reino Unido, e que este sistema congrega um número quase três vezes maior de estudantes, faremos este mesmo um exercício com outras Universidades nos Estados Unidos, dado que os contratos com as IES e a CAPES/CNPq são sigilosos, para tentar compreender de que maneira os recursos públicos brasileiros podem ter sido transferidos para os EUA, já que as Universidades estadunidenses não aparecem como maiores beneficiárias no Portal da Transparência, nos anos de vigência do CsF.

²⁴ Informações obtidas no site oficial da Universidade. Disponível em: <https://www.liverpool.ac.uk/study/international/tuition-fees-and-scholarships/pgt-fees-15-16/>. Acesso em: 01 de julho de 2022.

²⁵ Conversão realizada com base na cotação de 1 Libra Esterlina/GBP (540) = 5,8368 Real/BRL de 01/12/2015, com base nas informações do Banco Central do Brasil. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/conversao>. Acesso em: 01 de julho de 2022.

²⁶ Conversão realizada com base na cotação de 1 Dólar dos Estados Unidos/USD (220) = 3,8739 Real/BRL (790) de 01/12/2015, com base nas informações do Banco Central do Brasil. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/conversao>. Acesso em: 01 de julho de 2022.

1.3 PESQUISA DATA SENADO

Apresentamos nas seções anteriores uma visão mais sistêmica sobre o Ciência sem Fronteiras a partir dos dados disponibilizados, principalmente, no Portal oficial do programa, informações do Governo Federal, CAPES e CNPq. Começamos pelo desenho inicial do programa, passando pela conceção e implementação das bolsas, pela divisão das modalidades, chegando na divisão por áreas de concentração, países e instituições mais contempladas. Começamos a falar sobre os recursos e das limitações para obtenção dos dados, tanto por parte dos pesquisadores, quanto por parte das próprias agências. O Ciência sem Fronteiras foi um programa sem precedentes e a rapidez com que foi criado, implementado e extinto, fez com que muitos dos aprendizados do programa não fossem completamente absorvidos, seja pela ausência de processos mais complexos que asseguram o registro e acompanhamento das atividades durante a vigência, seja pela ausência de um planejamento de metas mais direcionado, seja pela falta de recursos causados pelo contingenciamento do Governo Federal que impediram que um estudo mais aprofundado fossem realizados sobre o impacto do CsF após a sua finalização.

Nos próximos subcapítulos traremos dados complementares aos apresentados até aqui. Durante o processo de elaboração desta pesquisa exploratória, optamos por não realizar *surveys* com os bolsistas do CsF, ainda que a visão desses atores seja fundamental para compreender os impactos que este financiamento causou em termos de políticas públicas, poderíamos recorrer às pesquisas já existentes para compreender a análise que os estudantes respondentes fizeram sobre o CsF. Nesta perspectiva, utilizamos os dados solicitados pela Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática do Senado Federal (CCT) para o DataSenado sobre a opinião dos beneficiários do Programa Ciência sem Fronteiras em relação às suas experiências individuais com o programa, como principal fonte. Segundo o DataSenado (2015), participaram deste levantamento 14.627 estudantes, o que representou 18,3% dos convidados para a pesquisa e aproximadamente 16% das bolsas implementadas, sendo que, deste total de respondentes, 9.563 foram bolsistas da Capes e 5.064 foram bolsistas do CNPq.

Ainda que a participação na pesquisa tenha sido baixa em relação ao número total de bolsistas contemplados pelo programa, podemos extrair algumas informações relevantes sobre a experiência. Uma das críticas endereçadas ao CsF é a de que os bolsistas contemplados teriam condições de financiarem seus intercâmbios com recursos próprios. As exigências para a participação no CsF foram responsáveis por filtrar um perfil de estudante que teve acesso,

durante sua vida acadêmica, à cursos de idiomas e formações complementares que fizessem com que ele fosse privilegiado em relação a outros que não tiveram acesso às mesmas oportunidades. Para BORGES (2015), por exemplo, o cruzamento das categorias de análise de raça, gênero e renda, em sua amostra de 1.283 bolsistas enviados para os EUA revelam uma concentração mais expressiva de homens brancos com renda superior a 10 mil reais (o que correspondia à época a 12,6 salários mínimos). Segundo a autora, não houve qualquer política que garantisse a participação inclusiva no programa e a concentração do financiamento nas ciências duras, no eixo sul-sudeste do Brasil, aprofundaram essas diferenças. Como vínhamos debatendo, o CsF não estabeleceu outras metas para além das metas gerais do número de bolsas por modalidade e as áreas de atuação, muitas fissuras foram percebidas enquanto o programa acontecia e sua ascensão meteórica e término repentino não viabilizou qualquer possibilidade de ajustes.

Os dados do DataSenado (2015), por outro lado, revelam que esta concentração, de forma mais ampla, esteve distribuída entre 3% de estudantes que não possuíam renda familiar, 11% que eram de famílias com renda até 2 salários mínimos, 25% estavam na faixa de 2 a 5 salários mínimos, 24% possuíam renda de 5 a 10 e, 22% tinham renda superior a 10 salários mínimos. Sendo assim, uma parte expressiva dos participantes, pelo menos 39%, não teriam condições de participar de um intercâmbio caso este não fosse subsidiado. Comparando as taxas e mensalidades das IESs estrangeiras (EUA) com o salário mínimo vigente à época (724 reais), mesmo as famílias com renda entre 5 e 10 salários mínimos dificilmente teriam condições de financiar os estudos de um intercambista no exterior.

Todo o debate que envolve o acesso ao programa para diferentes públicos é muito pertinente, especialmente para planejar futuras iniciativas de internacionalização e mobilidade acadêmica. Este trabalho, no entanto, vai se ater à discussão sobre o pagamento realizado às IES estrangeiras. Entendemos que a transferência de recursos para essas instituições, fora do Brasil, foi uma questão sensível durante todo o programa e poderia, inclusive, ter financiado a participação de outros estudantes de forma mais inclusiva, se tivesse sido melhor direcionada.

A partir dos dados apresentados pelo DataSenado²⁷ (2015), a partir dos dados coletados com os beneficiários do programa, dividimos nossa análise em dois momentos. No primeiro examinaremos a opinião dos bolsistas em relação aos recursos direcionados durante

²⁷ Segundo as notas metodológicas do DataSenado: “Os valores percentuais foram arredondados de maneira que, para valores com decimal menor que 0,5, foi mantida a parte inteira; e, para números com decimal maior ou igual a 0,5, adicionou-se uma unidade à parte inteira do percentual. O uso dessa metodologia de arredondamento faz com que, em alguns casos, a soma dos percentuais de determinada coluna da tabela seja diferente de 100%, para mais ou para menos, sem que isso implique, no entanto, em erro de cálculo.” (DataSenado, 2015, p. 137).

seu período de mobilidade, já no segundo, investigaremos a opinião dos bolsistas em relação ao programa de maneira geral, partindo do quintil de renda familiar ao qual este intercambista declara estar inserido.

1.3.1 Opinião dos bolsistas em relação aos recursos das bolsas

Inicialmente, analisaremos na Tabela 18. se os recursos oferecidos para os bolsistas foram suficientes para garantir sua permanência no exterior durante o período em que desenvolveram seus estudos.

Tabela 16. Os recursos da bolsa têm sido suficientes para sua manutenção? (Bolsistas) - Renda.

	Total	Sem renda	Até 2 S.M	Mais de 2 a 5 S.M	Mais de 5 a 10 S.M	Mais de 10 a 15 S.M	Mais de 15 S.M	Não sei ou prefiro não responder
Sim	62%	53%	65%	64%	64%	56%	65%	62%
Em parte	28%	33%	28%	28%	27%	32%	24%	28%
Não	8%	13%	6%	6%	8%	10%	9%	8%
Não sei ou prefiro não responder	1%	1%	1%	1%	1%	1%	2%	3%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Número de respondentes	3,744	177	348	977	818	387	323	714

Fonte: DataSenado, 2015.

Como fica demonstrado, a maioria dos bolsistas consultados pelo DataSenado (2015) identificaram que os recursos do CsF foram suficientes para custear os estudos durante o período de intercâmbio. Dentre o público respondente, identificamos que as faixas em que temos o maior percentual de respondentes que acreditam que os recursos foram insuficientes declararam não possuir renda ou estavam entre as faixas de maior concentração de renda, entre 10 e 15 salários mínimos e mais de 15 salários mínimos. Isso pode ser justificado, pois os estudantes bolsistas que declararam não possuir nenhuma renda possivelmente não receberam complementação de outras fontes para além da bolsa oferecida pelo programa. No outro extremo, estudantes habituados com um padrão de gastos em seu país de residência podem ter recebido complementação para sua estadia durante o período de estudos no exterior, com isso identificam que os recursos ofertados não foram suficientes para custear todos os custos que envolveram a viagem. Entre as faixas medianas há uma estabilidade entre as respostas, especialmente se considerarmos que o maior número de respondentes estão concentrados entre

as faixas de 2 a 5 salários mínimos e 5 a 10 salários mínimos. Entre os participantes da pesquisa que optaram por não declarar a renda, a maior parte acredita que os recursos foram suficientes, sendo que apenas 8% afirmam serem insuficientes.

Ainda sobre a opinião dos entrevistados sobre se os recursos eram suficientes para o período em que estiveram no exterior, foram feitos os cruzamentos com as regiões de destino dos intercambistas. O resultado está apresentado na Tabela 19.

Tabela 17. Os recursos da bolsa têm sido suficientes para sua manutenção? (Bolsistas) - Destino.

	África	Europa	Ásia	América	Oceania
Sim	43%	72%	70%	52%	70%
Em parte	14%	22%	17%	36%	23%
Não	29%	4%	4%	12%	6%
Não sei ou prefiro não responder	14%	2%	9%	1%	1%
Total	100%	100%	100%	100%	100%
Número de respondentes	7	1,724	54	1,720	235

Fonte: DataSenado, 2015.

Segundo os participantes do CsF que responderam à pesquisa, os continentes que registraram um menor percentual de satisfação em relação aos recursos providos pelo programa foram os continentes africano e americano. No entanto, precisamos considerar que a África teve apenas 7 respondentes da pesquisa, enquanto a América concentrou 1.720 participantes. A concentração de respondentes do continente americano foi equivalente ao continente europeu, contudo, na Europa o percentual de estudantes que identificaram os recursos como suficientes foi 20% a mais do que na América. Sabendo que os EUA e Canadá concentram mais de 35 mil bolsas e que a maior parte delas esteve acumulada entre os anos de 2014 e 2015, momento em que a taxa de conversão do dólar em relação ao real foi mais desfavorável, pode ter impactado na percepção dos estudantes em relação aos recursos destinados à sua permanência durante o período de intercâmbio.

Os participantes também foram perguntados se houveram atrasos no pagamentos das bolsas durante o período de permanência deles no exterior. Estes dados estão presentes na Tabela 20.

Tabela 18. Até o momento, houve algum atraso em relação ao pagamento dos benefícios? (Bolsistas) - Agência de fomento.

Total	Origem
-------	--------

		Capes	CNPq
Sim	20%	21%	18%
Não	77%	76%	80%
Não sei ou prefiro não responder	3%	3%	3%
Total	100%	100%	100%
Número de respondentes	3,744	2,724	1,020

Fonte: DataSenado, 2015.

Entre os participantes, nota-se que há mais do que o dobro de bolsistas vinculados à Capes em relação ao CNPq. Desses, os que afirmam ter havido algum atraso na transferência de recursos para custeios individuais somam 21%, enquanto no CNPq o índice cai para 18%. Sabemos que a Capes foi a agência responsável pelas bolsas de graduação sanduíche e que geriu o maior número de implementações e bolsistas no exterior durante a existência do CsF. Isso justifica, em parte, os atrasos mais concentrados nesta agência que entre os anos de 2014 e 2015 precisou enviar o maior número de bolsistas, monitorando a implementação das bolsas de mais editais e organizando o pagamento de mais instituições estrangeiras.

Na Tabela 21 serão apresentados os continentes das IES estrangeiras onde ocorreram atrasos em relação ao pagamento dos benefícios para custeio dos estudantes.

Tabela 19. Até o momento, houve algum atraso em relação ao pagamento dos benefícios? (Bolsistas) - Continente da instituição estrangeira.

	África	Europa	Ásia	América	Oceania
Sim	14%	17%	15%	24%	12%
Não	57%	80%	81%	73%	86%
Não sei ou prefiro não responder	29%	4%	4%	3%	2%
Total	100%	100%	100%	100%	100%
Número de respondentes	7	1,724	54	1,720	235

Fonte: DataSenado, 2015.

Na Tabela 21 é possível identificar que o continente com maior percentual de beneficiários que afirmaram ter vivenciado algum tipo de atraso no repasse das bolsas foi a América, seguido da Europa. Estes também são os continentes que mais receberam estudantes, no eixo América-Europa, sendo o continente americano o que mais se sobressaiu, como já foi apresentado anteriormente. Da mesma forma, conhecendo a distribuição dos recursos por modalidade durante o CsF, entendemos que a maior quantidade de atrasos em relação a distribuição das bolsas ocorreu com os estudantes da modalidade de graduação sanduíche, isso

pode ser observado a partir da agência de fomento responsável e com o cruzamento do continente de destino dos bolsistas, sabemos que a maior ocorrência esteve nos EUA e Canadá.

Na Tabela 22, os participantes foram perguntados sobre o tempo médio dos atrasos em relação ao repasse dos recursos por agência de fomento e na sequência, na Tabela 23, responderam em relação ao atraso por continente onde a instituição estrangeira estava alocada.

Tabela 20. E de quanto tempo, em média, foi o atraso? (Bolsistas) - Agência de fomento.

	Total	Origem	
		Capes	CNPq
Até uma semana	11%	10%	14%
Mais de uma semana a 15 dias	36%	37%	31%
Mais de 15 dias a um mês	28%	28%	25%
Mais de um mês	21%	18%	28%
Não sei ou prefiro não responder	5%	6%	1%
Total	100%	100%	100%
Número de respondentes	746	565	181

Fonte: DataSenado, 2015.

Quando indagados sobre o tempo de atraso em relação ao pagamento do benefício, a maior parte dos estudantes identificou que os atrasos estavam entre uma semana e quinze dias. A Capes seguiu sendo a agência com maior número absoluto de participantes que relataram atraso em mais de um mês, mesmo com percentual menor do que o apresentado pelo CNPq. Ainda assim, os aproximadamente 156 bolsistas que tiveram algum atraso em seu benefício, identificados neste levantamento, representam 0,16% do total de bolsas implementadas, um valor muito pequeno se comparado ao total de intercâmbios efetivados.

Na Tabela 23 também são comparados os atrasos no pagamento dos benefícios, porém em relação ao continente de destino dos bolsistas.

Tabela 21. E de quanto tempo, em média, foi o atraso? (Bolsistas) - Continente da instituição estrangeira.

	Total	Continente da instituição estrangeira				
		África	Europa	Ásia	América	Oceania
Até uma semana	11%	0%	13%	13%	10%	17%

Mais de uma semana a 15 dias	36%	100%	33%	50%	38%	31%
Mais de 15 dias a um mês	28%	0%	25%	38%	29%	34%
Mais de um mês	21%	0%	23%	0%	20%	14%
Não sei ou prefiro não responder	5%	0%	6%	0%	4%	3%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Número de respondentes	746	1	289	8	418	29

Fonte: DataSenado, 2015.

A maior quantidade de benefícios em atraso ocorreu na América, novamente seguido pela Europa. Aproximadamente 46% dos estudantes, dos continentes com maior incidência, que relataram alguma demora declararam que o pagamento tardio foi realizado em até quinze dias da data esperada. Na América, 49% afirmam que este período foi superior a quinze dias, sendo que do total, 20% consideram o tempo de espera superior a um mês.

Ainda que seja um percentual pequeno em relação ao número total de estudantes contemplados, temos que considerar que a amostra também foi reduzida. Neste sentido, para complementar a análise trouxemos, para este estudo, os dados dos possíveis impactos do pagamento dos benefícios no processo de mobilidade acadêmica dos participantes.

Na Tabela 24 foi indagado aos participantes se em algum momento eles pensaram em desistir do intercâmbio, as respostas foram agrupadas segundo a renda dos respondentes.

Tabela 22. Durante o seu intercâmbio você pensou em desistir? - Renda.

	Total	Sem renda	Até 2 S.M	Mais de 2 a 5 S.M	Mais de 5 a 10 S.M	Mais de 10 a 15 S.M	Mais de 15 S.M	Não sei ou prefiro não responder
Sim	15%	18%	19%	17%	14%	14%	13%	14%
Não	83%	79%	79%	82%	85%	85%	86%	82%
Não sei ou prefiro não responder	2%	3%	1%	2%	1%	2%	1%	4%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Número de respondentes	14,627	395	1,608	3,717	3,439	1,672	1,614	2,182

Fonte: DataSenado, 2015.

Entre os estudantes que pensaram em desistir de seu período de mobilidade, os que não tem renda ou possuem renda familiar de até dois salários mínimos foram os que tiveram maior propensão a não seguir no intercâmbio, ainda que sejam um grupo menor em relação às demais

faixas. Dos estudantes que declararam sua renda entre dois e cinco salários mínimos, aproximadamente 600 pensaram em desistir, entre cinco e dez salários mínimos foram aproximadamente 500. O percentual de estudantes que pensaram em desistir nas três últimas faixas de renda são muito próximos e possivelmente isso pode ser explicado, pois são bolsistas com maior preparo em relação ao idioma, estrutura familiar e outras experiências prévias tornam o período de mobilidade menos dificultoso em relação à adaptação.

Na Tabela 25 é apresentado o percentual de estudantes que pensaram em desistir em relação ao continente de destino da IES estrangeira.

Tabela 23. Durante o seu intercâmbio você pensou em desistir? - Continente da instituição estrangeira.

	Total	África	Europa	Ásia	América	Oceania
Sim	15%	11%	14%	15%	17%	18%
Não	83%	74%	85%	82%	81%	81%
Não sei ou prefiro não responder	2%	14%	1%	4%	2%	1%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Número de respondentes	14,627	105	7,613	255	5,646	998

Fonte: DataSenado, 2015.

Nesta tabela, o percentual de estudantes que mais pensou em abandonar o período de intercâmbio foram os enviados para Oceania, seguido dos estudantes com destino à América. Em números absolutos, havia mais estudantes respondentes para Europa, ainda assim, comparativamente, o número de estudantes que pensaram em desistir na Europa e na América foram muito similares.

Tabela 24. O que levou você a pensar em desistir do intercâmbio? - Renda.

	Total	Sem renda	Até 2 S.M	Mais de 2 a 5 S.M	Mais de 5 a 10 S.M	Mais de 10 a 15 S.M	Mais de 15 S.M	Não sei ou prefiro não responder
Problemas de adaptação	56%	46%	53%	55%	59%	60%	54%	58%
Problemas familiares	28%	19%	28%	32%	27%	26%	25%	29%
Aprendizado abaixo das minhas expectativas	25%	22%	27%	22%	27%	24%	27%	26%
Tratamento recebido dos colegas	16%	19%	16%	15%	15%	13%	20%	18%

Baixo rendimento acadêmico	13%	19%	16%	12%	13%	11%	10%	12%
Tratamento recebido dos professores	9%	18%	9%	9%	9%	9%	12%	7%
Recursos da bolsa insuficientes	8%	15%	8%	8%	8%	10%	7%	7%
Problemas de atraso no pagamento das bolsas	4%	7%	4%	4%	4%	3%	2%	3%
Outro	21%	24%	21%	21%	18%	17%	20%	28%
Não sei ou prefiro não responder	3%	1%	2%	2%	3%	3%	3%	3%

Fonte: DataSenado, 2015.

Por fim, as Tabelas 27 traz os principais motivos para uma possível desistência dos estudantes. E neste ponto depositamos nossa atenção. Mesmo com os atrasos em relação às bolsas e com uma parcela afirmando que os recursos eram insuficientes e/ou parcialmente suficientes, um percentual muito reduzido afirmou que a possível desistência seria em decorrência dos recursos destinados ao período de mobilidade.

Tabela 25. O que levou você a pensar em desistir do intercâmbio? - Continente da instituição estrangeira.

	Total	África	Europa	Ásia	América	Oceania
Problemas de adaptação	56%	33%	57%	62%	54%	63%
Problemas familiares	28%	33%	25%	24%	31%	33%
Aprendizado abaixo das minhas expectativas	25%	8%	28%	30%	23%	20%
Tratamento recebido dos colegas	16%	8%	21%	14%	11%	12%
Baixo rendimento acadêmico	13%	8%	16%	14%	9%	14%
Tratamento recebido dos professores	9%	17%	14%	11%	5%	3%
Recursos da bolsa insuficientes	8%	8%	5%	3%	12%	7%
Problemas de atraso no pagamento das bolsas	4%	0%	3%	3%	5%	3%
Outro	21%	25%	20%	16%	22%	18%
Não sei ou prefiro não responder	3%	8%	2%	0%	3%	3%

Fonte: DataSenado, 2015.

Entre os motivos para uma possível desistência dos estudantes durante o período de intercâmbio destacam-se os problemas de adaptação e os problemas familiares. Essas duas causas são seguidas de uma terceira razão: o aprendizado abaixo das expectativas. Este é um ponto relevante, dado que grande parte dos recursos foram enviados para IES estrangeiras. Este levantamento com os egressos do programa é fundamental para compreendermos como foram investidos os recursos públicos para a formação dos profissionais brasileiros enquanto estiveram em seu período de intercâmbio acadêmico. Ásia, Europa e América foram os continentes que mais se destacaram em relação ao aprendizado abaixo das expectativas.

No primeiro bloco de reflexões sobre os dados disponibilizados pelo DataSenado, sobre a opinião dos bolsistas em relação aos recursos direcionados durante seu período de mobilidade, concluímos que a maior parte dos bolsistas identificaram que os recursos foram suficientes durante o período de seu intercâmbio acadêmico e que os estudantes que demonstraram maior insatisfação em relação ao benefício estavam concentrados nas faixas de mais baixa renda ou mais alta renda. O continente Americano foi que o que teve mais estudantes, quando cruzamos o percentual com o número absoluto, de contemplados que consideravam os recursos insuficientes. Uma das razões para isso, relatada ao longo da análise foi a grande concentração de intercambistas entre 2014 e 2014, períodos em que a moeda brasileira já estava bem defasada em relação ao dólar. Outra razão a ser considerada é a grande concentração de estudantes no continente americano em relação a todos os demais.

O atraso no pagamento dos benefícios também ocorreu em maior parte no continente americano e em relação à agência, esteve concentrado na Capes. Ainda assim os atrasos mais longos foram poucos em relação ao número de respondentes na pesquisa e em relação ao total de bolsas implementadas. Por fim, quando indagados se em algum momento pensaram em desistir, os beneficiários com renda mais baixa estavam mais propensos a desistirem do intercâmbio, no entanto as razões que levaram a ideia da desistência não estavam relacionadas aos recursos necessários para a permanência. As três principais razões elencadas como motivos para uma possível evasão foram: 1) Problemas na adaptação, 2) Problemas familiares e 3) Aprendizado abaixo das minhas expectativas.

Para esta pesquisa o último motivo, aprendizado abaixo das minhas expectativas acendem um sinal de alerta sobre como eram as instituições estrangeiras de destino destes intercambistas. Na próxima seção, analisaremos a percepção dos bolsistas em relação ao

programa Ciências sem Fronteiras, a partir do continente para onde foram enviados e da renda declarada pelos mesmos.

1.3.2 Opinião dos bolsistas em relação ao CsF, partindo de sua renda.

Na primeira parte sobre os resultados encontrados na pesquisa do DataSenado, refletimos sobre os recursos destinados aos bolsistas, a relação com as agências fomentadoras, os continentes das instituições para as quais foram enviados e o impacto que os recursos causaram na permanência dos estudantes no período de mobilidade acadêmica proporcionada pelo CsF. Na segunda parte das análises vamos refletir sobre a percepção dos bolsistas em relação ao programa, ao curso oferecido pela IES que frequentou, à recepção da IES estrangeira, bem como a dos professores e colegas. Por fim, analisaremos o tempo de duração dos bolsistas participantes da pesquisa e sua proficiência no idioma estrangeiro.

Na Tabela 28 veremos o nível de satisfação dos bolsistas em relação ao CsF, partindo dos continentes de origem da instituição de ensino para a qual foram enviados.

Tabela 26. Qual o seu nível de satisfação com o Programa Ciência sem Fronteiras?

	Total	África	Europa	Ásia	América	Oceania
Muito satisfeito	48%	27%	48%	45%	47%	48%
Satisfeito	44%	43%	44%	45%	44%	45%
Nem satisfeito, nem insatisfeito	6%	9%	5%	7%	6%	6%
Insatisfeito	2%	4%	2%	3%	2%	2%
Muito insatisfeito	0%	5%	0%	0%	0%	0%
Não sei ou prefiro não responder	1%	13%	0%	1%	0%	0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Número de respondentes	14,627	105	7,613	255	5,646	998

Fonte: DataSenado, 2015.

É possível notar que a satisfação dos participantes é alta. Em geral e em relação a todos os continentes, com exceção da África. Aproximadamente 90% dos pesquisados declararam estarem satisfeitos com o programa. Entre os insatisfeitos e muito insatisfeitos, a África fica à frente em percentuais, no entanto, em números absolutos os demais continentes superam em volume. Também foi a África o único continente com bolsistas muito insatisfeitos.

A Tabela 29 mostra o grau de satisfação dos participantes em relação ao curso frequentado na instituição estrangeira.

Tabela 27. Em relação ao seu curso oferecido pela instituição estrangeira, você está:

	Total	África	Europa	Ásia	América	Oceania
Muito satisfeito	44%	45%	40%	34%	47%	54%
Satisfeito	38%	32%	39%	41%	36%	34%
Nem satisfeito, nem insatisfeito	12%	10%	13%	15%	10%	9%
Insatisfeito	4%	2%	4%	5%	3%	2%
Muito insatisfeito	1%	1%	1%	1%	1%	1%
Não sei ou prefiro não responder	2%	10%	2%	4%	1%	1%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Número de respondentes	14,627	105	7,613	255	5,646	998

Fonte: DataSenado, 2015.

Mais de 80% dos estudantes declaram estarem muito satisfeitos ou satisfeitos com a instituição estrangeira que frequentaram. Em percentuais, os mais satisfeitos estavam na Oceania, em números absolutos, Europa e América. O grupo de estudantes insatisfeitos e muito insatisfeitos não ultrapassa os 5%.

A Tabela 29 apresenta a satisfação dos estudantes em relação à recepção recebida pela instituição estrangeira.

Tabela 29. Em relação a sua recepção na instituição estrangeira

	Total	Sem renda	Até 2 S.M	Mais de 2 a 5 S.M	Mais de 5 a 10 S.M	Mais de 10 a 15 S.M	Mais de 15 S.M	Não sei ou prefiro não responder
Ótimo	60%	58%	56%	59%	61%	61%	62%	59%
Bom	27%	28%	29%	27%	28%	27%	26%	28%
Regular	9%	9%	11%	9%	8%	8%	7%	9%
Ruim	3%	2%	3%	3%	2%	2%	2%	3%
Péssimo	1%	2%	1%	1%	1%	1%	2%	1%
Não sei ou prefiro não responder	0%	1%	0%	0%	0%	0%	0%	1%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Número de respondentes	14,627	395	1,608	3,717	3,439	1,672	1,614	2,182

Fonte: DataSenado. CCT - Senado Federal, 2015.

A maior parte dos estudantes, 87% considera que a recepção das IES estrangeiras foi ótima ou boa. Entre os que consideraram ruim ou péssimo essa média girou em torno de 4% em todos os níveis de renda. O maior percentual dos estudantes que consideraram a recepção

das instituições como péssimas foram os que declararam não possuir nenhuma renda, ou possuírem renda acima de quinze salários mínimos, apenas 1% dos estudantes afirmam terem uma recepção péssima das IES para as quais foram enviados.

A Tabela 30 mostra a percepção dos estudantes em relação ao tratamento recebido pelos professores nas IES estrangeiras.

Tabela 28. Tratamento recebido dos professores da instituição estrangeira.

	Total	Sem renda	Até 2 S.M	Mais de 2 a 5 S.M	Mais de 5 a 10 S.M	Mais de 10 a 15 S.M	Mais de 15 S.M	Não sei ou prefiro não responder
Ótimo	54%	58%	50%	54%	55%	55%	56%	54%
Bom	30%	26%	32%	31%	31%	31%	29%	31%
Regular	11%	12%	13%	12%	10%	10%	10%	10%
Ruim	2%	3%	2%	2%	2%	3%	3%	2%
Péssimo	1%	1%	1%	1%	1%	0%	1%	11%
Não sei ou prefiro não responder	1%	1%	1%	1%	1%	1%	2%	2%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Número de respondentes	14,627	395	1,608	3,717	3,439	1,672	1,614	2,182

Fonte: DataSenado, 2015.

Mais de 80% dos estudantes consultados aprovam o tratamento que receberam dos docentes nas IES estrangeiras, a avaliação dos bolsistas é de que o tratamento foi ótimo ou bom. Apenas 3% dos estudantes afirmam que receberam um tratamento ruim ou péssimo, destes, apenas 1% considera o tratamento péssimo. Entre os que consideraram o tratamento ruim, a maior concentração está entre os estudantes que declararam não possuir renda e entre os que declararam possuir renda familiar superior a dez salários mínimos. Para os que optaram por não declarar a renda, a avaliação dos docentes é mais negativa, o percentual de participantes que consideram a recepção ruim ou péssima sobre para 13%.

Na Tabela 31 os estudantes são consultados sobre o tratamento que receberam dos colegas estrangeiros.

Tabela 29. Tratamento recebido dos colegas estrangeiros.

	Total	Sem renda	Até 2 S.M	Mais de 2 a 5 S.M	Mais de 5 a 10 S.M	Mais de 10 a 15 S.M	Mais de 15 S.M	Não sei ou prefiro não responder
Ótimo	42%	48%	38%	41%	42%	45%	45%	42%

Bom	34%	30%	33%	35%	35%	34%	34%	36%
Regular	17%	15%	19%	17%	17%	15%	15%	16%
Ruim	4%	4%	6%	4%	4%	4%	4%	3%
Péssimo	2%	2%	3%	2%	2%	1%	1%	1%
Não sei ou prefiro não responder	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	2%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Número de respondentes	14,627	395	1,608	3,717	3,439	1,672	1,614	2,182

Fonte: DataSenado, 2015.

Do total de participantes, 76% consideram que a recepção dos colegas estrangeiros foi ótima ou boa. Apenas 6% relatam que a recepção entre os pares foi ruim ou péssima. Dos que consideram a recepção ruim ou péssima, a maior concentração está na faixa de renda de até dois salários mínimos, as demais faixas, incluindo aqueles que optaram por não declarar sua renda, não ultrapassam os 6%.

A Tabela 32 mostra a quanto tempo os participantes estavam realizando o intercâmbio no momento em que responderam à pesquisa do DataSenado.

Tabela 30. Há quanto tempo você está realizando o intercâmbio promovido pelo programa Ciência sem Fronteiras? (Bolsistas).

	Total	África	Europa	Ásia	América	Oceania
Até 3 meses	33%	29%	31%	22%	40%	3%
De 3 a 6 meses	8%	43%	9%	17%	7%	5%
Mais de 6 meses a 12 meses	21%	29%	23%	26%	13%	65%
Mais de 12 meses	37%	0%	37%	30%	40%	27%
Não sei ou prefiro não responder	0%	0%	0%	6%	0%	0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Número de respondentes	3,744	7	1,724	54	1,720	235

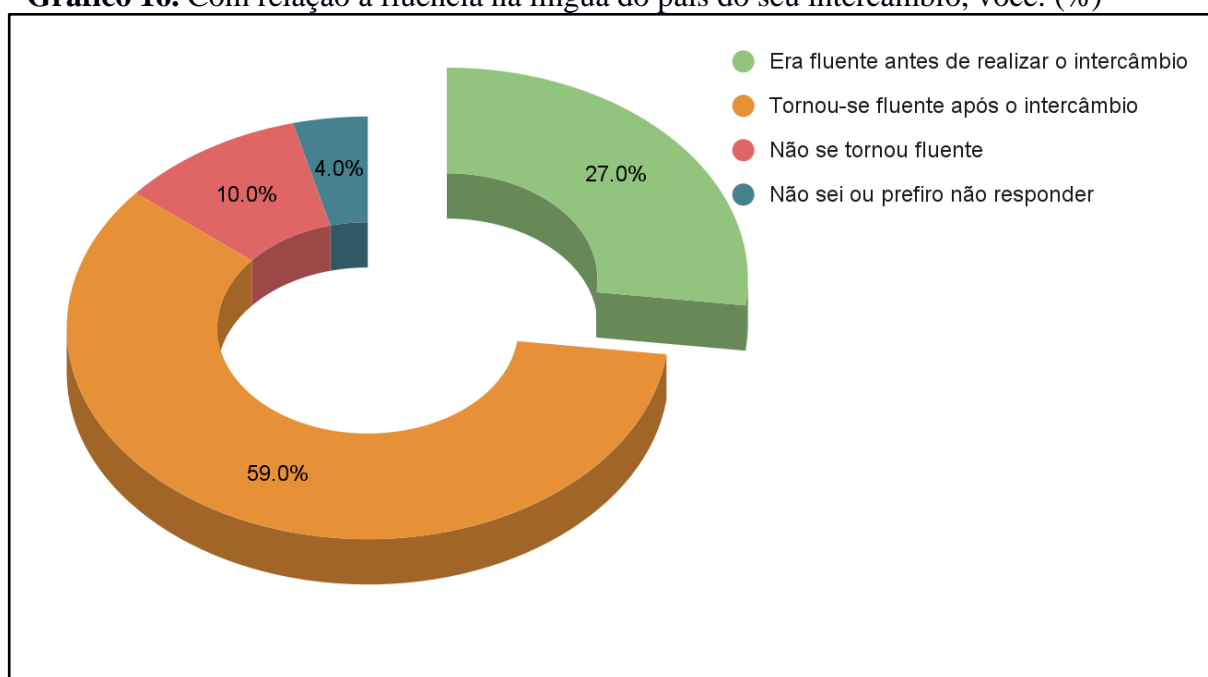
Fonte: DataSenado, 2015.

Sabendo que os intercâmbios tinham como menor prazo de duração seis meses e o prazo máximo doze meses para graduação sanduíche. Do total de participantes, 41% estavam na fase inicial do período de mobilidade acadêmica, ou seja, até seis meses. Considerando o período em que o levantamento foi realizado, no auge do envio de estudantes para fora do Brasil, sabemos que grande parte deles ainda estavam vivenciando sua experiência internacional fora do país. Entre os pesquisados, um percentual grande relata estar a mais de doze meses

participando do programa. Isso pode ser justificado pelas demais modalidades, além da graduação-sanduíche, ou por estágios e outras atividades que podem ter expandido o prazo inicial das atividades dos bolsistas. Não há informações precisas sobre essa possível expansão de prazos. Na América, continente onde estão localizadas as IES nas quais aprofundaremos nossa análise, há uma concentração de intercambistas no início do período de mobilidade, até três meses, e outra parcela grande concentrada no período superior a doze meses. Esta concentração, nos extremos, pode ter ocorrido dado o momento de lançamento dos editais dos EUA. Entre 2013 e 2014 foram concedidas mais de dezenove mil bolsas, ou seja, mais de quatorze mil no ano de 2013 e quase cinco mil em 2014 (ano do último edital para SWG). Isso significa que muitos estudantes estavam no período inicial de suas bolsas em 2015 ou no período final das bolsas implementadas em 2013.

Por fim, o último conjunto de dados que utilizamos para esta análise foi sobre a fluência no idioma do país de destino onde os intercambistas realizaram seu período de mobilidade acadêmica. Essa informação pode ser verificada no Gráfico 16.

Gráfico 16. Com relação à fluência na língua do país do seu intercâmbio, você: (%)



Fonte: DataSenado, 2015.

De acordo com o DataSenado, apenas 27% dos participantes eram fluentes no idioma das IES estrangeiras para as quais foram enviados, antes do período do intercâmbio. Isso significa que os outros 73% precisaram de algum tipo de formação acadêmica complementar para que pudessem frequentar as aulas ministradas fora do Brasil. Ainda que 59% dos discentes

entendam que se tornaram fluentes durante o período de intercâmbio, ainda há uma parcela de 10% que considera não ter adquirido a fluência necessária.

Neste segundo bloco de análises, arrematamos com os dados sobre a fluência do idioma dos participantes, pois este também foi um gasto significativo, não previsto, durante o programa e que precisou ser incorporado nos custos envolvidos para envio dos estudantes, principalmente os de SWG, para as IES estrangeiras.

Em síntese, entendemos que a parte mais expressiva dos entrevistados estavam satisfeitos ou muito satisfeitos com o CsF. Apesar de baixo, o maior grau de insatisfação em relação ao curso ofertado na IES estrangeira foi na Ásia, já o continente americano teve aproximadamente 4% de estudantes insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o curso que frequentaram. Em relação ao tratamento e recepção dos estudantes por parte das IES estrangeiras, dos docentes e colegas, identificamos haver uma boa avaliação, sendo que os piores pareceres foram sobre a recepção dos colegas. Esta avaliação estava concentrada nas faixas de renda mais baixas dos respondentes.

Finalizamos nossa análise sobre o levantamento realizado pelo Data Senado, a pedido da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação e Informática (CCT), com a seguinte reflexão: ainda que os bolsistas participantes tenham relatado, em sua maioria, uma experiência positiva em relação ao CsF e ao recursos disponibilizados para sua formação, mesmo que as IES estrangeiras tenham sido bem avaliadas, alguns pontos precisam ser aprofundados, entre eles, a razão para os estudantes afirmarem que o aprendizado esteve abaixo das expectativas e os motivos pelos quais a maior parte dos estudantes só terem adquirido fluência do idioma durante o período de intercâmbio.

1.4 RELATÓRIOS DE AVALIAÇÃO SOBRE O CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

Ao longo da implementação do Ciência sem Fronteiras alguns relatórios de balanço sobre o programa foram produzidos com a intenção de analisar os procedimentos e resultados atingidos. Em todos estes relatórios, alguns já introduzidos ao longo da dissertação, há um consenso de que a iniciativa precisava de muitos ajustes dada a forma como foi criada, implementada e encerrada. Essa seção tem o objetivo de apresentar as conclusões dos principais relatórios, os quais apresentaremos em ordem cronológica.

O primeiro é o “Documento Técnico contendo estudo analítico, teórico e metodológico sobre o impacto e a organização do Programa Ciência sem Fronteiras nas políticas públicas da Educação Superior”, desenvolvido no âmbito do Conselho Nacional de Educação - MEC

(2013). Já em 2013, o relatório identifica a conveniência de criar indicadores que pudessem ser quantificados. A necessidade de verificar se os objetivos do programa estavam sendo cumpridos deveria partir de uma métrica estabelecida e estimável. Autores como GRANJA e CARNEIRO (2021) corroboram desta análise e problematizam a criação dos objetivos²⁸ do CsF a partir do olhar do ciclo de políticas públicas. Segundo as autoras:

[...] o programa tinha uma lista extensa e ambiciosa de objetivos, o que incluía ampliar a mobilidade estudantil e acadêmica e aumentar a cooperação técnico-científica internacional, além de contribuir para a internacionalização das instituições de Ensino Superior e centros de pesquisas brasileiros, propiciar maior visibilidade internacional à pesquisa brasileira, estimular as pesquisas aplicadas no país e aumentar a competitividade das empresas brasileiras. No entanto, os mecanismos utilizados pelo programa não eram suficientes para abarcar todos os objetivos, especialmente ao considerar que a maior modalidade (Graduação Sanduíche) não previa atividades de pesquisa, nem no Brasil e nem no exterior. Além disso, vale ressaltar que a lista de objetivos do programa foi instituída alguns meses após o anúncio do CsF, assim como a definição de áreas prioritárias contempladas pelo programa foi feita um ano após o seu início (GRANJA; CARNEIRO, 2021, p.189)

A ausência de indicadores, metas e métricas mais acurados é uma questão que parece ser comum em todas as análises realizadas sobre o CsF. Além do aperfeiçoamento dos controles, dentre as principais recomendações do Ministério (2013), que dialogam com este trabalho, estavam: 1) escalonar ano a ano o nível de exigência na proficiência do idioma; 2) descentralizar a seleção para que ocorra (pelo menos em parte) nas Universidades com curso de doutorado; 3) determinar um limite do número de estudantes por Universidade (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013, p. 20).

Entendemos que estas recomendações foram ao encontro do propósito deste estudo, uma vez que: 1) o escalonamento do nível de proficiência poderia impactar nos gastos com a formação dos estudantes, 2) descentralizar a seleção para Universidades com Doutorado exigiria que as IES, nacionais e estrangeiras, se dedicassem à pesquisa e não apenas à formação técnica-operacional (como no caso das IES nos EUA que se dedicam às “*Practical Applications*”²⁹) poderia influenciar no custo de cada IES no exterior e 3) ao determinar um

²⁸ De acordo com o Conselho Nacional de Educação (2013), os cinco objetivos do CsF eram: “1 - Investir na formação de pessoal altamente qualificado nas competências e habilidades necessárias para o avanço da sociedade do conhecimento; 2 - Aumentar a presença de pesquisadores e estudantes de vários níveis em instituições de excelência no exterior; 3 - Promover a inserção internacional das instituições brasileiras pela abertura de oportunidades semelhantes para cientistas e estudantes estrangeiros; 4 - Ampliar o conhecimento inovador de pessoal das indústrias tecnológicas; 5 - Atrair jovens talentos científicos e investigadores altamente qualificados para trabalhar no Brasil.” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013, p. 3)

²⁹ Algumas instituições de ensino superior, nos EUA, são classificadas como “*Practical Applications*” quando o conhecimento aprendido precisa ser implementado em certas situações da vida real, isso quer dizer que são IES que se dedicam à formação técnica, que seriam equivalentes aos cursos técnicos no Brasil.

número máximo de estudantes por instituição, seria possível ter um maior controle da transferência de recursos públicos nacionais e, inclusive, negociar políticas de reciprocidade.

As recomendações do MEC, já em 2013, de certa forma, reconheciam as falhas e as limitações existentes na execução do programa. Ainda assim, o Ministério da Educação reconheceu no CsF um forte potencial de impacto a nível internacional. Segundo o Documento Técnico:

O Programa Ciência sem Fronteiras causou um impacto significativo em várias direções. No incremento das bolsas para cursos no exterior, na ampliação dos convênios e acordos institucionais das diversas agências de pesquisa e das Universidades, no aumento da visibilidade internacional do Brasil, no interesse das Universidades de outros países, notadamente da Europa e Estados Unidos em abrirem escritórios em nosso país. Além disto, o Brasil inicia uma forte jornada na área das relações internacionais, àquela em que a cultura é mais importante que a força se fazendo presente nos países que são seus interlocutores comerciais (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013, p.11)

A crença de que a política de governo, para internacionalização, trazia mais benefícios, para o país, do que apresentava obstáculos para uma execução bem sucedida, deu ao relatório do MEC uma aura mais branda do que os demais relatórios. Sobre as recomendações feitas, neste relatório, em relação à proficiência em idioma estrangeiro, por exemplo, o parecer do MEC é o de que criar barreiras escalonadas para acessar o programa CsF poderia fomentar a busca dos estudantes pelo aperfeiçoamento no idioma dos países para os quais seriam enviados (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013). Não se problematizou, por exemplo, quais seriam os custos envolvidos, não previstos, para este tipo de formação complementar. Posteriormente confirmou-se que a estratégia de subsidiar a formação para a melhoria da proficiência do corpo discente, com cursos de idiomas (antes e durante a bolsa), envolveu um gasto, inesperado, de R\$ 976.441.045,74 durante a vigência do CsF, de acordo com os dados levantados por MARQUES (2017). Neste sentido, o documento técnico relativizou os possíveis gastos em favor dos ganhos que os cursos preparatórios de idiomas poderiam trazer ao país, ainda que os custos dessa formação tenham extrapolado as expectativas. Reproduzimos o fragmento do relatório que discutia a imprescindibilidade do escalonamento da proficiência dos estudantes bolsistas:

[...] esta barreira gera um movimento, como tem gerado, de busca por parte dos estudantes para aperfeiçoar-se nos idiomas dos países a que se destinam promovendo um efeito irradiador extremamente positivo para o desenvolvimento do país. É possível que com o estabelecimento de novos índices escalonados para a proficiência idiomática se obtenha um estado satisfatório para o aproveitamento dos estudantes nos cursos no exterior. Outra possibilidade que foi tomada pelo agente governamental foi a criação de cursos de idiomas on-line para os estudantes universitários. Sem

dúvida este movimento é um passo para a melhoria da internacionalização dos nossos alunos e de nossas Universidades (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013, p.14).

Outra recomendação que envolveu diretamente os gastos com o CsF, agora mais diretamente relacionado com nosso objeto de estudo, foi a sugestão de revisão da metodologia para a escolha das Universidades de destino. Como o próprio documento técnico afirma, o programa foi criado para:

[...] levar os estudantes brasileiros da graduação e de doutorado para realizarem estudos nos países conveniados por meio de suas Universidades. Estas Universidades são escolhidas em acordo com os principais rankings internacionais, tais como o Times High Education e QS World University Rankings.

A recomendação para que o programa descentralizasse a seleção das Universidades, de maneira que a escolha partisse dos programas de pós-graduação, com Doutorado, e de forma a determinar um número máximo de estudantes por instituição de ensino, teria um impacto direto na atuação de agências intermediárias fora do país. Esse ajuste envolveria não somente as Universidades brasileiras, mas os programas de pós-graduação nacionais na consolidação das parcerias para o CsF. Não seria factível manejar um programa, com estas proporções, de forma centralizada. Para enviar 100 mil estudantes para os principais centros de excelência de cada área do conhecimento seria preciso que os acordos fossem feitos a partir das parcerias já estabelecidas e cristalizadas nos programas de pós-graduação nacionais. Por esta razão, as agências internacionais que intermediaram o envio dos intercambistas teriam seu papel minimizado e muitas vezes suprimido, além disso, a participação de IES que não desenvolvessem pesquisa seria limitada.

Quando o relatório questionou a metodologia para a escolha das Universidades, melhor dizendo, dos rankings internacionais que usam indicadores “duros” para comparar as Universidades de diversos países, o documento apontou para dois pontos críticos do programa, sendo eles: 1) o envio de estudantes para Universidades mais modestas, em relação à classificação dos rankings e 2) a exclusão de cursos de prestígio em Universidades de menor classificação global. Transcrevemos as considerações sobre a metodologia de ranqueamento das IES no trecho abaixo:

De todo modo, em geral se considera o número de docentes, publicações de artigos, prêmios angariados, patentes, ou seja, indicadores duros que possibilitem comparações interinstitucionais. Um comentário a ser visto é o de que se o Programa Ciência sem Fronteiras se propõe a enviar os estudantes brasileiros a Universidades de excelência, este critério de excelência não está claramente explicitado. É um adjetivo mais do que uma referência. Isto porque ao analisar as Universidades nestas listas classificatórias vamos encontrar uma grande variedade entre elas. No caso do

Programa Ciência sem Fronteiras, foram enviados alunos para Universidades que ocupam classificações além do duo-centésimo posto. [...] Adicionalmente, em todas as Universidades existem cursos que podem ser melhores considerados do que outros. Uma Universidade classificada no centésimo lugar pode ter cursos que estão em nível de paridade com outros de Universidades classificadas muito acima ou abaixo dela. Na verdade, se fosse possível uma melhor escolha do lugar para onde enviar nossos alunos, este deveria ter em contas muito mais o curso ou programa em si do que a Universidade como tal (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013, p.12).

O impacto da escolha dessas instituições resultou diretamente nos custos que incidiram no programa com a alocação dos estudantes no exterior. Diferentemente de outros programas de mobilidade acadêmica que visam o estabelecimento de parcerias com as IES estrangeiras e buscam a reciprocidade para a isenção de taxas e mensalidades, o CsF arcou com todos os custos cobrados pelas instituições participantes, o que acabou onerando demasiadamente a iniciativa. Alguns dos principais pontos de atenção e recomendações sobre a execução do CsF foram publicados em abril de 2013, no Documento Técnico do Conselho Nacional de Educação, mas já eram conhecidos pelo MEC em 2012, durante a coleta de dados dos resultados parciais alcançados nos primeiros editais. Ainda assim, o número de editais e bolsas concedidas entre 2013 e 2014 tiveram uma ampliação substancial sem que fossem feitos ajustes para o aprimoramento do programa. Como veremos a seguir, no Relatório Nº 21, da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação e Informática (2015), aprovado no momento em que o CsF já estava com seus editais suspensos, a escolha das IES estrangeiras seguiu sendo uma questão passível de ajustes. Retiramos, do relatório, o fragmento onde se problematizou a quantidade de estudantes nos Estados Unidos e a concentração dos mesmos partindo do ranking *THE*:

Ao se ater aos Estados Unidos, país que recebeu quase um terço dos bolsistas, observa-se que todas as grandes e mais reputadas Universidades do país receberam brasileiros do CsF. Mas ao se considerar as 25 Universidades que mais receberam bolsistas do Programa, vê-se que apenas três delas estão entre as cinquenta primeiras no ranking da THE. (CCT, 2015, p.53).

A concentração e envio dos estudantes para Universidades modestamente classificadas nos rankings já era uma questão em 2012, antes da explosão da concessão de bolsas nos editais para os EUA entre 2013 e 2014, e seguiu sendo um gargalo até a suspensão dos editais. O gasto envolvido na participação dessas IES foi bastante questionado. No balanço da CCT (2015), sobre o CsF, em diversos momentos, é reforçada a necessidade de que as despesas fossem reduzidas, nas palavras da CCT: “É preciso, em nova fase do Programa, buscar a simetria na cooperação internacional” (CCT, 2015, p. 50). Ainda sobre a concentração, significativamente maior, de bolsas para os EUA, o Relatório 21 considerou que: “os encargos cobrados pelas Universidades norte-americanas são relativamente altos, e talvez seja possível promover

negociações de reciprocidade mais vantajosas com instituições bem reputadas de outros países.” (CCT, 2015, p. 51). O alto desembolso com o CsF, sobretudo com a modalidade de SWG, continuou sendo uma preocupação depois de encerrados os editais. Para além do alto dispêndio, *per se*, a CCT identificou o risco de uma drenagem ainda maior de recursos públicos caso os bolsistas não fossem incorporados à economia nacional no momento de seu retorno, segundo o relatório:

O envio de nossos melhores estudantes e pesquisadores para cursos e estágios no exterior pode significar uma drenagem de recursos financeiros nacionais para o desenvolvimento de outros países, caso o profissional e o pesquisador de alto nível não encontrem aqui condições adequadas de trabalho. (CCT, 2015, p. 60)

Mesmo com todas as falhas ocorridas, particularmente àquelas que avolumaram a somatória geral do CsF, os órgãos responsáveis relativizaram os custos em benefício dos resultados atingidos, resultados estes, muitas vezes, não comprovados. O Relatório 21 (CCT, 2015), tal qual o parecer do Documento Técnico (MEC, 2013), expõe sua visão da seguinte forma:

A soma de cerca de R\$10,5 bilhões ou para a concessão de 101.446 bolsas perfaz uma média de R\$103 mil por bolsista. O valor é alto, mas tendo em vista os fins buscados pelo CsF a situação deve ser relativizada. Afinal, investir em CT&I não sai barato. **Ainda que alguns equívocos tenham sido cometidos em sua implementação inicial**, o Programa foi capaz de aumentar a visibilidade internacional da educação superior brasileira. Ademais, lançou bases mais firmes para a inserção das Universidades e outras instituições brasileiras em programas de cooperação internacional no campo da pesquisa científica. (CCT, 2015, p. 61, grifo nosso)

Não há dúvidas de que o Ciência sem Fronteiras gerou oportunidades em diversas esferas, entretanto a falta de planejamento estratégico sobrecarregou o trabalho e o orçamento das agências, inclusive do FNDCT, e escoou recursos que poderiam ter sido otimizados dentro do Brasil. O próprio Relatório 21 aponta que, para além da dificuldade no controle dos gastos com o programa³⁰, seu planejamento sequer foi incluído no plano plurianual da Capes; segundo a CCT:

O CsF, entretanto, parece ter sido criado de forma repentina. Conforme admitiu Jorge Almeida Guimarães, então presidente da Capes, em audiência na CCT, em abril de 2015, o plano plurianual do órgão para 2011-2020 não tinha uma palavra sobre o CsF, uma vez que o documento foi concluído no final de 2010, poucos meses antes da concepção do Programa. Embora o órgão, nas palavras do ex-presidente, estivesse preparado para a tarefa, o mesmo não ocorreu com o CNPq, segundo manifestação do Presidente Hernan Chaimovich em sua exposição na mesma audiência. (CCT, 2015, p. 42)

³⁰ Discutimos a dificuldade de estimar os gastos com o CsF nos anos iniciais de sua implementação no ítem “1.2.5 Os recursos utilizados pelo Ciência sem Fronteiras”.

A falta de um planejamento estratégico, desde a concepção do programa, impactou em diversas esferas do CsF. Como vimos no levantamento realizado pelo DataSenado, uma parcela dos estudantes avaliaram como regular, ruim ou péssima a qualidade do curso nas instituições estrangeiras, além disso, muitos bolsistas foram enviados para Universidades que não se dedicavam à pesquisa e alguns não tiveram seus créditos validados na Universidade de origem. A CCT reconhece esses problemas e recomenda o aprimoramento dos controles e indicadores do CsF. Da nossa parte, entendemos que o aprimoramento de iniciativas de mobilidade e internacionalização perpassa o aprimoramento dos indicadores, mas o imbróglio do CsF é essencialmente de outra ordem. Entendemos que o cerne do problema esteve o tempo todo na gênese do programa. As falhas ocasionadas pela criação do Ciência sem Fronteiras a partir de um modelo *top-down*³¹, não deram sustentação à política de governo numa perspectiva de longo prazo. O Senado Federal encaminhou junto ao Relatório 21 uma recomendação de que o CsF se tornasse uma política de estado, mas os inúmeros insucessos atrelados à iniciativa culminaram numa descontinuidade abrupta, com aprendizados difusos e inconclusos. As Universidades brasileiras e os programas de pós-graduação deveriam ter sido incorporados como atores centrais do processo desde a sua elaboração. As instituições nacionais teriam que estar envolvidas na condução das parcerias internacionais, na efetivação dos acordos de reciprocidade, na validação de instituições e cursos prioritários, no processo de seleção dos contemplados, além do monitoramento dos bolsistas e dos egressos. Neste sentido, damos voz ao Professor Márcio Venício Barbosa, em depoimento à CCT (2015), ao expressar a dificuldade de relacionamento com as IES estrangeiras. Segundo ele:

Foram reportadas, ainda, algumas dificuldades de comunicação das Universidades, ou de parte delas, com as agências financiadoras e as instituições estrangeiras. Não se trata de dificuldades de resolver problemas envolvendo os bolsistas no exterior, mas de participação no processo que leva ao fechamento de acordos. Segundo o Professor Márcio Venício Barbosa: ‘falta comunicação das nossas Universidades com as Universidades estrangeiras. **A escolha, o contato e os contratos são todos feitos pelas agências e nós não temos participação nisso.** (...) Então, neste aspecto, um

³¹ Reproduzimos o trecho, a seguir, para ilustrar a necessidade de pensar o CsF como uma política pública que deveria ser planejada e implementada de forma a envolver diferentes atores no processo de internacionalização. Segundo FARIA: “A defesa da centralidade da implementação foi complementada por uma segunda geração de estudiosos, para quem os decisores não seriam capazes de estabelecer e desenvolver políticas apenas desde cima (*top-down*), desde o topo da estrutura institucional e burocrática. Além disso, as políticas sempre se estabeleceriam sobre políticas anteriores, tornando o processo muito mais complexo, e certamente não apenas se originando de cima, mas também de baixo das estruturas organizacionais (*bottom-up*). [...] O auge da defesa da constituição de um modelo *bottom-up* para o estudo das políticas sustentaria normativamente que políticas não deveriam ser estabelecidas desde cima, levantando argumentos associados ao caráter democrático das decisões a serem tomadas.” (FARIA, 2013, p.33)

dos objetivos do programa, que é o da internacionalização do ensino brasileiro, ainda está bastante precário.’ (CCT, 2015, p. 43, grifo nosso)

A participação das IES nacionais na criação, implementação e avaliação do CsF poderia ter reduzido significativamente os custos e ter ampliado de forma considerável os ganhos do programa. Para dar maior robustez a esta análise, destacamos quatro recomendações da CCT que vão ao encontro desta perspectiva e que visavam o aprimoramento do CsF para sua continuidade. Foram elas:

[...] 5. Promover a **aproximação direta entre Universidades brasileiras e estrangeiras**, mediante a **redução dos canais que possam ser considerados supérfluos na intermediação das agências de financiamento** à pesquisa e à formação de recursos humanos de alto nível; [...] 10. Envidar esforços para a **ampliação dos bolsistas do CsF em Universidades e instituições de pesquisa mais bem avaliadas nos rankings internacionais**; [...] 13. Promover **análise mais criteriosa das atividades acadêmicas oferecidas pelas instituições selecionadas**, de forma a aumentar o seu aproveitamento pelos bolsistas; [...] 15. Conferir prioridade à **criação de mecanismos de avaliação quantitativa e qualitativa do Programa**, com abrangência nacional, destacando a trajetória acadêmica e profissional de seus beneficiários; (CCT, 2015, p. 62-64, grifo nosso)

Os pontos elencados não sintetizam ou esgotam a reflexão, pelo contrário, eles fortalecem a ideia de que ainda existe uma necessidade investigativa para aprofundar as análises sobre todos os processos que envolveram o CsF. Olhar para o passado e realizar o balanço do programa, a partir de dados concretos, é fundamental para traçar as lições aprendidas em busca do aprimoramento de futuras iniciativas. Sob esta perspectiva, propusemos alguns questionamentos: 1) Já que a aproximação entre as Universidades brasileiras e estrangeiras seria fundamental para reduzir canais supérfluos, qual foi o papel e como atuaram as agências intermediárias internacionais neste processo? Quanto foi direcionado/intermediado por essas agências, no formato original, e que poderia ter sido poupado ou melhor direcionado? 2) Dada a recomendação de ampliar o número de bolsistas em instituições mais bem avaliadas, quanto foi destinado às instituições que estavam fora do escopo do CsF? 3) Dado que o interesse dos formuladores era de fomentar a pesquisa nacional, quanto foi destinado às instituições internacionais que não se dedicam à pesquisa? 4) Dado que as atividades acadêmicas precisariam passar por um crivo mais criterioso, quem fez e como foram feitas as escolhas dos cursos frequentados pelos bolsistas durante a vigência do CsF? 5) Dada a recomendação de que fossem criados mecanismos de avaliação quantitativa e qualitativa do CsF, por quê, mesmo encerrado, um programa com essas proporções não produziu um estudo *ex-post*?

Em posse de todos os dados apresentados até aqui e com essas cinco perguntas elencadas, partimos em busca de respostas e/ou justificativas que nos apoiassem na construção

deste estudo exploratório. Encontramos no Relatório de Avaliação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Ministério da Transparência e Controladoria-Geral da União - CGU (2017) e no Relatório de Auditoria de Conformidade do Programa Ciência sem Fronteiras da Capes (2018) algumas explicações para a dificuldade em obter os dados sobre o CsF e as razões para que, até o momento, não exista nenhuma avaliação de impacto do programa.

A rigor, as agências de fomento ficaram ainda mais sobrecarregadas com os processos do CsF. Tanto o relatório da CGU (2017), quanto a auditoria interna da Capes (2018) apontaram essa situação. As equipes foram insuficientes para processar todas as demandas, nacionais e internacionais, mesmo depois do término do programa. No caso do CNPq, segundo a CGU (2017), a situação se apresentava da seguinte maneira:

É possível observar, portanto, uma alta concentração nas modalidades Graduação Sanduíche no Exterior (SWG) e Auxílio Pesquisa (subdividida nas modalidades APQ e AI), que somam 81% dos valores pendentes de análise técnica e/ou financeira. Destaca-se, nesse contexto, que a modalidade SWG foi utilizada no âmbito do programa Ciência Sem Fronteiras (CsF), vigente entre os anos 2011 e 2016. Segundo a Unidade, o CsF aumentou significativamente o número de prestações de contas apresentadas anualmente. **De fato, a modalidade em comento tem 18.035 prestações pendentes há mais de 120 dias, o que corresponde a quase metade do total nessa situação.** É possível observar, da mesma forma, um crescimento mais acelerado do acúmulo a partir do exercício 2013 na distribuição anual [...] (CGU, 2017, p. 16)

Com a Capes a situação não foi diferente. A auditoria interna, também, expôs as limitações que a entidade enfrentou em relação aos procedimentos já estabelecidos. Considerando que a Capes acumulou um número muito maior de processos do CsF, em relação ao CNPq, não causa espanto que a entidade não tenha sido capaz de aprimorar seus processos de monitoramento e avaliação enquanto tentava desempenhar suas atividades mais cotidianas. O quadro se apresentou, por consequência, da seguinte forma na Fundação:

Há grande disparidade entre o número de processos em fase de egresso (prestação de contas) e a força de trabalho disponível para analisá-los. Atualmente **há cerca de 49 mil processos nessa situação para uma equipe composta por 27 técnicos**, o que significa que cada técnico possui sob sua responsabilidade uma quantidade média de 1.813 processos. Ressalta-se que, desde a reestruturação da DRI em 2012/2013, a DAE passou a analisar, além dos processos oriundos dos programas de bolsas individuais (institucionais ou balcão), os programas tradicionais derivados de acordos de cooperação internacional. Além disso, destaca-se que os processos do Programa Ciências Sem Fronteiras são analisados pelas mesmas equipes responsáveis pela finalização dos processos dos demais programas, uma vez que não houve decisão superior designando equipe específica para o CsF. (CAPES, 2018, p.16)

O projeto de internacionalização de larga escala realizado pelo CsF evidenciou a fragilidade dos controles internos da Capes e do CNPq para atender a um programa de grandes proporções. Com a demanda voraz de atingir as metas globais a qualquer custo, os processos foram se acumulando tanto a nível individual, quanto institucional. Sem o planejamento inicial necessário e assumindo todos os papéis que envolviam o envio dos estudantes para o exterior, não foi possível desenvolver e implementar estratégias, em tempo hábil, enquanto o programa estava ativo. As atividades concorriam, a todo momento, e as evidências mostram que, em todos os cenários, as equipes responsáveis precisavam apagar um “incêndio” a cada dia. Como se não fosse suficiente o fato do Governo Federal não ter estabelecido as parcerias necessárias com o setor privado para garantir outras fontes de recursos, uma sucessão de questões incalculadas obrigaram o programa a fazer inúmeros rearranjos. Basta resgatar alguns dos principais acontecimentos noticiados, a época, sobre o CsF para compreendermos que seria impossível garantir o nível de excelência e os resultados almejados frente a estrutura disponível para a implementação de um programa sem precedentes e de proporções titânicas nos quatro anos em que os editais estiveram abertos. Apenas para lembrar alguns exemplos, vamos citar o rearranjo do número de bolsas direcionadas para SWG, as bolsas de mestrado profissional suplementares criadas para substituir outra modalidade não efetivada, o caso dos estudantes enviados para Portugal que tiveram de ser redirecionados para outras IES, além do alto investimento em cursos de idiomas para nivelar, minimamente, os estudantes de foram rápida.

O parecer final da CGU (2017) em relação às atividades de fomento à pesquisa do CNPq evidencia esta situação:

Com base em análise realizada sobre a gestão do programa de bolsas e auxílios, principal atividade finalística do CNPq, observou-se a **inexistência de uma avaliação ampla e sistemática da política pública, inviabilizando seu aprimoramento contínuo**. Agrava esse quadro a **baixa qualidade dos indicadores** utilizados para o planejamento, monitoramento e avaliação das concessões, que **não subsidiam um acompanhamento mais qualificado dos dispêndios executados e nem suportam a tomada de decisão dos gestores**. Essa lacuna dificulta inclusive uma melhor alocação de recursos no âmbito do programa, o que ganha ainda mais importância no atual contexto de contenção orçamentária. Tais fatos demonstram fragilidades da gestão que devem ser rapidamente sanadas, com vistas a conferir maior eficiência e eficácia à atuação do CNPq. Ainda no âmbito das bolsas e auxílios, destaca-se a existência de um **alto passivo de prestações de contas pendentes de avaliação somada a um contingente de mais de cem mil processos aguardando apresentação de relatório** por parte do beneficiário já acima dos prazos estabelecidos. Essa situação implica em grande risco de concessão indevida de novos fomentos, podendo ensejar prejuízo aos cofres públicos. (CGU, 2017, p. 48)

Enquanto a CGU fez um balanço das atividades de fomento do CNPq até 2017, levando em consideração o efeito tardio causado pelos programas aos quais esteve à frente, inclusive o CsF que já estava encerrado, mas deixou um grande passivo, o relatório de auditoria interna da

Capex ateve-se, especificamente, as implicações que os controles internos da Capex tiveram na gestão do CsF. O relatório de auditoria apresentou algumas das principais lacunas que foram deixadas durante a condução do programa, apresentamos o parecer sobre os controles da Capex no trecho destacado:

Quanto ao ambiente de controle, verificou-se que as chefias e servidores tem consciência da necessidade de controles; no entanto, **não pareceu haver uma condução da alta administração para o estabelecimento ou aprimoramento dos controles internos**, pois a elaboração dos manuais foi decorrente de percepção por parte da coordenação, chefias e servidores sobre a necessidade de padronização de seus processos. Os manuais foram elaborados após o início da vigência do programa e foram aprimorados ao longo do tempo. Os controles internos utilizados para concessão de bolsas se baseiam essencialmente nos Manuais do Candidato e no do Bolsista e especialmente pelo Sistema de Concessão de Bolsas e Auxílios – SCBA, além de **procedimentos internos não formalizados ou não normatizados**. (CAPES, 2018, p.8)

Sabemos que, no contexto geral, os controles das agências precisavam de aprimoramento, ainda assim, vale reforçar que mesmo em relação ao principais processos críticos e às preocupações mais centrais da Capex em relação ao CsF, não foram estabelecidos padrões e procedimentos capazes de analisar os cenários, os riscos inerentes e possíveis mitigações. Entendemos que, de forma complementar, deveria haver uma avaliação e um parecer sobre as IES estrangeiras que participaram da iniciativa e receberam bolsistas brasileiros do CsF, mas este parece ser um levantamento ainda distante das recomendações mais imediatas para o apuramento dos controles internos das agências. Duas passagens do relatório de auditoria interna da Capex traduzem e sintetizam as informações sobre os mecanismos utilizados para gerenciar o CsF que necessitavam de ajustes mais imediatos. Citaremos, primeiro, a parte em que são elencados os processos críticos, conforme o relatório:

Como exemplo de processos críticos foram citados o processo seletivo, a formulação de programação financeira, tendo em vista a variação do dólar e a comprovação de retorno do bolsista ao país. **No que se refere a identificação de riscos, seu diagnóstico não é formalizado, não ocorreu análise da probabilidade de ocorrência e nem foram adotadas medidas formais para identificação, mensuração, classificação e mitigação**. (CAPES, 2018, p.17)

Como ficou evidenciado, não houve um plano de ação direcionado para os principais processos críticos, que foram listados como: 1) processo seletivo, 2) programação financeira (variação do dólar) e 3) retorno do bolsista ao país. Neste sentido, encerramos as considerações sobre os principais relatórios de balanço do CsF com o parecer da auditoria interna da Capex em relação ao acompanhamento do programa. No trecho selecionado também está a réplica dos

gestores em relação aos questionamentos feitos pela equipe de auditoria, o qual reproduzimos a seguir:

Achado 5: Baixo nível de acompanhamento do desempenho do programa. ausência de indicadores para mensuração. [...] Quando a Diretoria foi questionada a respeito do estabelecimento de metas e indicadores, a resposta obtida foi a de que foram estabelecidas metas globais de número de concessões de bolsas e, com relação aos objetivos específicos, a resposta obtida informa o atendimento dos objetivos, **sem, no entanto, apresentar dados para considerar os objetivos atingidos ou outra forma de avaliação do desempenho.** Quando a DRI foi questionada se ‘Além do número de bolsas concedidas, foi definido algum outro tipo de indicador que possibilitasse avaliar qualitativamente o atingimento dos objetivos do CsF?’ A resposta obtida foi ‘Inicialmente, foram definidos apenas indicadores quantitativos para o atingimento das metas do Programa. Entretanto, em 2013, com vistas a levantar subsídios para uma avaliação quali-quantitativa do Programa, a Capes demandou ao Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) a elaboração de ‘proposta metodológica de avaliação do programa Ciência sem Fronteiras’. O resultado foi um documento contendo diagnóstico do programa e proposta metodológica para sua avaliação. [...] No entanto, a Diretoria informou que a proposta **não foi plenamente implementada pelo fato do programa estar em curso à época da apresentação da proposta**, mas que as iniciativas de avaliação foram formatadas e que estão em processo de discussão e análise. (CAPES, 2018, p.21)

Não há dúvidas de que, na conclusão de todos os relatórios, as recomendações convergiam para a necessidade do aprimoramento dos controles do programa. Para averiguar se os objetivos do CsF estavam sendo cumpridos seria preciso estabelecer indicadores que pudessem ser quantificados, pois a ausência das metas gerais e específicas, além das métricas acuradas, resultaram em falhas sistêmicas que, de maneira geral, oneraram significativamente o orçamento das agências de fomento. Entendemos, ao longo da investigação, que os hiatos entre a implementação, o monitoramento e a avaliação, se devem à própria forma como o CsF foi concebido. Entretanto, muitos dos problemas identificados no CsF, em relação à sua gestão, foram espalhados para as agências e pautaram a necessidade de reformulações dos próprios controles internos da Capes e do CNPq.

Foi a partir dos problemas identificados no CsF, tais como: o controle da proficiência dos estudantes, a demanda de descentralização na seleção dos bolsistas, a conveniência de se estabelecer um número máximo de intercambistas por Universidade, além da redução dos gastos com aprimoramento do idioma, taxas e mensalidades das IES estrangeiras e com a variação cambial, que foram feitas muitas das sugestões incorporadas nos atuais programas de ambas as agências. Se por um lado os atores envolvidos reconhecem as vantagens do programa (a visibilidade internacional do Brasil despontou, maior zona de influência do soft-power brasileiro, cresceram o número de acordos institucionais e diversas IES estrangeiras abriram escritórios de representação no país), por outro a baixa qualidade dos indicadores utilizados no

planejamento, monitoramento e avaliação não foi capaz de subsidiar a tomada de decisão dos gestores, tampouco materializar e quantificar os possíveis ganhos provindos do CsF.

Em virtude desses complicadores as sugestões de melhoria, contidas nos relatórios, caminham na mesma direção e se repetem, uma vez que não foram feitos grandes ajustes de rota enquanto o programa estava sendo executado. Agrupamos essas sugestões, divididas entre os relatórios, de acordo com o que consideramos ser os cinco marcos na vida de um programa. Para a fase de ideação do CsF, as melhorias deveriam partir: i) da descentralização do programa (saindo da gestão centrada na Capes e CNPq em direção às Universidades brasileiras), ii) do planejamento e redução dos custos envolvidos e iii) da ponderação no número de bolsistas da modalidade de SWG. Na fase de planejamento os ajustes precisariam: i) identificar, mensurar, classificar e mitigar os riscos envolvidos, ii) estabelecer políticas de reciprocidade, iii) escolher novas instituições para além dos EUA, iv) enviar estudantes para IES melhor classificadas, v) priorizar IES que realizam pesquisa, vi) analisar os programas de pesquisa para onde vão os bolsistas. Para a fase de execução: i) estabelecer critérios socioeconômicos e meritocráticos para a seleção dos estudantes, ii) definir recursos e equipes necessárias para a execução da iniciativa (evitar a sobrecarga). Na etapa de monitoramento: i) melhorar os processos de monitoramento e avaliação das agências com indicadores e métricas quantificáveis ii) definição de processos formais de registro e acompanhamento. Por fim, para o encerramento do programa, as recomendações foram: i) traçar lições aprendidas, ii) revisão e aprimoramento de controles para futuras iniciativas e iii) possível avaliação de resultados *ex-post*.

Para concluir, resgatamos as perguntas que criamos a partir das análises dos relatórios sobre o programa. Começaremos com a última delas, para a qual já trouxemos alguns elementos de análise: “Por quê, mesmo encerrado, o CsF não produziu um estudo *ex-post*?”. A nível institucional, sabemos que os controles mais básicos foram alvo de críticas e sugestões de melhoria, além de que grande parte dos processos ficaram represados pelas limitações das equipes internas, ou seja, não havia técnicos suficientes para gerir todos os programas das agências. Neste sentido, para além da conclusão dos trabalhos de rotina e do aprimoramento dos controles, não haveria força de trabalho suficiente para uma avaliação mais robusta com o fim do programa. O próprio relatório de auditoria da Capes expõe o interesse, bem como a limitação da agência em conduzir um estudo que fosse capaz de analisar a complexidade do CsF, porém, num cenário de restrições orçamentárias, este estudo significaria reduzir novos projetos e bolsas. Sendo assim, a avaliação foi despriorizada. Havia uma perspectiva de que outras iniciativas de avaliação fossem realizadas após a finalização do CsF, a exemplo foram citadas as iniciativas da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e da Empresa Brasileira de

Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA). O objetivo era identificar os impactos do CsF nas áreas da saúde e das ciências agrárias, no entanto não foram encontradas produções que avançassem em relação ao impacto produzido pelo CsF.

As outras quatro perguntas relacionadas às agências intermediárias, à necessidade de envio dos bolsistas para IES melhor avaliadas, à destinação de recursos para instituições que não se dedicavam à pesquisa e a escolha dos cursos frequentados pelos estudantes durante o CsF serão discutidas no capítulo sobre o CsF nos Estados Unidos da América.

CAPÍTULO II - O CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

3.1 APRESENTAÇÃO

Iniciamos este estudo exploratório com a intenção de somar ao debate sobre o que foi o CsF. Passamos por uma longa curva de aprendizado para identificar onde estavam concentradas as principais reflexões e produções sobre o programa e recolher os dados disponíveis sobre a iniciativa. A partir da experiência concreta, desta política de governo, que tinha como objetivos incentivar a mobilidade acadêmica, a formação de profissionais de alto desempenho, o estabelecimento de redes de pesquisa internacionais e o fomento do desenvolvimento econômico do país em áreas estratégicas da economia nacional, constatamos que existem poucas reflexões sobre a forma como os recursos do CsF foram disponibilizados, distribuídos e transferidos para o exterior. Em vista disso, decidimos direcionar nosso olhar para as instituições que receberam o maior número de bolsistas de SWG, modalidade mais controversa contemplada pelo CsF, no país que mais se beneficiou da política de mobilidade acadêmica brasileira, os EUA.

Este capítulo tem como objetivo retratar como foi implementado o programa CsF nos EUA. Introduziremos o tema apresentando como têm sido a recepção dos estudantes internacionais nos EUA nas últimas décadas e como flutuou a mobilidade acadêmica, impulsionada pelo Brasil, entre os países remetentes no mesmo período.

Posteriormente, apresentaremos as agências intermediárias que participaram do processo de seleção e envio dos estudantes para as IES nos EUA, bem como as instituições às quais representavam, durante o período de vigência do CsF. Seguiremos nossa análise apresentando as IES que receberam bolsistas da modalidade de SWG e na sequência as quinze Universidades que mais se beneficiaram da transferência de recursos brasileiros.

Por fim, faremos uma análise do perfil das IES estadunidenses favorecidas com o programa. Teremos como ponto de partida o tipo de formação que essas IES oferecem em seus *campi*, as taxas e mensalidades cobradas por elas para estudantes residentes e internacionais e por fim, sua classificação nos *rankings* internacionais.

A título de comparação, examinaremos, também, as Universidades melhor classificadas no ranking *THE* durante a temporada mais acentuada de deslocamento dos beneficiários do CsF.

3.2 MOBILIDADE ACADÊMICA NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Os EUA têm sido, por décadas, um dos países mais atrativos para os estudantes que buscam complementar seus estudos de nível superior em IES estrangeiras. Essa atratividade está relacionada à influência que o país exerce sobre o mundo, seja pelo desenvolvimento econômico, militar e tecnológico, seja pelo *soft-power* e pela exportação de um modelo social e cultural (*American Dream*), tanto quanto pelo prestígio de suas IES entre o meio acadêmico.

Quando os estudantes optam pela mobilidade acadêmica em direção a este país, também contribuem para a geração de renda e desenvolvimento local, além de compor parte do desenvolvimento tecnológico estrangeiro. Muitos deles, no seu retorno, assumem posições de liderança, em seus países de origem, ora no setor público, ora no setor privado, e acabam incorporando valores e práticas, vivenciados nessas IES estrangeiras, em suas atividades cotidianas. Segundo a NAFSA³² (2022) (*Association of International Educators*), em 2014, ano em que o CsF esteve no seu apogeu, estudantes estrangeiros foram responsáveis por gerar 373.383 postos de trabalho nos EUA, entre as principais atividades econômicas fomentadas, com relação direta de emprego, estavam: educação superior, acomodação, alimentação, varejo e seguro saúde. Ainda segundo a associação, o benefício econômico envolvido com estas atividades, no mesmo ano, chegou a USD \$30.470.654.497,00. Autores como Khanna (2021), reforçam que os benefícios econômicos aportados por estes estudantes vão além dos limites das Universidades, segundo a autora os estudantes internacionais também impulsionam as economias em torno das cidades universitárias, gastando com aluguel, automóveis e outras formas de consumo.

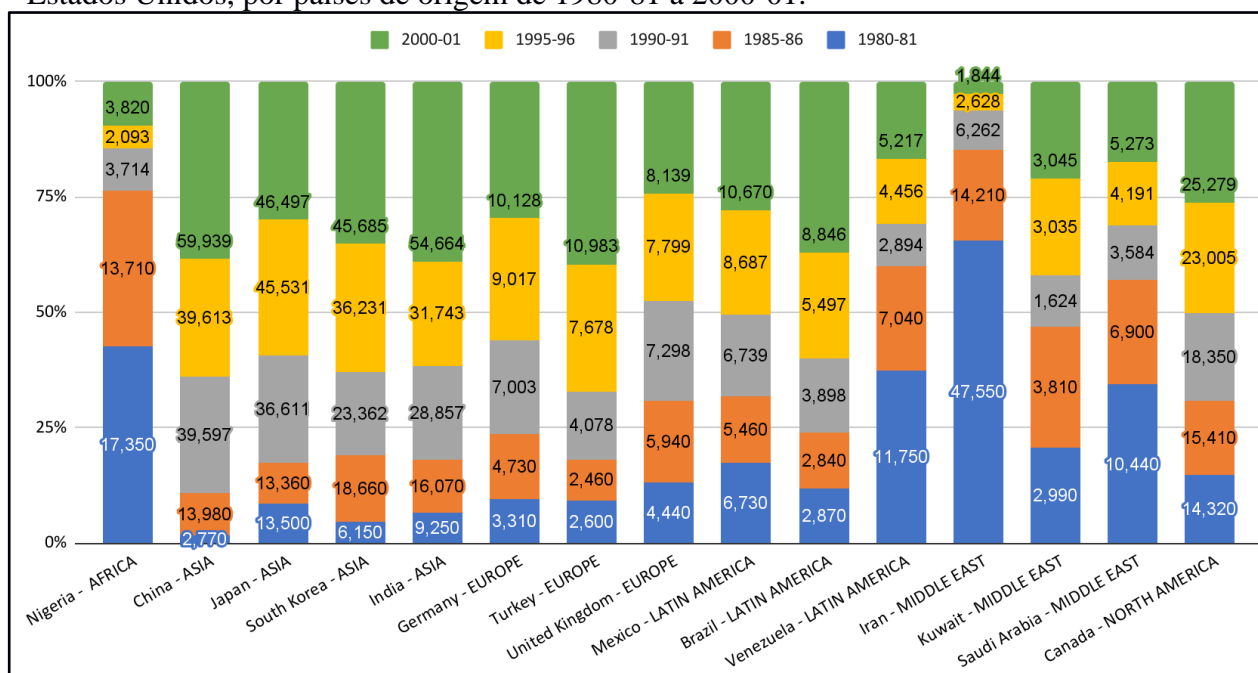
De acordo com os dados divulgados no “*Open Doors Report on the International Educational Exchange*” (IIE - 2021), as comunidades universitárias que mais se beneficiaram recepcionando os discentes provindos de outros países, em 2014, foram: a Universidade de Nova York, a Universidade do Sul da Califórnia, a Universidade de Illinois, a Universidade de Columbia e a Universidade de Perdue, para citar as cinco mais atrativas no ano em que ocorreram a maior quantidade de editais e envio dos estudantes do CsF.

³² A NAFSA é uma associação sem fins lucrativos, fundada em 1948 e dedicada ao intercâmbio internacional. Foi criada para dar suporte aos estudantes estrangeiros que foram para os EUA após a II Guerra Mundial. A NAFSA foi originalmente nomeada como “*National Association of Foreign Student Advisers*” (Associação Nacional de Conselheiros de Estudantes Estrangeiros - tradução nossa) e, após outras modificações, em 1990, passou a se chamar “*Association of International Educators*” (Associação de Educadores Internacionais - tradução nossa). Informações disponíveis em: <https://www.nafsa.org/about/about-nafsa/frequently-asked-questions-faqs#:~:text=The%20original%20name%20of%20the,NAFSA%3A%20Association%20of%20International%20Educators>.

Em complementação a esta análise, o mesmo relatório expõe que a maior concentração nas áreas de estudo, dos universitários estrangeiros, 2014, foram: gestão e negócios, engenharia, matemática e ciências da computação, além de artes e ciências sociais, para humanidades. As instituições que se dedicam à internacionalização e à mobilidade acadêmica nas IES dos EUA têm desenvolvido diversos estudos para mensurar o impacto que esse fluxo migratório temporário gera na economia e nas comunidades locais no país. De fato, quando o ex-presidente Donald Trump passou a dificultar e restringir a imigração nos EUA, parte da comunidade acadêmica e representantes de diversos setores impactados pela recepção desses estudantes, se manifestaram contrários às resoluções, uma vez que as consequências na redução do orçamento pela ausência de graduandos e pós-graduandos, nessas instituições, seria massivo.

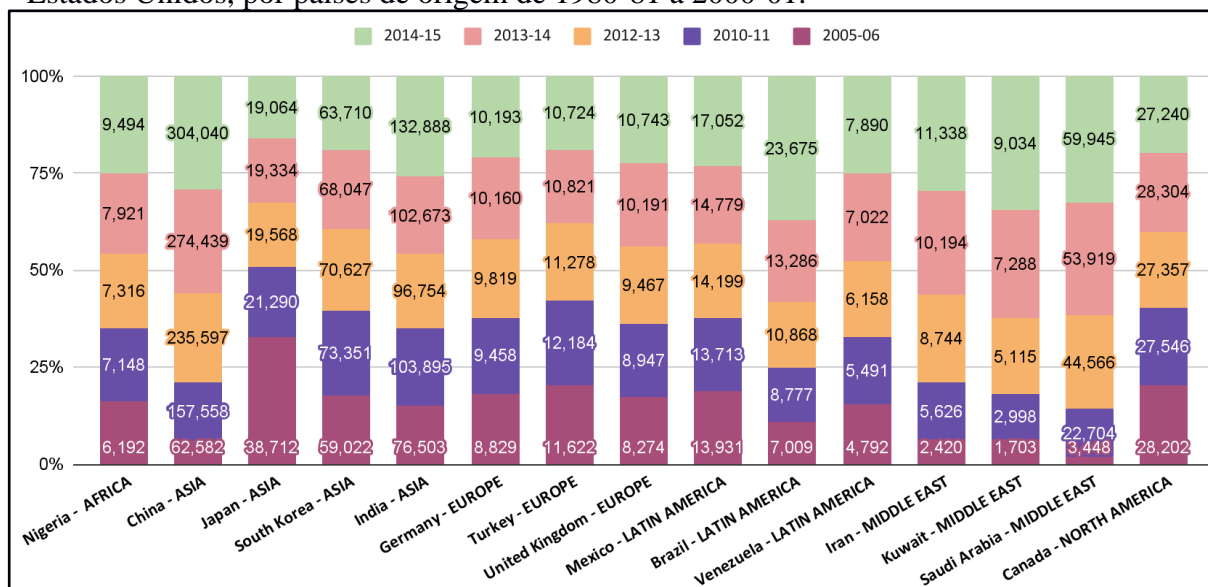
As informações disponibilizadas pelo *Institute of Education Sciences* (IES) e pelo *National Center for Education Statistics* (NCES), sobre os fluxos migratórios nas IES dos EUA, revelam que a variação das correntes de deslocamento entre os estudantes de nível superior se alteram de forma substantiva nas últimas quatro décadas. Nos Gráficos 17 e 18 podemos observar como a transmigração se deu partindo dos países de origem com maior propensão à mobilidade desde os anos de 1980 até os anos de 2015.

Gráfico 17. Estudantes estrangeiros matriculados em instituições de ensino superior nos Estados Unidos, por países de origem de 1980-81 a 2000-01.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados obtidos no Instituto de Educação Internacional (IIE), Portas Abertas: Relatório sobre Intercâmbio Educacional Internacional, 2022..

Gráfico 18. Estudantes estrangeiros matriculados em instituições de ensino superior nos Estados Unidos, por países de origem de 1980-81 a 2000-01.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados obtidos no Instituto de Educação Internacional (IIE), Portas Abertas: Relatório sobre Intercâmbio Educacional Internacional, 2022.

Como é possível acompanhar, países como Nigéria, Venezuela e Irã, que mantinham um escoamento acadêmico mais intenso na década de 80, passaram por uma grande transição e, posteriormente, nos anos 2000 ocuparam um papel pouco expressivo no envio de intercambistas para frequentarem as Universidades estadunidenses. Estes Estados, entre os anos de 2005 e 2015, atingiram uma certa estabilidade, e a variação ano a ano passou a ser menor entre os três (Gráfico 18). Em contrapartida, países como China e Índia que começam seu processo de internacionalização, nos anos 80, de maneira tímida, chegam em 2015 com um contingente populacional massivo inserido nas IES estadunidense (Gráfico 18).

Comparados ao Brasil, ambos os cenários, extremos, se distanciam do total de envio de nossos conterrâneos, nos mesmos períodos. Não nos destacamos por sermos um país que enviou muitos pesquisadores para os EUA no passado, tampouco estamos entre as nações que mais utilizam as IES dos EUA para formar sua força de trabalho em nível superior, atualmente. Durante a década de 80 mantivemos estabilidade no envio de estudantes, com números muito modestos, que foram crescendo de forma paulatina na década de 90 (Gráfico 17). Na transição dos anos 90 para os anos 2000, há um crescimento um pouco maior, que segue de forma linear até 2013. A partir de 2013 até 2015, houve um salto no número de estudantes brasileiros nos EUA (Gráfico 18) em decorrência do estímulo governamental e do subsídio público ao CsF. Em 2015, mesmo próximos de dobrar o número de estudantes brasileiros nos EUA, o Brasil (23.675 estudantes), ainda estava muito distante de atingir os mesmos patamares de países como

China (304.040 estudantes), Coreia do Sul (63.710 estudantes), Índia (132.888 estudantes) e Arábia Saudita (59.945 estudantes).

É curioso notar que, mesmo sendo um número consideravelmente maior de estudantes estrangeiros nos EUA entre 2005 e 2015 (Gráfico 18) em relação aos estudantes que frequentaram IES estadunidenses no período entre 1980 e 2000 (Gráfico 17), há uma tendência de estabilizar a quantidade de estudantes universitários imigrantes no país, o que significa que os EUA têm atingido um platô. Khanna (2021), chega a mesma constatação em seu artigo, segundo a autora:

Depois de crescer rapidamente desde o início dos anos 2000, o número de estudantes internacionais que vêm para os Estados Unidos estabilizou nos últimos cinco anos. Essa tendência gerou preocupação entre os administradores universitários e a indústria de tecnologia à medida que seus grupos crescentes de estudantes e trabalhadores talentosos diminuem. Isso representa um desafio particular para as Universidades americanas de segundo nível, que anteriormente eram capazes de atrair altos níveis de talento. (Khanna, 2021, tradução nossa)

Ainda que o Brasil estivesse distante de contribuir com a economia das Universidades tal como China e Índia, a proposta de enviar cem mil bolsistas custeados com dinheiro público do país, por meio do CsF, cativou a atenção dessas mesmas instituições. Sobretudo de considerarmos o fato de que o programa foi idealizado após uma reunião entre a ex-presidente Dilma Rousseff e o ex-presidente Barack Obama, que por sua vez proferiu, na ocasião, a criação de uma iniciativa similar, o programa “*The 100,000 Strong in the Americas*”. Como vimos até aqui, para a criação do CsF, não existiu nenhuma agenda prévia ou planejamento por parte de qualquer entidade envolvida com o processo que garantisse seu formato de implementação. Esse vácuo interpretativo, no direcionamento de como seria política de mobilidade e internacionalização brasileira, deu margem para que as IES estrangeiras, especialmente as estadunidenses, disputassem os recursos que seriam empenhados na execução deste programa.

Mediante o exposto e feitas as devidas considerações, apresentaremos como se deu o envio dos bolsistas de SWG para as Universidades nos EUA e como estes recursos podem ter sido direcionados.

3.3 UNIVERSIDADES ESTADUNIDENSES CONTEMPLADAS

De acordo com o relatório da CCT (2015), somente nos EUA, mais de setecentas instituições de ensino superior participaram do CsF. Dentre essas instituições, 499 foram catalogadas no portal oficial do programa, na seção de bolsistas pelo mundo, como IES que receberam bolsistas da modalidade de graduação sanduíche entre 2011 e 2016. O total de bolsistas distribuídos e listados entre essas organizações computa um total acumulado de 21.800 estudantes, o que significaria uma média de quarenta e quatro bolsistas por IES, nos EUA, financiados pelo CsF entre 2011-2016.

Disponibilizamos no “**Apêndice A**” a relação de todas as Universidades estadunidenses que receberam bolsistas do CsF durante este período. Desconsiderando os sistemas universitários, e pensando nos *campus* como unidades autônomas, de maneira sintética, podemos afirmar que 211 IES foram contempladas com até dez bolsistas da modalidade de SWG, sendo que, dentre essas IES, 53 receberam apenas um estudante da modalidade de SWG. Entre as Universidades que receberam de onze a cinquenta bolsistas foram catalogadas 148 instituições, e das que receberam entre 51 e cem bolsistas foram catalogadas 74 instituições. Por fim, 66 instituições de ensino superior concentraram a maior quantidade de bolsistas de SWG nos EUA, advindos do Brasil, e que foram financiados pelo programa CsF. Essas IES acumularam entre cem e 680 estudantes em seus *campus*, sendo que, se olharmos de forma global, esse número acaba sendo muito mais expressivo se considerarmos o número de bolsas atribuídas para os sistemas universitários como um todo. Analogamente, seria como se as bolsas tivessem sido distribuídas para os diferentes *campus* da Universidade de São Paulo, onde uma parcela teria se dirigido para a Cidade Universitária, outra para a Faculdade de Direito, outra para USP Leste, para os *campus* de Lorena ou Pirassununga, enfim, na somatória geral, seriam todos graduandos com formação atrelada à USP.

Através dos dados disponibilizados pelo painel de bolsistas pelo mundo, também é possível concluir que 344 IES, ou seja 69% delas, foram contempladas com um número menor ou igual à média da distribuição de bolsas (relação entre o total de estudantes de SWG que foram para os EUA distribuído pelo total de IES que participaram do CsF). Isso significa que essas 344 IES receberam 4.024 estudantes, enquanto os outros 31% (155 IES), receberam 17.776 estudantes, quase quatro vezes e meia a mais. Entre as IES que mais concentraram os estudantes brasileiros, sabemos que as quatorze primeiras somavam 4.101 graduandos, isto é, foram capazes de atrair mais intercambistas do que as outras 344 menos disputadas. Nesta relação é como se o grupo menos requisitado tivesse uma média de doze estudantes por IES,

enquanto as quatorze Universidades mais concorridas tivessem recebido uma média de 293 estudantes por *campus*.

A distribuição dos estudantes nos EUA foi realizada de maneira desproporcional, poucas Universidades receberam muitos bolsistas, enquanto outras receberam uma fração insignificante dos intercambistas. Esta situação, possivelmente, pode ter gerado um isolamento destes estudantes, já que eles acabaram tendo experiências pontuais, num período de formação onde os graduandos ainda não têm autonomia suficiente para se manterem de forma independente, sem uma rede de pesquisa que conecte seus estudos no país de origem com a formação realizada no exterior. No outro extremo, não há informações suficientes sobre quais critérios foram utilizados para que 680 estudantes fossem enviados para a Universidade Estadual do Arizona. Este é um dos pontos centrais para os quais não temos informações suficientes. Entendemos que para um balanço sobre o CsF seria fundamental que todas as IES, que receberam bolsistas, fossem catalogadas e que houvesse um registro do perfil de cada uma delas, bem como os percursos acadêmicos realizados pelos intercambistas, recursos empenhados para frequentar a IES, além dos resultados obtidos a partir deste período de mobilidade e/ou estabelecimento de uma rede de pesquisa internacional, quando fosse o caso.

Ainda sobre os dados extraídos, sabemos que 79 das IES participantes eram instituições exclusivamente voltadas para o ensino técnico e profissionalizante (*Colleges*) e receberam 1057 bolsistas do CsF no período. Estas IES estão registradas como *Colleges*, o que não restringe que outras Universidades componham o grupo de instituições que formam estudantes para atividades técnicas e profissionalizantes, como é o caso da *California State University* (CSU - System) que, sozinha, recepcionou 933 bolsistas de graduação sanduíche em seu sistema. Apenas neste levantamento simples, temos que quase dois mil bolsistas foram enviados para IES que não têm como eixo o desenvolvimento de pesquisa e a formação de pesquisadores, ou seja, estão distantes do estabelecimento de redes internacionais para o avanço da ciência e da tecnologia, um dos objetivos do CsF.

Vale lembrar que este desequilíbrio entre a atratividade das IES pode estar relacionado à forma como elas foram incorporadas ao programa, se por representação direta ou intermediada. Sabemos que parte dessas IES foram representadas, de alguma forma, por entidades intermediárias e agências de *placement* (ou agências de alocação) nas negociações com o governo brasileiro. Essas entidades estiveram, também, à frente de todo processo logístico de envio dos estudantes e pagamento das Universidades representadas por elas. No site do Ciência sem Fronteiras, três organizações foram apresentadas como representantes das IES estadunidenses, foram elas: HBCU, Fulbright em parceria com IIE e NOVA.

Segundo o Departamento de Educação do Governo Americano (U.S. Department of Education), as Faculdades e Universidades Historicamente Negras (*Historically Black Colleges and Universities* - HBCU) são instituições que foram fundadas antes de 1964 e que previam a formação de estudantes negros e negras que não eram admitidos e admitidas em outras Universidades. As instituições pertencentes ao HBCU são fundadas no princípio de que todos os estudantes merecem ter acesso ao ensino superior e atualmente recebem todos os tipos de estudantes de diferentes raças e etnias para diversos processos formativos. Em sua maioria, essas Universidades são voltadas para o ensino técnico e profissionalizante, e podem variar entre públicas, privadas lucrativas e privadas não-lucrativas. O tempo médio de formação nessas IES varia entre dois e quatro anos para a graduação.

A Fulbright, segundo o próprio site institucional, é um programa de intercâmbio educacional e cultural do Governo dos Estados Unidos da América que foi criado em 1946 por meio de uma lei do Senador J. William Fulbright, autoridade que passou a nomear a organização. No Brasil atua desde 1957 e já concedeu, para estudantes de pós-graduação e professores universitários, mais de 4.923 bolsas no país; para além do nosso território, já financiou mais de 387.416 bolsas, das mesmas modalidades, no mundo (1957 - 2020).

Fundado em 1919, o *Institute of International Education* - IIE é uma organização sem fins lucrativos de caráter global que trabalha com internacionalização e mobilidade estudantil do ensino superior, sendo responsável por gerenciar mais de 200 programas de intercâmbio em 180 países. Além disso, desenvolve estudo e publicações sobre os fluxos de estudantes nos EUA e o impacto gerado na economia impulsionado por estes estrangeiros de todo o mundo.

Por sua vez, a *Northern Virginia Community College* (NOVA), fundada em 1965, é uma das maiores *Community Colleges* dos Estados Unidos, com mais de 80.000 estudantes matriculados em seis *campus* universitários, além da sua plataforma online de formação à distância. No CsF representou quatro instituições, recebendo aproximadamente 146 graduandos bolsistas, catalogados na plataforma.

No Quadro 5 agrupamos as informações disponíveis no portal do CsF sobre as quatro instituições que mediarão o envio dos bolsistas para os EUA e as Universidades que eles representavam.

Quadro 5. Representantes dos EUA que intermediaram intercâmbios e as IES representadas.

HBCU		Fulbright e IIE	NOVA
1. Alcorn State	17. Morehouse College	1. Auburn University	1. Northern Virginia Community

University			College (Virgínia)
2. Bennett College	18. Morgan State University	2. Harvard University	2. Maricopa County Community College District (Arizona)
3. Bowie State University	19. North Carolina A&T State University	3. Cornell University	3. City College of San Francisco (Califórnia)
4. Central State University	20. North Carolina Central State University	4. Johns Hopkins University	4. Miami Dade College (Flórida)
5. Clark Atlanta State University	21. Savannah State University	5. Purdue University	
6. Coppin State University	22. Southern University and A&M College	6. University of Texas at Austin	
7. Delaware State University	23. Spelman College	7. University of California, Davis	
8. Dillard University	24. Tennessee State University	8. Vanderbilt University	
9. Fayetteville State University	25. Texas Southern University		
10. Florida Agricultural and Mechanical University (FAMU)	26. University of the District of Columbia		
11. Florida Memorial University	27. University of Ark at Pine Bluff		
12. Hampton University	28. University of Meryland Eastern Shore		
13. Howard University	29. Virginia State University		
14. J.F. Drake State Technical College	30. Xavier of Louisiana		
15. Jackson State University	31. Winston Salem State University		
16. Kentucky State University			

Fonte: Elaborado pela autora, com base no Portal do Ciência sem Fronteiras, 2018.

A partir do cruzamento das informações contidas no quadro acima, com o quadro disponibilizado no **Apêndice A**, chegamos à conclusão de que 1.460 bolsistas foram enviados para as Universidades representadas por elas, o que é um número muito reduzido se comparado às 21.800 bolsas catalogadas. Como pudemos descrever ao longo deste trabalho, muitas informações sobre o programa são imprecisas e os controles não foram suficientes para monitorar todos os atores envolvidos nessas operações complexas. Nos parece pouco provável que a Capes e o CNPq com suas limitações quantitativas de técnicos dedicados aos processos poderiam gerir mais de 700 IES, sendo 499 envolvidas com SWG, além de todas as demais IES de outros países para além dos EUA, ou seja, possivelmente existiram outros intermediários que não foram incluídos nesta lista.

Em vista do quadro apresentado, optamos por selecionar as quinze Universidades nos EUA, que mais receberam universitários pelo CsF para adensar nossa análise.

3.4 AS QUINZE UNIVERSIDADES QUE MAIS SE BENEFICIARAM NOS EUA

Quando falamos das quinze instituições que mais se beneficiaram com os recursos do CsF precisamos considerar, de forma global, quantos bolsistas frequentaram cada uma das IES, independentemente da modalidade a qual estavam alocados. Por este ângulo, entendemos que para problematizar o direcionamento das bolsas de SWG primeiro deveríamos apresentar a distribuição das bolsas por modalidade em cada uma das Universidades contempladas pelo programa. Um fator importante a ser considerado é a relação entre as bolsas de SWG e as da pós-graduação, especialmente as de doutorado e pós-doc, já que as bolsas de mestrado foram atribuídas para a categoria de mestrado profissionalizante. Esta ponderação, em relação ao mestrado profissional, precisa ser considerada em razão dos próprios objetivos do programa de construir redes para internacionalização, além da formação individual dos admitidos pelo CsF, ou seja, tal qual as bolsas de SWG, o mestrado profissional não previa realização de pesquisa durante o estágio de formação no exterior. Dito isso, mostraremos na Tabela 33 como se deu a centralização dos bolsistas por modalidade.

Tabela 31. Universidades que mais se beneficiaram nos EUA .

IES EUA (15 +)	Nº. de bolsistas					Total
	Posição	SWG	Mestrado	Doutorado	Pós-Doc	
University of California System (UC)	1º	675	7	348	166	1196
California State University (System) (CSU)	2º	933	6	5	5	949
State University of New York	3º	714	11	29	8	762
Arizona State University	4º	680	3	14	4	701
University of Nebraska Administration	5º	431	1	48	8	488
University of Missouri System	6º	384	3	32	5	424
University of Illinois - System	7º	274	13	86	42	415
Illinois Institute of Technology	8º	380	22	4	2	408
University of Florida	9º	122	2	178	76	378
University of Wisconsin System	10º	281	0	58	25	364
Wayne State University	11º	347	0	11	3	361
University of Colorado	12º	293	0	24	6	323
Southern Illinois University Carbondale	13º	300	3	6	2	311
Purdue University	14º	240	7	54	9	310
University of Arkansas	15º	277	1	18	3	299
TOTAL		6331	79	915	364	7689

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados obtidos no Portal do Ciência sem Fronteiras (Painel de controle), 2018.

Fica evidente que os estudantes de pós-graduação estão ainda mais concentrados em poucas Universidades. Para os estudantes do doutorado, apenas a *University of California*

System (UC) e a *University of Florida* receberam mais de cem bolsistas cada, ou seja, juntas representam 57% do total de bolsas atribuídas para as quinze maiores beneficiárias do programa. As demais Universidades que apresentam uma atratividade maior que a média são: *University of Illinois - System*, *University of Wisconsin System* e *Purdue University*, elas receberam entre cinquenta e cem pós-graduandos e juntas representam aproximadamente 22% do total das bolsas analisadas. Em suma, quase 80% das bolsas de doutorado estão reunidas em cinco das quinze Universidades examinadas.

Para as bolsas de pós-doc, apenas a *University of California System* acumulou mais de cem bolsas do CsF, representando 46% do total analisado, e a *University of Florida* dispôs de outras 76 bolsas da mesma categoria, alcançando os 21% de bolsas atribuídas. As duas instituições acolheram 67% dos estudantes do pós-doc.

O que mais chama a atenção, no entanto, é que, se confrontarmos as Universidades onde estiveram os pós-graduandos em relação às instituições que acolheram os estudantes de graduação, vamos notar que as três IES mais atrativas para os graduandos não são as mesmas e que, inclusive, essas IES receberam um número muito menor de pós-graduandos. A lista das três mais influentes para a modalidade de SWG abarcam *California State University* (CSU), *State University of New York* e *Arizona State University* e representam 2.327 estudantes, ou 37% do total de bolsas de SWG consideradas. Como veremos mais adiante, duas destas Universidades são categorizadas como IES orientadas para a formação de estudantes em *Practical Applications and Non-Research-Oriented*, em tradução livre, Aplicações Práticas e Não Orientadas à Pesquisa. Isso significa que são Universidades com formação técnica e que não estão orientadas para o desenvolvimento de pesquisas, como mencionamos anteriormente, são cursos que no Brasil, entre as instituições públicas, seriam semelhantes às formações das ETECS e FATECS.

Por conseguinte, entendemos que seria importante desagregar os dados fornecidos no painel de controle do CsF e contrapor com as informações disponíveis no Painel de Bolsistas pelo mundo, também disponível na mesma plataforma. No detalhamento sobre a repartição das bolsas, realizado no Painel de Bolsistas pelo Mundo, chegamos a um total de 6.727 estudantes de SWG nas quinze Universidades mais atrativas, 396 bolsas a mais do que total 6,331 apresentado no Painel de Controle do programa. Veremos que nas análises mais adiante, optamos por considerar os dados do Painel de Controle do CsF como corretos para todas as IES, com exceção da *University of Wisconsin System*, que tinha 781 estudantes catalogados no Painel de Bolsistas pelo mundo, ou seja, 500 estudantes a mais do que o inserido no Painel de Controle do CsF. Por esta razão, na somatória geral, consideramos um universo de 6,831

estudantes frequentadores destas instituições, agregando os 500 catalogados da *University of Wisconsin System*.

Essas bolsas foram partilhadas entre 72 IES, e juntas compõem alguns dos *campi* apresentados de forma consolidada na Tabela 33. Veremos no Quadro 6 como se dá esta composição. Destacamos, em cinza, a informação fornecida pelo Painel de Controle do Programa e apresentamos as desagregações, por *campus*, que foram obtidas no Painel de Bolsistas pelo Mundo, sem destaque. As imagens de ambos os painéis podem ser vistas no Apêndice A e no Anexo B, deste trabalho.

Quadro 6. Universidades no Painel de Controle do CsF x Universidades catalogadas no Painel de Bolsistas Pelo Mundo.

IES EUA	SWG
California State University (System) (CSU)	933
California State University, Northridge	234
California State University (System)	193
California State University, Fullerton	134
California State University, Chico	113
California State University, Monterey Bay	43
California State University, San Marcos	41
California State University, East Bay	36
California State University, Sacramento	32
California State University, San Bernardino	11
California State University, Fresno	5
California State University, Los Angeles	4
California State University, Stanislaus	3
California State University, Channel Islands	1
State University of New York	714
State University of New York, Buffalo	161
State University of New York, Stony Brook	137
State University of New York, Suny	81
State University of New York at Oswego	76
State University of New York at New Paltz	64
State University of New York at Plattsburgh	60
State University of New York, Brock Port	28
State University of New York, Suny Maritime	16
State University of New York, Fredonia	14
State University of New York, Binghamton	10
State University of New York, Suny It	9
State University of New York at Cobleskill	8
State University of New York, FMCC	7
State University of New York, Cortland	7
State University of New York, NCC	6
State University of New York, Geneseo	6
State University of New York, Buffalo State	4
State University of New York, Tompkins Cortland College	1
Arizona State University	680
University of California System (UC)	675

University of California, San Francisco	1
University of California, Los Angeles	63
University of California, Irvine	74
University of California, Berkeley	67
University of California, Santa Cruz	17
University of California, Riverside	63
University of California, San Diego	97
University of California, Davis	214
University of California, Santa Barbara	79
University of Nebraska Administration	431
University of Nebraska Administration (Lincoln)	321
University of Nebraska-Omaha	79
University of Nebraska-Kearney	31
University of Missouri System	384
Missouri University of Science and Technology	154
University of Missouri - Kansas City	134
University of Missouri System	94
University of Missouri - St Louis	2
Illinois Institute of Technology	380
Wayne State University	347
Southern Illinois University Carbondale	300
University of Colorado	293
University of Colorado Boulder	145
University of Colorado (Denver e Anschutz Medical Campus.)	82
University Of Colorado At Colorado Springs	64
University of Wisconsin System	281
University of Wisconsin System	212
University of Wisconsin - River Falls	192
University of Wisconsin - Milwaukee	176
University Of Wisconsin - Platteville	50
University Of Wisconsin - Stout	45
University of Wisconsin - Eau Claire	29
University of Wisconsin - La Crosse	28
University Of Wisconsin - Oshkosh	15
University Of Wisconsin - Stevens Point	12
University of Wisconsin - Green Bay	11
University Of Wisconsin - Whitewater	10
University of Wisconsin - Washington County	1
University of Arkansas	277
University of Illinois - System	274
University of Illinois at Urbana-Champaign	166
University of Illinois at Chicago	108
Purdue University	240
Purdue University	126
Purdue University Calumet	114
University of Florida	122

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados obtidos no Portal do Ciência sem Fronteiras (Painel de controle), 2018.

Seis instituições reportaram o número de bolsistas de forma consolidada, por *campi*, foram elas: 1) *Arizona State University*, 2) *Illinois Institute of Technology*, 3) *Wayne State*

University, 4) *Southern Illinois University Carbondale*, 5) *University of Arkansas* e 6) *University of Florida*. Não foram encontradas divergências entre a distribuição dos bolsistas das Universidades que informaram a relação de forma consolidada. Outras cinco Universidades não apresentaram divergências entre o que foi reportado no Painel de Controle e o Painel de Bolsistas pelo Mundo, foram elas: 1) *University of California System (UC)*, 2) *University of Nebraska Administration*, 3) *University of Missouri System*, 4) *University of Illinois - System* e 5) *Purdue University*. Por fim, foram encontradas inconsistências, entre os controles, em quatro Universidades, duas delas de forma expressiva e duas de pouca relevância. A *State University of New York* e a *University of Colorado*, apresentaram variação de dezenove e dois bolsistas, respectivamente. Enquanto a *California State University (CSU)* e a *University of Wisconsin System* possuíam uma inconformidade de 83 e 500 bolsistas, nessa ordem.

Também é possível notar, através da desagregação, que em todos os *campi* havia um direcionamento maior para alguns *campus* do que para outros. Dentro de cada sistema, as unidades que estavam mais consolidadas tiveram um potencial de recrutamento maior. A maior centralidade dos bolsistas coincide, na maior parte dos casos, com os *campus* mais bem avaliados pelos rankings internacionais em 2014. Do mesmo modo, quando examinamos os valores cobrados por essas IES nos deparamos com as maiores taxas cobradas nos *campus* onde há concentração maior de estudantes do CsF.

Assim sendo, faremos uma breve exposição sobre o perfil das quinze Universidades mais aderentes ao CsF e na sequência avaliaremos as taxas cobradas por elas e a posição que ocupam no ranking internacional *THE*.

3.4.1 Perfil das Universidades nos EUA com mais bolsistas de SWG do CsF

Como vimos, o perfil das Universidades parceiras do CsF nos EUA é variável e a atratividade de cada uma destas instituições foi influenciada por muitos fatores externos, que não tinham relação, necessariamente, com um projeto de desenvolvimento brasileiro ou de avanço científico e tecnológico nas áreas prioritárias do programa.

A seguir faremos uma breve apresentação das Universidades selecionadas, de acordo com o portal institucional de cada uma delas, e posteriormente apresentaremos os dados disponíveis no *National Center for Education Statistics (IES - NCES)*.

Segundo o portal da *California State University - CSU* (2022), a instituição é um sistema que reuniu faculdades estaduais no estado da Califórnia em 1960, o sistema passou por modificações e apenas em 1982, tornou-se o CSU, tal como é conhecido hoje. O *campus* mais

antigo é o de San José State University e foi fundado em 1857. O CSU é reconhecido como o primeiro sistema público de ensino superior da Califórnia e atualmente é composto por 23 *campus*. Um fato importante sobre esta Universidade é que, em 2014, a instituição lançou um programa de incentivo para a formação STEM, este programa visava aumentar o número de alunos nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática. Neste mesmo período o número de diplomas conferidos anualmente ultrapassou a marca dos 100.000.

Como consta no site da Universidade Estadual de Nova York (2022), ou *State University of New York (SUNY)*, este é o maior sistema universitário público dos EUA. O Sistema foi criado em 1948 com o intuito de atender às necessidades de força de trabalho do estado. Inicialmente era composta por 29 instituições e hoje inclui 64 escolas, cinco faculdades estatutárias e 30 faculdades comunitárias, incluindo Universidades de pesquisa, centros médicos acadêmicos, faculdades de artes liberais, faculdades comunitárias, faculdades de tecnologia e uma rede de aprendizado online. Atualmente contam com cerca de 1,3 milhão de alunos matriculados em cursos de curta e longa duração.

Por sua vez, na página oficial da *Arizona State University* (2022), registra-se que sua fundação ocorreu em 8 de fevereiro de 1886. A Universidade é considerada a primeira instituição de ensino superior do Arizona. Em 1958 mudou seu status de *Arizona State College* para a *Arizona State University* e atualmente possui 77.881 estudantes matriculados em cursos presenciais.

As informações disponíveis no website da Universidade da Califórnia - UC (2022) informam que suas atividades começaram em 1869. Hoje, conta com mais de 280.000 alunos matriculados. Possui um total de 10 *campus* e, dentre eles, alguns de grande prestígio internacional: 1) Los Angeles (UCLA), 2) Berkeley (UC Berkeley), 3) San Diego (UCSD), 4) Davis, 5) Irvine, 6) Merced, 7) Riverside, 8) São Francisco, 9) Santa Cruz e 10) Santa Bárbara. Um fato curioso mencionado em várias seções no website da Universidade é que ela emprega a maior quantidade de vencedores do Prêmio Nobel do que qualquer outra Universidade no mundo.

Nas informações institucionais da Universidade de Nebraska (2022) consta que a organização possui 51.000 estudantes matriculados em suas quatro unidades: Universidade de Nebraska-Lincoln, Centro Médico da Universidade de Nebraska, Universidade de Nebraska em Omaha e Universidade de Nebraska em Kearney. A primeira delas, a Universidade de Nebraska-Lincoln, foi fundada em 1869.

Os dados oficiais contidos no sítio do Sistema da Universidade de Missouri (2022), informam que o sistema, fundado em 1839, é composto por quatro *campus*: 1) University of

Missouri-Columbia (MU), 2) University of Missouri-Kansas City (UMKC), 3) Missouri University of Science and Technology (S&T) e 4) University of Missouri-St. Louis (UMSL). Atualmente existem cerca de 75.000 alunos matriculados nestes polos.

O Instituto de Tecnologia de Illinois (ou *Illinois Institute of Technology*) foi criado em 1940, a partir da fusão do *Instituto Lewis* e o *Instituto de Tecnologia Armour*, como revela seu conjunto de páginas online (2022). Trata-se de uma IES privada, composta por quatro *campus* e com aproximadamente 6.486 estudantes matriculados. É um dos menores *campus* para onde foram enviados bolsistas do CsF.

A *Wayne State University* (2022) indica que sua concepção data de 1868, quando cinco médicos se comprometeram a criar uma instituição para formar profissionais da saúde a partir de sua vivência durante a Guerra Civil. Hoje, o *campus* principal abriga cerca de 25.000 estudantes de graduação e pós-graduação.

A *Southern Illinois University Carbondale* (2022), fundada em 1869, tem como seu *campus* principal o *Carbondale*. do Southern Illinois University System. Atualmente conta com 11.366 matrículas ativas.

Fundado em 1876, a Universidade do Colorado (2022) possui quatro *campus*: 1) Aurora, 2) Boulder, 3) Colorado Springs e 4) Denver. O mais antigo deles, *Boulder*, foi fundado em 1876, já o mais recente, *University of Colorado Anschutz Medical Campus*, passou a receber estudantes em 2006. Em 2021, possuía 67.069 matrículas ativas nos quatro *campus* universitários.

Considerado como um dos maiores sistemas de ensino superior público dos EUA, a Universidade de Wisconsin (2022) foi criada a partir da fusão de dois sistemas universitários públicos em 1971. No presente, possui um corpo discente de aproximadamente 165.000 alunos e emprega 40.000 trabalhadores em postos diretos em suas 13 Universidades e 26 *campus*.

Instituída em 1871, por meio de uma concessão de terras, a Universidade do Arkansas (2022) possui 10 faculdades e mais de 210 programas acadêmicos. Nos dias de hoje, seu corpo discente é composto por mais de 27.000 alunos provindos dos 50 estados e de mais de 120 países.

A *University of Illinois* (2022), antigamente conhecida como Universidade Industrial de Illinois, foi aberta em 1867 com o objetivo de promover o acesso ao ensino superior para os trabalhadores locais. Na contemporaneidade é composta por três *campus* com um corpo discente de 52.331 estudantes.

Segundo o portal da *Purdue University* (2022), a instituição nasceu em 1874. No presente conta com oito *campus*, incluindo um online, além de outros 13 Colleges. Entre suas diferentes unidades, a *Purdue University* dispõe de 37.101 estudantes de graduação.

Conforme consta na plataforma da *University of Florida - UF* (2022), esta Universidade é a IES mais antiga dos EUA e atende mais de cinquenta mil estudantes. Sua história data de 1853, mas foi apenas em 1905 que ela se tornou oficialmente a Universidade da Flórida. A instituição é composta por 16 *Colleges* e mais de 170 institutos de pesquisa.

O período de surgimento entre as Universidades Americanas selecionadas data do período de 1839 a 1960. Da Universidade mais antiga, com dois séculos de história, a mais recente, com pouco mais de meio século, as Universidades nos EUA passaram por inúmeras junções de faculdades, colleges, institutos e Universidades. Muitas tornaram-se sistemas graças a essas fusões. Em grande parte foram criadas com o objetivo de formar a força de trabalho local e posteriormente foram ampliando seu braço de atuação. Na era da globalização, o que todas essas Universidades têm em comum é a necessidade de quantificar suas conquistas e resultados. É notável que em todas as plataformas as informações em maior destaque foram os prêmios recebidos, egressos notórios, classificação em rankings, publicações e artigos premiados, além de descobertas e inovações em determinada área do conhecimento. Muitas vezes encontrar informações mais simples como histórico da Universidade, dados sobre o número de matrículas e as faculdades que compõem determinado sistema era mais custoso. Estão todas inseridas numa lógica de propagandear seus feitos e atrair cada vez mais estudantes.

Nesta perspectiva, ponderamos sobre quais Universidades tiveram o maior impacto com a chegada dos estudantes do CsF. O Quadro 7 apresenta as informações de matrículas de 2014 em relação ao número de bolsistas encaminhados para cada uma destas IES.

Quadro 7. Número de estudantes SWG (CsF) x número de matrículas.

IES EUA	SWG (CsF)	Matrículas
California State University (System) (CSU)	933	481.929
State University of New York	714	424,051
Arizona State University	680	71,946
University of California System (UC)	675	280,000
University of Nebraska Administration	431	51,835
University of Missouri System	384	71,596
Illinois Institute of Technology	380	3,144
Wayne State University	347	17,643
Southern Illinois University Carbondale	300	8,466

University of Colorado	293	63,152
University of Wisconsin System	281	182,000
University of Arkansas	277	23,025
University of Illinois - System	274	89,270
Purdue University	240	41,573
University of Florida	122	35,405

Fonte: Elaborado pela autora, com base nas informações do Painel de Controle do CsF e do número de matrículas das Universidades nos EUA disponibilizado pelo *National Center for Education Statistics* (NCES), 2018.

Por se tratar de sistemas de ensino muito robustos, com um número significativo de matrículas, a quantidade de bolsistas nas Universidades acaba representando uma população diminuta frente ao corpo discente local. Nos 72 campus identificados na relação de Universidades frequentadas nos EUA, em 61 deles os estudantes do CsF não compõe 1% das matrículas. Ainda assim, outras 10 Universidades concentram uma taxa um pouco mais representativa, ficando entre 1,05% e 3,54%. A única instituição com concentração muito acima da média foi o *Illinois Institute of Technology*, coincidentemente a única Universidade privada entre as quinze maiores beneficiárias. No Instituto de Tecnologia de Illinois, os bolsistas do CsF representaram 12% do número de matrículas quando comparados ao corpo discente de 2014.

Ainda assim, cabe reforçar que o percentual de bolsistas do CsF pode parecer pequeno frente ao tamanho dos sistemas no qual foram alocados, mas, apesar disso, em números absolutos representam uma quantia grande de recursos destinados para essas organizações. Apenas a título de exemplo, tomamos a Universidade Estadual da Califórnia (CSU), este sistema recepcionou 933 bolsistas do CsF, o que representa 0,19% das matrículas realizadas em 2014. Aparentemente um número pequeno, mas se multiplicarmos pelo valor do custo médio dos bolsistas do CsF (R\$ 103.000,00) chegamos a um valor aproximado de 96 milhões de reais.

Por fim, no **Quadro 8** mostraremos o tipo de financiamento e a característica de cada uma das Universidades escolhidas para aprofundamento.

Quadro 8. Perfil das Universidades nos EUA com mais bolsistas de SWG do CsF.

IES EUA (15 +)	Financiamento	Característica
California State University (System) (CSU)	Pública	Practical Applications and Non-Research-Oriented
State University of New York	Pública	Practical Applications - Universities, colleges, and community colleges
Arizona State University	Pública	Research University
University of California System (UC)	Pública	Research University
University of Nebraska Administration	Pública	Research University

University of Missouri System	Pública	Research University
Illinois Institute of Technology	Privada - Não Lucrativa	Research University
Wayne State University	Pública	Research University
Southern Illinois University Carbondale	Pública	Research University
University of Colorado	Pública	Research University
University of Wisconsin System	Pública	Research University
University of Arkansas	Pública	Research University
University of Illinois - System	Pública	Research University
Purdue University	Pública	Research University
University of Florida	Pública	Research University

Fonte: Elaborado pela autora, com base nas informações disponibilizadas pelo *National Center for Education Statistics* (NCES), 2018.

Entre as quinze Universidades que mais atraíram estudantes universitários da modalidade de SWG para os EUA, apenas uma era uma universidade privada sem fins lucrativos, todas as demais instituições eram Universidades públicas. Isso não quer dizer que não sejam cobradas mensalidades e taxas para que possam ser frequentadas. Diferentemente do que acontece no Brasil, as Universidades públicas nos EUA são financiadas pelo recurso público, por doações e pelas anuidades arrecadadas com o corpo discente, ou seja, não são instituições gratuitas. Outra característica fundamental a ser observada é que entre as quinze mais frequentadas, apenas duas são reconhecidamente instituições voltadas para a formação técnica e profissionalizante, são elas: *California State University (CSU)* e *State University of New York*. Em ambos os casos, coincide a maior concentração de estudantes de graduação nos cursos ofertados por estas instituições, sendo que na CSU foram recebidos 933 bolsistas do CsF (como já foi mencionado) e na SUNY 714 bolsistas, totalizando 1647 bolsas ou 26% do total analisado.

As demais Universidades são orientadas para pesquisa, o que não impede que dentro das instituições, incorporadas a um único sistema, não existam institutos, escolas e *Colleges* que se dediquem predominantemente à formação técnica, sem qualquer relação com o desenvolvimento de pesquisa. Estas formações, em geral, são mais curtas e menos onerosas, mas precisam ser analisadas caso a caso. É importante dizer que não estamos fazendo qualquer juízo de valor sobre a formação técnica oferecida por essas instituições, nosso intuito é identificar se existe ou não potencial para a criação de redes internacionais para o avanço da ciência e da tecnologia em áreas consideradas prioritárias para o país. Entendemos que para que estas redes se concretizem é preciso haver pesquisadores, de diversos níveis, dedicados ao desenvolvimento de pesquisas básicas e de pesquisas aplicadas. Por esta razão, nos parece mais lógico que os recursos investidos para a formação técnica estejam circunscritos ao território

nacional e, conseqüentemente, sejam direcionados para o aprimoramento dos estudantes, docentes e infraestrutura das instituições brasileiras voltadas para este fim.

Isto posto, concluímos que a análise limitada às instituições para as quais foram enviados os bolsistas do CsF são insuficientes para garantir que a formação do estudante trará resultados tangíveis para o desenvolvimento nacional, ou para o aprimoramento nas IES de origem. Mesmo os estudantes que foram direcionados para Universidades de maior prestígio e reconhecimento a nível mundial e que tiveram uma excelente formação ficarão restritos aos ganhos individuais caso não exista uma relação entre a instituição de origem e a instituição de destino. Ainda assim, seria essencial que fosse realizado um balanço sobre o tipo de formação que estes mais de 20 mil estudantes receberam nos EUA.

Sabemos das muitas limitações em relação aos controles de indicadores do CsF, e por esta razão, nos parece razoável, que qualquer iniciativa de internacionalização e mobilidade acadêmica, idealizada após o CsF, precise ser planejada a partir do envolvimento direto das partes interessadas, ou seja, dos programas de graduação e pós-graduação. Tão somente os especialistas de cada área serão capazes de direcionar os acadêmicos, de diferentes níveis, para as instituições aderentes às propostas formativas da Universidade de origem, além de acompanhá-los ao longo de todo processo. No limite, uma das coisas que se quer evitar é que o período de estudos fora do Brasil seja apenas um “ornamento” nos currículos individuais. É preciso transpor o nível dos ganhos particulares e potencializar os resultados num grau mais institucionalizado.

De toda forma, temos a necessidade de lidar com o fato concreto de que o CsF existiu, foi implementado e finalizado, deixando um legado. Nosso papel é, enquanto pesquisadores, extrair as lições aprendidas para aprimorar os futuros processos de internacionalização e mobilidade acadêmica. Nesta perspectiva, apresentaremos na seção sobre taxas e mensalidades as informações relacionadas às quinze Universidades mais atrativas, e os custos atrelados à elas.

3.4.2 Taxas e mensalidades

Ao longo deste trabalho, mencionamos as restrições para acessar os contratos firmados com as IES estrangeiras. Os acordos realizados no âmbito do programa CsF foram celebrados com cláusulas de sigilo e, portanto, não temos precisão sobre o repasse de recursos para cada uma das instituições envolvidas. Por esta razão optamos por utilizar as bases públicas, disponíveis nos EUA, sobre o ensino superior estadunidense, para refletirmos sobre os possíveis

repasse realizados durante a vigência do CsF. Este foi um exercício reflexivo sobre como poderíamos direcionar os recursos de forma otimizada em futuras iniciativas.

No **Quadro 9** evidenciamos as taxas e anuidades, para residentes e não residentes, em cada um dos estados, com a manutenção dos estudantes de graduação nas quinze Universidades selecionadas.

Quadro 9. Custos anuais para a manutenção de estudantes de SWG.

IES EUA	Residente	Não Residente
California State University - System (CSU)	USD\$ 6.313 -USD\$ 7.383	USD\$ 17.473 - USD\$ 18.543
State University of New York (SUNY)	USD\$ 4.770 -USD\$ 9.574	USD\$ 8.970 - USD\$ 26.814
Arizona State University	USD 6.904 - USD 10.370	USD 10.106 - USD 26.470
University of California - System (UC)	USD\$ 11.442 - USD\$ 14.073	USD\$26.544 - USD\$40.755
University of Nebraska Administration	USD 6.844 - USD 8.537	USD 12.268 - USD 23.058
University of Missouri - System	USD 7.846 - USD 9.518	USD 18.886 - 25.892
Illinois Institute of Technology	USD 45,214	USD 45,214
Wayne State University	USD 12,519	USD 26,470
Southern Illinois University Carbondale	USD 13,481	USD 27,130
University of Colorado	USD 8.042 - USD 11.531	USD 18.770 - USD 35.079
University of Wisconsin - System	USD 7.484 - 9.493	USD 15.117 - USD 19.851
University of Arkansas	USD 8,820	USD 23,168
University of Illinois - System	USD 13.664 - USD 15.058	USD 26.520 - USD 30.680
Purdue University	USD 6.518 - USD 7.478	USD 15.579 - 16.896
University of Florida	USD 6,381	USD 28,659

Fonte: Elaborado pela autora, com base nas informações disponibilizadas pelo *National Center for Education Statistics* (NCES), 2018.

A primeira informação a ser considerada é que os valores cobrados para estudantes residentes e não residentes nos estados são muito discrepantes, com exceção do *Illinois Institute of Technology*, que enquanto entidade privada, taxa estudantes residentes e não residentes da mesma forma. Ainda que não haja diferenciação observamos que o valor pago ao instituto é o mais alto de todas as Universidades elencadas, chegando a USD 45,214 em 2014. Também é possível observar que as Universidades com foco na pesquisa, como é o caso da UC, cobram taxas muito mais elevadas do que as Universidades voltadas para o ensino técnico. Entre as quinze, cinco não diferenciam as taxas cobradas em seus diferentes *campus*, enquanto as demais possuem um escalonamento de valores a depender do *campus* onde ocorre a formação.

Disponibilizamos no **Apêndice B** uma tabela com a projeção do custo anual das quinze Universidades nos EUA, bem como seus respectivos *campus*, para estudantes do CsF, com base nos dados de 2014, coletados no *National Center for Education Statistics* (NCES). Na **Tabela**

34 optamos por utilizar as médias simples e ponderada, de forma resumida, para projetar quanto custaria aos cofres públicos a permanência dos estudantes do CsF por um ano em cada uma destas instituições.

Tabela 32. Custos para frequentar as as 15+ (USD).

IES EUA	SWG	Média simples (MS)	Média ponderada (MP)	Total
University of California System (UC)	675	38,741	38,619	26,067,825
California State University (System) (CSU)	933	17,817	17,834	16,639,122
State University of New York	714	16,831	20,224	14,439,936
Arizona State University*	680	21,456	-	14,590,080
University of Nebraska Administration	431	18,150	21,561	9,292,791
University of Missouri System	384	23,619	23,152	8,890,368
University of Illinois - System	274	28,600	29,040	7,956,960
Illinois Institute of Technology*	380	45,214	-	17,181,320
University of Florida*	122	28,659	-	3,496,398
University of Wisconsin System	281	16,880	17,281	4,855,961
Wayne State University*	347	26,470	-	9,185,090
University of Colorado	293	26,258	28,631	8,388,883
Southern Illinois University Carbondale*	300	27,130	-	8,139,000
Purdue University	240	16,238	16,270	3,904,800
University of Arkansas*	277	23,168	-	6,417,536
Total				159,446,070

Fonte: Elaborado pela autora, com base nas informações disponibilizadas pelo *National Center for Education Statistics* (NCES), 2018.

*Cálculo realizado através da média simples, pois as universidades ou aplicam taxas únicas, ou não foram realizadas desagregações por campus no Painel de bolsistas.

Para chegar ao custo aproximado do que se investiu em taxas e mensalidades com as IES nos EUA, multiplicamos o número de bolsas de cada IES pela média ponderada dos custos anuais de cada Universidade. Nas instituições onde não foi possível realizarmos o cálculo a partir da média ponderada, ou por possuírem taxas únicas para estudantes de fora do estado, ou pelo Painel do Bolsista ter alocado os estudantes de SWG no *campi* sem distinção do *campus* onde foi efetuado o período de mobilidade, estimamos os gastos a partir de uma média simples. Todos os custos foram calculados com base nas taxas aplicadas pelas Universidades em 2014. O fato que mais nos chamou a atenção foi a transferência de recursos feita para o *Illinois Institute of Technology* que apesar de possuir quase duas vezes e meia menos estudantes do que

California State University (System) (CSU) superou os gastos dessa Universidade em mais de 500 mil dólares. Outra comparação interessante de ser observada é sobre os recursos da *University of California System (UC)* e da *Arizona State University*, apesar de ambas terem recepcionado um número similar de bolsistas a UC supera em aproximadamente 11.5 milhões de dólares os recursos necessários da Universidade do Arizona para ser cursada, mesmo ambas sendo Universidades Públicas.

Além da transferência de recursos por meio das taxas acadêmicas, que em nossa estimativa pode ter atingido USD 159,446,070, precisamos acrescentar o valor disponibilizado para as bolsas de estudos.

Fizemos este levantamento levando considerando o adicional concedido aos estudantes alocados em cidades de alto custo (valor adicional de USD 400). Chegamos a um total de USD 76,278,840 em bolsas de estudos para 6.831 estudantes que frequentaram as quinze universidades mais atrativas dos EUA. Além destes custos que podem sofrer variação, precisaríamos adicionar ainda o valor do seguro-saúde (USD 1,080/ anual), o auxílio-instalação (USD 1,300/ cota única), o auxílio material didático (USD 1,000/ anual) e o auxílio deslocamento (USD 1,604/cota única). Todos estes auxílios significam um acréscimo de USD 34,045,704.00 nos gastos envolvidos com os 6.831 bolsistas alocados nessas Universidades. Por fim, ao somarmos todos os custos envolvidos com os bolsistas, chegamos a uma estimativa de USD 269,770,614 transferidos para as quinze IES estudadas.

Por último, mas não menos importante, precisamos considerar que durante o período analisado, de 2011 a 2015, as taxas das Universidades podem ter variado, ainda que não seja de forma significativa. Trouxemos a variação das taxas como um ponto de menor importância para o debate, pois uma mudança relevante ocorreu durante a implementação do CsF e, esta sim, impactou os cofres públicos de forma substancial. Durante o período citado, tivemos uma variação do dólar americano partindo de R\$ 1.68 (2011) para R\$ 3.33 (2015). Para estimar quanto seriam os gastos, em reais, com estas Universidades, retornamos aos editais de SWG para analisarmos qual foi o percentual de bolsas concedidas pelo programa por ano de execução. Essa informação pode ser visualizada na **Tabela 35**.

Tabela 33. Distribuição de bolsas da modalidade de SWG por ano.

País de destino	Parceiro (s)	Ano	Nº de Bolsas Concedidas	%
Estados Unidos	IIE	2011	930	4%
Estados Unidos	IIE	2011	864	4%
Estados Unidos	IIE	2012	1565	7%

Estados Unidos	NOVA	2012	120	1%
Estados Unidos	HBCU	2012	158	1%
Estados Unidos	HBCU/NOVA	2013	7386	32%
Estados Unidos	IIE	2013	6874	30%
EUA	IIE	2014	4828	21%
EUA	NOVA	2014	51	0%
Total:			22,776	

Fonte: Portal do Ciência sem Fronteiras, 2018.

Com base nos percentuais de bolsas concedidas, estimamos que o percentual de bolsas implementadas nos anos seguintes seria semelhante, desta forma, entendemos que se 8% das bolsas foram concedidas em 2011, elas foram implementadas em 2012, os 9% de bolsas concedidas em 2012 foram implementadas em 2013. Os 62% de bolsas concedidas em 2013 foram implementadas em 2014. E, por fim, os 21% de bolsas concedidas em 2014 foram implementadas em 2015. Com essas informações, calculamos o valor aproximado dos gastos, em dólares, por ano de implementação do programa, a partir do valor total estimado por nós (USD 269,770,614) e multiplicamos pela taxa média do câmbio estabelecido para cada um dos anos correntes. Os resultados podem ser vistos na **Tabela 36**.

Tabela 34. Distribuição de bolsas da modalidade de SWG por ano.

Ano	Taxa de câmbio	% de bolsas concedidas/ano	Gasto total*% bolsas concedidas/ano	Total em R\$
2011	R\$1.68	-	-	-
2012	R\$1.95	8%	\$21,581,649.12	R\$42,183,491.37
2013	R\$2.16	9%	\$24,279,355.26	R\$52,385,136.91
2014	R\$2.35	62%	\$167,257,780.68	R\$393,624,461.05
2015	R\$3.33	21%	\$56,651,828.94	R\$188,735,568.11
				R\$676,928,657.44

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados obtidos no portal do IPEA, CsF e NCES.

Feitas as conversões, acreditamos que podem ter sido injetados mais de 670 milhões de reais na economia americana, através dos recursos destinados aos bolsistas do CsF, que frequentaram as quinze Universidades mais atrativas nos EUA. Para se ter dimensão do que isto significa, em 2021, um corte de 600 milhões no orçamento da ciência brasileira, feito pelo Ministério da Economia, gerou uma grande preocupação no mundo acadêmico. O corte significava inviabilizar o pagamento de bolsas de uma parcela massiva dos pesquisadores brasileiros de diferentes modalidades. Os valores são equivalentes, mas ainda distantes dos aproximadamente 12 bilhões de reais gastos com o programa.

Frente ao grande escoamento de recursos públicos em direção aos EUA e às inúmeras limitações em monitorar e avaliar os resultados advindos do CsF, reiteramos a importância de que em tempo oportuno, seja feita uma avaliação *ex post* sobre o programa, em especial, sobre as instituições, os cursos ofertados e o impacto causado pelos egressos no retorno ao Brasil.

Para terminar, em nossa última análise, discutiremos a posição das Universidades no ranking internacional *THE*. Como foi mencionado anteriormente, a classificação global dessas instituições limita fortemente uma apuração mais acurada dos resultados do programa. Como vimos, estar bem avaliada não significa que os bolsistas tenham frequentado os melhores cursos ou que tenham sido direcionados para os *campus* onde a pesquisa é componente da formação acadêmica. Ainda assim, consideramos que este levantamento é significativo, uma vez que foi definido como critério basilar para participação das IES estrangeiras no CsF.

3.4.3 Classificações das 15+ no ranking internacional “THE”

Tal qual exposto em sua plataforma oficial, o ranking “*THE*” ou *Times Higher Education’s World University Rankings* (2022), foi fundado em 2004 com o objetivo de classificar e listar as melhores universidades pelo mundo, tendo como base o resultado atingido por essas instituições a partir da produção de suas pesquisas. Atualmente o ranking conta com a participação de mais de 2.500 instituições, em 93 países, e pode ser categorizado por áreas de conhecimento, entre elas: Artes e Humanidades, Negócios e economia, Clínica e saúde, Ciência da Computação, Educação, Engenharia, Lei, Ciências da Vida, Ciências físicas, Psicologia e Ciências Sociais. O público beneficiários do “*THE*” supera os 25 milhões de usuários anuais e são atraídos pelo alto potencial da plataforma em oferecer dados sobre o ensino superior por todo o globo.

Segundo o *THE* (2022), a metodologia utilizada para classificar as Universidades analisa cinco grandes categorias: 1) ensino, 2) pesquisa, 3) citações, 4) retorno para a indústria e 5) envolvimento internacional. Dentro de cada uma dessas categorias existem indicadores de performance, quantitativos, utilizados para analisar o desempenho das instituições. A primeira categoria, de ensino superior, dispõe de cinco indicadores, sendo eles: i) pesquisa de reputação, ii) relação funcionários x alunos, iii) relação de doutorandos x graduandos, iv) doutorados concedidos x corpo docente e v) renda institucional. O indicador de pesquisa considera os seguintes indicadores para compor a métrica de avaliação: i) pesquisa de reputação, ii) renda da pesquisa, iii) produtividade da pesquisa. Por sua vez, a categoria das citações possui apenas um indicador, nele são contabilizadas quantas vezes as instituições são citadas em trabalhos

acadêmicos e artigos em periódicos de impacto. A categoria de retorno para a indústria quantifica a renda industrial gerada pela pesquisa científica e tecnológica. De maneira geral, esse impacto econômico pode ser medido pelo número de marcas e patentes registradas, criação de produtos e novas tecnologias. E por fim, a última categoria, de envolvimento internacional, leva em consideração três indicadores: i) relação de estudantes internacionais x nacionais, ii) relação de funcionários internacionais x nacionais e iii) relação de pesquisa com colaboração internacional. Todas essas categorias são divididas no que o *THE* classifica como “*performance breakdown*”, ou em tradução livre “repartição de desempenho”, isto significa que os usuários da plataforma podem fazer buscas pelas universidades tendo como parâmetro sua classificação global ou podem realizar suas pesquisas priorizando uma das cinco métricas.

Em nosso levantamento, optamos por adotar a classificação geral das universidades no ranking, uma vez que foi a partir dessa classificação que o CsF criou os critérios para a seleção das instituições parceiras que receberam estudantes fora do país. Tomamos como referência o período entre 2011 e 2016 para a classificação das Universidades. Diferentemente da escolha que fizemos, de pautar as taxas das Universidades pelo ano calendário de 2014, escolhemos este período por acreditarmos que neste curto intervalo de tempo não haveria uma mudança institucional significativa que fizesse com que os *campus* fossem avaliados de formas muito distintas. Ainda que neste intervalo não haja uma mudança estrutural relevante nas Universidades, entendemos que a incorporação dos *campus*, no ranking, pode ocorrer de um ano para o outro e sua avaliação posterior poderia subsidiar nossa análise. O ano de 2016 foi o último ano que existem registros de estudantes do CsF no exterior e, por esta razão, foi definido como referência para avaliação das Universidades.

No **Quadro 10** é possível ver a quantidade de instituições classificadas no ranking *THE* no período em que os estudantes do CsF estiveram no exterior. Inserimos, também, o ano de 2022 como referência da quantidade de Universidades catalogadas atualmente.

Quadro 10. Universidades avaliadas no ranking *THE* por ano

Ano	Universidades avaliadas
2011	199
2012	400
2013	400
2014	400
2015	400
2016	800
2022	2112

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados obtidos no Portal do *Times Higher Education's World University Rankings (THE)*, 2022.

Nota-se uma estabilidade na quantidade de instituições avaliadas durante o período de vigência do CsF, já em 2016 há um salto nessas classificações, o número dobra entre 2015 e 2016. No **Quadro 11** é possível identificar a classificação dos *campi* universitários no ranking *THE*.

Quadro 11. Classificação dos *campi* no ranking *THE*.

IES EUA	Ranking
California State University (System) (CSU)	>601
State University of New York	>300
Arizona State University	127-182
University of California System (UC)	8-10
University of Nebraska Administration	>250
University of Missouri System	>226
Illinois Institute of Technology	>301
Wayne State University	251-400
Southern Illinois University Carbondale	NC
University of Colorado	67-127
University of Wisconsin System	27-46
University of Arkansas	501-600
University of Illinois - System	29-197
Purdue University	62-113
University of Florida	123-128

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados obtidos no Portal do *Times Higher Education's World University Rankings (THE)*, 2022.

Das quinze universidades, dez foram classificadas acima do marco das cem universidades mais influentes no mundo ou não foram classificadas (NC), três tiveram variação na classificação, onde alguns *campus* foram classificados entre as cem mais influentes e outros ficaram acima deste limite. Apenas duas universidades estavam classificadas entre as cem primeiras, de forma global, entre as melhores classificações destacamos: *University of California System (UC)*, que foi categorizada entre as dez primeiras, e a *University of Wisconsin System*, categorizada entre as entre as 50 melhores IES.

No **Quadro 12** utilizamos os mesmos critérios para a classificação, agora de forma desagregada por campus frequentado pelos bolsistas dos CsF. Seguem destacadas em negrito

os *campi* mais concorridos identificados no Portal de Controle do CSF, as desagregações sem destaque foram retiradas do Portal dos Bolsistas pelo Mundo.

Quadro 12. Classificação dos *campus* no ranking *THE*.

IES EUA	SWG	Ranking
California State University (System) (CSU)	933	>601
California State University, Northridge	234	NC
California State University (System)	193	NC
California State University, Fullerton	134	NC
California State University, Chico	113	NC
California State University, Monterey Bay	43	NC
California State University, San Marcos	41	NC
California State University, East Bay	36	NC
California State University, Sacramento	32	NC
California State University, San Bernardino	11	NC
California State University, Fresno	5	NC
California State University, Los Angeles	4	NC
California State University, Stanislaus	3	NC
California State University, Channel Islands	1	NC
State University of New York	714	>300
State University of New York, Buffalo	161	NC
State University of New York, Stony Brook	137	NC
State University of New York, Suny	81	>300
State University of New York at Oswego	76	NC
State University of New York at New Paltz	64	NC
State University of New York at Plattsburgh	60	NC
State University of New York, Brock Port	28	NC
State University of New York, Suny Maritime	16	NC
State University of New York, Fredonia	14	NC
State University of New York, Binghamton	10	301-400
State University of New York, Suny It	9	NC
State University of New York at Cobleskill	8	NC
State University of New York, FMCC	7	NC
State University of New York, Cortland	7	NC
State University of New York, NCC	6	NC
State University of New York, Geneseo	6	NC
State University of New York, Buffalo State	4	NC
State University of New York, Tompkins Cortland College	1	NC
Arizona State University	680	127-182
University of California System (UC)	675	8-10
University of California, San Francisco	1	NC
University of California, Los Angeles	63	11-13
University of California, Irvine	74	49-96
University of California, Berkeley	67	8-10
University of California, Santa Cruz	17	69-136
University of California, Riverside	63	117-155
University of California, San Diego	97	32-41

University of California, Davis	214	39-56
University of California, Santa Barbara	79	29-37
University of Nebraska Administration	431	>250
University of Nebraska Administration (Lincoln)	321	251-350
University of Nebraska-Omaha	79	NC
University of Nebraska-Kearney	31	NC
University of Missouri System	384	>226
Missouri University of Science and Technology	154	501-600
University of Missouri - Kansas City	134	NC
University of Missouri System	94	>226
University of Missouri - St Louis	2	NC
Illinois Institute of Technology	380	>301
Wayne State University	347	251-400
Southern Illinois University Carbondale	300	NC
University of Colorado	293	67-127
University of Colorado Boulder	145	67-127
University of Colorado (Denver e Anschutz Medical <i>Campus.</i>)	82	NC
University Of Colorado At Colorado Springs	64	NC
University of Wisconsin System	281	27-46
University of Wisconsin System	212	27-46
University of Wisconsin - River Falls	192	NC
University of Wisconsin - Milwaukee	176	501-600
University Of Wisconsin - Platteville	50	NC
University Of Wisconsin - Stout	45	NC
University of Wisconsin - Eau Claire	29	NC
University of Wisconsin - La Crosse	28	NC
University Of Wisconsin - Oshkosh	15	NC
University Of Wisconsin - Stevens Point	12	NC
University of Wisconsin - Green Bay	11	NC
University Of Wisconsin - Whitewater	10	NC
University of Wisconsin - Washington County	1	NC
University of Arkansas	277	501-600
University of Illinois - System	274	29-197
University of Illinois at Urbana-Champaign	166	29-36
University of Illinois at Chicago	108	167-250
Purdue University	240	62-113
Purdue University	126	62-113
Purdue University Calumet	114	NC
University of Florida	122	123-128

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados obtidos no Portal do *Times Higher Education's World University Rankings (THE)*, 2022.

Na lista de Universidades avaliadas, 48 *campus* não foram classificados até 2016. Isso quer dizer que 2,758 bolsistas do CsF frequentaram a parcela das instituições que não tinham sido avaliadas pelo ranking *THE*. Em 11 *campus* a classificação esteve acima das cem melhores universidades no mundo, ou seja, 2,813 estudantes foram enviados para *campus* mais modestos nos EUA. Três *campus* tiveram variação significativa na avaliação ao longo do período, ora

classificados entre as cem melhores universidades, ora acima desta marca, por esta razão entendemos que os 288 estudantes que frequentaram essas organizações podem ser classificados entre as melhores. Por último, apenas 8 *campus* estiveram entre as cem melhores Universidades de acordo com o ranking *THE*, seis deles na *University of California* (UC), um na *University of Wisconsin* e um na *University of Illinois*, juntos representavam 972 bolsistas do CsF.

Nossa análise final é a de que entre as quinze IES mais frequentadas nos EUA apenas 14% dos estudantes estiveram em Universidades ranqueadas como as cem melhores do mundo. Estas Universidades estavam classificadas entre a 8ª e a 96ª posição, mas permaneceram, de forma mais constante, entre as 50 melhores, no período avaliado. Os outros 46% de bolsistas, que estiveram em IES ranqueadas dentre as 15+, foram divididos em dois grupos, o primeiro com 4% dos graduandos alocados em IES que variaram entre a 50ª e a 250ª posição, e os 42% restantes frequentaram IES ranqueadas até a 600ª posição. Para se ter dimensão do que essas posições significam, no Brasil, as únicas Universidades classificadas no ranking *THE*, no período, foram a Universidade de São Paulo (USP), classificada na 158ª posição e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) classificada entre a 251ª e a 275ª posição. Na face oposta, 40% dos bolsistas cursaram parte de seus estudos em Universidades que não tinham sido classificadas até 2016, isso não traduz, necessariamente, que os graduandos frequentaram instituições ruins, de todo modo, revela que os critérios de inclusão, das IES no programa, não foram monitorados e/ou avaliados de forma apurada para estarem alinhados aos critérios estabelecidos durante sua concepção.

Mais uma vez reforçamos que a classificação global dos campi não revela, de forma categórica, como foi a experiência dos intercambistas do CsF durante seu período de mobilidade acadêmica. Qualquer avaliação do sucesso dessa iniciativa deveria abarcar uma análise mais extensa sobre os cursos frequentados e os resultados atingidos por estes estudantes, bem como por suas Universidades de origem, no período posterior ao seu retorno ao Brasil. Ainda assim, entendemos que o cruzamento de todos os dados coletados nesta pesquisa exploratória traz indícios de que os recursos poderiam ter sido melhor empregados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerramos nossa exposição certos de que muitas mudanças seriam necessárias para que um programa de internacionalização semelhante fosse instituído como Política de Estado e não mais como um programa de governo, tal como foi proposto pelo PLS 798/2015. Durante a fase de recolha de dados, deste estudo exploratório, encontramos muitas lacunas em relação à disponibilidade de dados, fato que foi comprovado nos relatórios de balanço, do programa, publicados pelos órgãos de controle internos e externos à sua gestão. Muito além dos problemas identificados em relação aos mecanismos de controle para monitoramento e para avaliação da iniciativa, nos deparamos, no percurso da escrita, com uma política de apagamento da memória do programa. A princípio a ferramenta pública de controle, primordial, do CsF foi retirada do ar: o “Painel de Controle do Ciência sem Fronteiras”. Na sequência o portal oficial do programa foi descontinuado e parte das informações foram incorporadas ao site do Governo Federal. Essa fusão não ocorreu apenas com o CsF, mas, de fato, muitos dados foram perdidos nesta incorporação, enfatizamos o que nos pareceu mais substancial: 1) Painel de Controle do Ciência sem Fronteiras, 2) Painel de Bolsistas pelo Mundo, 3) Seção de Notícias sobre o CsF. Dos muitos conflitos, conhecidos, gerados pela ausência de informações precisas em relação ao CsF, nos parece problemático descontinuar a plataforma que reunia a maior parte dos dados públicos ligados ao programa.

Partindo das muitas leituras de trabalhos produzidos sobre o CsF, entendemos que o entusiasmo com o programa refletiu um cenário otimista de investimento nas Universidades públicas brasileiras e de expansão econômica nacional. Os estudantes que tiveram a oportunidade de vivenciar a experiência de mobilidade do CsF se depararam com uma realidade sem precedentes. O fomento concedido pelos Ministérios da Educação e da Ciência, Tecnologia e Inovação, e geridos pela Capes e pelo CNPq, nunca antes fora vivenciado por nenhuma geração de pós-graduandos e, especialmente, de estudantes de graduação. O impacto causado no grupo de beneficiários foi responsável por produzir uma quantidade generosa de estudos e pesquisas que apoiavam a iniciativa e viam de forma positiva os esforços para incorporá-la permanentemente dentro do rol de programas de incentivo à educação superior.

Na outra face desta moeda, estão os estudos, publicações e balanços de pesquisadores, entidades e dos próprios órgãos competentes, que se debruçaram para refletir sobre os caminhos escolhidos para a execução do programa. A começar pela criação do Decreto Nº 7.642/11 sem que as atividades e recursos necessários tivessem sido previstos no plano plurianual da Capes e do CNPq para o período de 2011 a 2020. A inexistência de um planejamento prévio sobre: as

áreas contempladas, a viabilidade das modalidades de bolsas, impacto pretendido, critérios adotados, origem de novos recursos, indicadores quantificáveis e corpo técnico suficiente para monitorar e avaliar cada um dos objetivos e das atividades desenvolvidas pelo programa, desencadearam uma série de problemas com os quais foi preciso lidar num contexto de muitas limitações. De forma sintética, os obstáculos foram desde o estabelecimento das parcerias com o setor privado e a assinatura dos convênios com as IES estrangeiras, passando pela flutuação do dólar e a necessidade de complementação de bolsas em cidades de alto custo, até a necessidade de formação acelerada em idioma estrangeiro por parte dos estudantes que tiveram suas bolsas concedidas. Os contratempos não se encerram nos exemplos citados e mesmo com o programa extinto não foi possível desatar todos os nós deixados pelo Ciência sem Fronteiras. Em parte, porque não se sabe, ao certo, quais foram os resultados gerados pelo programa. Já mencionamos, diversas vezes, que os controles para o monitoramento foram insuficientes, muitos dos relatórios finais dos bolsistas, por exemplo, foram entregues com atraso ou não foram entregues, a análise destes documentos não foi realizada em profundidade e não havia um sistema consolidado capaz de avaliar os quase cem mil relatórios. Depois de encerrado a Capes e o CNPq também não disponham de recursos suficientes para que uma avaliação *ex post* do programa fosse realizada, precisaram fazer a escolha de Sofia, ou priorizavam a manutenção de programas e bolsas existentes ou direcionavam os recursos e as equipes para a realização de um balanço sobre o CsF. Com efeito, a escolha nos parece ser bem lógica.

Para compor o processo investigativo deste estudo exploratório, trouxemos dados recolhidos de diferentes fontes que, em algum grau, diferem entre si. As divergências encontradas, no entanto, não interferem nas análises mais globais do programa, mesmo que individualmente possam parecer significativas. Entendemos que o CsF foi uma iniciativa de proporções titânicas e por este motivo as conclusões gerais prevalecem. Neste sentido, mesmo sendo um projeto pioneiro, o CsF não inovou em seu escopo, prevaleceram como áreas de fomento aquelas que já eram internacionalmente reconhecidas como de maior investimento. Trouxemos a questão sobre as bolsas direcionadas para a área da economia criativa e a possível inserção das humanidades no programa, como um exemplo concreto de que o efeito de ambas, no CsF, seria pouco expressivo frente a capacidade de inserção das demais áreas. Aqui resgatamos o resultado da pesquisa realizada pelo Sibi (USP) que aponta que o financiamento da pesquisa no Brasil privilegia as mesmas áreas onde ocorreu a maior concentração de bolsistas do CsF.

Da mesma forma, não existiu qualquer iniciativa que fizesse com que as bolsas de estudos concedidas pelo CsF fossem distribuídas de forma equitativa entre as diferentes

Unidades Federativas. A maior parte da subvenção ficou acumulada no eixo sul-sudeste, e foi repartida entre as Universidades que já se destacavam por possuir um processo de internacionalização estabelecido. Essa prática também se repetiu no cenário internacional. As parcerias estabelecidas com as IES de diversos países não previu uma repartição de equanimidade, e, por consequência, os países do eixo América do Norte-Europa seguiram sendo os mais concorridos e atrativos. Não podemos perder de vista que os EUA estiveram a frente do programa de forma exponencial. Essa tendência foi mais do que reforçada a partir do pronunciamento da ex-presidenta Dilma Rousseff sobre a criação do CsF, quando esteve em visita nos EUA, e o ex-presidente Barack Obama noticiou a constituição do “*100,000 Strong in the Americas*”, programa com propósito similar ao brasileiro. A maratona percorrida pelo governo brasileiro para fazer do CsF um programa de sucesso internacional, que atingiria metas globais ousadas, inviabilizou qualquer possibilidade de planejamento e de ajustes no pouco tempo em que o programa existiu.

Apesar das muitas intercorrências, as pesquisas realizadas com os bolsistas do programa surtiram positivamente, como mencionamos acima, este grupo de estudantes vivenciou um período de grandes investimentos voltados para o ensino superior, o que reverbera sua visão otimista. Os dados da pesquisa realizada pelo DataSenado, a pedido da CCT, endossam essa constatação. Poucos estudantes estavam insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o CsF e os respondentes para essa avaliação estavam concentrados nos continentes Asiático e Africano, onde a dispersão de bolsistas foi menor. Em relação à recepção dos estudantes por colegas, professores e pela IES estrangeira, as avaliações foram muito positivas e similares, tanto em comparação a renda, quanto em comparação ao continente de destino. O custeio das IES no exterior que, em muitos casos, sempre foi limitador para a vivência internacional, foi superado com a subvenção do programa. E de maneira abrangente as bolsas foram consideradas suficientes para custear os estudos fora do país; a porcentagem de pesquisados que considerou os recursos insuficientes estavam alocados entre os grupos que não possuíam renda ou que tinham renda superior a dez salários mínimos. Inclusive, resgatamos a informação de que apenas 22% dos bolsistas tinham renda superior a dez salários mínimos e, se considerarmos o valor das taxas cobradas pelas IES nos EUA, podemos dizer que seriam poucas as chances dos estudantes de outras faixas de renda terem a oportunidade de custear o intercâmbio para este país. Ainda sobre a visão dos bolsistas, em relação aos recursos disponibilizados, ficou constatado que existiram atrasos no repasse das bolsas, predominantemente por parte da Capes, que gerenciava a maior quantidade de bolsas de SWG. Esses atrasos foram de até 15 dias, em sua maioria, mas 20% dos estudantes que tiveram problemas com o pagamento identificaram

que o período foi superior a um mês, estes bolsistas estavam alocados nos EUA. Contudo, nem a quantidade de recursos, nem os atrasos foram considerados motivo para que os estudantes pensassem em desistir do intercâmbio. Mesmo sendo os bolsistas de baixa renda os que mais relataram a propensão em evadir, o fator econômico não foi preponderante. A principal razão para a desistência, na opinião dos bolsistas, eram os problemas de adaptação, os problemas familiares e, em 3º lugar, o aprendizado abaixo das expectativas. Por fim, alguns pontos da pesquisa do DataSenado nos chamaram a atenção, dentre eles que 37% dos entrevistados relataram possuir bolsa do CsF a mais de 12 meses. Sabemos que esse percentual de bolsistas pode ser relativo aos estudantes de pós-graduação, já que a pesquisa foi realizada em 2015 quando não haviam mais editais para SWG, porém entendemos que seria importante uma análise sobre o tempo de retorno dos bolsistas de SWG para o Brasil, já que este dado não está disponível. Por fim, no que tange a pesquisa com os beneficiários, o idioma estrangeiro continuou sendo um fator impeditivo para a mobilidade e para a internacionalização, ampliando os custos para a formação destes estudantes. Os dados revelaram que apenas 27% dos participantes eram fluentes no idioma da instituição de destino, antes do intercâmbio, e que 10% não se tornou fluente após o período de mobilidade. Essa proporção nos parece preocupante.

Para equilibrar a visão dos entusiastas do CsF, relembremos alguns dos principais pontos trazidos nos relatórios oficiais. A começar pelo relatório do MEC, de 2013, que apesar de possuir uma visão mais otimista de todo o processo, faz considerações sobre a necessidade de aprimorar e quantificar os indicadores do CsF. No relatório de avaliação da CCT, 2015, questões como a simetria e a cooperação internacional são consideradas como elementos centrais para o aprimoramento do programa. A comissão também destaca a necessidade de replanejar o direcionamento das bolsas para outras modalidades, além da SWG, e para outras IES que não pertençam aos EUA, devido às altas taxas cobradas por elas neste país. Reduzir os custos com taxas e matrículas foi outro ponto chave da análise da Comissão de Ciência e Tecnologia do Senado Federal. Não obstante, a CCT reconhece que o programa abriu portas para outras iniciativas governamentais e, portanto, nasceu desta comissão, o PLS 798/15 para tornar o CsF um programa permanente de estado. Os balanços finais da CGU e da auditoria interna da Capes são mais duros, se comparados às produções anteriores. Em 2017, a CGU concluiu seus trabalhos constatando a inexistência de avaliação ampla e sistemática da política pública por parte do CNPq. Também afirmou que o órgão se pautava por indicadores de baixa qualidade que não suportavam a tomada de decisão dos gestores e não subsidiavam o acompanhamento mais qualificado dos dispêndios. A última análise, empreendida pela

auditoria interna da Capes, em 2018, apurou que não foram identificados os riscos envolvidos com o CsF de forma prévia e tampouco criou-se um plano de mitigação para processos críticos, tais como: i) processo seletivo, ii) programação financeira, iii) variação do dólar e iv) retorno dos bolsistas ao país. O relatório, também, apontou que não foram feitas adaptações quando o programa esteve em curso, nem existiu a possibilidade de uma avaliação *ex post* por causa da falta de verba. Lamentavelmente, a conclusão foi que não há dados suficientes que mostrem se os objetivos do programa foram atingidos ou não.

Compreendendo que os objetivos do programa estavam distantes do que foi, verdadeiramente, a implementação do CsF, nossa colaboração foi ao encontro das reflexões sobre a execução desta política de internacionalização e mobilidade acadêmica nos EUA, posto que este foi o maior beneficiário entre os países participantes. Nesta perspectiva, para discutirmos os resultados deste estudo, nos compete recapitular que, a partir dos anos 2000, China e Índia passaram a ser os Estados que mais enviam estudantes para os EUA e estão, em termos quantitativos, muito distantes do Brasil. Em 2005, o fluxo emissivo contínuo foi estabilizado e apesar dos esforços governamentais para ampliar a participação brasileira nos índices estadunidenses, em 2011, o CsF e todos os demais programas brasileiros para envio de estudantes para os EUA foram insuficientes para atingir os patamares das primeiras posições. Contudo, de acordo com o “*Open Doors Report on International Educational Exchange.*” (2021), o Brasil saiu da 14ª posição em 2011, com 1,2% de representatividade, para a 6ª posição em 2014, ou seja, no auge do CsF o país teve 2,4% de representatividade. Há um reconhecimento oficial, por parte do CsF, de quatro grandes intermediários que impulsionaram o envio dos estudantes para os EUA. Duas dessas agências de *placement* trabalharam em parceria, IIE em parceria com a Fulbright, as demais representaram suas Universidades associadas: HBCU e NOVA. Dado que essas agências estimularam a mobilidade acadêmica em direção aos EUA, entendemos que elas também foram responsáveis por direcionar uma parcela considerável dos estudantes para Universidades e/ou cursos reconhecidamente voltados para o ensino técnico e aplicações práticas.

Mesmo com as divergências encontradas entre o Painel de Controle do Ciência sem Fronteiras e o Painel de Bolsistas pelo Mundo, consideramos que as quinze universidades estadunidenses que mais atraíram estudantes concentraram 6,831 bolsistas do programa. Entre essas organizações, apenas uma Universidade era privada e sem fins lucrativos, as demais compunham sistemas públicos universitários que conglomeravam diversos *campus*. Proporcionalmente, o número de intercambistas brasileiros só foi representativo para o *campi*

da Universidade privada, superando os 10%. Para as demais, o número de matrículas locais não foi impactado pela recepção dos graduandos.

Em nosso levantamento sobre o tamanho, a composição e o perfil plural das Universidades selecionadas, concluímos que os ranking globais dizem pouco sobre o tipo de formação que os estudantes do CsF vivenciaram durante sua experiência no exterior. Seriam necessários dados mais específicos sobre os cursos, *campus*, e disciplinas frequentadas para analisar os resultados provindos de cada uma dessas instituições. Ainda assim, identificar que apenas 14% dos estudantes, que frequentaram as quinze Universidades mais atrativas, tiveram sua formação em instituições ranqueadas entre as cem melhores do mundo, nos pareceu demasiadamente oneroso. Os recursos empenhados para proporcionar aos beneficiários uma formação de “excelência mundial” não deveriam, por princípio, ter sido redirecionados para Universidades que não fossem classificadas no ranking adotado e sabemos que 40% dos bolsistas frequentou *campus* nessas condições.

Por fim, em nossa última consideração, reforçamos que o propósito deste trabalho foi construído ao longo de todo o processo de levantamento dos dados sobre o Ciência sem Fronteiras. O problema para identificar os gastos totais com o programa acendeu um alerta de que esta era uma questão que deveria ser explorada. A falta de controle para precisar os gastos totais, que variaram de R\$ 7,364,422,282.69 (Portal da Transparência do Governo Federal) a 10,5 bilhões de reais (CCT, 2015) a depender da fonte, adicionada a impossibilidade de termos acesso às informações sobre o pagamento das taxas nos EUA, nos fez pensar em outras estratégias para estimar os recursos drenados para fora do país. Em posse da informação de que não foram feitos abatimentos ou acordos de reciprocidade com as universidades estadunidenses, projetamos quais seriam os gastos com a permanência dos bolsistas de SWG, nos EUA, pelo prazo de um ano. A partir das informações sobre o custo das taxas e anuidades das quinze Universidades mais atrativas nos EUA chegamos a um total de R\$ 676,928,657.44. Se dividirmos este valor pelo número de bolsistas enviados para estas IES (6.831), temos uma média de R\$ 99,096,56, valor muito próximo do custo estimado pela CCT (2015) de R\$103 mil/anuais por bolsista. Considerando que os valores estão próximos da realidade, e que apenas 14% dos estudantes da nossa amostra frequentaram instituições ranqueadas como as cem melhores do mundo, inferimos que os recursos seriam melhor empregados se fossem investidos nacionalmente.

Em última instância, já que não é possível saber com precisão a quantidade de recursos que foi transferida para os EUA, através das Universidades, fica a questão: Tio Sam, em quanto fecha a conta?

REFERÊNCIAS

Dowbor, Ladislau. **O capitalismo se desloca: novas arquiteturas sociais**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.

NYE, JOSEPH S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. United States by PublicAffairsTM.2004.

Lima, Licínio C.; Azevedo, Mário Luiz Neves de; Catani, Afrânio Mendes. **O processo de Bolonha, a avaliação da educação superior e algumas considerações sobre a Universidade Nova**. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, V.13, N. 1, 2008.

MAUÉS, Olgaíses Cabral. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 75, p. 13-30. 2019.

GOVERNO FEDERAL. **Dados do programa Ciência Sem Fronteiras desde o 1o Edital Lançado referente ao custo envolvido**: Pedido 23480018667201501. Disponível em: http://www.consultaesic.cgu.gov.br/busca/_layouts/15/DetallePedido/DetallePedido.aspx?nup=23480018667201501

GOVERNO FEDERAL. **Ciência sem Fronteiras: Áreas Contempladas**. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/ciencia-sem-fronteiras/apresentacao-1/areas-contempladas>. Acesso em? 03/06/2022

CAPES. **Relatório de Auditoria de Conformidade do Programa Ciência sem Fronteiras**. Relatório de Auditoria AUD/BS/010/2018. 2018.

MANCEBO, Deise. Crise político-econômica no brasil: breve análise da educação superior. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 38, nº. 141, p.875-892, out.-dez., 2017

GOVERNO FEDERAL. **Ciência sem Fronteiras: Bolsistas e Investimentos - Dados Chamadas Graduação Sanduíche**. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/ciencia-sem-fronteiras/bolsistas-e-investimentos-1/dados-chamadas-graduacao-sanduiche> Acesso em: 08/06/2022

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Documento Técnico contendo estudo analítico, teórico e metodológico sobre o impacto e a organização do Programa Ciência sem Fronteiras nas políticas públicas da Educação Superior**. 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13938-produto-1-ciencia-sem-fronteira-pdf&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 02 de julho de 2022.

G1. **Brasil fica de novo fora do 'top 200' de ranking das melhores Universidades**. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/10/brasil-fica-de-novo-fora-do-top-200-de-ranking-das-melhores-Universidades.html> Acesso em: 04 de março de 2022.

CAUÊ, Fabiano. **Ciência sem Fronteiras tem 13,8% de bolsistas em Universidades 'top' 100**. G1 [online], São Paulo, 13 de nov. de 2014. Educação. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/11/ciencia-sem-fronteiras-tem-138-de-bolsistas-em-Universidades-top-100.html#:~:text=Ci%C3%Aancia%20sem%20Fronteiras%20tem%2013,top%20100%20%7C%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20%7C%20G1&text=Programa%20tem%20brasileiros%20em%2092,de%20cursos%20de%20gradua%C3%A7%C3%A3o%20sandu%C3%ADche.>> Acesso em: 03 de jul. de 2022.

PAIVA, Thais. Impasses no Ciência Sem Fronteiras: O perfil dos estudantes e a falta de acordo com a iniciativa privada na distribuição de bolsas são desafios para programa cujo fim será em 2015. *Carta Capital* [online], São Paulo, 16 de mai. de 2014. Educação. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/impasses-no-ciencia-sem-fronteiras/> Acesso em: 03 de jul. 2022

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. MEC libera R\$ 138 milhões para custear Ciência sem Fronteiras. Recursos. Educação superior. Brasília, jun. 2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao->

superior-1690610854/37101-mec-libera-r-138-milhoes-para-custear-ciencia-sem-fronteiras. Acesso em: 05 de julho de 2022.

PORTAL BRASILEIRO DE DADOS ABERTOS. Indicadores sobre Ensino Superior - Programa Ciência Sem Fronteiras. Ministério da Educação - MEC. Disponível em: <https://dados.gov.br/dataset/ensino-superior-programa-ciencia-sem-fronteiras>. Acesso em: 05 de jul. de 2022. "

GRANJA, Cintia Denise; CARNEIRO, Ana Maria. O programa Ciência sem Fronteiras e a falha sistêmica no ciclo de políticas públicas. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.29, n.110, p. 183-205, jan./mar. 2021

MORENO, Ana Carolina. 90% dos bolsistas do Ciência sem Fronteiras são de instituições públicas. G1 [online]. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/01/90-dos-bolsistas-do-ciencia-sem-fronteiras-sao-de-instituicoes-publicas.html>

SIBI USP. Levantamento mostra quem financia a pesquisa no Brasil e na USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/Universidade/levantamento-mostra-quem-financia-a-pesquisa-no-brasil-e-na-usp/>. Acesso em: 10 de julho de 2018.

Quem financia a pesquisa brasileira? Um estudo InCites sobre o Brasil e a USP. DUDZIAK E.A. (2018). InCites Analysis of Funding Agencies Brazil and Universidade de São Paulo [Data set]. Zenodo. <http://doi.org/10.5281/zenodo.1317042>. Disponível em: <https://www.abcd.usp.br/noticias/quem-financia-a-pesquisa-brasileira-um-estudo-incites-sobre-o-brasil-e-a-usp/>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

SENADO FEDERAL. Relatório Nº 21, De 2015 Da Comissão De Ciência, Tecnologia, Inovação E Informática. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=3789268&disposition=inline>. Acesso em: 08 de jun. 2022.

RIBEIRO, Maria das Graças. A EDUCAÇÃO SUPERIOR NORTE-AMERICANA: GÊNESE DE UM MODELO. Dossiê - A educação nos Estados Unidos: do século 19 ao século 20 • Hist. Educ. 20 (48) • Jan-Apr 2016. <https://doi.org/10.1590/2236-3459/56594>

CASTRO, C. M. et al. Cem mil bolsistas no exterior. Interesse Nacional, abr.-jun. 2012. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/cemmil.pdf>

Liverpool Tuitions <https://www.liverpool.ac.uk/study/international/tuition-fees-and-scholarships/pgt-fees-15-16/>

DataSenado. Senado Federal. Avaliação do Programa Ciência sem Fronteiras. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/avaliacao-do-programa-ciencia-sem-fronteiras> . Acesso em: 10 jun. 2018.

FARIA, Aurélio Pimenta de In EDUARDO MARQUES, Carlos; FARIA, FARIA, Aurélio Pimenta. A política pública como campo multidisciplinar. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

100,000 Strong in the Americas. Together we can make an impact. Disponíveis em: <http://www.100kstrongamericas.org/invest/>. Acesso em: 01 jun. 2018.

AGÊNCIA BRASIL. Justiça suspende decisão que inclui área de humanas no Ciências sem Fronteiras. São Paulo: IG, 16 jan. 2013. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2013-01-16/justica-suspende-decisao-que-inclui-area-de-humanas-no-ciencias-sem-fronteiras.html>. Acesso em: 17 jul. 2018.

ALMEIDA FL, N. Ações afirmativas sem fronteiras. Folha de São Paulo, opinião, 01 ago. 2011. São Paulo Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0108201107.htm>. Acesso em: 05 jul. 2018

AMARAL, Nelson C. Financiamento da educação superior no Brasil: gastos com as Ifes – de Fernando Collor a Luiz Inácio Lula da Silva. In: BITTAR, Mariluce.; OLIVEIRA, João Ferreira de; MOROSINI, Marília. (Org.). **Educação superior no Brasil: 10 anos pós-LDB**. Brasília: INEP, 2008. p. 258-282.

BALL, S. J. Diretrizes e políticas globais e relações políticas locais em educação. Currículo Sem Fronteiras, v.1, n.2, p. 99-116, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol1iss2articles/ball.pdf>> Acesso em: 10 out. 2015.

BALMANT, O. LIRA, D. 'Ciência com Fronteiras': os entraves à internacionalização da graduação do País. São Paulo: IG, 06 out. 2014. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2014-06-10/ciencia-com-fronteiras-os-entraves-a-internacionalizacao-da-graduacao-do-pais.html>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Investigação qualitativa em educação. Porto: Porto Editora, 1994.

BORGES, Rovênia Amorim; FILICE, Renísia Cristina Garcia. **Programa Ciência sem Fronteiras e as iniquidades no Brasil: um olhar sobre os bolsistas do DF e da região centro-oeste.** Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN. v. 9, p. 81-95, 2017.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Decreto n. 7642, de 13 de dezembro de 2011. Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7642.htm> Acesso em: 13 de mar. 2018.

_____. Projeto de Lei do Senado n. 798, de 15 de dezembro de 2015. Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=4458968&disposition=inline>> Acesso em: 13 de mar. 2018.

CAPES. Esclarecimento Capes sobre a matéria da Folha de S. Paulo. 2013. Disponível em:< <https://is.gd/XrP3er>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

_____. Ofício nº 245/2018-GAB/PR/CAPES. 2018. Disponível em: <<https://is.gd/h8qPYy>>. Acesso em: 03 ago. 2018.

CARDOSO, I. A. R. A regeneração dos costumes políticos da nacionalidade. _____. A Universidade da Comunhão Paulista. São Paulo: Autores Associados/Cortez,1982, p.27 – 92.

CHAIMOVICH, Hernan. **Audiência Pública destinada a avaliar a política pública de "Formação de Recursos Humanos para Ciência, Tecnologia e Inovação, com especial enfoque para o programa Ciência Sem Fronteiras"**. 29/04/2015 às 09h30 – 11ª, Extraordinária. Informação verbal. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/reuniao?0&reuniao=3279&codcol=1363>. Acesso em: 02 de jul. 2022.

CHAIMOVICH, Hernan; MELCOP, Paula D. Melcop. **Notas preliminares sobre financiamento à pesquisa no Brasil.** Revista USP, São Paulo, n. 73, 2007; 6-23.

CHAUÍ, M. **A Universidade operacional.** Folha online: São Paulo, 9.dez.98. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/dc_1_3.htm. Acesso em: 15 fev. 2016.

_____. Universidade em liquidação. Folha online: São Paulo, 11 jul.99. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/dc_1_2.htm. Acesso em: 15 fev. 2016.

CIENCIA SEM FRONTEIRAS. País terá R\$ 3,16 bi para formar cientistas. 2011-a1 Disponível em: <<https://goo.gl/Usg8df>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. Presidente do CNPq ressalta a importância do Ciência sem Fronteiras nos EUA. 2011-a2. Disponível em: <<https://goo.gl/BdYXXR>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Programa Ciência sem Fronteiras terá regras divulgadas na próxima segunda-feira. 2011-a3. Disponível em: <<https://goo.gl/ZvAsgJ>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Mercadante lança o Programa Ciência sem Fronteiras. 2012-b1. Disponível em: <<https://goo.gl/bJDSer>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Dilma encerra viagem aos EUA com visitas ao MIT e à Harvard. 2012-b2. Disponível em: <<https://goo.gl/jqpQzE>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Nota explicativa sobre as retificações de 09/01/2013 nas Chamadas para Graduação Sanduíche. 2012-b3. Disponível em: <<https://goo.gl/hjgxAY>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Bolsistas do Ciência sem Fronteiras recebem orientações antes de partirem ao exterior. 2012-b4. Disponível em: <<https://goo.gl/dh6V1r>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. CNPq faz encontro de bolsistas do Ciência sem Fronteiras. 2012-b5. Disponível em: <<https://goo.gl/K1eEXN>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Ciência sem Fronteiras e políticas da América Latina são destaques na Science. 2012-b6. Disponível em: <<https://goo.gl/gHoKXg>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Café com a Presidenta destaca o Ciência sem Fronteiras. 2012-b7. Disponível em: <<https://goo.gl/vTWnY4>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Ciência sem Fronteiras realiza evento para ampliar redes internacionais de apoio. 2012-b8. Disponível em: <<https://goo.gl/TgnGcW>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Formação e estágio via Ciência Sem Fronteiras devem ser vistos pelas empresas como investimento. 2012-b9. Disponível em: <<https://goo.gl/xdyJF8>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Delegação do CsF divulga o programa em cidades australianas. 2012-b10. Disponível em: <<https://goo.gl/E97cPU>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Formação e estágio via Ciência Sem Fronteiras devem ser vistos pelas empresas como investimento. 2012-b11. Disponível em: <<https://goo.gl/SDFkCC>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Seminário sobre Ciência sem Fronteiras acontece em Harvard. 2012-b12. Disponível em: <<https://goo.gl/W1WutA>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Comitê Executivo cria a bolsa Desenvolvimento Tecnológico e Inovação no Exterior – DTE. 2012-b13. Disponível em: <<https://goo.gl/BqPX2g>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Bolsistas do Ciência sem Fronteiras realizam primeiro encontro regional em Frankfurt.. 2012-b14. Disponível em: <<https://goo.gl/J1gpW4>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Irlanda se dispõe a oferecer 2 mil bolsas do Ciência sem Fronteiras. 2012-b15. Disponível em: <<https://goo.gl/iXxjeb>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Delegação norte americana assina acordos com o CNPq e Capes no âmbito do CsF. 2012-b16. Disponível em: <<https://goo.gl/nUatQw>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Atenção Bolsistas dos Estados Unidos - CNPq/Ciência sem Fronteiras. 2012-b17. Disponível em: <<https://goo.gl/cfyoJz>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Japan Education Fair reúne mais de 300 pessoas na USP. 2012-b18. Disponível em: <<https://goo.gl/Thwb5R>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Coordenadores do Ciência sem Fronteiras nas IES participam de reunião na Capes. 2012-b19. Disponível em: <<https://goo.gl/udmqmF>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. CNPq e Capes divulgam o resultado do programa Jovens Talentos para a Ciência. 2012-b20. Disponível em: <<https://goo.gl/9PDiSV>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Matéria com Presidenta Dilma na revista Forbes cita Ciência sem Fronteiras. 2012-b21. Disponível em: <<https://goo.gl/RVun2B>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Programa de apoio à pesquisa investirá R\$ 1,5 bilhões em 4 anos. 2012-b22. Disponível em: <<https://goo.gl/ifnCLY>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Ciência sem Fronteiras na pauta da missão brasileira na Suécia. 2012-b23. Disponível em: <<https://goo.gl/yucgdR>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Programa de televisão mostra rotina de bolsistas do Ciência sem Fronteiras na Alemanha.. 2012-b24. Disponível em: <<https://goo.gl/nEmzpt>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Embaixada do Brasil na Espanha lança guia de informações para estudantes e pesquisadores. 2012-b25. Disponível em: <<https://goo.gl/EpDR6f>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Capes assina acordo com Jasso para implementação de bolsas CsF no Japão. 2012-b26. Disponível em: <<https://goo.gl/YgQBTm>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Brasil ultrapassa fronteiras para fortalecer o desenvolvimento educacional e tecnológico. 2012-b27. Disponível em: <<https://goo.gl/vcS4T3>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Fapesb anuncia R\$ 800 mil para o Programa Ciência sem Fronteiras. 2012-b28. Disponível em: <<https://goo.gl/R9Y3dW>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. SBPC e ANPG prestam esclarecimentos sobre matéria no jornal O Estado de São Paulo. 2012-b29. Disponível em: <<https://goo.gl/Fr3RFQ>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Palestra - Descomplicando o Ciência sem Fronteiras. 2012-b30. Disponível em: <<https://goo.gl/dW2bdN>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. IELTS e TOEFL se destacam entre os exames de proficiência. 2012-b31. Disponível em: <<https://goo.gl/Znws6k>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Ciência sem Fronteiras e indústria no horizonte de cooperação entre Brasil e Holanda. 2012-b32. Disponível em: <<https://goo.gl/J6aNn6>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Conferência de Reitores Húngaros assina acordo de cooperação com CNPq. 2012-b33. Disponível em: <<https://goo.gl/dNKC83>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Capes assina acordo com Universidade do Texas. 2012-b34. Disponível em: <<https://goo.gl/Dmgc3p>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Estudantes de baixa renda farão exame gratuito de proficiência em inglês. 2012-b35. Disponível em: <<https://goo.gl/bSzimB>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Capes assina acordo com consórcios de Universidades australianas. 2012-b36. Disponível em: <<https://goo.gl/mQFYxs>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Ciência sem Fronteiras busca parceria com empresas internacionais na Camera Americana de Comércio (AMCHAM-Brasil). 2012-b37. Disponível em: <<https://goo.gl/t8BfWN>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Instruções complementares à chamada do Ciência sem Fronteiras com o NIH. 2012-b38. Disponível em: <<https://goo.gl/8wgRT5>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Universidade de Toronto e Capes estabelecem parceria. 2012-b39. Disponível em: <<https://goo.gl/bqTG2o>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. CNPq realiza segunda reunião com Coordenadores do Programa Ciência sem Fronteiras. 2012-b40. Disponível em: <<https://goo.gl/2RLRuA>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Natura assina acordo de adesão ao Programa Ciência sem Fronteiras. 2012-b41. Disponível em: <<https://goo.gl/ATijTY>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Capes assina acordo de intenções para o CsF com empresa dos EUA. 2012-b42. Disponível em: <<https://goo.gl/17TFNf>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Programa Ciência sem Fronteiras é detalhado em audiência pública. 2012-b43. Disponível em: <<https://goo.gl/4xiDLZ>>. Acesso em: 05 jul. 2018

_____. Reunião dos Coordenadores do Programa Ciência sem Fronteiras será transmitida ao vivo. 2012-b44. Disponível em: <<https://goo.gl/RGfywz>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. CNPq lança novo Portal e a 26ª edição do Prêmio Jovem Cientista. 2012-b45. Disponível em: <<https://goo.gl/3KnnJk>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. Presidente Dilma quer ampliar capacitação de brasileiros nos EUA. 2012-b46. Disponível em: <<https://goo.gl/5fai15>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. Dilma encerra viagem aos EUA com visitas ao MIT e à Harvard. 2012-b47. Disponível em: <<https://goo.gl/a9xunC>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. Senado promove audiência pública por um Ciência sem Fronteiras plural. 2012-b48. Disponível em: <<https://goo.gl/LxGywk>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. Delegação da Capes visita Universidades Francesas. 2012-b49. Disponível em: <<https://goo.gl/g3YBRs>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. Universidades britânicas buscam mais parcerias no Brasil. 2012-b50. Disponível em: <<https://goo.gl/jK689h>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. Revista britânica diz CsF é ousada tentativa de estimular avanço do Brasil. 2012-b51. Disponível em: <<https://goo.gl/ZzCR6P>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. Presidente do CNPq visita a Universidade de Oxford. 2012-b52. Disponível em: <<https://goo.gl/zXjxSM>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. Capes assina acordo para o CsF com o Conselho Interuniversitário Flamengo. 2012-b53. Disponível em: <<https://goo.gl/pYhyXi>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. Grupo italiano firma acordo para o Ciência sem Fronteiras. 2012-b54. Disponível em: <<https://goo.gl/tLnnMa>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. Facepe dá apoio à capacitação em línguas para o Ciência sem Fronteiras. 2012-b55. Disponível em: <<https://goo.gl/hdkHPn>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. Presidenta Dilma Rousseff e a Sra. Angela Merkel posam para fotos com alunos bolsistas do programa Ciência sem Fronteiras. 2012-b56. Disponível em: <<https://goo.gl/mE4qQD>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. CNPq firma parceria com instituição sueca no âmbito do Ciência sem Fronteiras. 2012-b57. Disponível em: <<https://goo.gl/3Z8SCt>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. Petrobras investe mais de R\$ 320 milhões em bolsas no Ciência sem Fronteiras. 2012-b58. Disponível em: <<https://goo.gl/zWaBEj>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. Novo programa abre as portas para o meio científico mais cedo. 2012-b59. Disponível em: <<https://goo.gl/hhnwpa>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. Programa Ciência sem Fronteiras na Alemanha. 2012-b60. Disponível em: <<https://goo.gl/Eawmuc>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. INCT concede bolsa de doutorado no Reino Unido. 2012-b61. Disponível em: <<https://goo.gl/qnrChj>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

- _____. Índia discute com a Capes parceria no programa Ciência sem Fronteiras. 2012-b62. Disponível em: <<https://goo.gl/gZJngC>>. Acesso em: 05 jul. 2018.
- _____. Universidade Espanhola garante participação no CsF. 2012-b63. Disponível em: <<https://goo.gl/oz4LPP>>. Acesso em: 05 jul. 2018.
- _____. Ciência sem Fronteiras é tema de debate em feira tecnológica na França. 2012-b64. Disponível em: <<https://goo.gl/E2dkSP>>. Acesso em: 05 jul. 2018.
- _____. Missão visita Universidades dos EUA buscando mais vagas para brasileiros. 2012-b65. Disponível em: <<https://goo.gl/ax6FHy>>. Acesso em: 05 jul. 2018.
- _____. Capes e DAAD assinam acordo para o CsF.. 2012-b66. Disponível em: <<https://goo.gl/xHTVsq>>. Acesso em: 05 jul. 2018.
- _____. Firmado acordo com Universidades belgas. 2012-b67. Disponível em: <<https://goo.gl/AZv3C4>>. Acesso em: 05 jul. 2018.
- _____. Brasil e Finlândia discutem CsF e outras cooperações. 2012-b68. Disponível em: <<https://goo.gl/EkDEZH>>. Acesso em: 05 jul. 2018.
- _____. Alemanha quer atrair alunos da UnB por meio do Ciência sem Fronteiras.. 2012-b69. Disponível em: <<https://goo.gl/nbwsCj>>. Acesso em: 05 jul. 2018.
- _____. Coordenadores de instituições se reúnem para sanar dúvidas sobre Ciência sem Fronteiras. 2012-b70. Disponível em: <<https://goo.gl/tMvCXf>>. Acesso em: 05 jul. 2018.
- _____. Ciência sem Fronteiras faz parceria com o Instituto Fraunhofer. 2012-b71. Disponível em: <<https://goo.gl/7cHy2G>>. Acesso em: 05 jul. 2018.
- _____. Ciência sem Fronteiras é um dos itens de documento do MCTI. 2012-b72. Disponível em: <<https://goo.gl/xYVaax>>. Acesso em: 05 jul. 2018.
- _____. Acordo de cooperação cria o Ciência sem Fronteiras Holanda. 2012-b73. Disponível em: <<https://goo.gl/JfAC6V>>. Acesso em: 05 jul. 2018.
- _____. CsF ajudará a internacionalizar ciência brasileira, diz pesquisador. 2013-c1. Disponível em: <<https://is.gd/wlVeYs>>. Acesso em: 08 jul. 2018.
- _____. Portal Estágios e Empregos incentiva empresas parceiras do Programa Ciência sem Fronteiras. Coordenação de Comunicação Social. 2013-c2. Disponível em: <<https://is.gd/T54LGx>>. Acesso em: 08 jul. 2018.
- _____. Ciência Sem Fronteiras realiza evento de preparação dos novos bolsistas de graduação. 2013-c3. Disponível em:< <https://is.gd/Y484cA> >. Acesso em: 08 jul. 2018.
- _____. Embaixada do Brasil em Seul promove workshop para bolsistas do Ciência sem Fronteiras. 2013-c4. Disponível em:< <https://is.gd/nFMsp> >. Acesso em: 08 jul. 2018.
- _____. Embaixador coreano escreve carta em reconhecimento à importância do Programa Ciência sem Fronteiras. 2013-c5. Disponível em:< <https://is.gd/ojpy97> >. Acesso em: 08 jul. 2018.
- _____. Bolsista do CsF na Coreia do Sul cria infográfico sobre relevância de participação dos estudantes em atividades de estágio (0,6% conseguem estágio no Brasil). 2013-c6. Disponível em:< <https://is.gd/iTljdg> >. Acesso em: 08 jul. 2018.
- _____. Mais uma empresa japonesa aceita estudantes do programa Ciência sem Fronteiras como estagiários. 2013-c7. Disponível em:< <https://is.gd/bmb310> >. Acesso em: 08 jul. 2018.

- _____. Secretário de Estado dos EUA visita a Capes e conhece projetos nas áreas do Ciência sem Fronteiras. 2013-c8. Disponível em:< <https://is.gd/IjS1yo> >. Acesso em: 08 jul. 2018.
- _____. Ciência sem Fronteiras abre espaço para esclarecer dúvidas de coordenadores institucionais do Programa. 2013-c9. Disponível em:< <https://is.gd/t6xdSA> >. Acesso em: 09 jul. 2018.
- _____. Encontro virtual tira dúvidas de coordenadores sobre homologação de inscrições para graduação. 2013-c10. Disponível em:< <https://is.gd/gyBiuR> >. Acesso em: 09 jul. 2018.
- _____. Estudantes podem tirar dúvidas sobre o Ciência sem Fronteiras em estandes do CNPq e Capes na SBPC. 2013-c11. Disponível em:< <https://is.gd/RtdPH5> >. Acesso em: 09 jul. 2018.
- _____. CsF é destaque em visita do Embaixador do Canadá ao Rio Grande do Sul. 2013-c12. Disponível em:< <https://is.gd/JHukGZ> >. Acesso em: 09 jul. 2018.
- _____. Ciência sem Fronteiras é tema de conferência em C,T&I na Coreia do Sul. 2013-c13. Disponível em:< <https://is.gd/MyNYCH> >. Acesso em: 09 jul. 2018.
- _____. Parceria entre Brasil e França concede bolsas de doutorado pleno pelo Programa Cifre. 2013-c14. Disponível em:< <https://is.gd/xPOTyI> >. Acesso em: 09 jul. 2018.
- _____. Nota do CNPq sobre matéria publicada no jornal Folha de São Paulo. 2013-c15. Disponível em:< <https://is.gd/frOMmf> >. Acesso em: 09 jul. 2018.
- _____. Nota sobre matéria publicada no jornal O Estado de São Paulo. 2013-c16. Disponível em:< <https://is.gd/3aWtOn> >. Acesso em: 10 jul. 2018.
- _____. Ciência sem Fronteiras lança ferramentas para promover a transparência e o contato entre empresas e estudantes. 2013-c17. Disponível em:< <https://is.gd/DX8heu> >. Acesso em: 10 jul. 2018.
- _____. Ciência sem Fronteiras lança Portal Estágios & Empregos. 2013-c18. Disponível em:< <https://is.gd/UicZkF> >. Acesso em: 10 jul. 2018.
- _____. CNPq se reúne com conselhos de C&T de países latino-americanos. 2013-c19. Disponível em:< <https://is.gd/OTJvRH> >. Acesso em: 10 jul. 2018.
- _____. Ciência sem Fronteiras lança guia para auxiliar inscrições para bolsas PVE e BJT. 2013-c20. Disponível em:< <https://is.gd/AbWebf> >. Acesso em: 10 jul. 2018.
- _____. Universidades suecas promovem desafio para atrair estudantes brasileiros. 2013-c21. Disponível em:< <https://is.gd/M7Gflo> >. Acesso em: 13 jul. 2018.
- _____. Brasil e Canadá avaliam positivamente o Programa Ciência sem Fronteiras. 2013-c22. Disponível em:< <https://is.gd/Hp1Ytk> >. Acesso em: 13 jul. 2018.
- _____. CNPq e Ministério da Defesa assinam acordo pelo Ciência sem Fronteiras. 2013-c23. Disponível em:< <https://is.gd/0bHBjy> >. Acesso em: 13 jul. 2018.
- _____. Analista destaca desempenho do Ciência sem Fronteiras Coreia do Sul. 2013-c24. Disponível em:< <https://is.gd/jc7vmP> >. Acesso em: 13 jul. 2018.
- _____. Centro de Educação internacional da Universidade da Califórnia - DAVIS destaca a qualidade dos bolsistas do CsF. 2013-c25. Disponível em:< <https://is.gd/msFTIT> >. Acesso em: 13 jul. 2018.
- _____. Esclarecimento sobre equívocos nas informações divulgadas em editorial do jornal Estado de São Paulo do dia 6 de março de 2013. 2013-c26. Disponível em:< <https://is.gd/RoIvBu> >. Acesso em: 13 jul. 2018.
- _____. Nota Informativa sobre a seleção para candidaturas para Portugal. 2013-c27. Disponível em:< <https://is.gd/BeICRZ> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. Ciência sem Fronteiras: primeiros resultados. 2013-c28. Disponível em:< <https://is.gd/j0TsUV> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. Group of 8 da Austrália promove Workshop sobre oportunidades aos bolsistas do CsF. 2013-c29. Disponível em:< <https://is.gd/K6wH67> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. Rússia abre as portas para o Programa Ciência sem Fronteiras. 2013-c30. Disponível em:< <https://is.gd/U8Lj5s> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. Presidente Dilma sinaliza interesse em estimular parceria com a Rússia por meio do CsF. 2013-c31. Disponível em:< <https://is.gd/xXhbx7> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. Nota sobre artigo publicado na Folha de São Paulo. 2013-c32. Disponível em:< <https://is.gd/fNgRwZ> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. Sobre a seleção das instituições no exterior participantes do Programa Ciência sem Fronteiras. 2013-c33. Disponível em:< <https://is.gd/ivyGMy> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. Brasil e França assinam acordos para aprimorar intercâmbio de bolsistas. 2013-c34. Disponível em:< <https://is.gd/B8cBTn> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. CNPq recebe novos bolsistas do Ciência sem Fronteiras. 2013-c35. Disponível em:< <https://is.gd/61gWoD> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. CsF foi tema de mesa-redonda realizada na Embaixada do Brasil em Roma. 2013-c36. Disponível em:< <https://is.gd/7fpEzP> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. Mais uma empresa se torna parceira do Programa Ciência sem Fronteiras. 2013-c37. Disponível em:< <https://is.gd/Tt4Hby> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. O Portal Estágios & Empregos do CsF será apresentado no 4º Encontro Técnico do RHAPE Pesquisador na Empresa. 2013-c38. Disponível em:< <https://is.gd/v2T2JJ> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. Bolsistas do Ciência sem Fronteiras se encontram com ministro da Educação Irlandês. 2013-c39. Disponível em:< <https://is.gd/INEgtm> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. CNPq assina acordo com a Polônia para o Programa Ciência sem Fronteiras. 2013-c40. Disponível em:< <https://is.gd/mHZ3aQ> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. Ciência sem Fronteiras tem novo coordenador no CNPq. 2013-c41. Disponível em:< <https://is.gd/zc1KbH> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. Café com a Presidenta destaca a contribuição do Ciência sem Fronteiras para a educação e a pesquisa. 2013-c42. Disponível em:< <https://is.gd/s58tzA> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. Encontro no Canadá faz balanço do primeiro ano do Programa Ciência sem Fronteiras e traça metas futuras. 2013-c43. Disponível em:< <https://is.gd/e5fHsO> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. Capes oficializa parceria com empresa de software para oferta de estágio aos bolsistas do CsF. 2013-c44. Disponível em:< <https://is.gd/uBEUCb> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. Mais de 37 mil bolsas já foram implementadas pelo Programa Ciência sem Fronteiras. 2013-c45. Disponível em:< <https://is.gd/gSRBIA> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. Coordenadores do Centro-Oeste do Ciência sem Fronteiras participam de encontro em Brasília. 2013-c46. Disponível em:< <https://is.gd/YulF9Y> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. Ciência sem Fronteiras realiza encontros regionais com coordenadores institucionais do Programa. 2013-c47. Disponível em:< <https://is.gd/IhR1t5> >. Acesso em: 14 jul. 2018.

- _____. Metas. 2013-c48. Disponível em:< goo.gl/JFJU5y >. Acesso em: 14 jul. 2018.
- _____. Valores de Auxílios e Bolsas. 2013-c49. Disponível em:< goo.gl/66e2iU > Acesso em: 30 jul. 2018.
- _____. Modalidade de bolsas no exterior – Graduação. 2013-c50. Disponível em:<goo.gl/V7gR6D> Acesso em: 30 jul. 2018.
- _____. Modalidade de bolsas no exterior – Tecnólogo. 2013-c51. Disponível em:<goo.gl/vUCdny> Acesso em: 30 jul. 2018.
- _____. Modalidade de bolsas no exterior - Desenvolvimento Tecnológico. 2013-c52. Disponível em:<goo.gl/NMWkjr> Acesso em: 30 jul. 2018.
- _____. Modalidade de bolsas no exterior - Doutorado Sanduiche. 2013-c53. Disponível em:<goo.gl/JsmXca> Acesso em: 30 jul. 2018.
- _____. Modalidade de bolsas no exterior - Doutorado Pleno. 2013-c54. Disponível em:<goo.gl/a2iScX> Acesso em: 30 jul. 2018.
- _____. Modalidade de bolsas no exterior - Pós-Doutorado. 2013-c55. Disponível em:<goo.gl/ACB5GY> Acesso em: 30 jul. 2018.
- _____. Modalidade de bolsas no exterior - Pós-Doutorado. 2013-c56. Disponível em:<goo.gl/A5wnh3> Acesso em: 30 jul. 2018.
- _____. Dúvidas frequentes. 2013-c57. Disponível em: <goo.gl/oqqd1G> Acesso em: 30 jul. 2018.
- _____. Inscrições para cursos gratuitos estão abertas até 2 de julho. 2014-d1. Disponível em:< <https://is.gd/oRQ6P1> >. Acesso em: 18 jul. 2018.
- _____. Balanço das bolsas de Atração de Pesquisadores ao Brasil. 2014-d2. Disponível em:< <https://is.gd/Op0aTl> >. Acesso em: 18 jul. 2018.
- _____. DAAD lança publicação especial sobre os quatro anos do CsF na Alemanha. 2015-e1. Disponível em:< <https://is.gd/yth000> >. Acesso em: 20 jul. 2018.
- _____. Ex-bolsistas desenvolvem aplicativo para promover empoderamento feminino. 2015-e2. Disponível em:< <https://is.gd/7oVoyk> >. Acesso em: 20 jul. 2018.
- _____. Embaixada Brasileira promove encontro do Ciência sem Fronteiras. 2015-e3. Disponível em:< <https://is.gd/gvFEr1> >. Acesso em: 20 jul. 2018.
- _____. Plataforma compartilha experiências do Ciência sem Fronteiras. 2015-e4. Disponível em:< <https://is.gd/32sikW> >. Acesso em: 21 jul. 2018.
- _____. Capes e CNPq apresentam avaliação preliminar do Ciência sem Fronteiras. 2015-e5. Disponível em:< <https://is.gd/jqvHhi> >. Acesso em: 21 jul. 2018.
- _____. Capes afirma estar em dia com repasses a parceiros no exterior. 2015-e6. Disponível em:< <https://is.gd/Y3rTGq> >. Acesso em: 21 jul. 2018.
- _____. Capes contesta reportagem sobre bolsista do Ciência sem Fronteiras. 2015-e7. Disponível em:< <https://is.gd/G0yl2A> >. Acesso em: 21 jul. 2018.
- _____. My English Online passa a contemplar professores e técnicos de Universidades e institutos federais. 2015-e8. Disponível em:< <https://is.gd/eYqR9c> >. Acesso em: 21 jul. 2018.
- _____. Reunião anual da SBPC traz relato de ex-bolsistas do CsF. 2015-e9. Disponível em:< <https://is.gd/B4UKCK> >. Acesso em: 21 jul. 2018.

_____. Avaliação do CsF é tema de pesquisa de mestrado de ex-bolsista. 2015-e10. Disponível em:<<https://is.gd/G5t7Nv>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

_____. CNPq e PETROGAL lançam chamada conjunta nas áreas de óleo e gás. 2016-f1. Disponível em:<<https://is.gd/ODpKDL>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

_____. Capes divulga números referentes ao Ciência sem Fronteiras. 2016-f2. Disponível em:<<https://is.gd/QYK996>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

COOLEY, T. Brazil Reaches Beyond Borders to Strengthen STEM Education. 2012. Disponível em:<<http://www.biotech-now.org/corporate/2012/07/brazil-reaches-beyond-borders-to-strengthen-stem-education>>. Acesso em: 05 jul. 2018

CUNHA, L.A. Notas sobre Rousseau, Bonald e Saint-Simon. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.1, 1996. Educação, Sociedade Civil e Estado. São Paulo: 1996.

DIAS SOBRINHO, J. Dilemas da educação superior no mundo globalizado: sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento? São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

FELTRIN, Rebeca Buzzo Janaina; COSTA, Oliveira Pamplona da Costa; VELHO, Léa. Mulheres sem fronteiras? Uma análise da participação das mulheres no Programa Ciência sem Fronteiras da Unicamp: motivações, desafios e impactos na trajetória profissional. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 48, p. 84–119, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8648411>. Acesso em: 17 ago. 2022.

FERREIRA, S. Reformas na Educação Superior: de FHC a Dilma Rousseff (1995-2011) Linhas Críticas, Brasília, DF, n.36, p. 455-472, maio/ago. 2012.

FINEP. O que são Fundos Setoriais. Disponível em: <<http://www.finep.gov.br/a-finep-externo/fontes-de-recurso/fundos-setoriais/o-que-sao-fundos-setoriais>>. Acesso em: 05 jul. 2018

GARCIA, C. R. S.; PARODI, A. J.; OLIVA, G.. Growing Latin American Science. Science, [s.l.], v. 338, n. 6111, p.1127-1127, 29 nov. 2012. American Association for the Advancement of Science (AAAS).

GARDNER, Elie. Brazil promises 75,000 scholarships in science and technology. Nature, [s.l.], 4 ago. 2011. Springer Nature.

GOMES, C.B.T; NOGUEIRA, M.A. Os bolsistas do Programa Ciência sem Fronteiras na UFMG: Perfil social e escolas In LUNA, J.M.F.; SEHNEM, P.R. (Orgs.). O programa Ciência sem Fronteiras em Avaliação. Campinas: Pontes Editores, 2017, p.37-60.

GLICK, Alexis. Power Woman Dilma Rousseff. Forbes. Nova Iorque. 10 set. 2012. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/alexisglick/2012/08/22/dilma-rousseff-brazil-entrepreneurs-power-women/#6e54eec837d9>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

HANN, Vera Lucia Harabagi. **Saber sem fronteiras**: porque as humanidades importam. LUNA, José Marcelo Freitas de; SEHNEM, Paulo Roberto. (Org.). O programa Ciência sem Fronteiras em Avaliação. Campinas: Pontes Editores, 2017.

HEY, A. P., CATANI, A.M. A USP e a formação de quadros dirigentes. In MOROSINI, M., A Universidade no Brasil: Concepções e Modelos. Brasília: INEP, 2006.

JUDD; K. E. 101 Mil brasileiros no mundo: as implicações do programa ciências sem fronteiras para o Estado desenvolvimentista Brasileiro. 2014. 139f. Dissertação (Mestre em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

LIRA, D. Aluno brasileiro na Espanha custa 33 vezes mais para governo do que para família. São Paulo: Estado SP, 22 abr. 2013. Disponível em: <<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,aluno-brasileiro-na-espanha-custa-33-mais-para-governo-que-para-familia-imp-,1023859>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

LENHARO, Mariana. Programa é criticado em encontro da SBPC. O Estado de São Paulo. São Paulo, p. 2-3. 25 jul. 2012. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,programa-e-criticado-em-encontro-da-sbpc-imp-,905010>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

LUNA, José Marcelo Freitas de; SEHNEM, Paulo Roberto. (Org.). O programa Ciência sem Fronteiras em Avaliação. Campinas: Pontes Editores, 2017.

MARI, C. L.; THIENGO, L. C. **Ciência e políticas**: análise do programa ciência sem fronteiras a partir da perspectiva Gramsciana. Educação e Fronteiras On-line, v.4, n.11, p. 39-56, mai./ago. 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/4360> Acesso em: 10 fev. 2016.

_____. O ciência sem fronteiras: sobre o lugar e a função do conhecimento no ensino superior brasileiro. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 6, n. 1, p. 122-133, jun. 2014. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9681> Acesso em: 10 fev. 2016.

MARTINEZ, K.L.; MAZON, M.S.; STALLIVIERI, L. Programa Ciência sem Fronteiras em evidência: perfil dos acadêmicos dos cursos de graduação em engenharias da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. In LUNA, J.M.F.; SEHNEM, P.R. O programa Ciência sem Fronteiras em Avaliação. Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 61-78

MARQUES, F. Financiamento em crise: Quais são as alternativas para atenuar o impacto dos cortes do orçamento federal no esforço nacional em Pesquisa e Desenvolvimento. Financiamento para Pesquisa. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, n. 256, jun. 2017. p. 20-29.

MARTOS, V. O programa Ciência sem Fronteiras: um instrumento do Soft-Power brasileiro. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/8383/1/2013_ViniciusMartos.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2015.

MASSON, G.; MAINARDES, J. A ideologia da sociedade do conhecimento e suas implicações para a educação. Currículo sem fronteiras, v.11, n.2, pp. 70-85, jul/dez 2011. Disponível em:<<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/masson-mainardes.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2016

MOROSINI, Marília Costa. A expansão da educação superior no brasil pós LDB/96: organização institucional e acadêmica. **Revista Inter Ação**, Goiânia, v. 36, n. 1, p. 119–140, 2011. DOI: 10.5216/ia.v36i1.15034. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/15034>. Acesso em: 17 ago. 2022.

NALON, T. Manobra do governo eleva número de bolsas no exterior. São Paulo: Folha SP, 23 abr. 2013. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2013/04/1267095-manobra-do-governo-eleva-numero-de-programa-de-bolsas-no-exterior.shtml>>. Acessado em: 20 jun. 2018.

OLIVEIRA, F. O surgimento do antivalor. In OLIVEIRA, F. Os direitos do Antivalor. Petrópolis: Vozes, 1998.

PEREIRA, E.M.A.; ALMEIDA, M.L.P. (Org.). Universidade contemporânea: políticas do processo de Bolonha. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

PINO, L. J. Um novo paradigma de integração nas relações internacionais: o processo de Bolonha e as políticas de padronização da educação. 2010. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Relações Internacionais) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2009.

PRESIDENTE DO CNPq diz que Ciência Sem Fronteiras é um sucesso e precisa continuar. Produção TV Senado. DF: TV Senado, 2015. Youtube. Disponível em: < goo.gl/UUcrQt> Acesso em: 04 abr. 2018.

RIBEIRO, D. A Universidade necessária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

ROSSO, G. Senado Federal recomenda continuidade do programa Ciência sem Fronteiras. 15 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.redeCsF.org/single-post/2014/05/02/This-is-the-title-of-your-first-post>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

SILVA JÚNIOR, J. R.; CATANI, A.M. A educação superior pública brasileira nas duas últimas décadas: expansão e mercantilização internacionalizada. In: SOUSA, José Vieira de (Org.). Educação superior: cenários, impasses e propostas. Campinas: Autores Associados, 2013. p. 157-181.

SILVA, M.G.M; BERALDO, T.M.L. Universidade, sociedade do conhecimento, educação: o trabalho docente em questão. In BITTAR, M.; OLIVEIRA, J.F.; MOROSINI, M. (Orgs.). Educação Superior no Brasil: 10 anos pós LDB. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008.

SILVA, J. R.; OLIVEIRA, J. F.; MANCEBO, D. (Org.). Reforma universitária: dimensões e perspectivas. Campinas, SP: Alínea, 2006.

SOUZA, V.S. O Ciência sem Fronteiras e os desafios dos estudantes brasileiros nas Universidades francófonas: o cours magistral. In LUNA, J.M.F.; SEHNEM, P.R. O Programa Ciência sem Fronteiras em Avaliação. Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 249-266.

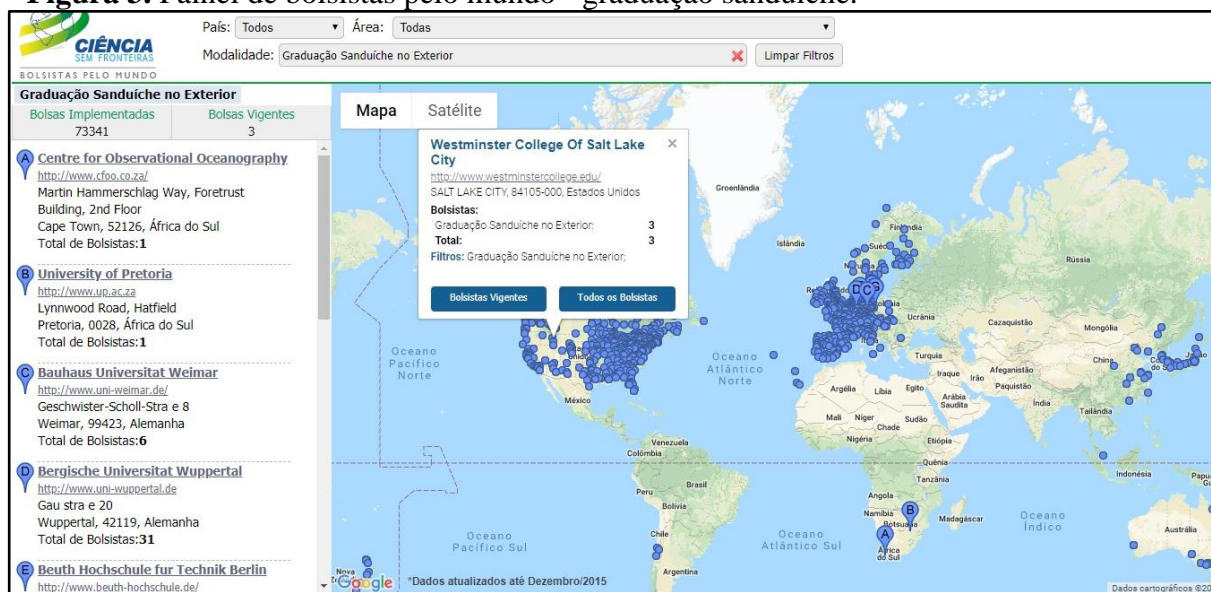
TOLEDO, Luiz Fernando; PALHARES, Isabela; STRAZZER, Filipe. Com o fim do Ciência sem Fronteiras, intercâmbio em graduação cai até 99%. Estadão, 2017. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,com-fim-do-ciencia-sem-fronteiras-intercambio-em-graduacao-cai-ate-99,70002090320>. Acesso em: 01 de outubro de 2018.

APÊNDICE A - INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PARTICIPANTES DA MODALIDADE DE GRADUAÇÃO-SANDUÍCHE NOS EUA.

O “Apêndice A - Instituições de Ensino Superior participantes da modalidade de graduação-sanduíche nos EUA.” tem como objetivo apresentar, de forma desagregada, quais foram as Instituições de Ensino Superior que participaram do programa Ciência sem Fronteiras na modalidade de graduação-sanduíche nos EUA. Essas informações foram retiradas do portal do CsF na seção de “Bolsistas pelo Mundo”, onde era possível localizar as Universidades, os bolsistas por modalidade, as áreas de pesquisa nas quais atuaram e o currículo Lattes dos participantes. Este painel utilizava um geo-localizador com filtros para apresentação dos dados. Só nos Estados Unidos foram catalogadas 499 Instituições de Ensino Superior e 21.800 bolsistas inscritos nesta ferramenta. Entre as limitações dos dados apresentados estão: 1) aproximadamente 307 bolsistas não foram cadastrados no painel, (22.107 bolsistas), 2) de acordo com o relatório da CCT (2015), participaram do CsF, mais de setecentas instituições nos Estados Unidos, segundo informações da Capes e do CNPq; algumas destas instituições podem não ter sido cadastradas ou atenderem apenas às outras modalidades de bolsas e não foram levantadas durante esta investigação.

A **Figura 3** apresenta como era a ferramenta de onde as informações foram retiradas. Trata-se do “Painel de bolsistas pelo mundo”, antes da sua desativação.

Figura 3. Painel de bolsistas pelo mundo - graduação sanduíche.



Fonte: Portal do programa Ciência sem Fronteiras, 2018.

Na **Tabela X.** apresentaremos as Universidades, catalogadas, que foram contempladas com bolsistas do Ciência sem Fronteiras na modalidade de graduação-sanduíche nos EUA.

Tabela X. Universidades contempladas por bolsas de SWG nos EUA x número de bolsas implementadas

UNIVERSIDADE	BOLSAS	UNIVERSIDADE	BOLSAS	UNIVERSIDADE	BOLSAS
Arizona State University	680	Case Western Reserve University	40	Delaware State University	6
Illinois Institute of Technology	380	Johns Hopkins University	40	Ferris State University	6
Wayne State University	347	University of Evansville	40	Hanover College	6
University of Nebraska Administration (Lincoln)	321	Drexel University	39	Jackson State University	6
Southern Illinois University Carbondale	300	Harvard University	38	Millersville University Of Pennsylvania	6
University of Arkansas	277	Saint Martin's University	37	North Georgia College & State University	6
Savannah College of Art and Design	254	California State University, East Bay	36	Slippery Rock University Of Pennsylvania	6
University of Kentucky	236	Kennesaw State University	36	State University of New York, Geneseo	6
California State University, Northridge	234	Miami University, Ohio	36	State University of New York, NCC	6
University of Idaho	229	Angelo State University	35	University of Massachusetts Boston	6
University of California, Davis	214	Bowling Green State University	35	University of North Carolina System	6
Temple University	213	GateWay Community College	35	University Of South Alabama	6
University of Wisconsin System	212	Georgia State University	35	Webster University	6
University of Nevada, Reno	204	Michigan Technological University	35	Whitworth University	6
Florida Institute of Technology	198	Roger Williams University	34	California State University, Fresno	5
California State University (System)	193	University of Southern Indiana	34	Arkansas State University	5
Northern Arizona University	192	University of West Florida	34	Dartmouth College	5
University of Wisconsin - River Falls	192	Dillard University	33	Georgetown University	5
Kansas State University	190	Georgia Institute of Technology	33	Green River Community College	5

University of Arizona	189	Hofstra University	33	Maryland Institute, College Of Art	5
University of Texas at El Paso	184	University of North Florida	32	Northern Michigan University	5
New York Institute	181	California State University, Sacramento	32	Northwestern University	5
University of Wisconsin - Milwaukee	176	University of Michigan	31	University of Dayton	5
Indiana Tech - Main <i>Campus</i>	174	University of Nebraska-Kearney	31	University of Richmond	5
Western Kentucky University	174	University of Rochester	31	University of the District of Columbia	5
Michigan State University	173	University of Wyoming	31	University of Washington Tacoma	5
University of Kansas - Medical Center <i>Campus</i>	172	City University of New York	30	California State University, Los Angeles	4
Colorado State University System	170	City University of New York	30	Adelphi University	4
Portland State University	169	University Of Bridgeport	30	Alma College	4
Western Michigan University	167	University of Pennsylvania	30	American University	4
Auburn University	166	University of Wisconsin - Eau Claire	29	Assumption College	4
University of Illinois at Urbana-Champaign	166	Northern Illinois University	28	Claflin University	4
West Virginia University	162	State University of New York, Brock Port	28	Concordia College - Moorhead	4
State University of New York, Buffalo	161	University of Notre Dame	28	Fisk University	4
Missouri University of Science and Technology	154	University of Wisconsin - La Crosse	28	Fordham University	4
St. John's University	154	St Cloud State University	27	Haverford College	4
Parsons The New School for Design	152	The University of Akron	27	Hiram College	4
University of Colorado Boulder	145	Allegheny College	26	Lakeland College	4
University of Montana	145	Brown University	26	Ohio Wesleyan University	4
Tennessee Tech University	142	Roosevelt University	26	Sacred Heart University	4
State University of New York, Stony Brook	137	Rowan University	26	State University of New York, Buffalo State	4
Montana State University System	136	St Michael'S College	26	Texas Southern University	4
Rochester Institute of Technology	136	University Of Alabama In Huntsville	26	Troy State University System	4

University of Missouri - Kansas City	134	Xavier University - Ohio	26	Tuskegee University	4
California State University, Fullerton	134	Concordia University Wisconsin	25	University Of Minnesota, Duluth	4
Ohio University	131	La Salle University	25	University Of Redlands	4
University of Utah	131	Rider University - Lawrenceville <i>Campus</i>	25	Washington and Lee University	4
Purdue University	126	University of South Florida	25	California Baptist University	3
San Diego State University	125	California College of the Arts - San Francisco <i>Campus</i>	24	Carnegie Mellon University	3
The University of New Mexico	125	City College of San Francisco	24	Colorado College	3
University of Florida	122	Indiana University of Pennsylvania	23	East Carolina University	3
Florida State University	121	New Jersey Institute of Technology	23	Edinboro University	3
Milwaukee School of Engineering	121	North Carolina Agricultural and Technical State University	23	Emory University	3
University of Tennessee System	121	San Jose State University	23	Hawkeye Community College	3
Purdue University Calumet	114	Worcester Polytechnic Institute	23	Kalamazoo College	3
California State University, Chico	113	Fairfield University	22	Lawrence University	3
North Carolina State University	112	Missouri Western State University	22	Longwood University	3
University of Illinois at Chicago	108	Southern Polytechnic State University	22	Lycoming College	3
North Dakota State University	107	University of Alaska System	22	New York Film Academy	3
Eastern Washington University	106	University of Central Florida	22	Pacific Lutheran University	3
University of Miami	106	University of North Carolina at Charlotte	22	Pitzer College	3
University Of Michigan - Dearborn	105	University of Vermont	22	Pomona College	3
Iowa State University	104	Baylor University	21	Saint John's University	3
Stevens Institute of Technology	103	City University of New York	21	Sonoma State University	3
College of New Jersey	102	Clarion University of Pennsylvania	21	South Carolina State University	3
Mercer University	102	Colorado State University - Pueblo	21	Southern Methodist University	3
Syracuse University	100	Loyola Marymount University	21	Spelman College	3

University of Georgia	100	University of North Texas	21	Texas A&M University-Kingsville	3
Mankato State University	99	Barry University	20	The College of Saint Rose	3
University of Southern California	99	Concord University	20	University of Alabama at Birmingham	3
University of Minnesota System	98	George Washington University	20	University of Alaska Anchorage	3
University of California, San Diego	97	Salem State University	20	University of Kansas	3
Columbia University	96	Wake Forest University	20	University of Massachusetts System	3
University of Missouri System (Columbi)	94	Kirkwood Community College	19	Virginia Tech	3
University of Mississippi	90	Clemson University	18	Walsh University	3
Mississippi State University	87	Old Dominion University	18	Western New Mexico University	3
Rose-Hulman Institute of Technology	87	Loyola University New Orleans	17	Westminster College Of Salt Lake City	3
The University of Alabama	87	University of Washington	17	California State University, Stanislaus	3
Humboldt State University	86	University of Washington Bothell	17	Abilene Christian University	2
California Polytechnic State University, San Luis Obispo	83	University of California, Santa Cruz	17	Alcorn State University	2
New Mexico State University	83	Fontbonne University	16	Austin College	2
Saint Louis University	83	State University of New York, Suny Maritime	16	Carroll College	2
Illinois State University	82	University Of Santa Clara	16	City University of New York	2
University of Colorado	82	Alfred University	15	Edgewood College	2
State University of New York, Suny	81	Louisiana State University System	15	Emporia State University	2
Western Illinois University	80	Siena College	15	Fort Hays State University	2
Murray State University	79	Southern University and A&M College	15	Guilford College	2
University of Nebraska-Omaha	79	University of Indianapolis	15	Johnson C. Smith University	2
University of California, Santa Barbara	79	University of Tulsa	15	Lafayette College	2
Cornell University	78	University Of Wisconsin - Oshkosh	15	Liberty University	2
The State University of New Jersey - New Brunswick	78	Valparaiso University	15	Lincoln University, Missouri	2

University of Delaware	78	Western New England University	15	Mohawk Valley Community College	2
University of New Hampshire	78	Widener University	15	Monmouth College - Monmouth	2
University of Oklahoma	78	Augustana College (Illinois)	14	Morehouse College	2
Loyola University Chicago	77	Ball State University	14	Oberlin College	2
Catholic University of America	76	Duke University	14	Occidental College	2
Kent State University	76	State University of New York, Fredonia	14	Ripon College	2
Kettering University	76	University of Massachusetts Amherst	14	Roanoke College	2
State University of New York at Oswego	76	Chatham University	13	Saint Leo University	2
University of Northern Iowa	76	Columbia College	13	Sam Houston State University	2
Indiana University	75	Morehead State University	13	Savannah State University	2
University of California, Irvine	74	Radford University	13	Southern Oregon University	2
DePaul University	74	University of Texas at Dallas	13	Suffolk University	2
Ohio Northern University	74	Central Washington University	12	Susquehanna University	2
University of Rhode Island	74	Florida International University	12	University of Missouri - St Louis	2
Ohio State University	73	Nevada System of Higher Education	12	University of San Diego	2
Northern Virginia Community College	72	South Dakota School Of Mines And Technology	12	University of Scranton	2
Oregon State University	72	University Of North Carolina At Greensboro	12	University of Texas System	2
Lawrence Technological University	71	University Of Wisconsin - Stevens Point	12	University of Texas System	2
Texas A&M University System	71	Yale University	12	Wayne State College	2
Fairleigh Dickinson University	70	Harvard School of Public Health	11	Webb Institute	2
University of New Orleans	70	Lehigh University	11	Wesleyan University	2
University of Connecticut	69	Northeastern University	11	California State University, Channel Islands	1
Washington State University	69	Saint Vincent College	11	University of California, San Francisco	1
University of California, Berkeley	67	San Francisco State University	11	Beloit College	1
Rensselaer Polytechnic Institute	67	Tennessee State University	11	Bemidji State University	1

Morgan State University	66	Union College - Schenectady	11	Bethesda University, California	1
Pennsylvania State University	66	University of Texas at Arlington	11	Boston College	1
State University of New York at New Paltz	64	University of Virginia	11	Bowdoin College	1
University Of Colorado At Colorado Springs	64	University of Wisconsin - Green Bay	11	Bryn Mawr College	1
University of Maine Farmington	64	California State University, San Bernardino	11	Central College	1
University of Pittsburgh	64	Clark University	10	Claremont Mckenna College	1
University of California, Los Angeles	63	Colorado Mesa University	10	College Of The Holy Cross	1
University of California, Riverside	63	Farmingdale State College	10	Daemen College	1
Montana Tech of the University of Montana	63	Seattle Pacific University	10	Drew University	1
Boston University	62	State University of New York, Binghamton	10	Eastern Kentucky University	1
University of Saint Francis	62	The University of Texas Health Science Center at Houston	10	Eugene Lang College	1
Missouri State University	61	University of Central Missouri	10	Fermilab	1
New York University	61	University Of Wisconsin - Whitewater	10	Furman University	1
State University of New York at Plattsburgh	60	Virginia Commonwealth University	10	Harvard University	1
University of South Carolina	59	East Tennessee State University	9	Knox College - EUA	1
Florida Agricultural and Mechanical University	58	Georgia Southern University	9	Lawrence Berkeley National Laboratory	1
MCPHS University	57	Hampton University	9	Lewis And Clark College	1
Gonzaga University	55	Idaho State University	9	Lewis University	1
Indiana State University	53	Le Tourneau University	9	Lock Haven University of Pennsylvania	1
University of Iowa	53	Montclair State University	9	Mayo Clinic Minnesota	1
University of Massachusetts Dartmouth	53	State University of New York, Suny It	9	Mount Sinai School of Medicine	1
University of Nevada, Las Vegas	53	Stockton College	9	North Central College	1
University of Toledo	53	Vanderbilt University	9	Northern State University	1

Rice University	51	Virginia State University	9	Northern Virginia Community College - Manassas <i>Campus</i>	1
Texas Tech University	50	Appalachian State University	8	Norwich University	1
University Of Wisconsin - Platteville	50	Gordon College	8	Oklahoma Christian University	1
Miami Dade College	49	Ithaca College	8	Pacific University	1
College of Charleston	47	Salve Regina University	8	Regis College	1
Colorado School of Mines	47	State University of New York at Cobleskill	8	Samford University	1
Embry-Riddle Aeronautical University	47	Tulane University	8	Smith College	1
Marshall University	47	University of Louisville	8	Southern California Institute of Architecture	1
Pittsburg State University	47	University of Texas at San Antonio	8	State University of New York, Tompkins Cortland College	1
Washington University in Saint Louis	47	Utah State University	8	Stetson University	1
Florida Atlantic University - Boca Raton	46	Cleveland State University	7	Temple College	1
University of Cincinnati	46	Gannon University	7	The University of Findlay	1
University of Texas at Austin	46	George Mason University	7	University of Chicago	1
University of Central Oklahoma	45	Indian Hills Community College	7	University of Maine System	1
University Of Minnesota Technical College, Crookston	45	Johnson & Wales University	7	University of Maryland at Baltimore	1
University Of Wisconsin - Stout	45	Lamar University	7	University of Massachusetts Lowell	1
Massachusetts Institute of Technology	44	Marquette University	7	University of Tennessee - Chattanooga	1
University of Oregon	43	Mcneese State University	7	University of the Incarnate Word	1
California State University, Monterey Bay	43	Northwest Missouri State University	7	University of West Georgia	1
Howard University	42	South Dakota State University	7	University of Wisconsin - Washington County	1
Wright State University	42	State University of New York, Cortland	7	University System of Maryland	1
Pace University	41	State University of New York, FMCC	7	Wheaton College - Illinois	1

University of Houston System	41	Valdosta State University	7	Widener University School of Law - Wilmington	1
University of Maryland at College Park	41	Vassar College	7	Wilson College	1
Washington & Jefferson College	41	Western Washington University	7	Wisconsin Lutheran College	1
California State University, San Marcos	41	Xavier University Of Louisiana	7	Yeshiva University	1
Boise State University	40	Auburn University - Montgomery	6		
Bucknell University	40	Brandeis University	6		
<hr/>					
Total de Universidades contempladas	499	Total de bolsistas de SWG reportados na ferramenta	21800		

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados obtidos no Painel de Bolsistas pelo Mundo (CsF), 2018.

**APÊNDICE B - CUSTO ANUAL DAS QUINZE UNIVERSIDADES MAIS
FREQUENTADAS POR BOLSISTAS DO CSF.**

O “Apêndice B - Custo anual das quinze Universidades mais frequentadas por bolsistas do CsF” tem como objetivo apresentar as taxas anuais cobradas pelas universidades de forma desagregada por *campus* e o valor das bolsas de estudos recebidas pelos estudantes em cada instituição. Na **Tabela 37**, é possível visualizar a faixa cobrada pelo *campi*, para alunos não residentes, destacada em cinza. As demais taxas, cobradas por *campus*, estão sem destaque. Na coluna SWG constam os estudantes enviados para cada instituição; os dados consolidados (linhas cinzas) foram extraídos do Painel de Controle do CsF. A quantidade de bolsistas por *campus*, sem destaque, foram extraídas do Painel de Bolsistas pelo Mundo. Na **Tabela 38**, é possível visualizar o valor das bolsas recebidas pelos estudantes de SWG em cada instituição, a depender da classificação da cidade onde foram alocados, se de alto ou baixo custo. Não foi feita nenhuma distinção entre acordos que contemplam ou não alimentação e moradia, uma vez que estes dados não estão acessíveis.

Tabela 35. Projeção do custo anual das Universidades nos EUA para estudantes do CsF (2014)

IES EUA	SWG	Não Residente	Total
University of California System (UC)	675	USD\$26.544 - USD\$40.755	-
University of California, San Francisco	1	USD 40,728	USD 40,728
University of California, Los Angeles	63	USD 40,327	USD 2,540,601
University of California, Irvine	74	USD 40,755	USD 3,015,870
University of California, Berkeley	67	USD 40,042	USD 2,682,814
University of California, Santa Cruz	17	USD 40,191	USD 683,247
University of California, Riverside	63	USD 39,602	USD 2,494,926
University of California, San Diego	97	USD 40,263	USD 3,905,511
University of California, Davis	214	USD 40,221	USD 8,607,294
University of California, Santa Barbara	79	USD 26,544	USD 2,096,976
California State University (System) (CSU)	933	USD\$ 17.473 - USD\$ 18.543	-
Dif. Painel de Controle x Painel Bolsistas*	83	USD 17,834	USD 1,480,222
California State University, Northridge	234	USD 17,747	USD 4,152,798
California State University (System)	193	USD 17,720	USD 3,419,960
California State University, Fullerton	134	USD 18,200	USD 2,438,800
California State University, Chico	113	USD 17,539	USD 1,981,907
California State University, Monterey Bay	43	USD 18,543	USD 797,349
California State University, San Marcos	41	USD 17,724	USD 726,684
California State University, East Bay	36	USD 18,060	USD 650,160

California State University, Sacramento	32	USD 17,770	USD 568,640
California State University, San Bernardino	11	USD 17,473	USD 192,203
California State University, Fresno	5	USD 17,543	USD 87,715
California State University, Los Angeles	4	USD 17,888	USD 71,552
California State University, Stanislaus	3	USD 17,707	USD 53,121
California State University, Channel Islands	1	USD 17,707	USD 17,707
State University of New York	714	USD\$ 8.970 - USD\$ 26.814	-
Dif. Painel de Controle x Painel Bolsistas*	19	USD 20,224	USD 384,256
State University of New York, Buffalo	161	USD 26,814	USD 4,317,054
State University of New York, Stony Brook	137	USD 26,239	USD 3,594,743
State University of New York, Suny	81	USD\$ 4.770 -USD\$ 9.574	USD 580,932
State University of New York at Oswego	76	USD 17,881	USD 1,358,956
State University of New York at New Paltz	64	USD 17,604	USD 1,126,656
State University of New York at Plattsburgh	60	USD 17,716	USD 1,062,960
State University of New York, Brock Port	28	USD 17,778	USD 497,784
State University of New York, Suny Maritime	16	USD 17,684	USD 282,944
State University of New York, Fredonia	14	USD 17,939	USD 251,146
State University of New York, Binghamton	10	USD 24,351	USD 243,510
State University of New York, Suny It	9	USD 17,627	USD 158,643
State University of New York at Cobleskill	8	USD 17,779	USD 142,232
State University of New York, FMCC	7	USD 17,956	USD 125,692
State University of New York, Cortland	7	USD 8,970	USD 62,790
State University of New York, NCC	6	USD 18,026	USD 108,156
State University of New York, Geneseo	6	USD 10,116	USD 60,696
State University of New York, Buffalo State	4	USD 17,551	USD 70,204
State University of New York, Tompkins			
Cortland College	1	USD 10,922	USD 10,922
Arizona State University **	680	USD 10.106; USD 26.470; USD 25.181; USD 15.325; USD 26.470; USD 25.181	USD 14,590,080
University of Nebraska Administration	431	USD 12.268 - USD 23.058	-
University of Nebraska Administration (Lincoln)	321	USD 23,058	USD 7,401,618
University of Nebraska-Omaha	79	USD 19,124	USD 1,510,796
University of Nebraska-Kearney	31	USD 12,268	USD 380,308
University of Missouri System	384	USD 18.886 - 25.892	-
Missouri University of Science and Technology	154	USD 25,173	USD 3,876,642
University of Missouri - Kansas City	134	USD 18,886	USD 2,530,724
University of Missouri System	94	USD 25,892	USD 2,433,848
University of Missouri - St Louis	2	USD 24,526	USD 49,052

University of Illinois - System	274	USD 26.520 - USD 30.680	-
University of Illinois at Urbana-Champaign	166	USD 30,680	USD 5,092,880
University of Illinois at Chicago	108	USD 26,520	USD 2,864,160
Illinois Institute of Technology	380	USD 45,214	USD 17,181,320
University of Florida	122	USD 28,659	USD 3,496,398
University of Wisconsin System	281	USD 15.117 - USD 19.851	-
Dif. Painel de Controle x Painel Bolsistas***	-500	-	-
University of Wisconsin System	212	USD 17,612	USD 3,733,744
University of Wisconsin - River Falls	192	USD 15,554	USD 2,986,368
University of Wisconsin - Milwaukee	176	USD 19,851	USD 3,493,776
University Of Wisconsin - Platteville	50	USD 15,334	USD 766,700
University Of Wisconsin - Stout	45	USD 17,141	USD 771,345
University of Wisconsin - Eau Claire	29	USD 16,385	USD 475,165
University of Wisconsin - La Crosse	28	USD 17,612	USD 493,136
University Of Wisconsin - Oshkosh	15	USD 15,117	USD 226,755
University Of Wisconsin - Stevens Point	12	USD 16,426	USD 197,112
University of Wisconsin - Green Bay	11	USD 15,451	USD 169,961
University Of Wisconsin - Whitewater	10	USD 16,223	USD 162,230
University of Wisconsin - Washington County	1	USD 19,851	USD 19,851
Wayne State University	347	USD 26,470	USD 9,185,090
University of Colorado	293	USD 18.770 - USD 35.079	-
Dif. Painel de Controle x Painel Bolsistas*	2	USD 28,631	USD 57,262
University of Colorado Boulder	145	USD 35,079	USD 5,086,455
University of Colorado (Denver e Anschutz Medical Campus.)	82	USD 24,924	USD 2,043,768
University Of Colorado At Colorado Springs	64	USD 18,770	USD 1,201,280
Southern Illinois University Carbondale	300	USD 27,130	USD 8,139,000
Purdue University	240	USD 15.579 - 16.896	-
Purdue University	126	USD 16,896	USD 2,128,896
Purdue University Calumet	114	USD 15,579	USD 1,776,006
University of Arkansas	277	USD 23,168	USD 6,417,536

Fonte: Elaborado pela autora, com base nas informações disponibilizadas pelo *National Center for Education Statistics* (NCES), 2018.

*Diferença, a maior, encontrada na quantidade de bolsistas registrados no Painel de Controle x Painel Bolsistas. A diferença foi multiplicada pela média ponderada do custo anual das Universidades.

** Arizona State University - Apesar de possuir diversos *campus*, não houve distinção, por parte do programa (no Painel de Bolsistas pelo Mundo), para onde os bolsistas foram enviados. Desta forma, optamos por realizar o cálculo pela média simples dos custos anuais dos *campus* desta Universidade.

*** University of Wisconsin System - Diferença, a menor, encontrada na quantidade de bolsistas registrados no Painel de Controle x Painel Bolsistas. Neste caso específico, foram registrados 500 bolsistas a mais no Painel de Bolsistas pelo Mundo. Optamos por realizar o cálculo a partir dos dados deste painel.

Tabela 36. Valores das bolsas de SWG por localidade nos EUA.

IES EUA	SWG	Valor das bolsas	Período/ meses	Total
University of California System (UC)	675	USD 870	12	-
University of California, San Francisco*	1	USD 1,270	12	USD 15,240
University of California, Los Angeles*	63	USD 1,270	12	USD 960,120
University of California, Irvine*	74	USD 1,270	12	USD 1,127,760
University of California, Berkeley*	67	USD 1,270	12	USD 1,021,080
University of California, Santa Cruz	17	USD 870	12	USD 177,480
University of California, Riverside	63	USD 870	12	USD 657,720
University of California, San Diego	97	USD 870	12	USD 1,012,680
University of California, Davis	214	USD 870	12	USD 2,234,160
University of California, Santa Barbara	79	USD 870	12	USD 824,760
California State University (System) (CSU)	933	USD 870	12	-
Dif. Painel de Controle x Painel Bolsistas*	83	USD 870	12	USD 866,520
California State University, Northridge	234	USD 870	12	USD 2,442,960
California State University (System)	193	USD 870	12	USD 2,014,920
California State University, Fullerton*	134	USD 1,270	12	USD 2,042,160
California State University, Chico	113	USD 870	12	USD 1,179,720
California State University, Monterey Bay	43	USD 870	12	USD 448,920
California State University, San Marcos	41	USD 870	12	USD 428,040
California State University, East Bay	36	USD 870	12	USD 375,840
California State University, Sacramento	32	USD 870	12	USD 334,080
California State University, San Bernardino	11	USD 870	12	USD 114,840
California State University, Fresno	5	USD 870	12	USD 52,200
California State University, Los Angeles*	4	USD 1,270	12	USD 60,960
California State University, Stanislaus	3	USD 870	12	USD 31,320
California State University, Channel Islands	1	USD 870	12	USD 10,440
State University of New York	714	USD 870	12	-
Dif. Painel de Controle x Painel Bolsistas*	19	USD 870	12	USD 198,360
State University of New York, Buffalo	161	USD 870	12	USD 1,680,840
State University of New York, Stony Brook	137	USD 870	12	USD 1,430,280
State University of New York, Suny*	81	USD 1,270	12	USD 1,234,440
State University of New York at Oswego	76	USD 870	12	USD 793,440
State University of New York at New Paltz	64	USD 870	12	USD 668,160
State University of New York at Plattsburgh	60	USD 870	12	USD 626,400
State University of New York, Brock Port	28	USD 870	12	USD 292,320
State University of New York, Suny Maritime	16	USD 870	12	USD 167,040
State University of New York, Fredonia	14	USD 870	12	USD 146,160
State University of New York, Binghamton	10	USD 870	12	USD 104,400
State University of New York, Suny It	9	USD 870	12	USD 93,960
State University of New York at Cobleskill	8	USD 870	12	USD 83,520
State University of New York, FMCC	7	USD 870	12	USD 73,080
State University of New York, Cortland	7	USD 870	12	USD 73,080

State University of New York, NCC	6	USD 870	12	USD 62,640
State University of New York, Geneseo	6	USD 870	12	USD 62,640
State University of New York, Buffalo State	4	USD 870	12	USD 41,760
State University of New York, Tompkins Cortland College	1	USD 870	12	USD 10,440
Arizona State University **	680	USD 870	12	USD 7,099,200
University of Nebraska Administration	431	USD 870	12	-
University of Nebraska Administration (Lincoln)	321	USD 870	12	USD 3,351,240
University of Nebraska-Omaha	79	USD 870	12	USD 824,760
University of Nebraska-Kearney	31	USD 870	12	USD 323,640
University of Missouri System	384	USD 870	12	-
Missouri University of Science and Technology	154	USD 870	12	USD 1,607,760
University of Missouri - Kansas City	134	USD 870	12	USD 1,398,960
University of Missouri System	94	USD 870	12	USD 981,360
University of Missouri - St Louis	2	USD 870	12	USD 20,880
University of Illinois - System	274	USD 870	12	-
University of Illinois at Urbana-Champaign	166	USD 870	12	USD 1,733,040
University of Illinois at Chicago*	108	USD 1,270	12	USD 1,645,920
Illinois Institute of Technology*	380	USD 1,270	12	USD 5,791,200
University of Florida*	122	USD 1,270	12	USD 1,859,280
University of Wisconsin System	281	USD 870	12	-
Dif. Painel de Controle x Painel Bolsistas***	-500	USD 870	12	-
University of Wisconsin System	212	USD 870	12	USD 2,213,280
University of Wisconsin - River Falls	192	USD 870	12	USD 2,004,480
University of Wisconsin - Milwaukee	176	USD 870	12	USD 1,837,440
University Of Wisconsin - Platteville	50	USD 870	12	USD 522,000
University Of Wisconsin - Stout	45	USD 870	12	USD 469,800
University of Wisconsin - Eau Claire	29	USD 870	12	USD 302,760
University of Wisconsin - La Crosse	28	USD 870	12	USD 292,320
University Of Wisconsin - Oshkosh	15	USD 870	12	USD 156,600
University Of Wisconsin - Stevens Point	12	USD 870	12	USD 125,280
University of Wisconsin - Green Bay	11	USD 870	12	USD 114,840
University Of Wisconsin - Whitewater	10	USD 870	12	USD 104,400
University of Wisconsin - Washington County	1	USD 870	12	USD 10,440
Wayne State University	347	USD 870	12	USD 3,622,680
University of Colorado	293	USD 870	12	-
Dif. Painel de Controle x Painel Bolsistas*	2	USD 870	12	USD 20,880
University of Colorado Boulder	145	USD 870	12	USD 1,513,800
University of Colorado (Denver e Anschutz Medical Campus.)	82	USD 870	12	USD 856,080
University Of Colorado At Colorado Springs	64	USD 870	12	USD 668,160
Southern Illinois University Carbondale	300	USD 870	12	USD 3,132,000
Purdue University	240	USD 870	12	-
Purdue University	126	USD 870	12	USD 1,315,440

Purdue University Calumet	114	USD 870	12	USD 1,190,160
University of Arkansas	277	USD 870	12	USD 2,891,880
			Total:	USD 76,278,840

Fonte: Elaborado pela autora, com base nas informações disponibilizadas pelo Portal do CsF, 2018.

*Cidades consideradas de alto custo receberam um valor adicional de UDS 400 mensais.

APÊNDICE C - CLASSIFICAÇÃO DAS CEM MELHORES UNIVERSIDADES PELO MUNDO DE ACORDO COM O RANKING *THE* (2011-2016)

O “Apêndice C - Classificação das cem melhores Universidades pelo Mundo de acordo com o ranking *THE* (2011-2016)” tem como objetivo apresentar a Classificação das cem melhores Universidades no ranking *THE* no período de 2011 a 2016. Nos limitamos a informar as cem universidades tendo como referência o ano de 2014 que, por consequência, organiza as Universidades de acordo com sua classificação. Também inserimos nas duas últimas linhas a posição da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) para comparação.

Quadro 13. Ranking *THE* das cem melhores Universidades (2011-2016).

UNIVERSIDADES	2011	2012	2013	2014	2015	2016
California Institute of Technology	2	1	1	1	1	1
Harvard University	1	2	4	2	2	2
University of Oxford	7	4	3	3	3	3
Stanford University	4	3	2	4	4	4
Massachusetts Institute of Technology	3	7	5	5	6	6
Princeton University	5	5	6	6	7	7
University of Cambridge	6	6	7	7	5	5
University of California, Berkeley	8	10	9	8	8	8
University of Chicago	12	9	10	9	11	11
Imperial College London	9	8	8	10	9	9
Yale University	10	11	11	11	10	10
University of California, Los Angeles	11	13	13	12	12	12
Columbia University	18	12	14	13	14	14
ETH Zurich	15	15	12	14	13	13
Johns Hopkins University	13	14	16	15	15	15
University of Pennsylvania	19	16	15	16	16	16
Duke University	24	22	23	17	18	18
University of Michigan-Ann Arbor	16	18	20	18	17	17
Cornell University	14	20	18	19	19	19
University of Toronto	17	19	21	20	20	20
UCL	22	17	17	21	22	22
Northwestern University	25	26	19	22	21	21
The University of Tokyo	26	30	27	23	23	23
Carnegie Mellon University	20	21	22	24	24	24
University of Washington	23	25	24	25	26	26
National University of Singapore	34	40	29	26	25	25
University of Texas at Austin	-	29	26	27	28	28

Georgia Health Sciences University	158	197	-	28	-	-
University of Illinois at Urbana-Champaign	33	31	33	29	30	-
University of Wisconsin	46	27	31	30	31	31
University of British Columbia	30	23	30	31	-	32
London School of Economics and Political Science	86	47	39	32	34	34
University of California, Santa Barbara	29	35	35	33	37	37
University of Melbourne	36	37	28	34	33	33
McGill University	35	28	34	35	39	39
Karolinska Institute	44	32	42	36	44	44
École Polytechnique Fédérale de Lausanne	48	46	40	37	35	35
King's College London	77	56	57	38	40	40
University of Edinburgh	40	36	32	39	36	36
New York University	60	44	41	40	38	38
University of California, San Diego	32	33	38	41	41	41
Washington University in St Louis	38	41	45	42	42	42
University of Hong Kong	21	34	36	43	43	43
Seoul National University	110	124	59	44	50	50
Peking University	37	50	46	45	48	48
University of Minnesota Twin Cities	52	42	47	46	46	46
University of North Carolina at Chapel Hill	31	43	43	47	47	47
Australian National University	43	38	37	48	45	45
Pennsylvania State University	109	51	61	49	58	58
Boston University	59	54	54	50	57	57
Tsinghua University	58	71	52	51	49	49
Brown University	55	49	51	52	54	54
Kyoto University	57	52	55	53	59	59
University of California, Davis	54	39	44	54	56	56
LMU Munich	62	45	48	55	29	29
Korea Advanced Institute of Science and Technology (KAIST)	79	94	68	56	52	52
Hong Kong University of Science and Technology	41	62	65	57	51	-
University of Manchester	87	48	49	58	53	53
Ohio State University	66	57	53	59	68	68
Pohang University of Science and Technology (POSTECH)	28	53	50	60	66	66
KU Leuven	119	67	58	61	55	55
Purdue University West Lafayette	106	98	69	62	102	102
University of Göttingen	45	69	70	63	67	67
University of Queensland	81	74	66	64	65	65
Rice University	47	72	75	65	69	69
École Normale Supérieure	42	60	60	66	78	78
Leiden University	126	79	64	67	64	64
Heidelberg University	83	73	78	68	70	70
Delft University of Technology	151	104	77	69	71	71
University of Southern California	74	55	56	70	76	76

École Polytechnique	39	63	63	71	62	62
University of Sydney	71	58	62	72	60	60
Erasmus University Rotterdam	159	157	72	73	72	72
University of Basel	97	111	142	74	75	75
Utrecht University	143	68	67	75	79	79
Nanyang Technological University, Singapore	174	169	86	76	61	61
Wageningen University & Research	144	76	71	77	73	73
University of Pittsburgh-Pittsburgh campus	64	59	76	78	92	92
University of Bristol	68	66	74	79	74	74
Durham University	85	83	80	80	83	83
Emory University	61	75	79	81	93	93
Tufts University	53	77	87	82	88	88
Michigan State University	122	96	94	83	82	82
University of Amsterdam	165	92	83	84	77	77
Ghent University	124	106	93	85	90	90
Free University of Berlin	-	152	128	86	81	81
Technical University of Munich	101	88	105	87	99	99
Case Western Reserve University	65	93	104	88	116	116
Vanderbilt University	51	70	107	89	96	96
University of Notre Dame	63	89	95	90	87	87
Monash University	179	117	100	91	84	84
McMaster University	93	65	88	92	94	94
University of California, Irvine	49	86	96	93	89	89
Humboldt University of Berlin	178	109	99	94	80	80
University of Rochester	-	82	102	95	122	122
Pierre and Marie Curie University	140	84	81	96	103	103
University of Colorado Boulder	67	78	91	97	97	97
Maastricht University	-	198	115	98	101	101
University of Groningen	170	134	89	99	117	117
University of Helsinki	102	91	109	100	104	104
University of York	82	122	103	101	115	115
Royal Holloway, University of London	88	107	119	102	118	118
Rutgers, the State University of New Jersey	105	81	101	103	145	145
Stockholm University	129	132	117	104	98	98
University of Arizona	96	97	98	105	86	86
Eindhoven University of Technology	114	115	114	106	144	144
University of Montreal	138	105	84	107	113	113
University of Maryland, College Park	98	95	97	108	133	133
Chinese University of Hong Kong	-	151	124	109	129	129
University of Alberta	127	100	121	110	124	124
Uppsala University	148	87	106	111	100	100
University of Sheffield	137	101	111	112	123	123
University of Virginia	72	137	118	113	130	130
Paris-Sud University	-	-	92	114	120	120

Queen Mary University of London	121	128	146	115	107	107
UNSW Sydney	154	175	85	116	110	110
KTH Royal Institute of Technology	194	187	140	117	127	127
Technical University of Denmark	123	178	149	118	121	121
University of Glasgow	128	102	139	119	95	95
University of St Andrews	103	85	108	120	111	111
University of Sussex	80	99	112	121	112	112
University of Zurich	91	61	90	122	106	106
Lund University	89	80	82	123	119	119
University of Geneva	118	130	133	124	108	108
Tokyo Institute of Technology	113	108	129	125	143	143
Dartmouth College	99	90	125	126	152	152
University of Cape Town	108	103	113	127	125	125
University of Florida	-	126	123	128	128	128
RWTH Aachen University	182	168	154	129	156	156
Trinity College Dublin	76	118	110	130	138	138
Radboud University Nijmegen	-	159	127	131	140	140
Indiana University	156	123	134	132	150	150
University of Lausanne	136	116	143	133	136	136
University of Massachusetts	56	64	73	134	91	91
Boston College	162	195	150	135	126	126
University of California, Santa Cruz	69	110	122	136	109	109
Lancaster University	125	131	145	137	131	131
Aarhus University	167	125	116	138	153	153
Colorado School of Mines	-	-	184	139	141	141
University of Leeds	168	133	196	140	146	146
University of Warwick	-	158	126	141	105	105
National Taiwan University	115	154	135	142	155	155
University of Utah	84	113	136	143	162	162
Osaka University	130	119	147	144	157	157
Vrije Universiteit Amsterdam	139	161	141	145	137	137
Arizona State University	161	127	148	146	182	182
University of Southampton	90	129	132	147	134	134
University of California, Riverside	117	143	155	148	151	151
University of Exeter	184	156	153	149	154	154
Tohoku University	132	120	138	150	168	168
University of Copenhagen	177	136	130	151	160	160
University of Freiburg	133	189	144	152	163	163
University of Birmingham	146	148	159	153	149	149
Karlsruhe Institute of Technology	187	196	151	154	166	166
Joseph Fourier University	-	-	180	155	178	178
École Normale Supérieure de Lyon	100	142	170	156	161	161
University of Bergen	135	191	-	157	-	-
University of Nottingham	176	140	120	158	171	171

Texas A&M University	-	164	156	159	142	142
Georgetown University	164	138	174	160	173	173
University College Dublin	94	160	187	161	-	-
University of Iowa	134	141	169	162	176	176
University of Leicester	-	199	-	163	199	199
Brandeis University	-	150	-	164	147	147
Pompeu Fabra University	155	186	-	165	167	167
University of Antwerp	-	-	192	166	170	170
University of Auckland	145	174	161	167	175	175
University of Western Australia	-	190	190	168	159	159
University of Liverpool	166	182	172	169	158	158
University of Twente	185	200	188	170	-	-
University of Vienna	195	139	163	171	184	184
Université Catholique de Louvain	-	171	164	172	172	172
Yeshiva University	70	155	157	173	187	187
University of Delaware	160	180	165	174	181	181
University of East Anglia	175	145	178	175	198	198
University at Buffalo	-	-	198	176	191	191
Université Libre de Bruxelles	-	-	-	177	-	-
Paris Diderot University – Paris 7	-	170	166	178	180	180
Stony Brook University	78	114	162	179	188	188
Wake Forest University	92	163	191	180	-	-
Rensselaer Polytechnic Institute	104	144	175	181	-	-
University of Bonn	180	-	171	182	195	195
Iowa State University	157	184	193	183	194	194
Northeastern University	-	-	-	184	185	185
University of Miami	-	172	195	185	169	169
University of Oslo	-	183	-	186	186	186
University of Ottawa	-	185	173	187	190	190
University of Aberdeen	150	153	176	188	179	179
University of Texas at Dallas	-	-	167	189	-	-
Yonsei University	192	-	183	190	-	-
Hebrew University of Jerusalem	-	121	137	191	-	-
University of Illinois at Chicago	197	167	185	192	-	30
Mines ParisTech	-	-	-	193	-	-
George Washington University	95	135	168	194	-	-
University of Reading	-	165	179	195	-	-
University of Dundee	141	176	-	196	-	-
Florida Institute of Technology	-	-	-	197	200	200
Newcastle University	153	146	181	198	-	-
Boğaziçi University	-	-	-	199	139	139
Tel Aviv University	-	166	158	200	189	189
Georgia Institute of Technology	27	24	25	-	27	27
The Hong Kong University of Science and Technology	-	-	-	-	-	51

Scuola Normale Superiore di Pisa	-	-	-	-	63	63
Middle East Technical University	183	-	-	-	85	85
University of Tübingen	189	188	-	-	114	114
University of Bern	-	112	152	-	132	132
TU Dresden	-	-	-	-	135	135
Sungkyunkwan University (SKKU)	-	-	-	-	148	148
University of Adelaide	73	-	177	-	164	164
Istanbul Technical University	-	-	-	-	165	165
University of Victoria	131	177	197	-	174	174
Syracuse University	-	-	-	-	177	177
Sabancı University	-	-	-	-	183	183
City University of Hong Kong	-	193	182	-	192	192
Fudan University	-	-	-	-	193	193
Lomonosov Moscow State University	-	-	-	-	196	196
St George's, University of London	-	-	-	-	197	197
University of Science and Technology of China	50	192	-	-	-	-
William & Mary	75	147	186	-	-	-
National Tsing Hua University	107	-	-	-	-	-
Hong Kong Baptist University	111	-	-	-	-	-
Bilkent University	112	-	-	-	-	-
University of Hawai'i at Mānoa	116	-	-	-	-	-
Nanjing University	120	-	-	-	-	-
University of Barcelona	142	-	-	-	-	-
Alexandria University	147	-	-	-	-	-
Hong Kong Polytechnic University	149	-	-	-	-	-
Birkbeck, University of London	152	149	200	-	-	-
National Sun Yat-Sen University	163	-	-	-	-	-
University of Würzburg	169	-	-	-	-	-
Sun Yat-sen University	171	-	-	-	-	-
Goethe University Frankfurt	172	181	199	-	-	-
Bielefeld University	173	-	-	-	-	-
National Chiao Tung University	181	-	-	-	-	-
University of Konstanz	186	194	131	-	-	-
University of Innsbruck	188	-	-	-	-	-
Drexel University	190	-	-	-	-	-
University of Cincinnati	191	-	-	-	-	-
Dalhousie University	193	-	-	-	-	-
Kent State University	196	-	-	-	-	-
Zhejiang University	198	-	-	-	-	-
Simon Fraser University	199	-	-	-	-	-
Swedish University of Agricultural Sciences	200	-	-	-	-	-
Medical University of South Carolina	-	162	189	-	-	-
Queen's University	-	173	-	-	-	-
Technion Israel Institute of Technology	-	-	194	-	-	-

University of São Paulo	-	178	158	226-250	201-225	201-250
University of Campinas	-	276-300	251-275	301-350	301-350	351-400

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados obtidos no Portal do *Times Higher Education's World University Rankings (THE)*, 2022.

ANEXO A - EDITAIS E CHAMADAS PÚBLICAS PARA SWG.

O “Anexo A - Editais e chamadas públicas para SWG” tem como objetivo apresentar, de forma desagregada, a **Tabela X** sobre os editais da modalidade de Graduação Sanduíche (SWG) que ocorreram entre os anos de 2011 e 2014, disponível no portal de acesso à informação do Governo Federal.

Tabela X. Número de inscritos e bolsas concedidas por chamada de graduação sanduíche lançadas de 2011 até 2014.

Nº da Chamada	País de destino	Parceiro (s)	Número de Inscritos	Ano de Lançamento	Nº de Bolsas Concedidas
103/2011	Alemanha	DAAD	3321	2011	381
118/2012 - (Calendários 1 e 2)	Alemanha	DAAD	1962	2012	980
157/2013	Alemanha	DAAD	2388	2013	1474
144/2013	Alemanha	DAAD	1827	2013	959
181/2014	Alemanha	DAAD	1567	2014	597
119/2012	Austrália	Go8	1176	2012	713
112/2012	Austrália	Go8	1560	2012	611
125/2012	Austrália	G08	117	2012	35
167/2013	Austrália	Go8	1306	2013	682
148/2013	Austrália	Go8	1877	2013	614
172/2013	Austrália	ATN	1117	2013	405
153/2013	Austrália	ATN	1208	2013	193
184/2014	Austrália	ATN	3062	2014	1000
185/2014	Austrália	Go8	2220	2014	900
139/2012	Áustria	OeAD	135	2012	14
166/2013	Áustria	OeAD	64	2013	15
203/2014	Áustria	OeAD	65	2014	11
111/2012	Bélgica	CIUF	183	2012	30
110/2012	Bélgica	VLIR	163	2012	28
140/2013	Bélgica	VLUHR	421	2013	72
176/2013	Bélgica	VLUHR	113	2013	42
175/2013	Bélgica	CIUF	160	2013	23
141/2013	Bélgica	CIUF	177	2013	11
187/2014	Bélgica	ARES	861	2014	148
186/2014	Bélgica	VLHUR	210	2014	75
107/2011	Canadá	ACCC	163	2011	46
120/2012	Canadá	CBIE	2564	2012	1538
109/2012	Canadá	CBIE	1350	2012	765
108/2012	Canadá	CALDO	1022	2012	179
124/2012	Canadá	CALDO	447	2012	67
147/2013	Canadá	ACCC	1897	2013	716
168/2013	Canadá	CBIE	1259	2013	667

149/2013	Canadá	CBIE	2431	2013	608
171/2013	Canadá	CALDO	562	2013	72
152/2013	Canadá	CALDO	705	2013	49
188/2014	Canadá	CBIE	1618	2014	539
189/2014	Canadá	CALDO	741	2014	108
204/2014	Canadá	CIC	403	2014	11
136/2012	China	CSC	664	2012	226
163/2013	China	CSC	383	2013	80
200/2014	China	CSC	122	2014	29
114/2012	Coreia do Sul	KFPP	464	2012	173
121/2012	Coreia do Sul	KFPP	252	2012	132
169/2013	Coreia do Sul	KFPP	166	2013	78
150/2013	Coreia do Sul	KFPP	219	2013	56
190/2014	Coreia do Sul	KFPP	282	2014	82
115/2012	Espanha	MECEE	9918	2012	1678
126/2012	Espanha	MECEE	1524	2012	404
126/2012 (CNPq/CAPES: Espanha Reopções - Irlanda e Itália)	Espanha	MECEE	-	2012	39
178/2013	Espanha	MECEE	2214	2013	863
191/2014	Espanha	Universidades	2531	2014	676
01/2011 (101/2011)	Estados Unidos	IIE	7997	2011	930
102/2011	Estados Unidos	IIE	16256	2011	864
117/2012 (Calendários 1 e 2)	Estados Unidos	IIE	4272	2012	1565
131/2012	Estados Unidos	NOVA	616	2012	120
132/2012	Estados Unidos	HBCU	748	2012	158
143/2013	Estados Unidos	HBCU/NOVA	17634	2013	7386
156/2013	Estados Unidos	IIE	22104	2013	6874
180/2014	EUA	IIE	16197	2014	4828
196/2014	EUA	NOVA	1083	2014	51
142/2013	Finlândia	CIMO	304	2013	58
173/2013	Finlândia	CIMO	136	2013	32
154/2013	Finlândia	CIMO	359	2013	20
192/2014	Finlândia	CIMO	104	2014	20
104/2011	França	Campus France	3174	2011	309
128/2012	França	Campus France	1204	2012	551
158/2013	França	Campus France	1606	2013	818
182/2014	França	Campus France	1055	2014	559
122/2012	Holanda	Nuffic	661	2012	373
116/2012	Holanda	Nuffic	1057	2012	366
177/2013	Holanda	Nuffic	937	2013	474
193/2014	Holanda	NUFFIC	1408	2014	498
129/2012	Hungria	HRC	660	2012	439
146/2013	Hungria	HRC	3097	2013	1443
164/2013	Hungria	HRC	2540	2013	337
201/2014	Hungria	HRC	1542	2014	382

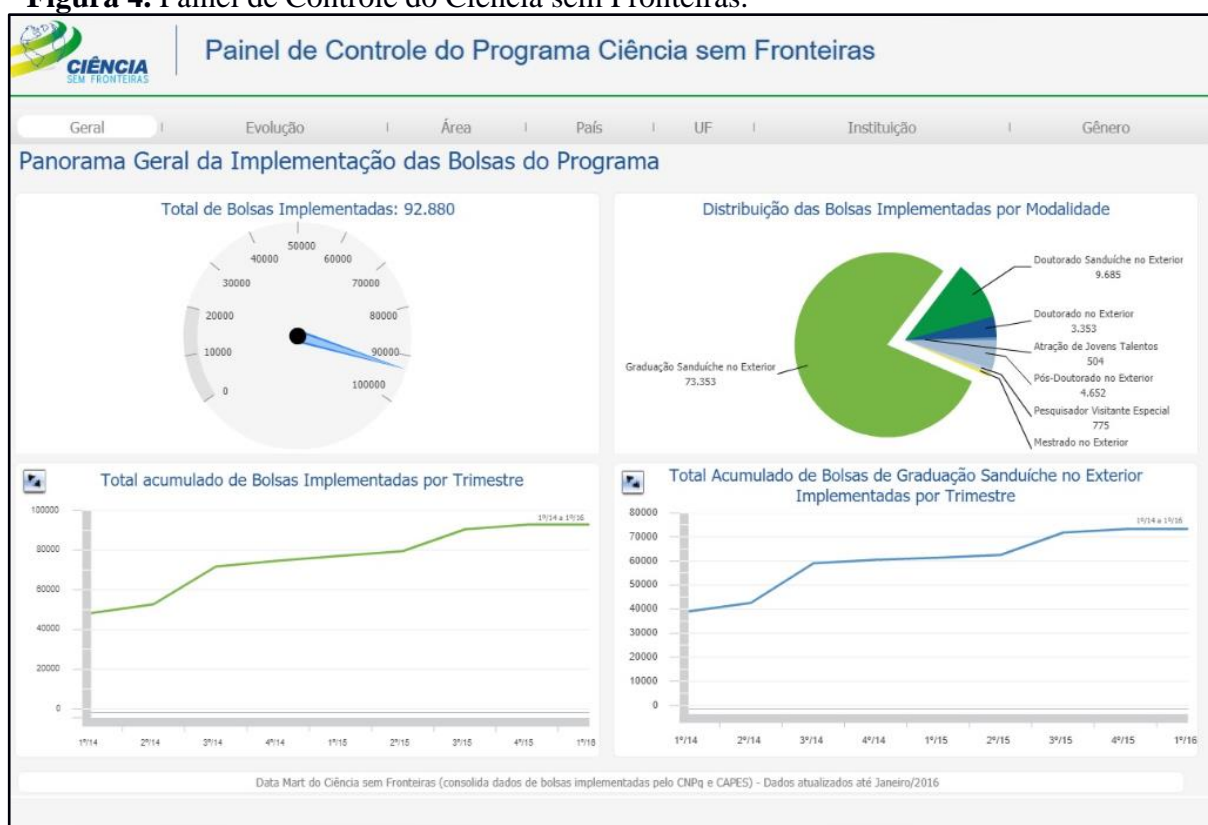
138/2012	Irlanda	HEA	1739	2012	532
162/2013	Irlanda	HEA	2200	2013	983
199/2014	Irlanda	HEA	3451	2014	1135
105/2011	Itália	UNIBO	4508	2011	287
130/2012	Itália	UNIBO	1131	2012	605
159/2013	Itália	UNIBO	2729	2013	941
183/2014	Itália	UNIBO	1272	2014	500
135/2012	Japão	JASSO	171	2012	53
145/2013	Japão	JASSO	532	2013	220
165/2013	Japão	JASSO	751	2013	135
202/2014	Japão	JASSO	518	2014	193
134/2012	Noruega	CNCIE	233	2012	65
161/2013	Noruega	CNCIE	1597	2013	211
198/2014	Noruega	CNCIE	397	2014	67
174/2013	Nova Zelândia	UNZ	368	2013	97
155/2013	Nova Zelândia	UNZ	1155	2013	64
194/2014	Nova Zelândia	UNZ	461	2014	103
179/2014	Polônia	CRASP	467	2014	30
127/2012					
(Reopções: Alemanha, Austrália, Canadá, EUA, França, Irlanda, Itália e Reino Unido)	Portugal	CRUP	28191	2012	8215
113/2012	Portugal	CRUP	12126	2012	1541
106/2011	Reino Unido	UUK	7997	2011	480
123/2012 (Calendários 1 e 2)	Reino Unido	UUK	4174	2012	2401
170/2013	Reino Unido	UUK	4263	2013	2659
151/2013	Reino Unido	UUK	4775	2013	1864
195/2014	Reino Unido	UUK	3596	2014	1321
133/2012	Suécia	IPK	169	2012	51
160/2013	Suécia	IPK	325	2013	93
197/2014	Suécia	SWE	748	2014	187
Demais Chamadas (Programas Aderentes)	Vários	Vários	N/A	2011-2014	6270
Total	30 países		257956	2011-2014	80652

Fonte: GOVERNO FEDERAL. Ciência sem Fronteiras: Bolsistas e Investimentos - Dados Chamadas Graduação Sanduíche. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/ciencia-sem-fronteiras/bolsistas-e-investimentos-1/dados-chamadas-graduacao-sanduiche> Acesso em: 08/06/2022 (atualizado em 31/12/2014).

ANEXO B - PAINEL DE CONTROLE DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS E PAINEL DE BOLSISTAS PELO MUNDO.

O “Anexo B - Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras e Painel de Bolsistas pelo Mundo” tem como objetivo apresentar o *layout* das principais ferramentas públicas de controle e divulgação dos dados do CsF. A **Figura 4** ilustra como era o Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras e a **Figura 5** como era o Painel de Bolsistas pelo Mundo. O primeiro apresentava os indicadores monitorados pelo programa, já o segundo localizava, geograficamente, onde estavam as IES estrangeiras de destino e quem eram os bolsistas, das diferentes modalidades atendidas, que as frequentaram.

Figura 4. Painel de Controle do Ciência sem Fronteiras.



Fonte: Portal do Programa Ciência sem Fronteiras, 2018.

No Painel de controle do programa, era possível acompanhar: 1) o total de bolsas acumuladas, 2) a distribuição por modalidade, 3) o acumulado por trimestre (entre as diferentes modalidades), 4) a evolução do programa, 5) as áreas de concentração por instituição de origem e destino, 6) as UFs de onde partiam os bolsistas e a 7) distribuição por perfil dos beneficiados, em relação ao gênero.

Figura 5. Painel de Bolsistas pelo Mundo.

The screenshot displays the 'Bolsistas pelo Mundo' interface. At the top, there are filters for 'País: Todos', 'Área: Todas', and 'Modalidade: Graduação Sanduiche no Exterior'. A 'Limpar Filtros' button is also present. The main content area is titled 'Graduação Sanduiche no Exterior' and shows a list of institutions with their respective student counts. A pop-up window titled 'Westminster College Of Salt Lake City , Estados Unidos' provides detailed information for a selected student, including their home institution (USP - Universidade de Sao Paulo), the type of scholarship (Bolsista de Graduação Sanduiche no Exterior), the priority area (Ciências Exatas e da Terra), the knowledge area (Não informado), and the validity period (01/08/2015 a 31/08/2016). The background features a world map with blue markers indicating the locations of the institutions.

Instituição	Bolsas Implementadas	Bolsas Vigentes
Centre for Observational Oceanography	73341	3
University of Pretoria		
Bauhaus Universität Weimar		
Bergische Universität Wuppertal		

Fonte: Portal do Programa Ciência sem Fronteiras, 2018.

Já no Painel de Bolsistas pelo Mundo era possível fazer filtros de exibição a partir: 1) dos países de origem e destino, 2) da área de concentração e 3) da modalidade da bolsa implementada. Após a seleção dos critérios de busca, era possível identificar as IES, o número de estudantes do CsF que frequentaram a instituição, por modalidade, além de ser possível acessar o currículo Lattes dos estudantes bolsistas.